

CAROLYN JESS - COOKE



O menino  
que via  
demônios

Rocco





CAROLYN JESS-COOKE

# O menino que via demônios

Tradução de Geni Hirata

**ROCCO ITALIA**

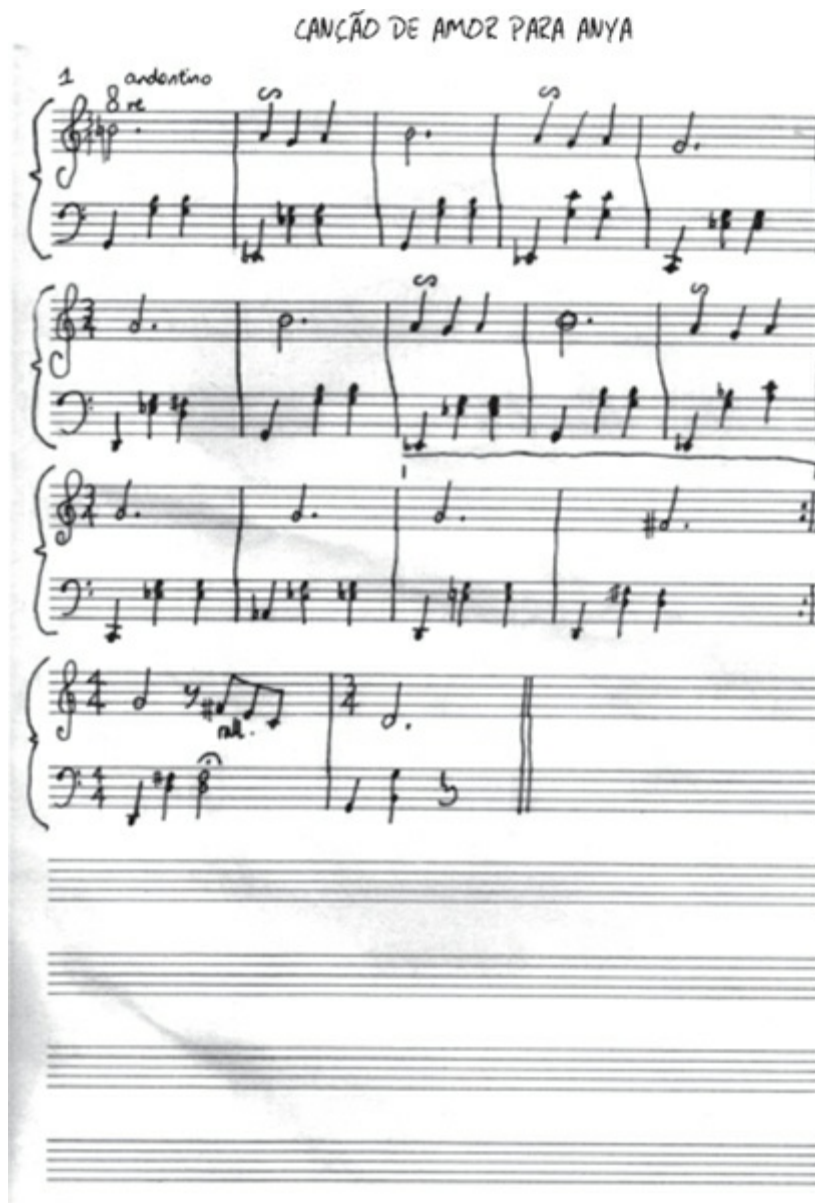
Para Phoenix  
meu querido filho

*Demônios não existem da mesma forma que deuses não existem, sendo apenas o produto da atividade psíquica do homem.*

SIGMUND FREUD

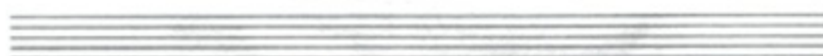
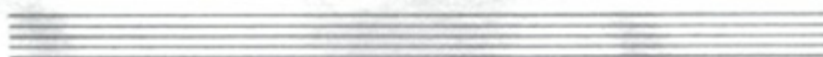
*A maior peça que o diabo já nos pregou foi nos convencer de que ele não existe.*

CHARLES BAUDELAIRE



2 *appassionato*

The musical score consists of five measures. The first measure begins with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 3/4 time signature. The melody in the treble staff starts with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, and a half note B4. The bass staff starts with a quarter note G2, followed by a quarter note A2, and a half note B2. The second measure continues the melody with a quarter note C5, followed by a quarter note B4, and a half note A4. The bass staff continues with a quarter note G2, followed by a quarter note A2, and a half note B2. The third measure continues the melody with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, and a half note B4. The bass staff continues with a quarter note G2, followed by a quarter note A2, and a half note B2. The fourth measure continues the melody with a quarter note C5, followed by a quarter note B4, and a half note A4. The bass staff continues with a quarter note G2, followed by a quarter note A2, and a half note B2. The fifth measure continues the melody with a quarter note G4, followed by a quarter note A4, and a half note B4. The bass staff continues with a quarter note G2, followed by a quarter note A2, and a half note B2. The score ends with a double bar line.





# SUMÁRIO

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1: Ruen

Capítulo 2: Sonho acordado

Capítulo 3: A sensação

Capítulo 4: “Quem lhe deu esta cicatriz?”

Capítulo 5: “Diga a ela quem eu sou”

Capítulo 6: Um preço alto e silencioso

Capítulo 7: O fantasma

Capítulo 8: Caça aos demônios

Capítulo 9: Invisibilidade

Capítulo 10: A fragilidade da crença

Capítulo 11: Colheita de morangos

Capítulo 12: As pinturas

Capítulo 13: O amigo rejeitado

Capítulo 14: Névoas da mente

Capítulo 15: O maior sonho de todos os tempos

Capítulo 16: O lado amargo da liberdade

Capítulo 17: “Lembre-se de mim”

Capítulo 18: As perguntas de Ruen

Capítulo 19: Fuga

Capítulo 20: Canção de amor para Anya

Capítulo 21: Inferno

Capítulo 22: O compositor

Capítulo 23: As coisas que são reais

Capítulo 24: Os jornais

Capítulo 25: Jogo de bafo-bafo – batendo figurinhas

Capítulo 26: A chamada

Capítulo 27: O poço

Capítulo 28: As respostas

Capítulo 29: Um amigo

Agradecimentos

Nota da autora



# RUEN

## Alex

As pessoas me olham de um modo engraçado quando eu digo a elas que tenho um demônio.

“Você quer dizer que tem *demônios*, não?”, perguntam. “Como um problema com drogas ou uma ânsia de esfaquear seu pai?” Eu respondo que não. Meu demônio chama-se Ruen. Ele tem pouco mais de um metro e sessenta e suas coisas preferidas são Mozart, tênis de mesa e pudim de pão.

Eu conheci Ruen e seus amigos há cinco anos, cinco meses e seis dias. Foi na manhã em que mamãe disse que papai tinha ido embora, e eu estava na escola. Um bando de criaturas muito estranhas surgiu no canto da sala, ao lado do mural sobre o Titanic que havíamos feito. Algumas delas se pareciam com pessoas, embora eu soubesse que não eram professores nem os pais de ninguém, porque algumas pareciam lobos, porém com pernas e braços humanos. Uma das fêmeas possuía braços, pernas e orelhas que eram todos desiguais, como se tivessem pertencido a pessoas diferentes e tivessem sido unidos como o monstro de Frankenstein. Um de seus braços era peludo e musculoso, o outro era fino como o de uma menina. Eles me assustaram, e eu comecei a chorar porque tinha apenas 5 anos.

A srta. Holland veio até a minha carteira e perguntou o que havia de errado. Falei para ela dos monstros no canto da sala. Ela tirou os óculos muito lentamente e empurrou-os para cima da cabeça, em seguida perguntou se eu estava me sentindo bem.

Olhei de novo para os monstros. Não conseguia afastar os olhos do que não tinha rosto, mas apenas um enorme chifre vermelho, como o chifre de um rinoceronte, só que vermelho, na testa. Ele tinha corpo de homem, mas coberto de pelos, e suas calças pretas estavam presas com suspensórios feitos de arame farpado e gotejando sangue. Ele segurava um pau com uma bola de metal no topo, de onde saíam espigões, como um ouriço. Levou um dedo aonde seus lábios estariam, se os tivesse, e então uma voz surgiu em minha mente. Ela soou muito mansa, mas ainda assim rouca, exatamente como a de meu pai:

– *Sou seu amigo, Alex.*

Então, todo o medo desapareceu de mim, porque o que eu queria mais do que

tudo no mundo era um amigo.

Descobri mais tarde que Ruen possui maneiras diferentes de se apresentar, e essa era a que eu chamava Cabeça de Chifre, que é muito assustadora, especialmente quando vista pela primeira vez. Felizmente, ele não aparece assim com muita frequência.

A srta. Holland perguntou o que eu estava olhando tão fixamente, porque eu ainda fitava os monstros, e me perguntava se seriam fantasmas, já que alguns deles pareciam sombras. Essa ideia me fez começar a abrir a boca e eu senti um ruído começar a sair, mas, antes que ficasse alto demais, ouvi a voz de meu pai novamente em minha cabeça:

*– Fique calmo, Alex. Não somos monstros. Somos seus amigos. Não quer que sejamos seus amigos?*

Olhei para a srta. Holland e disse que eu estava bem, e ela sorriu, disse OK e voltou para sua mesa, mas continuou a virar-se para me olhar com um ar muito preocupado.

Um segundo depois, sem atravessar a sala, o monstro que falara comigo apareceu ao meu lado e me disse que seu nome era Ruen. Disse que era melhor eu me sentar ou a srta. Holland iria me mandar falar com uma pessoa chamada Psiquiatra. E isso, Ruen assegurou-me, não envolveria nada divertido, como representar, contar piadas ou desenhar esqueletos.

Ruen conhecia meus passatempos favoritos, então eu soube que havia alguma coisa estranha acontecendo ali. A srta. Holland continuava a me olhar como se estivesse muito preocupada, enquanto prosseguia com a aula sobre como enfiar uma agulha através de um balão congelado e por que isso era uma importante experiência científica. Sentei-me e não falei nada a respeito dos monstros.

Ruen explicou-me muita coisa sobre quem ele é e o que faz, mas nunca por que eu consigo vê-lo quando ninguém mais consegue. Acho que somos amigos. A questão é que o que Ruen me pediu para fazer me faz pensar que ele não é absolutamente meu amigo. Ele quer que eu faça algo muito ruim.

Ele quer que eu mate uma pessoa.

## SONHO ACORDADO

**Alex**

Querido Diário,

Um garoto de 10 anos entra em uma peixaria e pede uma perna de salmão. O sábio pescador ergue as sobrancelhas e diz:

– Salmão não tem pernas!

O garoto volta para casa e conta ao pai o que o peixeiro disse, e o pai desata a rir.

– OK – diz o pai do menino. – Vá à loja de ferragens e compre tinta para pintar xadrez escocês.

Assim, o menino parte para a loja de ferragens. Quando retorna, sente-se muito humilhado.

– OK, OK, desculpe-me – o pai diz, embora esteja rindo tanto que quase molha as calças. – Tome esta nota de cinco. Vá comprar dedos de peixe frito para nós e use o troco para comprar batatas fritas para você.

O menino atirou a nota de cinco na cara do pai.

– Ei, o que foi isso? – o pai gritou.

– Você não me engana! – o garoto gritou de volta. – Peixes não têm dedo algum!

Este é um novo diário que minha mãe comprou para mim pelo meu aniversário quando eu fiz 10 anos. Quero começar cada registro com uma nova piada, para que eu possa me sentir no personagem. Isso quer dizer que eu posso lembrar como é ser a pessoa que estou representando, que é um menino chamado Horácio. Minha professora de arte dramática, Jojo, disse que reescreveu uma peça famosa, chamada *Hamlet*, como uma “recontagem contemporânea da Belfast do século XXI, com rap, gangues de rua e freiras camicazes”, e, ao que parece, William Shakespeare está de acordo com isso. Mamãe me disse que entrar para a companhia de teatro é realmente um grande feito, mas pediu que eu não contasse para ninguém em nossa rua, porque posso ser espancado.

Estamos encenando a peça na Grand Opera House, na cidade de Belfast, o que é

bom, pois fica apenas a dez minutos a pé de minha casa e, assim, posso ir aos ensaios todas as quintas e sextas-feiras depois da escola. Jojo disse que posso até inventar minhas próprias piadas. Acho que esta piada é mais engraçada do que a última sobre a velha e o orangotango. Eu a contei a mamãe, mas ela não riu. Ela está triste de novo. Comecei a perguntar-lhe por que fica triste, mas a cada vez a razão é diferente. Ontem, foi porque o carteiro estava atrasado e ela estava esperando uma Carta Realmente Importante do serviço social. Hoje, é porque ficamos sem ovos.

Não posso imaginar uma razão mais tola para ficar triste. Eu me pergunto se ela estaria mentindo para mim ou se realmente acha que é normal irromper em lágrimas a cada cinco segundos. Acho que lhe farei mais perguntas sobre como é a tristeza. *É por causa do meu pai?*, eu quis perguntar hoje de manhã, mas então tive aquilo que o orientador careca chamava de Sonho Acordado e me lembrei da vez em que meu pai fez minha mãe chorar. Geralmente, ela ficava muito, muito feliz quando ele vinha nos visitar, o que não era com frequência, e ela pintava os lábios de vermelho e seus cabelos ficavam parecendo um sorvete, empilhados no alto da cabeça; às vezes, ela usava seu vestido verde-escuro. Mas houve aquela vez em que ele veio e tudo que ela fez foi chorar. Lembro-me de estar sentado tão perto dele que podia ver a tatuagem em seu braço esquerdo de um homem que papai disse ter morrido de fome de propósito. Ele dizia à mamãe: *Não me faça sentir culpado*, inclinado sobre a pia da cozinha para bater seu cigarro dentro da pia. Sempre três batidas. *Ta ta ta*.

*Você não está sempre dizendo que queria uma casa melhor do que esta? É a sua chance, querida.*

E exatamente quando eu estendia a mão para tocar em seu jeans, o joelho esquerdo quase puído onde ele sempre se apoiara para amarrar o laço dos meus sapatos, o Sonho Acordado se desfez e restou apenas eu, mamãe e o som de seu choro.

Mamãe não fala de papai há um milhão de anos, então eu acho que ela deve estar triste por causa da vovó, porque vovó sempre cuidou de nós e era dura com assistentes sociais enxeridas, e, quando mamãe ficava triste, vovó batia a mão com força na bancada da cozinha e dizia coisas como “Se você não enfrentar a vida com coragem, ela vai derrubá-la”. Mamãe, então, parecia se recuperar. Mas vovó já não diz isso, e mamãe só faz piorar.

Assim, eu faço o que sempre faço, que é ignorar mamãe enquanto ela ronda pela casa com o rosto todo molhado e eu vasculho a geladeira, os armários da cozinha e debaixo da escada à cata de alguma coisa para comer, até finalmente achar o que procuro: uma cebola e um pouco de pão congelado. Infelizmente, não encontro nenhum ovo, o que é uma pena, porque isso poderia fazer mamãe parar de chorar.

Subo em um banquinho e pico a cebola embaixo da água na pia – como vovó me ensinou, de modo que o sumo não faça os olhos lacrimejarem –, e depois a frito com

um pouco de óleo. Em seguida, coloco tudo entre duas fatias de pão torrado. Acredite-me, é a melhor coisa do mundo.

A segunda melhor coisa do mundo é meu quarto. Eu ia dizer desenhar esqueletos ou me equilibrar nas pernas de trás da minha cadeira, mas acho que vêm em terceiro lugar, porque meu quarto fica tão alto no topo de nossa casa que eu não ouço mamãe chorar e porque é para onde eu venho quando quero pensar e desenhar, e também escrever piadas para o meu papel como Horácio. É gelado aqui em cima. Provavelmente, seria possível guardar cadáveres aqui. A vidraça está quebrada e não há carpete, e tudo que o aquecedor faz é uma grande poça amarela no chão. Na maior parte do tempo, eu visto um suéter extra e às vezes um casaco, chapéu, meias de lã e luvas quando venho aqui para cima, apesar de ter cortado as pontas dos dedos das luvas para poder segurar meus lápis. É tão frio que papai nunca se deu sequer ao trabalho de arrancar o velho papel de parede, que ele disse estar ali desde que São Patrício expulsou todas as cobras da Irlanda. É prateado com muitas folhas brancas espalhadas por todo ele, embora eu ache que elas pareçam penas de um anjo. A última pessoa que morou aqui deixou todas as suas coisas, como uma cama com apenas três pernas, um armário e uma cômoda alta e branca com as gavetas cheias de roupas. A pessoa que as deixou provavelmente era apenas desleixada, mas até que foi bom, já que mamãe nunca tem dinheiro para comprar roupas novas para mim.

Mas isso é apenas o melhor do meu quarto. Sabe o que é *realmente* o melhor do meu quarto?

Quando Ruen vem, eu posso conversar com ele por muito, muito tempo. E ninguém pode ouvir.

Assim, quando descobri que Ruen é um *demônio*, não fiquei com medo, porque eu não sabia que um demônio era uma *coisa*. Achei que fosse apenas o nome da loja perto da minha escola que vendia motocicletas.

– Então, o que é um demônio? – perguntei a Ruen.

Ele era o Menino Fantasma, na ocasião. Ruen possui quatro aparências: Cabeça de Chifre, Monstro, Menino Fantasma e Velho. Menino Fantasma é quando ele se parece comigo, só que de um modo engraçado: ele tem exatamente o mesmo cabelo castanho e a mesma altura que eu, e até os mesmos dedos com os nós salientes, o nariz borrachudo e as orelhas de abano, mas seus olhos são absolutamente negros e às vezes o corpo inteiro é transparente como um balão. Suas roupas também são diferentes das minhas. Ele usa calças bufantes e presas na altura dos joelhos, uma camisa branca sem gola, e está sempre com os pés descalços e sujos.

Quando perguntei o que era um demônio, Ruen deu um salto e começou a lutar boxe em frente ao espelho atrás da porta do meu quarto.

– Demônios são como super-heróis – disse ele entre um golpe e outro. – Humanos são como larvas.

Eu ainda estava sentado no chão. Eu perdera nosso jogo de xadrez. Ruen me deixara pegar todos os seus peões e bispos, e então me deu um xeque-mate apenas com o rei e a rainha.

– Por que os humanos são como larvas? – perguntei.

Ele parou de boxear e virou-se para mim. Eu podia ver o espelho através dele, então mantive o olhar fixo ali, ao invés de encará-lo, porque seus olhos negros me davam uma sensação esquisita no estômago.

– Não é culpa sua que sua mãe o tenha dado à luz – disse ele, começando a dar saltos. Por ele ser como um fantasma, seus pulos pareciam rabiscos no ar.

– Mas por que os humanos são como larvas? – insisti. Ao contrário dos humanos, as larvas parecem unhas rastejantes e vivem no fundo de nossas latas do lixo.

– Porque eles são burros – disse ele, ainda pulando.

– *Como* os humanos são burros, então? – perguntei, levantando-me.

Ele parou de pular e olhou para mim. Estava zangado.

– Olhe – disse ele, estendendo a mão para mim. – Agora, coloque a sua em cima da minha.

Obedeci. Não se podia ver o chão através da minha mão.

– Você tem um corpo – disse ele. – Mas provavelmente vai desperdiçá-lo, tudo que pode fazer com ele. Exatamente como o livre-arbítrio. É como dar uma Lamborghini para uma criancinha.

– Está com inveja, então, não é? – perguntei, porque uma Lamborghini é um belo carro que todo mundo gostaria de ter.

– Uma criancinha dirigindo um carro esporte seria uma má ideia, não é? Alguém tem que intervir, impedir que a criança cause mais dano que o necessário.

– Então, os demônios tomam conta das criancinhas? – perguntei.

Ele pareceu indignado:

– Não seja ridículo.

– O que fazem, então?

E então ele me lançou seu olhar Alex É Burro. É quando sorri, apenas com metade da boca, seus olhos se estreitam e endurecem e sacode a cabeça como se eu fosse uma decepção para ele. É o olhar que dá um nó no meu estômago e faz meu coração bater mais rápido, porque bem no fundo eu sei que *sou* burro.

– Nós tentamos ajudá-los a ver além da mentira.

Pisquei.

- Que mentira?
- Vocês todos se acham tão importantes, tão especiais. É uma falácia, Alex. Vocês não são nada.

Agora que tenho 10 anos, sou bem mais velho, portanto sei mais a respeito de demônios e Ruen não é assim. Acho que todo mundo tem uma ideia errada dos demônios, exatamente como têm a respeito dos rottweilers. Todos dizem que rottweilers comem criancinhas, mas vovó tinha um chamado Milo e ele sempre apenas lambia meu rosto e me deixava cavalgá-lo como um pônei.

Mamãe jamais vê Ruen, e eu não lhe contei sobre ele nem sobre nenhum outro demônio que vem à nossa casa. Alguns são um pouco estranhos, mas eu os ignoro. É como ter um monte de parentes rabugentos andando pela casa, achando que podem ficar me dando ordens. Mas Ruen é legal. Ele ignora mamãe e gosta de ficar bisbilhotando pela nossa casa. Ele adora o velho piano do vovô, que fica no saguão. Fica parado ao lado dele por muito tempo, inclinando-se para olhar a superfície mais de perto como se houvesse uma vila em miniatura vivendo nos veios da madeira. Em seguida, ele se abaixa para pressionar o ouvido contra a metade inferior, como se houvesse alguém ali dentro tentando falar com ele. Ele me diz que aquele foi *um piano magnífico* um dia, mas fica muito irritado pela maneira como mamãe o mantém pressionado contra o aquecedor e não manda afiná-lo. *Soa como um cachorro velho*, diz, batendo na madeira com os nós dos dedos, como em uma porta. Apenas dou de ombros e digo: *Grande coisa*. Então, ele fica tão irritado que desaparece.

Ruen às vezes se transforma no Velho quando fica irritado. Se eu ficar igual a ele quando ficar velho, eu me mato. Quando ele é o Velho, é tão magro e encarquilhado que parece um cacto com olhos e orelhas. Seu rosto é comprido como uma espada, com um monte de rugas sulcadas tão fundo que ele parece amarfanhado como papel de alumínio reutilizado. Tem um nariz comprido e adunco, e a boca me faz lembrar a de uma piranha. A cabeça brilha como uma maçaneta prateada e é coberta de tufos esfiapados de cabelos finos e brancos. Seu rosto é cinzento como um lápis, mas as bolsas sob os olhos são de um rosa vivo, como se alguém tivesse arrancado a pele. Ele é realmente feio.

Mas isso não é tão ruim quanto sua aparência de Monstro. O Monstro é como um cadáver que ficou submerso por semanas e é arrastado para fora da água pela polícia, para cima de um pequeno barco, e todo mundo vomita porque sua pele é cor de berinjela e a cabeça é três vezes o tamanho de uma cabeça normal. E isso não é tudo: quando ele é Monstro, o rosto de Ruen não é um rosto. Sua boca parece um buraco feito por alguém com uma arma de fogo e seus olhos são minúsculos como os de um lagarto.



E tem outra coisa: ele diz que tem 9 mil anos humanos. *Ah, claro*, zombei quando me disse isso, mas ele simplesmente inclinou o queixo e passou a hora seguinte contando-me como podia falar mais de 6 mil idiomas, mesmo os que ninguém mais falava. Continuou falando sem parar, contando-me como os seres humanos não sabem sequer sua própria língua, não de verdade, nem têm palavras adequadas para coisas importantes, como *culpa* e *mal*, que era *ridículo* que um país com tantos tipos diferentes de chuva tivesse apenas uma palavra para isso, blá-blá-blá, até que bocejei por cinco minutos, sem parar, e ele enfiou a carapuça e partiu. Mas no dia seguinte choveu, e eu pensei: *Talvez Ruen não seja tão idiota afinal. Talvez ele realmente tenha razão.* Algumas chuvas são como peixinhos, outras, como grandes cusparadas, e outras, como rolimãs. Então, comecei a pegar livros na biblioteca para aprender algumas palavras em várias línguas bacanas, como turco, islandês e maori.

“*Merhaba, Ruen*”, eu lhe disse um dia, e ele apenas suspirou e retrucou: “É ‘*h*’ mudo, seu imbecil.” Então eu disse: “*Góda kvoldid*”, e ele rebateu: “*Ainda estamos no meio da manhã.*” E, quando eu disse: “*He roa te wa kua kitea*”, ele disse que eu era obtuso como um gnu.

– *Que língua é essa?* – perguntei.

– Inglês. – Ele suspirou e desapareceu.

Assim, comecei a ler o dicionário para compreender as palavras estranhas que ele usa o tempo todo, como *brouhaha*. Tentei usar essa palavra com mamãe sobre os distúrbios nas ruas em julho passado. Ela achou que eu estava caçoando dela.

Ruen também me contou muitas coisas sobre pessoas de quem nunca ouvi falar. Disse que um de seus melhores colegas durante muito tempo chamava-se Nero, mas que Nero preferia ser chamado de César por todo mundo e ainda fazia xixi na cama quando tinha uns 20 anos.

Depois Ruen me contou que ficara em uma cela de prisão com um sujeito chamado Só-cra-tis, quando Só-cra-tis recebera a pena de morte. Ruen disse a Só-cra-tis que ele devia fugir. Ruen disse que até convencera alguns amigos de Só-cra-tis a ajudá-lo, mas Só-cra-tis se recusou, e simplesmente morreu.

– Isso é loucura – eu disse.

– É verdade – concordou Ruen.

Parecia que Ruen tinha centenas de amigos, o que me deixou triste, porque eu não tinha nenhum, exceto ele.

– Quem era seu *melhor* amigo? – perguntei-lhe, esperando que dissesse que era eu.

– Wolfgang – disse ele.

Perguntei: *Por que Wolfgang?*, e o que eu queria dizer era por que Wolfgang era seu melhor amigo, e não eu, mas tudo que Ruen disse foi que ele gostava da música

de Wolfgang, e depois se calou.

Sei o que está pensando: sou maluco e Ruen existe por inteiro em minha cabeça, não apenas sua voz. Que eu vejo muitos filmes de terror. Que Ruen é um amigo imaginário que eu inventei porque sou solitário. Bem, você estaria redondamente enganado se pensasse assim. Embora às vezes eu realmente me sinta solitário.

Mamãe comprou um cachorro para mim quando fiz 8 anos, e eu o chamei de Woof. Ele me faz lembrar um velho rabugento porque está sempre latindo e arreganhando os dentes, e seu pelo é branco e áspero como o cabelo de um velho. Mamãe o chama de banqueta uivante. Woof costumava dormir ao lado de minha cama e correr escada abaixo para latir para pessoas que entravam na casa, para o caso de quererem me matar. Mas, depois que Ruen começou a aparecer com mais frequência, Woof ficou com medo. Ele simplesmente rosna para o nada agora, mesmo que Ruen não esteja lá.

O que me faz lembrar outra coisa. Ruen me disse algo hoje que achei suficientemente interessante para me dar ao trabalho de anotar. Ele disse que não é apenas um demônio. Seu verdadeiro título é *Azorrague*.

Quando ele disse isso, ele era o Velho. Sorriu como um gato, e todas as suas rugas esticaram-se como cabos telegráficos. Ele falou do modo como tia Bev diz às pessoas que ela é médica. Acho que isso significa muito para ela, porque ninguém em nossa família jamais foi a uma universidade antes, ou dirige uma Mercedes e comprou sua casa própria como tia Bev.

Acho que Ruen tem orgulho de ser um Azorrague porque isso significa que ele é alguém muito importante no Inferno. Quando perguntei a Ruen o que era um Azorrague, ele me disse para pensar no significado da palavra. Tentei procurá-la no meu dicionário, mas descrevia apenas um açoite, um flagelo, o que não fazia nenhum sentido para mim. Quando tornei a perguntar, Ruen perguntou se eu sabia o que era um soldado. Respondi: *Hum, claro que sei*, e ele disse: *Bem, se um demônio comum é um soldado, eu seria comparável a um Comandante-Geral ou Marechal de Campo*. Então eu disse: *Quer dizer que os demônios lutam em guerras?* E ele respondeu: *Não, embora estejam sempre lutando contra o Inimigo*. Eu disse que isso parecia paranoico, e ele fez uma cara feia e disse: *Os demônios são perpetuamente vigilantes, não paranoicos*. Ele ainda se recusa a me dizer o que é um Azorrague, assim resolvi dar a minha própria definição: um Azorrague é um velho nojento que quer exibir suas medalhas de guerra e detesta que somente eu consiga vê-lo.

Espere. Acho que posso ouvir mamãe lá embaixo. Sim, ela está chorando outra vez. Talvez eu devesse fingir que não notei. Tenho ensaios para *Hamlet* dentro de 72 minutos e meio. Talvez ela só esteja fazendo isso para chamar atenção. Mas o meu

quarto começou a se encher de demônios, uns vinte deles sentados em minha cama e amontoados nos cantos, sussurrando e dando risadinhas. Estão todos tagarelando animadamente como se fosse Natal ou algo assim, e um deles acabou de pronunciar o nome de minha mãe. Sinto uma sensação esquisita na barriga.

Alguma coisa está acontecendo lá embaixo.

– O que está havendo? – perguntei a Ruen. – Por que estão falando de minha mãe?

Ele olhou para mim e ergueu uma de suas sobrancelhas cabeludas.

– Meu querido, a Morte bateu à sua porta.

## A SENSACÃO

### Anyá

O telefonema veio hoje de manhã, às 7:30.

Ursula Hepworth, a psiquiatra consultora sênior da Unidade de Internação da Casa MacNeice de Saúde Mental da Criança e do Adolescente, ligou para o meu celular e mencionou um garoto de 10 anos sob o risco de ferir a si mesmo ou a outras pessoas. De nome Alex Broccoli, ela disse. A mãe de Alex tentara o suicídio ontem e fora submetida a uma cirurgia, enquanto o menino foi levado para a unidade pediátrica do Hospital Municipal. Alex estava em sua casa, a oeste de Belfast, e passara uma hora sozinho com ela, tentando obter ajuda. Por fim, uma senhora que viera pegar Alex para um grupo de teatro interveio e levou os dois para o hospital. Compreensivelmente, o menino estava em péssimo estado. Ursula informou-me que um assistente social chamado Michael Jones já fizera contato com o menino e estava preocupado com sua sanidade mental. A mãe de Alex já tentara o suicídio pelo menos quatro vezes nos últimos cinco anos. Oito de dez crianças que testemunham o suicídio de um pai ou mãe reproduzem a ação em si mesmas.

– Normalmente, seria *eu* a clínica responsável no caso desse menino – explicou Ursula, seu sotaque grego entremeado de tons da Irlanda do Norte. – Mas, como nossa nova psiquiatra consultora da criança e do adolescente, pensei em passar o bastão para você. O que me diz?

Sentei-me na cama com um salto, saudada por um mar de caixas espalhadas por todo o assoalho do meu novo apartamento. É um lugar de quatro cômodos na periferia da cidade, tão perto do oceano que eu acordo com o barulho de gaivotas e o leve cheiro de sal. É revestido de azulejos do chão ao teto, com ladrilhos vermelho-tomate que ardem como uma fornalha ao nascer do sol, devido ao fato de o apartamento dar para oeste e eu ainda não ter tido tempo de comprar cortinas. Também não tive chance de mobiliá-lo, tais têm sido as exigências deste novo emprego desde que me mudei de Edimburgo para cá há duas semanas.

Consultei meu relógio.

– A que horas precisa que eu esteja aí?

– Em uma hora?

O dia 6 de maio tem sido marcado com um círculo na minha escala de trabalho

como dia de folga, nos últimos três anos, e foi aceito na ocasião da assinatura do meu contrato de trabalho. Sempre será, pelo resto da minha vida profissional. Neste dia, aqueles que considero meus melhores amigos chegam trazendo oferendas de consolo, como torta de queijo, abraços carinhosos, álbuns de fotos minhas e da minha filha em épocas mais felizes, quando ela estava viva e relativamente bem. Alguns desses amigos não me veem em meses, mas, mesmo depois que a cor de seus cabelos mudou e outros relacionamentos terminaram, esses amigos aparecem à minha porta para me ajudar a purgar este dia do meu calendário por mais um ano. E será sempre assim.

– Desculpe-me – eu disse, e comecei a explicar sobre meu contrato, sobre o fato de ter marcado folga neste dia, e talvez ela pudesse entrevistar o menino hoje e eu pudesse retomar o caso amanhã, a partir de suas observações.

Houve uma longa pausa.

– Isso é realmente muito importante – disse ela com severidade.

Há muitas pessoas que se sentem intimidadas por Ursula. Aos 43 anos, gosto de pensar que já superei coisas, como inferioridade, e, de qualquer modo, a espantosa realidade do quarto ano da morte de Poppy já me deixava à beira das lágrimas. Respirei fundo e informei a Ursula, em minha voz o mais profissional possível, que eu teria prazer em me reunir com o resto da equipe amanhã de manhã, no primeiro horário.

E então alguma coisa aconteceu que eu ainda não sei explicar, algo que só aconteceu algumas vezes antes e que é tão diferente de qualquer outra sensação que eu a chamei, muito simplesmente, de A Sensação. Não há palavras para descrevê-la, mas, se eu fosse tentar verbalizá-la, seria mais ou menos assim: bem no fundo do meu plexo solar, há um calor no início, depois um fogo, embora não seja uma sensação de calor ou dor, que se insinua pelo meu pescoço e maxilar, toma conta do meu couro cabeludo, até meus cabelos ficarem arrepiados, e, ao mesmo tempo, eu a sinto nos meus joelhos, meus tornozelos, até no meu sacro, até eu ficar tão consciente de cada parte do meu corpo que parece que vou levitar. É como se minha alma estivesse tentando me dizer alguma coisa, um recado urgente, ardente, que enche de tal forma minhas células e vasos capilares que ameaça explodir, se eu não ouvir.

– Você está bem? – perguntou Ursula, e eu lhe pedi que me desse um instante. Coloquei o receptor sobre a cômoda e esfreguei o rosto. Em dez anos de estudo, nunca me deparei com uma única obra na literatura que me informasse por que isso às vezes acontece comigo, nem por que tende a acontecer na mais significativa das ocasiões. Sei apenas que tenho que ouvir. A última vez que deixei de fazê-lo, minha filha resolveu acabar com a sua vida e eu não pude impedi-la.

– Está bem – eu lhe disse. – Estarei aí agora de manhã.

– Fico agradecida, Anya. Sei que você será maravilhosa neste caso.

Ela me disse que iria entrar em contato com o assistente social do menino, Michael Jones, e marcar para ele se encontrar comigo na recepção da Casa MacNeice dentro de duas horas. Encerrei a chamada e olhei no espelho. Um dos efeitos da morte de Poppy é que agora eu acordo frequentemente durante a noite, e o resultado são olheiras amareladas que nenhuma maquilagem consegue disfarçar. Examinei a cicatriz branca e irregular em meu rosto, a minha face naquele ponto sugada para dentro como uma fita de tecido morto. Em geral, eu passo um tempo considerável toda manhã arrumando meus longos cabelos pretos de forma a ocultar essa feiura. Entretanto, contentei-me em prendê-los em um coque no alto da cabeça, fixado por uma caneta esferográfica, e vesti a única roupa que eu havia desempacotado – um terninho preto com uma camisa branca amarrotada. Finalmente, é claro, coloquei meu talismã de prata em volta no pescoço. Em seguida, deixei um bilhete para os amigos que chegariam e constatariam, para sua surpresa e temor, que eu havia transposto a soleira da minha casa no aniversário da morte de Poppy.

Peguei a estrada costeira, em vez da autoestrada, na tentativa de me distrair e afastar pensamentos sobre Poppy. Talvez seja uma consequência da proximidade da meia-idade, mas minhas lembranças dela nos últimos tempos não são visuais, mas feitas de sons. Sua risada, leve e contagiante. As melodias que ela costumava compor em meu velho Steinway, em nosso apartamento em Morningside, Edimburgo, com um único dedo. As expressões que usava para descrever sua condição: *É como... é como um buraco, mamãe. Não, como se eu fosse um. Um buraco. Como se eu engolissem trevas.*

A Casa MacNeice é uma antiga mansão vitoriana localizada em um acre de terreno descampado, no alto das colinas que dão para as pontes de Belfast batizadas com nomes de monarcas ingleses. Recentemente reformada, a unidade hospitalar oferece internação e tratamento de um dia para crianças e jovens entre as idades de 4 e 15 anos sofrendo de qualquer doença mental registrada nos livros de medicina – distúrbios de ansiedade, perturbações do espectro do autismo, distúrbios comportamentais, distúrbios depressivos, transtornos obsessivo-compulsivos, distúrbios psicóticos e outros. São dez leitos, uma sala comunitária com computadores, uma sala de arte, uma sala de terapia ou de entrevistas, um refeitório, uma piscina, um pequeno apartamento para pais que precisam pernoitar às vezes e um quarto de encarceramento – estritamente chamado internamente de “quarto do silêncio”. Os pacientes internos precisam de educação e, assim, há uma escola disponível no local, com uma equipe de professores especializados. Depois de terminar meus estudos na Universidade de Edimburgo, trabalhei em uma clínica

semelhante por dois anos, mas a reputação da Casa MacNeice me atraía de volta para casa na Irlanda do Norte – uma mudança sobre a qual ainda estou hesitante.

Avistei um novo veículo estacionado ao lado do reluzente Lexus preto de Ursula no estacionamento – um surrado Volvo verde-garrafa, com uma placa de licenciamento de 1990 – e me perguntei se o assistente social de Alex, Michael Jones, já teria chegado. Atravessei correndo o estacionamento de cascalho usando minha pasta como proteção contra a chuva torrencial, quando um homem alto de terno azul-marinho saiu de trás dos pilares de pedra, abrindo um guarda-chuva enorme em minha direção.

– Bem-vinda! – gritou ele. Entrei embaixo do guarda-chuva e ele me protegeu até entrarmos, onde Ursula aguardava na recepção. Ela é alta, com um ar imperial, seu costume vermelho, a cabeleira espessa e preta com veios grisalhos à la Diana Ross e uma bonita estrutura óssea grega mais sugestivos de uma exuberante mulher de negócios do que de uma psicóloga clínica. Ela também foi um dos membros da banca em minha entrevista para esse cargo, e foi por causa dela que eu tive certeza de que não tinha obtido o emprego.

*Originalmente você estudou para se tornar clínica-geral. Por que a mudança para psiquiatria infantil?*

Na entrevista, eu havia enfiado a mão direita sob a coxa, examinando os rostos da banca – três médicos psiquiatras e Ursula, reconhecida internacionalmente tanto por suas descobertas em psicologia infantil quanto por sua rispidez.

*Meu interesse original era em psiquiatria, havia respondido. Minha mãe travou uma longa batalha com a doença mental, e eu tinha vontade de descobrir respostas para os enigmas colocados por sua doença.* Se alguém conhecia a devastação causada pela doença mental – suas desonras e tabus sociais; sua terrível, antiga associação à vergonha das profundezas a que a mente humana é capaz de mergulhar em si mesma – esse alguém era eu.

Ursula me observara cuidadosamente por trás da mesa da banca. *Pensei que o pecado capital de qualquer psiquiatra fosse supor que todas as respostas podem ser encontradas*, ela sugeriu displicentemente – uma piada com uma estocada. O presidente da banca – John Kind, chefe do Departamento de Psiquiatria da Queen’s University – olhou inquieto de Ursula para mim e tentou formular uma pergunta a partir da piada sutilmente velada de Ursula:

*Acha que encontrou todas as respostas, Anya? Ou essa é a sua intenção, assumindo este cargo?*

Meu coração disse *Sim*. Mas, na ocasião, sorri e dei a resposta que eles esperavam:

*Minha intenção é fazer a diferença.*

Na recepção, Ursula me deu um sorriso escancarado, depois estendeu a mão e apertou a minha com firmeza pela primeira vez desde a minha entrevista. Não é incomum psiquiatras baterem de frente com psicólogos, devido à disparidade em nossas abordagens, embora eu tenha presumido pelo seu telefonema que qualquer que tenha sido o problema que ela teve comigo na entrevista fora resolvido. Ela virou-se de mim para Michael, que sacudia o guarda-chuva e o pendurava.

– Anya, este é Michael, o assistente social de Alex. Ele trabalha para o governo local.

Michael virou-se e exibiu um sorriso enviesado.

– Sim – disse ele. – Alguém tem que fazê-lo.

Ursula fitou-o através de pálpebras pesadas antes de me encarar.

– Michael a colocará a par dos detalhes. Encontro-me com você mais tarde para discutir o caso. – Fez um curto cumprimento com a cabeça para Michael antes de começar a descer o corredor.

Michael estendeu a mão para um cumprimento.

– Obrigado por vir em seu dia de folga – disse ele.

Eu queria contar a ele que se tratava de mais do que um dia de folga – era o aniversário da morte de minha filha –, mas um nó se formou em minha garganta por conta própria. Ocupei-me assinando meu nome no registro.

– Sabe, nós já nos encontramos – disse-me ele enquanto pegava a caneta da minha mão.

– É mesmo?

Ele assinou o nome com um floreado ilegível.

– No congresso de psiquiatria infantil em Dublin em 2001.

O congresso ocorreu havia seis anos. Eu não tinha a menor lembrança dele. Vi que era alto e magro, de ombros largos, com olhos verdes duros e frios, que me fitavam alguns segundos a mais do que era aconselhável. Calculei que estivesse perto dos 40 anos, e tinha um ar geral de enfado que eu já vira muitas vezes em assistentes sociais, um cinismo detectável em sua linguagem corporal, na superficialidade de seu sorriso. Sua voz carregava a aresta áspera de cigarros em demasia e, pelo corte de seu terno e o brilho dos sapatos, eu suspeitava que não tivesse filhos. Usava os cabelos louros desgrenhados e longos sobre o colarinho, mas um aroma de gel dizia-me que isso era deliberado.

– O que um assistente social estava fazendo em um congresso de psiquiatria infantil? – Virei-me para o corredor atrás de nós que levava ao meu escritório.

– A psiquiatria era minha escolha original, após uma rápida passagem pelo sacerdócio.

– Sacerdócio?



– Tradição familiar. Gostei do seu artigo, por sinal. “Sobre a necessidade de intervenção em psicose na Irlanda do Norte”, não? Pareceu-me empolgada em mudar as coisas por aqui.

– Mudar é provavelmente um pouco ambicioso – eu disse. – Mas gostaria de ver como lidamos com casos de psicose em pessoas jovens.

– Como assim?

Limpei a garganta, sentindo uma velha atitude defensiva crescer.

– Acho que estamos deixando de ver muitos sinais de psicose e mesmo de esquizofrenia de início precoce, deixando essas crianças se debaterem e até se ferirem quando o tratamento poderia facilmente ajudá-las a viver uma vida normal. – Minha voz começara a falsear. Ouvi em minha cabeça os esforços de Poppy em nosso piano, sua voz suavemente cantarolando a melodia que ela tentava reproduzir no teclado. Quando olhei novamente para ele, notei que fitava a cicatriz em meu rosto. *Eu devia ter deixado meus cabelos soltos*, pensei.

Chegamos à porta do meu escritório. Tentei me lembrar da minha senha de acesso, que me fora dada na semana anterior pela secretária de Ursula, Josh. Após alguns segundos, digitei o código na fechadura. Virei-me e vi Michael olhando para cima e para baixo do corredor, a expressão desconfiada.

– Nunca esteve na Casa MacNeice? – perguntei displicentemente.

– Sim. Receio que até demais.

– Não gosta daqui?

– Não concordo com instituições psiquiátricas. Não para crianças.

Abri a porta.

– Esta não é uma instituição psiquiátrica, é uma unidade de internação...

Ele exibiu um sorriso.

– Seis ou meia dúzia, hein?

Dentro do escritório, Michael permaneceu de pé, até eu indicar duas poltronas junto a uma mesinha branca e oferecer-lhe algo para beber, o que ele recusou. Servi-me de um chá de ervas e sentei-me na poltrona menor. Michael ainda estava de pé, olhando extasiado para um pôster na parede ao lado da minha estante de livros.

– *A suspeita sempre cria aquilo de que suspeita* – disse ele, lendo o pôster. Havia uma interrogação em seu tom de voz.

– C. S. Lewis – eu disse. – De *As cartas de um diabo ao seu aprendiz*. Já leu...?

– ... Sim, eu conheço – disse ele, o rosto se contorcendo numa careta ao ver meu chá de ervas. – Estou me perguntando por que você emolduraria uma citação como essa.

– Acho que foi uma dessas coisas que fez sentido na época.

Ele sentou-se.

– Eu tenho a camiseta com essa aí.

Fez-se uma pausa enquanto ele retirava um arquivo de sua pasta.

O nome no topo dizia Alex BROCCOLI.

– Alex tem 10 anos – disse-me Michael, a voz mais branda. – Ele mora em uma das áreas mais pobres de Belfast com a mãe, Cindy, de vinte e poucos anos, que o cria sozinha. A própria Cindy tem tido uma vida muito difícil, embora isso provavelmente seja uma conversa para outra hora. Deve saber que ela tentou o suicídio recentemente.

Balancei a cabeça.

– Onde está o pai de Alex?

– Não sabemos. Não há nenhum nome na certidão de nascimento de Alex. Cindy nunca se casou e se recusa a falar dele. Não parece ter desempenhado um grande papel na vida do filho. O que sabemos de fato é que Alex está profundamente preocupado com a saúde da mãe. Ele tem uma atitude paternal em relação a ela, exibindo todas as características de uma criança profundamente mergulhada no trauma de uma tentativa de suicídio da mãe.

Ele girou um documento sobre a mesa para ficar à minha frente – uma compilação de anotações das consultas de Alex com vários psiquiatras pediátricos diferentes.

– Entrevistas com sua mãe e professores assinalaram múltiplos episódios psicóticos, inclusive violência contra um professor.

– Violência?

Michael suspirou, relutante em divulgar a informação.

– Ele atacou verbalmente o professor durante um acesso de raiva na sala. Alegou que estava sendo provocado por outra criança e que o professor não quis fazer nada, mas ainda assim nós registramos esses acontecimentos.

Uma rápida olhada pelas anotações disse-me que Alex tinha todos os clássicos sintomas de primeira linha de leve perturbação do espectro do autismo de alto nível funcional, tais como ter pensamentos absolutamente concretos, tendência a mal-entendidos, repentes explosivos, linguagem ligeiramente mais sofisticada para a idade, nenhum amigo e excentricidade. Notei um desvio sobre sua alegação de ver demônios. Então, vi que nenhum medicamento ou tratamento jamais tinha sido ministrado e, por um instante, fiquei sem palavras. Eu fora seguidamente avisada por colegas na Escócia que *as coisas são diferentes na Irlanda do Norte*, “coisas” sendo a prática da intervenção psiquiátrica. Essas palavras ressoaram em meus ouvidos enquanto eu examinava o arquivo.

Após alguns instantes, percebi que Michael me observava.

– Então, o que a trouxe de volta à Irlanda do Norte? – perguntou quando notei seu olhar.

Recostei-me em minha poltrona e bati as mãos.

– Resposta curta, o emprego.

– E a resposta longa?

Hesitei.

– Uma observação casual de uma candidata a PhD que fazia treinamento na clínica em que eu trabalhava em Edimburgo. Ela mencionou que mesmo as crianças que nunca vivenciaram os conflitos na Irlanda do Norte, que nunca foram pescadas de uma piscina e envoltas em papel de alumínio durante uma ameaça terrorista, que nunca mediram a distância pelo som de uma bomba e que nunca viram uma arma de fogo estão sentindo efeitos psicológicos por causa do que a geração mais velha sofreu.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– “Impacto secundário”, não é assim que é chamado?

Concordei. Por um instante, minha memória trouxe à tona o som surdo e abafado de uma bomba. Da janela do meu quarto em Bangor – um subúrbio costeiro na orla de Belfast – eu podia ouvir as explosões; revoltantes, ocas. Uma lembrança da qual nunca consegui me livrar.

– Há uma predominância maior de morbidade na população adulta aqui do que em qualquer outro lugar do Reino Unido.

– Bem, isso explica muita coisa sobre meu trabalho. – Ele esfregou os olhos, repentinamente absorto em seus pensamentos. – Algum dia *you* foi pescada de uma piscina durante uma ameaça de bomba?

– Duas vezes.

– Então, você acha que qualquer sujeito que se viu envolvido nos conflitos possui uma chance maior de um colapso mental?

Sacudi a cabeça.

– Ninguém tem capacidade de avaliar o impacto de uma experiência na saúde mental de uma pessoa. Há muitos outros fatores...

Ele franziu a testa.

– Alex nunca esteve envolvido nos conflitos.

– Não?

– Nós entrevistamos Alex e Cindy sobre isso. Quero dizer, sim, eles vivem num bairro violento, mas Cindy deixou bem claro que foram os abusos que sofreu em casa quando criança que a afetaram tanto.

*Outra forma de impacto secundário*, pensei.

– Há quanto tempo está envolvido no caso de Alex?

– Tenho tido contatos esporádicos com ele desde que tinha 7 anos. A situação de sua família é muito vulnerável e suas condições de vida também não são exatamente ideais. As forças do governo ameaçaram colocá-lo em lar adotivo na última vez em que Cindy tentou o suicídio.

Pareceu-me que essa podia não ser uma ideia tão ruim quanto Michael obviamente achava, embora eu tenha achado melhor lhe dar o benefício da dúvida por enquanto.

Tamborilei os dedos no grosso maço de anotações à minha frente na mesa, pensando.

– O que é necessário? – perguntei calmamente, notando que a voz de Michael se tornara mais alta à menção de lar adotivo, o rosto pálido começando a ficar vermelho nos maxilares.

– Uma Declaração de Necessidades Especiais, para começar. – Fez uma pausa. – Quando eu soube que tínhamos uma nova psiquiatra infantil na cidade... bem, pode imaginar meu alívio. – Sorriu, e de repente tive medo de desapontá-lo.

– Seja específico, Michael. Por favor.

Ele se inclinou para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, os olhos recaindo em minhas pernas. Com uma tosse, ergueu os olhos para os meus.

– A questão é, dra. Molokova, que sou defensor da Signs of Safety.

Olhei para ele.

– Sabe, o modelo australiano de proteção infantil...?

– Sei o que é a Signs of Safety – eu disse rispidamente. Fazia parte dos meus interesses também. A Signs of Safety é um tipo de plano de proteção infantil baseado em um trabalho estreito com as famílias para construir um sistema de segurança e, finalmente, um tratamento centralizado na família. A maioria dos defensores desse modelo rejeita terminantemente os tipos de intervenção que formam a base do meu trabalho.

– Olhe, preciso que me prometa que não vai separar esta família. Acredite-me, eles precisam um do outro, não de algum procedimento burocrático, pautado por regras, de respostas prontas, que coloque esse menino sob a guarda de...

– Minha única proposta é descobrir de que tipo de tratamento o menino precisa. – Disse isso devagar e de forma clara, na esperança de tranquilizá-lo. Se íamos trabalhar juntos neste caso, tínhamos que rezar pela mesma cartilha.

Ele me fitou com um certo nervosismo, quase uma súplica. Esse menino significava muito para ele. E não apenas profissionalmente – vi que Michael tornara-se pessoalmente envolvido nesse caso. Notei também que ele tinha um toque de complexo de herói – o ar cansado, desgastado era resultado de suas frustrações.

Após uma longa pausa, ele abriu um sorriso, antes de servir-se de uma caneca cheia do meu chá de ervas e tomá-lo com um prolongado estremecimento de repulsa.

Levantei-me para sair, notando que nossa reunião com Alex estava marcada para dali a vinte minutos. Michael arrumou suas anotações e enfiou-as cuidadosamente dentro da pasta.

– Parece exausta – disse ele, sorrindo para demonstrar que seu comentário era de solidariedade, não de crítica. – Quer que eu dirija?

## “QUEM LHE DEU ESTA CICATRIZ?”

### **Anya**

E assim partimos no Volvo de Michael – cujo interior, estranhamente, tinha um forte cheiro de fertilizante – para a unidade pediátrica do Hospital Municipal de Belfast.

Era importante que minha abordagem fosse delicada e fornecesse a Alex um alto grau de espaço e confiança. Antes de deixar a Casa MacNeice, eu havia instruído Michael a entrar em contato com Alex para saber onde ele gostaria de se encontrar comigo e para confirmar que a hora era adequada, de modo que minha chegada não causasse ansiedade. Alex não parecera preocupado com nada disso; ele simplesmente queria saber como sua mãe estava passando e quando poderia ir vê-la no hospital. Com isso, foi-lhe prometida uma visita a ela depois que tivesse sido medicada.

Michael entrou na sala primeiro, após uma ligeira batida na porta. As salas de entrevistas de crianças em unidades psiquiátricas são sempre iguais: um canto repleto de brinquedos sensoriais e, invariavelmente, uma casa de bonecas. Neste caso, a sala possuía apenas uma casa de bonecas, um quadro branco de criança em um cavalete, um sofá azul surrado e uma mesa com duas cadeiras. Por cima do ombro de Michael, avistei Alex em uma cadeira atrás da mesa, balançando-se nos pés traseiros dela.

– Olá, Alex – disse Michael alegremente. Ao ver Michael, o menino abaixou a cadeira de novo sobre os quatro pés com um baque e gritou:

– Desculpe!

Michael abanou a mão no ar para indicar que não tinha importância. Então, estendeu as duas mãos para mim como se apresentasse o prêmio em um programa de perguntas e respostas.

– Gostaria de apresentá-lo à dra. Molokova – disse ele a Alex, que balançou a cabeça e deu um sorriso educado em minha direção.

– Chame-me de Anya – eu disse a Alex. – Prazer em conhecê-lo.

– An-ya – repetiu ele, e em seguida abriu um largo sorriso. Analisei-o rapidamente. Notei que tinha um ar de moleque de rua: cabelos cor de chocolate precisando de um corte e uma boa lavada; pele clara, da Irlanda do Norte; grandes

olhos cor de anil; um nariz gorducho como um cogumelo salpicado de sardas. Mais surpreendente era sua noção de vestimenta: uma camisa de homem grande demais, de listras marrons, abotoada de modo errado; calça de tweed marrom com as bainhas dobradas várias vezes; uma gravata quadriculada de homem e sapatos escolares pretos cuidadosamente engraxados. Atirados sobre o sofá, avistei um colete e um blazer. Não teria ficado surpresa se tivesse visto uma bengala e um cachimbo. Alex obviamente já era independente havia muito tempo e tentava ser muito mais velho do que a idade que tinha. Para apoiar a mãe, imaginei. Eu estava ansiosa para descobrir se isso era uma manifestação de outra personalidade ou se ele era simplesmente excêntrico. A sala estava tomada pelo cheiro de cebolas.

Michael puxou uma cadeira para perto da porta e sentou-se, tomando cuidado para não interferir no meu encontro com Alex. Dirigi-me à mesa.

– É bem confortável aqui, não?

Alex me observava, tentando sorrir educadamente.

– Minha mãe está bem? – perguntou ele. Olhei para Michael, que balançou a cabeça afirmativamente.

– Acho que ela está sã e salva, Alex – eu disse, escolhendo cuidadosamente as palavras: minha principal resolução é sempre ser honesta com meus pacientes, mas, quando se trata de crianças, o tato é muito importante. Mas Alex me vira hesitar e olhar para Michael, e me devolveu um sorriso marcado de preocupação. O que não era de surpreender, considerando-se o que ele havia passado. É raro eu trabalhar com crianças que tiveram uma infância agradável, mas, apesar do catálogo de histórias de vida traumática que destrinchei até agora, ainda acho perturbador fazer parte de mais uma narrativa marcada por tantos danos em uma idade tão tenra. Muitas vezes, sei de imediato qual vai ser o final da história e jamais consigo apagar o rosto daquelas crianças da memória. Eu me vejo ruminando sobre suas experiências de vida durante meu sono.

Mas Alex não parecia o que no campo da psiquiatria chamamos de “embotado”. Seus olhos eram vivos, indagadores e assombrados.

Uma consulta psiquiátrica é um pouco como uma entrevista com uma celebridade: move-se em espirais direcionadas para dentro, dando voltas ao redor da questão crucial por meio de uma série de tópicos relacionados. No entanto, uma consulta psiquiátrica tem que alcançar isso permitindo que o entrevistado guie a conversa. Procurei pistas. No quadro branco ao lado da casa de bonecas, via-se o desenho recente de uma casa, feito com marcador azul, com extremo capricho. Apontei para ela.

– Que belo desenho. É a sua casa?

Alex sacudiu a cabeça veementemente.

– É uma casa que já viu antes?

Ele levantou-se da cadeira e caminhou cuidadosamente na direção do quadro branco.

– É a casa que eu compraria para a minha mãe, se tivesse dinheiro – explicou, apagando uma linha desgarrada em volta da porta da frente cuidadosamente arqueada. – Tem teto amarelo, flores no jardim da frente e muitos quartos.

Apressei-me em perseguir esse tópico, ao ver seus ombros começarem a arriar:

– Quantos quartos? – perguntei.

– Não sei bem. – Ele pegou o marcador azul e continuou a fazer acréscimos a casa com surpreendente habilidade artística, um cata-vento na forma de galo no telhado, dois pequenos arbustos ao lado da porta da frente, um cachorro correndo pelo caminho de entrada. Continuei observando, sem dizer nada, tomando notas mentalmente.

Ele desenhou um pequeno círculo no jardim da frente da casa e encheu-o de pontinhos – um canteiro de morangos, disse, porque sua avó costumava plantá-los para fazer geleia. Seu último acréscimo ao desenho foi um enorme par de asas no topo da figura, no céu.

– O que é isso? – perguntei.

– Um anjo – disse ele. – Para nos proteger de coisas ruins. Apesar de eu nunca ter visto um anjo. – Assim que disse isso, ele pareceu se trancar, evitando contato visual e levando a mão à boca, como se temesse ter revelado alguma coisa.

Perguntei a Alex se estava tudo bem se eu abrisse uma janela. Acho que abrir uma janela sempre dá aos pacientes a sensação tranquilizadora de que não estão presos, de que há uma saída física, caso precisem, mesmo sendo necessário um conjunto de escadas e a destreza do Homem-Aranha para descer por estas janelas. Ele assentiu e respirou fundo. Já estava relaxando. Passo um.

Sentei-me com as pernas cruzadas no assoalho de placas de espuma multicolorida e retirei um caderno de anotações e uma caneta de minha bolsa. Alex remexeu-se um pouco, olhando para Michael, sentado no sofá do outro lado da sala. Finalmente, Alex sentou-se diante de mim.

– Importa-se se eu fizer anotações durante a nossa conversa, Alex?

Ele instalou-se confortavelmente, cruzando as pernas e segurando os tornozelos. Assentiu:

– Eu também costumo escrever.

– Você escreve? – perguntei. – Histórias? Poemas? Um diário?

Na terceira tentativa, seus olhos se iluminaram.

– Eu também. Acho que anotar as coisas me ajuda a clareá-las – eu disse, erguendo meu caderno de anotações, mas ele ainda olhava fixamente para o canto da



sala, absorto.

– Como você fez isso? – perguntou, quando viu a cicatriz em meu rosto.

– Não é nada – eu disse, passando os dedos pelo talho irregular em minha face, lembrando-me de manter minhas emoções sob controle. – Já caiu de sua bicicleta?

– Cortei o joelho uma vez. – Uma longa pausa enquanto ele refletia sobre isso. Em seguida: – Por que está usando uma tampa de garrafa como colar?

Ele estava olhando para o talismã de prata no meu pescoço. Mostrei-o a ele.

– Não é uma tampa de garrafa. É chamado de talismã SOS. É para dizer às pessoas qual tratamento eu preciso no caso de ter algo chamado choque anafilático.

Ele repetiu as palavras *choque anafilático*.

– O que é isso?

– Sou alérgica a nozes em geral.

Seus olhos azuis se arregalaram.

– Até amendoins?

– Sim.

Ele parou para considerar.

– E pasta de amendoim?

– Também.

Inclinou a cabeça para o lado.

– Por quê?

– Meu corpo não gosta dessas coisas.

Ele me manteve presa com mais força sob seu escrutínio, inspecionando-me como se eu fosse explodir a qualquer momento ou fazer crescer uma segunda cabeça.

– Então, o que aconteceria se você comesse um Snickers ou algo assim?

*Provavelmente eu pararia de respirar*, pensei, mas disse:

– Cairia imediatamente no sono.

Seus olhos se arregalaram.

– Você ronca?

Dei uma gargalhada.

– Michael me disse que você tem umas piadas ótimas. Eu *adoro* piadas. Pode me contar a sua favorita? – Ele olhou de novo para mim e, após um instante de contemplação, sacudiu a cabeça devagar.

– Não posso – disse, com grande seriedade. – Tenho muitas favoritas.

Dei-lhe um minuto para pensar, depois disse:

– Quer que eu lhe conte uma das minhas favoritas?

– Não, eu tenho uma – disse ele, limpando a garganta. – Estatisticamente, seis de

sete anos não são Felizes.

Levei um ou dois segundos para entender, mas, quando consegui, ri tanto que o rosto de Alex se iluminou como uma lanterna chinesa.

– Não fui eu que escrevi essa – disse ele rapidamente.

– Você cria suas próprias piadas?

– É para uma peça que estou ensaiando. Faço o papel de alguém chamado Horácio.

– Está em *Hamlet*?

Ele me informou que a peça era uma versão moderna do original de Shakespeare, que iria ser representada na Grand Opera House dentro de algumas semanas, e me perguntou se eu gostaria de ir assistir.

– Eu *adoraria* – respondi, e estava sendo sincera. – Aposto que sua mãe está muito orgulhosa. Já contou alguma de suas piadas para ela?

Ele balançou a cabeça e pareceu imensamente triste.

– Ela não ri há muito, muito tempo.

– Às vezes, as pessoas não riem por fora – tentei –, mas mesmo assim riem por dentro.

Ele refletiu sobre isso, mas notei que sua mão direita se insinuara até o colarinho de sua camisa e começara a puxá-lo como se de repente ele tivesse ficado apertado demais. Deixei que o silêncio fosse além do ponto de causar mal-estar.

– Quer dizer, as pessoas riem *internamente*? – disse Alex finalmente. – Como risada interna, em vez de hemorragia?

A associação me desconcertou um pouco. Deixei que continuasse:

– Acho que sei o que quer dizer – disse ele devagar. – Eu costumava rir internamente quando meu pai ainda era vivo.

Entrei com prudência nesse assunto:

– Pode me contar o que você quer dizer com isso?

Alex olhou-me com desconfiança. Não retirara a mão do colarinho.

– Era mais ou menos assim. Ou melhor, eu fazia as coisas que gostava de fazer, mas, quando ele estava por perto, eu fazia em silêncio. Como escrever ou desenhar. Isso me deixava feliz aqui dentro – e pressionou o punho fechado contra o peito –, apesar de minha avó dizer que meu pai devia ir para o Inferno pelo que fazia.

Ele levou a mão à boca como se tivesse revelado algo de si mesmo que não queria revelar.

– Tudo bem – assegurei-lhe. – Pode dizer isso, não estou aqui para castigá-lo.

Ele balançou a cabeça e remexeu-se na cadeira.

– Eu corro – eu disse, para quebrar a tensão. – Correr me faz feliz. – Eu ri, mas

o rosto de Alex se anuviou.

– Eu não quero – disse ele, tenso.

Inclinei a cabeça.

– O quê?

Ele olhou para o canto, como se houvesse alguém lá. Depois, deu um longo suspiro.

– OK – disse resolutamente. Esperei que continuasse. Finalmente, abriu um sorriso cauteloso e disse: – Ruen quer que eu diga olá.

Olhei-o espantada.

– *Ruin*?

– Ruen é meu amigo – disse Alex, com a voz um pouco confusa, como se esperasse que eu já soubesse. – Meu *melhor* amigo.

– *Ruin* – repeti. – Bem, obrigada. Olá para Ruin também. Mas pode me dizer quem é Ruin?

Alex mordeu o lábio, o olhar caindo para os pés.

– Ruin é um nome incomum – eu disse. E depois de uma longa pausa: – Ruin é um animal?

Ele sacudiu a cabeça, os olhos focalizados além de mim.

– Alguns deles são, mas Ruen não é. Ele é... somos apenas amigos.

– *Alguns* deles? – perguntei. Ele balançou a cabeça, mas não disse mais nada. *Amigos imaginários*, pensei.

– Pode me falar um pouco dele?

Alex ergueu os olhos, pensando.

– Ele gosta do piano do meu avô. E ele *adora* Mozart.

– Mozart?

Alex balançou a cabeça.

– Mas Ruen não sabe tocar piano. – Pausa. – Mas diz que você sabe.

– Sim – eu disse, meu sorriso fenecendo. – Toco piano desde menina. Mas Mozart não é meu compositor preferido. Meu favorito é Ra...

– Ravel – disse Alex, terminando minha frase de maneira pragmática. – Ruen diz que Ravel era como um relojoeiro suíço.

– Um *relojoeiro suíço*? – Sua precisão espantou-me. Havia décadas Ravel era meu compositor favorito. Larguei a caneta e cruzei os braços. Este garoto era cheio de surpresas.

Alex inclinou-se para o lado, como se ouvisse alguma coisa. Depois, endireitou-se e olhou fixamente para mim.

– Ele quer dizer que Ravel compunha sua música como se estivesse fazendo um

relógio muito caro. – Ergueu as mãos e girou discos imaginários. – Todas as engrenagens se encaixavam perfeitamente.

Não estava fora de questão que ele pudesse saber a respeito de Ravel, embora ainda fosse bastante surpreendente. Fiquei intrigada.

– E como Ruin sabe tudo isso?

Alex nem pestanejou.

– Ruen tem mais de 9 mil anos de idade. Ele sabe muita coisa, apesar da maior parte ser realmente um *tédio*.

– Ele também conta piadas?

Alex ergueu as sobrancelhas e começou a rir, a cabeça arriada para trás. Depois que se recobrou, disse:

– De jeito nenhum, Ruen acha minhas piadas *idiotas*. Ele é mais sério do que o Exterminador do Futuro.

Devo ter parecido perplexa, porque Alex leu a expressão do meu rosto e me disse:

– Conhece? O filme? Com Arnie? – Ele imitou a voz de Arnold Schwarzenegger de uma maneira surpreendente: – *É da natureza de vocês destruir a si mesmos*.

Dei uma boa risada, mas anotei como estranho seu interesse por filmes mais velhos do que ele.

– Ruin se parece com Arnie também?

– Não, ele... – Seus olhos vasculharam a sala. – Ele diz que você é *deleitável*.

A voz de Alex tinha um tom de surpresa, e ele pronunciou “deleitável” em tom baixo e com um sotaque levemente britânico.

– Sabe o significado dessa palavra, Alex?

Ele rebuscou a mente.

– Não – disse. – Pulei a maior parte da letra D. – Começou a puxar o colarinho outra vez. – Podemos falar sobre outra coisa agora, por favor?

Assenti, mas, quando ergui os olhos, compreendi que não era comigo que ele estava falando. Ainda se dirigia ao lugar vazio no canto.

– Podemos conversar sobre qualquer coisa que você queira – eu disse, mas ele começara a sacudir a cabeça furiosamente. Gritou:

– Pare com isso!

Senti Michael levantar-se atrás de mim, e ergui a mão para impedir que ele interferisse.

– Calma, Alex – eu disse serenamente. Seu rosto estava pálido, os olhos desvairados. – Ruin está perturbando você?

Ele balançava-se para frente e para trás agora, esfregando as mãos uma na outra,

como se tentasse fazer fogo com a fricção. Coloquei uma das mãos de leve em seu braço e ele esquivou-se com um salto.

– Às vezes, ele faz isso – disse ele, depois de se acalmar. – Diz que é um super-herói, mas na verdade é apenas um chato.

– Um super-herói?

Alex balançou a cabeça.

– É como ele descreve o que realmente é.

– E o que ele é?

Alex hesitou.

– Um demônio – disse inocentemente. – Meu demônio.

Pensei nas anotações que Michael me mostrara no meu escritório. Uma menção a demônios, apesar de eu ter certeza de que a anotação era de três anos antes, quando Alex tinha 7 anos. Parei, percebendo a ausência de medo no tom de sua voz. Uma menção a demônios geralmente vem acompanhada de comportamento agressivo ou raivoso, mas Alex falou calmamente, na realidade:

– Ruin é um personagem, como o que você está representando em *Hamlet*?

Ele sacudiu a cabeça, depois parou. Dei-lhe tempo para refletir, mas ele continuou inflexível:

– Ruen é real. Ele é um demônio.

– Você é um excelente desenhista – eu disse, indicando a figura da casa no quadro branco. – Poderia fazer um desenho de Ruin para mim?

– O quê, como ele é agora? – perguntou Alex, e eu assenti.

Ele respirou algumas vezes, considerando. Em seguida, levantou-se e relutantemente removeu o desenho da casa com o apagador. Quando o quadro branco ficou limpo, começou a desenhar um rosto. Enquanto desenhava, fiz algumas anotações sobre o ambiente, meus pensamentos durante a entrevista e um lembrete para investigar super-heróis chamados “Ruin”.

– Pronto – disse ele, alguns instantes depois.

Olhei para a imagem no quadro e franzi a testa. Era um autorretrato de Alex, completo, com óculos de sol.

– Esse é Ruin? – perguntei.

Alex balançou a cabeça.

– Mas ele se parece muito com você – eu disse.

– Não, ele é muito diferente. Ele é o Alex mau e eu sou o Alex bom.

Isso me deu um grave motivo de preocupação. Abri a boca para perguntar *O que faz desse Alex o malvado?*, mas resolvi fechá-la, ciente de que eu havia atingido o âmago das questões de Alex, a origem desse Ruin. Eu tinha que avançar com

cuidado para compreender como Alex pensava em si mesmo como “bom” e “mau”.

– Ruin já o feriu alguma vez, Alex?

Ele sacudiu a cabeça.

– Ruen é meu amigo.

– Ah, sei – eu disse. Busquei silenciosamente criar meios de descobrir por que Alex escolhera um demônio para projetar suas emoções, se Ruin era a figura imaginada responsável pelos episódios autodestrutivos de sua mãe e se Ruin tinha planos para Alex ferir a si próprio. A conceituação formulada por Alex de “mau” poderia muito bem envolver autopunição.

Nesse exato instante, Alex caminhou diretamente para mim e apontou para a cicatriz que serpeava pela linha do meu maxilar.

– Quem lhe deu esta cicatriz? – perguntou ele.

Abri a boca, mas não consegui emitir nenhum som.

Ele pestanejou.

– Ruen disse que uma garotinha fez isso com você porque ela estava com raiva.

Relanceei os olhos para Michael, mas ele olhava pela porta de vidro para dois médicos que vinham pelo corredor, distraído demais para notar o que acabara de acontecer. Olhei novamente para Alex, meu coração acelerado.

*Como é que ele pode saber tudo isso?*, pensei.

– Ruen disse que você maltratou essa menina – disse ele, num tom de voz interrogativo, intrigado.

Lutei para não perder a concentração.

– Ruin diz como foi que eu a maltratei?

Alex olhou para sua direita.

– Ruen! – exclamou. – Não faça isso! – Em seguida, voltou-se novamente para mim.

– Ignore-o – disse ele.

– O que Ruin disse?

Alex suspirou.

– Bobagem, na verdade. Ele diz que ela estava presa em um buraco muito escuro, que havia uma escada lá, mas você a puxou para cima e a menina ficou presa lá embaixo.

– É assim que você se sente, Alex? – perguntei, embora minha voz tivesse definhado, se tornado um sussurro distante, como se houvesse duas de mim: uma fazendo as perguntas que aprendera a fazer, a outra, uma mãe sofrendo, meus braços repentinamente ansiando para abraçar minha garotinha outra vez.

Porém, tarde demais. Alex se recolheu, incomunicável. Observei-o enquanto se

dirigia ao quadro branco, começando a desenhar sua casa dos sonhos outra vez.

– Virei vê-lo outra vez amanhã – eu disse, levantando-me, as mãos trêmulas.

Mas ele estava inteiramente absorto no desenho, tocando as asas acima da casa.

– Como foi? – perguntou Michael enquanto percorríamos o corredor em direção à entrada da frente.

Eu me mantinha três passos adiante dele, para evitar que ele visse a tensão em meu rosto. Eu podia sentir meu celular zumbindo na bolsa com mensagens dos meus amigos que provavelmente estavam enlouquecidos de preocupação. Eu tentava dominar meus pensamentos contando mentalmente a partir de dez em ordem regressiva, mas já chegara ao zero e meu coração ainda martelava no peito, as lágrimas ardendo nos cantos dos olhos. Sentia os ferimentos de Poppy despertarem em seus recessos. Estava prestes a sucumbir.

– Vou compilar minhas anotações hoje à tarde e me encontro com você e os outros amanhã de manhã – eu disse a Michael rapidamente.

Havíamos chegado ao saguão do hospital. Michael me fez parar quando eu me aproximava da entrada.

– Dra. Molokova – disse ele, secamente. Ergui os olhos agressivamente, abalada pelo tom de sua voz.

Ele passou a mão pelos longos cabelos louros, visivelmente perplexo.

– Olhe, por favor, apenas me diga que não vai separar essa família. Tenho um dos melhores terapeutas do país trabalhando com a mãe dele...

– Isso é ótimo – eu disse. – Mas...

– Mas o quê?

– Acho que Alex pode representar um perigo para si mesmo. Gostaria de interná-lo na Casa MacNeice para uma avaliação continuada.

O rosto de Michael desmoronou.

– A tia de Alex, Beverly, está vindo de Cork para cá neste exato momento. Ele pode ser avaliado em sua própria casa com seus parentes...

Senti-me repentinamente exausta, arrependida de ter quebrado minha decisão de permanecer em casa.

– Na minha opinião, Alex poderia se ferir seriamente, se não ficarmos de olho nele. Francamente, estou chocada que ele não tenha recebido tratamento adequado até agora. – Pela primeira vez em semanas, uma cena de Poppy surgiu diante dos meus olhos. Ela segurava uma faca numa mesa de um restaurante, as pessoas ao nosso redor começando a se virar para ver. A luz suave de um candelabro dançava na lâmina.

Fiz menção de ir embora, mas Michael agarrou-me pelo braço.

– Quero o que é melhor para este garoto.

Olhei furiosamente para a sua mão, o sangue fervendo. Finalmente, desvencilhei-me com um puxão.

– Então me deixe fazer meu trabalho – eu disse calmamente, passando por ele em direção à saída e à fila de táxis.

Muitos dos pais que encontro no decurso do meu trabalho chorosamente me confidenciam que temem que seus filhos estejam possuídos. É uma possibilidade muito real e aterrorizante para se confrontar: você pode nunca ter dado ouvidos à ideia de Deus ou Satanás, mas repentinamente as ações bizarras, assustadoras e às vezes violentas de seu filho ou filha o forçam a se fazer perguntas que nunca ousou acreditar que passariam pela sua mente. Essas perguntas me assombravam todos os dias durante a maior parte da vida de Poppy – e, para ser honesta, creio que nunca encontrei as verdadeiras respostas. Após muitos anos observando seu comportamento se deteriorar, eu me cansara de especialistas me dizendo que minha filha linda, inteligente e sensível era apenas “hiperimaginativa”, um rótulo que progrediu à medida que ela crescia pelo espectro de diagnósticos desinformados e indiferentes de doenças mentais da infância: transtorno do deficit de atenção, transtorno de identidade dissociativa, bipolaridade, síndrome de Asperger. Todos errados, e com esses diagnósticos errados, os remédios errados, o tipo errado de tratamento. Assim, depois da faculdade de medicina, me especializei em psiquiatria infantil, reforçada por um PhD baseado em um palpite sobre a condição de Poppy: esquizofrenia infantil.

Como Michael, eu quis que continuássemos juntas como uma família. Mas isso custou a vida dela.

Enquanto percorria as ruas movimentadas de Belfast em um táxi, ouvi sua voz: *Eu te amo, mamãe. Eu te amo.* E então eu a vi, com toda a clareza em minha mente. Seus olhos cor de café semifechados com uma risada, seus cabelos negros e cheios puxados sobre um dos ombros. Ela se virou para mim, a claridade branca de uma cortina roçando seu rosto. *O buraco desapareceu*, ela disse, sorrindo.

Poppy tinha apenas 12 anos de idade.



## “DIGA A ELA QUEM EU SOU”

**Alex**

Querido Diário,

Hoje conheci uma médica no hospital que fez um monte de perguntas sobre Ruen. Fiquei muito confuso quando ela perguntou sobre ele. Nunca falei muito dele a ninguém porque esse era o nosso trato. Mas ele me pediu para apresentá-lo e isso me deixou confuso, porque geralmente ele chia para mim como um gato para eu ficar quieto e fingir que ele não existe, ao que eu digo algo como: “Mas, Ruen, você é um sujeito tão encantador, certamente quer que eu conte ao mundo todo sobre você, não?”, e ele aperta seus olhos horríveis para mim e diz: “O sarcasmo somente demonstra a impotência de uma pessoa.” Então, eu faço uma careta para ele e ele desaparece bufando de raiva.

Quando Ruen veio para ficar, ele disse que só estava ali para ser meu amigo porque eu parecia muito solitário. Então, um dia, tivemos uma briga e eu lhe disse para ir embora, e ele disse que não podia. Disse que fora enviado para me estudar porque ele e todos os seus amigos nunca haviam encontrado um ser humano que pudesse ver demônios como eu podia. Ele disse que eu era muito especial. O máximo que alguém já vira de demônios fora um relance, ele disse, e essas pessoas geralmente achavam que estavam vendo coisas. Lembro que ele ficou muito animado por eu poder vê-lo e disse que era muito importante que ele me estudasse, como um rato de laboratório ou algo assim. Eu disse que não queria ser estudado, isso fazia parecer que havia algo de errado comigo, e durante toda a minha vida as pessoas têm dito que há alguma coisa de errado comigo. Eu detesto isso, porque estou perfeitamente bem e quero que me deixem em paz. Mas Ruen prometeu-me algo, se eu o deixasse me estudar. Não vou dizer o quê. É nosso segredo.

A médica tinha uma grande cicatriz tipo Harry Potter, mas no maxilar, não na testa. Ela era bonita e sorridente, tinha olhos pequenos, castanho-escuros, e cabelos compridos e pretos, que pareciam calda de chocolate sendo despejada de uma garrafa. Um de seus dentes tinha uma pequena lasca, e às vezes eu podia ver seu sutiã através da blusa. Dra. Molokova, ela disse que era seu nome, mas para chamá-la de Anya. Amendoins fazem Anya dormir. Comi alguns depois que ela saiu para

ver se eles me fariam dormir, mas não fizeram.

Quando Anya me perguntou sobre Ruen, acho que devo ter ficado vermelho e nervoso. Ruen me disse para contar a ela quem ele era. Eu fiquei muito confuso. A médica me perguntou o que havia de errado. Ruen repetiu: *Diga-lhe quem eu sou*. Então, eu disse. Ela estava muito interessada em Ruen, e Ruen já devia tê-la encontrado antes porque me contou várias coisas sobre ela, que ela tocava piano muito bem, que seu pai era chinês, embora ela nunca o tivesse conhecido, e que sua mãe tinha um monte de problemas. Exatamente como a minha.

Quando ela saiu, Ruen tinha uma expressão engraçada nos olhos, o tipo de olhar que Woof tem quando vê Ruen. Preocupado. Quase com medo. Perguntei-lhe o que havia de errado, ele disse que não havia nada e depois começou a fazer um monte de perguntas sobre Anya e sobre *amor*. Eu já estava *muito* cansado de perguntas a essa altura, embora estivesse um pouco apavorado com o fato de ter que ficar no hospital quando era mamãe que estava com algo de errado, não eu, e de ninguém ainda ter vindo me buscar. Assim, respondi suas perguntas, apesar de serem muito estranhas.

Ele disse:

– Como é o amor?

Eu disse:

– Você teria que perguntar a uma menina.

Então, pensei em mamãe, no quanto eu a amo, e assim eu disse:

– É como você ser capaz de fazer qualquer coisa pela pessoa que ama.

Em seguida, fitei-o por um longo tempo e descobri por mim mesmo.

– Você ama a Anya – eu disse.

– *É claro que não* – retrucou ele.

– Ama sim – eu disse, rindo. – Você *gosta* dela.

Eu estava me divertindo muito, revidando depois que ele zombou implacavelmente de mim sobre gostar de Katie McNerny só porque eu deixei que ela usasse meu armário na escola.

Ele ficou todo enfezado, depois desapareceu tão depressa que chegou a dar um leve estalido, e eu ri até adormecer.

Quando acordei, estava muito escuro lá fora. Todos os telhados das casas do outro lado da rua pareciam a espinha em ziguezague de um dinossauro contra o céu. Eu sabia que Ruen estava no quarto porque eu estava mais frio do que salsicha congelada, apesar de ser primavera, e às vezes ele provoca isso. Todos os pelos dos meus braços estavam em pé. Eu disse:

– O que foi agora, desgraçado?

Ele deu um passo para fora das sombras ao lado da janela e disse:

– Quero que você conte tudo a Anya sobre mim.

Sentei-me na cama repentinamente, tentando manter as cobertas enroladas em mim.

– Eu tinha razão, não tinha? Você *realmente* gosta dela, Ruen.

E por alguma razão pensei em meu pai naquele momento. Vi seu rosto mentalmente, meio embaçado, os olhos azuis como os meus, mamãe disse. Então, vi o policial, seu rosto voltando-se para mim em câmera lenta, com raiva e medo ao mesmo tempo.

Ruen franziu a testa para mim. Saí bruscamente do meu devaneio e revirei os olhos para ele.

– Está bem, Ruen. Eu contarei a ela sobre você, está bem? Está feliz agora?

Ele fez um breve sinal afirmativo com a cabeça, de má vontade, em seguida desapareceu e eu pensei: *Que maluco*.

Dormi a noite toda no hospital e pela manhã Anya veio e disse que eu podia ir ver mamãe. Ela estava mais sorridente hoje, apesar de seus olhos parecerem tristes e estar usando óculos quadrados e escuros. Não contei a ela o que Ruen dissera porque estava ansioso para ver mamãe.

– Como você está hoje, Alex? – disse ela, enquanto atravessávamos o hospital.

– Pensei em uma piada nova – eu disse, e lhe contei: – Como você faz um cachorro-quente ficar em pé?

Ela encolheu os ombros.

– Você rouba a cadeira dele.

Ela riu, mas soou como se não tivesse achado graça.

– Aposto que está empolgado em ver sua mãe – disse ela, e eu balancei a cabeça. – Mas ela pode ainda não estar em seu estado normal. Tudo bem?

Isso para mim só podia ser bom, então lhe dei um amplo sorriso e Anya me disse para segui-la. Percorremos uma infinidade de corredores do hospital, até eu achar que minhas pernas iam cair, e finalmente chegamos a um pequeno quarto, onde mamãe estava em uma cama branca.

No começo, assim que entrei, ela não ergueu os olhos. Estava apenas deitada lá, com ataduras brancas ao redor dos pulsos e um tubo no braço. Seu rosto não tinha nenhuma expressão, como se alguém tivesse passado uma borracha nele e apagado mamãe de lá. Então, ela virou a cabeça e sorriu para mim, e foi como se alguém tivesse recolocado toda a cor de seu rosto. Seus cabelos ficaram amarelos de novo com raízes pretas e seus olhos mudaram de cinza para azul-celeste e até mesmo as tatuagens em seus braços e pescoço pareciam mais vivas. Alguém retirara a argola de seu nariz, mas isso foi bom, porque aquilo a fazia parecer um touro. Quis perguntar se haviam retirado a da sua língua também, mas não perguntei.

– Olá, querido – disse ela quando entrei. Sua voz estava rouca. Fiquei nervoso

de entrar, com medo de que Ruen aparecesse.

– Venha cá, Alex – disse ela. Dei um passo à frente e ela passou os braços ao meu redor e me apertou. Seus braços eram frios e finos.

– Como está se sentindo? – perguntei.

– Já tive dias melhores – disse ela, após uma pausa muito longa, e depois sorriu, mas seus olhos estavam úmidos e apertados. – Como tem passado?

– Eles não têm TV aqui.

– Que pena, hein? Você pode ver TV quando voltar para casa.

– Sim, mas sinto muita falta. – E comecei a nomear todos os programas que estava perdendo, contando-os nos dedos.

Mamãe apenas me fitava.

– Como vai a banqueta uivante?

– Woof está bem – eu disse. – Mas quem está dando comida para ele, mamãe? Ele não vai ficar com fome?

O rosto de mamãe pareceu preocupado. Então, Anya adiantou-se e tocou a mão de mamãe com os dedos.

– Sou Anya Molokova – disse ela, e sua voz repentinamente soou muito afetuosa e tranquilizadora: – Sou psiquiatra consultora da Casa MacNeice. Estou cuidando de Alex.

Eu queria dizer que isso era mentira, porque Anya não estava fazendo pizza ou torradas com cebolas ou qualquer outra coisa para mim. Mamãe balançou a cabeça. Puxei uma cadeira para junto de sua cama e ela estendeu o braço e afagou meus cabelos.

– Cindy, soube que você vai ter que ficar aqui mais algumas semanas.

– É mesmo? – disse mamãe, de uma forma que me fez pensar se Anya estava fazendo alguma coisa errada.

– Gostaria que Alex permanecesse na minha unidade por algum tempo. Só para que eu possa avaliá-lo.

O rosto de mamãe endureceu.

– Avaliá-lo para quê?

Anya olhou para mim.

– Talvez devêssemos discutir isso em particular...

– Não – disse mamãe com voz alta. – É sobre ele, então ele deve permanecer aqui.

Anya sentou-se do outro lado da cama, tirou os óculos escuros quadrados e usou sua blusa para limpá-los.

– À luz de circunstâncias recentes, acho que Alex pode ter um tipo de doença

que requer avaliação e monitoramento continuados. Seria para o próprio benefício dele ficar algum tempo na Casa MacNeice.

Fiquei imaginando a que tipo de doença ela se referia e se a Casa MacNeice tinha TVs.

– Esse não é um lugar para malucos? – perguntou mamãe.

O sorriso de Anya tornou-se real.

– Absolutamente. É onde fazemos a maior parte de nosso mais importante trabalho para as famílias da região.

Mamãe fechou a cara.

– Da última vez, uma mulher de terninho tentou tirar Alex de mim.

Mamãe e eu olhamos fixamente para Anya. Notei que ela também usava um terninho. Ela engoliu em seco.

– Se fôssemos fazer isso, eu precisaria de sua permissão.

– Bem, você não a tem – retrucou mamãe rispidamente, e sua voz falseou, até que apertei sua mão e ela olhou para mim e sorriu. – Vou sair daqui em breve, prometo – disse ela.

– Sua irmã Bev está aqui – disse Anya em voz baixa. – Ela veio de Cork para cuidar de Alex. Parte do arranjo, se Alex fosse ficar na Casa MacNeice, era que Bev cuidaria dele nos fins de semana...

Mamãe arregalou os olhos.

– Bev está aqui?

Anya balançou a cabeça.

Mamãe levou uma das mãos ao rosto e começou a chorar.

– Eu não quero que ela me veja assim – disse, e começou a pressionar os cabelos para baixo com os dedos porque eles estavam arrepiados para todos os lados, como se ela tivesse sido eletrocutada.

– Ela só virá visitá-la quando você estiver pronta. Todos sabem muito bem que você precisa de tempo. Deixarei Alex em casa esta tarde, mas, se você não quiser que ele venha para a Casa MacNeice, tenho que obter permissão para visitá-lo todos os dias da próxima semana para “termos uma conversa”.

Alguma coisa na maneira com que Anya disse “termos uma conversa” soou como se ela pretendesse algo muito mais sério. Mamãe pareceu achar isso também. Ela olhou duramente para Anya.

– Quer dizer sobre mim? – quis saber.

Anya olhou para mim.

– Entre outras coisas.

Em seguida, ela se levantou e disse que ia ver se conseguia que uma das

enfermeiras me deixasse assistir à TV. Ela saiu do quarto e eu não olhei para mamãe porque nesse mesmo instante Ruen apareceu e eu dei um salto de um metro de altura no ar.

– O que houve agora, Alex? – perguntou mamãe.

Mas eu a ignorei. Eu estava nervoso, porque pude ver que Ruen era Monstro. Só que ele não estava olhando para mim. Olhava para alguma coisa na soleira da porta. Tentei ver o que estava olhando, mas não havia ninguém lá. Ruen estava tão furioso que estava rosnando. Três segundos depois, ele desapareceu.

Quando Anya voltou, disse que eles me deixariam assistir à TV, então notou que mamãe estava transtornada e eu estava enroscado no chão.

– O que aconteceu? – perguntou ela à mamãe, que apenas sacudiu a cabeça e murmurou alguma coisa.

– Tem TV agora? – eu disse. Vi que Ruen fora embora, e então me levantei.

Anya sorriu e começou a falar alguma coisa, mas depois disse apenas:

– Siga-me.

Assim, saí e sentei-me em uma sala fedorenta com a menor TV que eu já vira e que tinha listras amarelas em todos os canais. Cinco minutos depois, Anya entrou sorrindo e disse-me que eu podia ir ver mamãe outra vez, mas só por pouco tempo, porque ela já estava muito cansada.

Sentei-me ao lado de mamãe e uma senhora entrou com uma bandeja com feijão e batatas, que mamãe não quis.

– Você quer, Alex? – perguntou mamãe, eu disse que sim e ataquei a comida.

– Sabia que Alex está em uma peça? – ouvi mamãe dizer a Anya.

– Sim. *Hamlet*. Deve estar muito orgulhosa.

Senti mamãe olhando fixamente para mim.

– Eu mal conseguia ler quando tinha a idade dele. Ele é o primeiro da classe de inglês. Não herdou nada disso de mim, posso garantir-lhe. Ele é muito inteligente. – Então, houve uma longa pausa enquanto eu usava o último pedaço de pão para limpar o caldo do feijão.

– Às vezes, eu acho que o estou atrasando – ouvi mamãe dizer, com um fio de voz.

– Como acha que o está atrasando? – disse Anya.

Parecia que a cor estava fugindo do rosto de mamãe outra vez.

– Você acha que há alguma chance para uma criança que começa na vida como eu e Alex? Ou acha que teria sido melhor se eu nunca tivesse nascido?

Anya olhou de mim para mamãe. Então, inclinou-se para frente e segurou a mão de mamãe.

– Acho que alguns de nós realmente enfrentam grandes desafios na vida. Mas acredito que tudo pode ser superado. – Mamãe inclinou-se para frente e deu um tapinha delicado em meu rosto. Apesar de estar sorrindo para mim, havia aquela expressão em seus olhos que dava um nó em minha barriga, a ponto de eu não conseguir comer meu pão. Vi Ruen no vão da porta, mas não ergui os olhos para ele.

Tia Bev é irmã de mamãe, embora não se pareça nada com ela, nem mesmo de longe. Na realidade, ninguém diria que são irmãs. Ela é 11 anos, dez meses e dois dias mais velha do que mamãe, mas parece mais nova, acha tudo engraçado e não tem nenhuma tatuagem, exceto um rabisco preto no tornozelo esquerdo que ela disse que aconteceu quando estava *fora de si em Corfu*. Ela diz coisas estranhas, como “a vaca foi pro brejo”. Seus cabelos são curtos e brancos como os pelos de Woof, e seu trabalho consiste em passar o dia todo acendendo uma lanterna dentro dos ouvidos e da boca das pessoas. Ela usa um pequeno crucifixo de ouro num cordão ao redor do pescoço, embora não seja mais católica, e eu nunca devo dizer o nome *Lawrence* diante dela, porque esse é o nome do marido que levou todo o seu dinheiro. Quando ela se mudou para a minha casa, a primeira coisa que fez foi colocar um cano de chuveiro atravessado no vão da porta de nossa sala de estar. Fiquei ali parado por alguns minutos, me perguntando se o cérebro dela havia escorrido pelos ouvidos durante a noite.

– É para isso – disse ela, quando entendeu por que eu estava tão intrigado. Segurou o cano com as duas mãos e começou a empurrar a cabeça para cima da barra com os braços. Fez isso três vezes, até eu notar que seus pés não tocavam o chão.

– Oh! – exclamei, embora ainda não entendesse para que ela fazia aquilo. Ela riu e desceu com um pulo, e quando me dei conta tinha prendido os dois pés por cima da barra e estava pendurada de cabeça para baixo como um morcego.

Esta manhã ela subiu ao meu quarto e bateu na porta, e, quando notei que ela não estava sem fôlego, eu lhe disse:

– Por que não está parecendo um cachorro velho?

Ela olhou para mim de modo engraçado e perguntou o que eu queria dizer. Eu lhe contei que mamãe sempre fazia um barulho assim (comecei a respirar com força *hah-hah-hah* com a língua para fora) quando subia os três andares de nossa casa. As linhas na testa de minha tia desapareceram e ela deu uma risadinha, depois flexionou os músculos dos braços, o que eu achei engraçado uma mulher fazer, embora fossem grandes e me fizessem pensar em cebolas dentro de uma meia.

– É isso que escalar muros três vezes por semana faz por você – disse ela, dando um tapa no braço.

– Escalar muros? – perguntei. – Pode me levar para escalar muros com você?

– Claro – disse ela, espantada. – Temos que achar um lugar aqui perto. Já faz tanto tempo que morei aqui que nem me lembro onde haveria um lugar para isso.

– Há um paredão bem na frente de nossa porta – eu lhe disse.

Ela revirou os olhos.

– Não é desse tipo de muro que estou falando, Alex. – Ela me olhou de cima a baixo por um longo tempo, os olhos arregalados. – O que, em nome de Maria e José, você está *vestindo*, Alex?

Olhei para minhas roupas. Eu esquecera de enrolar as bainhas das calças.

– Um terno?

Tia Bev riu muito alto, soando como uma coruja.

– Santo Deus, precisamos ir às compras, não?

Antes que eu pudesse responder, ela me arrastou escada abaixo para comer alguma coisa, mas não deixou que eu cortasse as cebolas, com receio de que eu me machucasse.

– Mas a vovó me ensinou – eu lhe disse, e repentinamente o sorriso desapareceu de seu rosto e ela olhou pela janela. Estava começando a chover.

– Sua mãe era mais feliz quando sua avó estava por perto? – perguntou ela muito serenamente.

Dei de ombros.

– Acho que sim. Embora vovó não gostasse de meu pai e isso deixava mamãe triste. – À lembrança de vovó, senti todo o meu corpo se retesar, ainda que não soubesse se era apenas o frio.

– Sinto muita falta da vovó.

– Eu também sinto a falta dela, Alex.

E, quando ergui os olhos, o rosto de tia Bev estava todo úmido e nosso hálito fluía no ar frio como fumaça.



## UM PREÇO ALTO E SILENCIOSO

### Anyia

Durmo até tarde e evito minha corrida matinal. Os músculos do meu pescoço, costas e pernas doem como se eu tivesse sido torturada a noite inteira, e quando olho pela janela está chovendo. Faço um esforço consciente para compilar minhas anotações de ontem e atualizar meus e-mails. Não retorno nenhum dos telefonemas de meus preocupados amigos, nem mesmo de Fi, minha melhor amiga desde a escola primária, que telefonou 19 vezes desde o aniversário da morte de Poppy e deixou quatro mensagens ordenando-me que lhe telefonasse de volta. Em vez disso, escondendo-me atrás da facilidade impessoal de apagar e-mails, copiando e colando a mesma mensagem “Olá, estou bem, sinto muito não ter podido atender” para cada um dos amigos que conheceram Poppy. Pedirei desculpas e me explicarei mais tarde. Primeiro, há a questão do Alex. Tomo um banho rápido e parto para o meu escritório. A arrumação da mudança vai ter que esperar.

Quando me mudei para Edimburgo para fazer medicina, as pessoas sempre perguntavam *Como foi crescer na Irlanda do Norte?*, às vezes com espanto e admiração, como se eu tivesse sido a primeira pessoa a fazer isso. Foi somente depois que fui embora que me dei conta do quanto esta minha terra natal tão branda, mas em outros aspectos tão dilapidada e volátil, parecia perigosa aos outros – como um amigo querido cujo traquejo social frequentemente lhe presta um desserviço aos olhos de estranhos.

De um ponto de vista profissional, as cicatrizes sociais da Irlanda do Norte são profundas, e não apenas através da psique daqueles que sofreram a violência em primeira mão. Apesar de os políticos estarem comemorando o que chamam de “paz”, aqueles de nós que trabalham nos bastidores não encontram paz alguma. A história de violência aqui em geral é medida em termos do número de mortos, mas há um outro preço silencioso e mais alarmante: uma em cada cinco crianças da Irlanda do Norte sofrerá importantes problemas mentais antes dos 18 anos, com estudos de caso assinalando automutilação como resposta ao confronto e vergonha pelo envolvimento familiar em violência. Eu compreendo que Michael queira manter Alex e Cindy como uma unidade familiar, mas não retornei à minha terra natal para perpetuar um sistema falho. Estou aqui para começar a reconstruir vidas.

Entro no estacionamento da Casa MacNeice às 8:59 da manhã. Por alguma razão, eu esperava ver o surrado Volvo de Michael estacionado na minha vaga, seu olhar tenso, pensativo, forçando-me a assinar o relatório de Alex como A-OK, como se ele tivesse passado em um exame de qualificação para uma vida familiar digna. Se ao menos fosse assim tão simples. Eu devia ter visto isso antes – Michael me vê como o inimigo. Ele quer me ter por perto, para ter mais chance de manter Alex fora – palavras de Michael – do “asilo de loucos”. E eu acho que é a esse respeito que Michael e eu temos um objetivo comum – a despeito de mim mesma, senti-me ligada a essa criança, senti algo muito familiar em sua difícil situação, algo visceral. E sinto que posso ajudá-lo – embora talvez não seja do modo que Michael deseja.

No meu escritório, aciono o interruptor da chaleira elétrica e inspeciono as poucas prateleiras de livros que finalmente consegui arrumar em minhas estantes. Meu acervo compreende revistas e livros de psiquiatria, obviamente, mas também literatura, textos de teatro e religião – a verdade a respeito da psique humana nem sempre reside nos tomos acadêmicos e factuais.

Enquanto folheio um punhado de livros velhos e amarelados de C. S. Lewis e John Milton, reflito sobre a alegação de Alex de que ele pode ver demônios. Desde o século I, os sintomas de mania e esquizofrenia estiveram estreitamente ligados a alucinações e manifestações sobre-humanas. Deus, anjos, super-heróis, mártires... Todos eles atuaram pelo palco da esquizofrenia em todos os delírios registrados nos últimos 2 mil anos. Pacientes que alegam ver demônios não são inteiramente incomuns, mas o caso de Alex me parece diferente. Ele alegou que um demônio era seu melhor amigo. E parecia saber a respeito de Poppy. No mínimo, um menino de 10 anos com tal capacidade de percepção é extremamente raro.

A chaleira vibra com o calor. A voz de Poppy trepida em minha mente: *Parece um buraco, mamãe. Um buraco em vez de uma alma.*

O interruptor vermelho dá um estalido.

Penso em Cindy no hospital – seu rosto magro, cansado, dominado pela exaustão de uma mulher talvez com o triplo de sua idade –, em como admitira que não se sentia bem. Faço algumas anotações referentes à maneira como Alex está lutando para entender seu lado escuro, e muito provavelmente o de sua mãe também. Faço outra observação para perseguir aspectos de vergonha e culpa em seu caráter; por que ele sente ambas e como posso ajudá-lo a compreender que esses são elementos naturais do seu ser. Como lidar com eles quando lhe causam raiva e automutilação potencial, assim como o risco que ele pode representar a outras pessoas. Ajudá-lo a compreender por que sua mãe recorre a pílulas e giletes toda vez que uma nuvem negra passa será muito mais difícil.

Olho fixamente para a minha página de rabiscos. No livro aberto ao meu lado, circulo uma passagem do *Paraíso perdido*, de Milton, não por causa de nenhum

*insight* que o texto me ofereça sobre a situação de Alex, mas porque ele me dá a esmagadora sensação de *déjà-vu*:

*A mente é seu próprio lugar e em si mesma  
Pode fazer um Céu do Inferno, um Inferno do Céu.*

Dou umas pancadinhas com minha caneta na mesa por alguns instantes, tentando me lembrar onde eu havia encontrado essa citação antes e por que me parecia familiar, e então tudo volta à minha mente. Foi um presente de um colega de trabalho durante meu primeiro ano de psiquiatria, quando as perguntas relacionadas ao comportamento de Poppy martelavam em minha cabeça, quando me sentia lançada além do meu ímpeto maternal normal de fazer tudo ficar bem em uma busca digna de uma Supermulher: fazer um Céu do Inferno de Poppy. Nunca aconteceu.

Isso não significa que *não possa* acontecer, lembrei a mim mesma. O Inferno em que os psicóticos vivem pode ser realocado, se não redecorado, por assim dizer. “Inferno” é quando nenhum tratamento é fornecido – ou o tipo errado de tratamento – e quando a mente é deixada livre para mergulhar dentro de si mesma sem uma intervenção adequada. Meus pensamentos retornam a Alex. Michael quer que eu escreva um relatório que lhe permita dar a Cindy e seu filho o tipo de apoio familiar que deviam estar recebendo há anos – aconselhamento, moradia melhor, assistência. Mas algo me incomoda. A voz de Poppy em minha cabeça se transforma na de Alex quando fala de Ruin: *Ele é o Alex ruim*.

Já houve alguma especulação nas observações de Michael de que Alex é bipolar, mas não estou convencida. Com um profundo suspiro, escrevo “Esquizofrenia?” no alto de minhas anotações, já que, em muitos casos, ela é praticamente excluída desde o começo com base em que o início da esquizofrenia em uma idade precoce afeta uma em cada milhão de crianças com menos de 12 anos. Alguns transtornos psicóticos podem ser resultado de abuso físico ou sexual na infância. Perguntarei pelo pai do menino e outros parentes que possam ter desempenhado um papel em sua vida até agora. A mãe teria tido amantes, e o quanto estiveram perto de Alex? Muitas vezes, as mães na posição de Cindy terminam usando seus amantes como babás: teria sido o caso? Abuso será minha principal área de investigação, apesar de eu precisar explorar o histórico de depressão de Cindy e seu impacto em Alex: algo muito mais difícil de investigar.

Primeiro, contato a escola de Alex e deixo um recado com a secretária para falar com a professora dele, Karen Holland. Em seguida, entro no Google com o nome da companhia de teatro a que Alex pertence – Companhia de Teatro Crianças Realmente Talentosas IN – e descubro um website sofisticado, com uma fotografia de dezenas de crianças reunidas em um palco, o rosto sorridente de Alex entre elas.

Sob o banner “Nossos Patrocinadores”, um amontoado de logotipos de importantes empresas da região. Ao lado do banner, vê-se uma mulher atraente com maçãs do rosto angulosas, um sorriso branco como uma fatia de melão e uma emaranhada cabeleira ruiva. Eu a reconheço como Jojo Kennings, uma atriz de seriado de TV que muito admiro. Como eu, Jojo nasceu em Belfast e retornou, após vinte anos em Londres, para fomentar a participação regional nas artes, recrutando a ajuda de celebridades, como Kenneth Branagh, para orientar as crianças na companhia de teatro. Sua paixão me impressiona, e sinto uma sensação de esperança por Alex estar envolvido no projeto. Digito uma mensagem na caixa de contato no website, apago e reescrevo uma que pareça menos formal:

Para: jakennings@rtktheatre.co.uk  
De: A\_molokova@casamacneice.nhs.uk  
Data: 8/5/07 9:21

Querida Jojo (se me permite),

Escrevo-lhe para perguntar se posso ter uma rápida conversa com você sobre uma das crianças envolvidas em sua produção de *Hamlet* em Belfast no mês que vem, Alex Broccoli. Sou psiquiatra consultora da equipe do Serviço de Saúde Mental da Criança e do Adolescente, na Casa MacNeice, e estou avaliando Alex à luz de algumas importantes mudanças em casa. Estou interessada em saber mais a respeito de seu envolvimento na peça e de seu comportamento geral. Seria possível combinarmos um dia/horário para nos encontrarmos?

Atenciosamente,  
Dra. Anya Molokova

Clico em “Enviar” e retorno às minhas anotações. Olho para a palavra “esquizofrenia” e suspiro. Tornei-me muito impopular em vários círculos por causa do número de crianças em que coloquei o rótulo de esquizofrenia de início precoce, como o adesivo Smiley de um dentista. *Como é possível que todas essas crianças estejam surgindo repentinamente?* é o comentário que sempre ouço nos congressos, ou, em outras palavras, por que o repentino aumento de casos? É porque crianças de até 3 anos de idade estejam realmente exibindo as marcas clássicas de esquizofrenia – grave confusão entre fantasia e realidade, variações extremas de humor, violência, distúrbios mentais, paranoia e experiências perceptivas incomuns – ou simplesmente porque médicas como eu tendem a definir um conjunto de distúrbios que possam ser apenas, digamos, características de uma criança fantasiosa ou meramente uma fase da infância?

A questão é que, quando se passa 18 anos de sua vida lidando com uma mãe esquizofrênica e 12 anos lidando com sua filha esquizofrênica, nenhuma das quais nunca foi adequadamente diagnosticada e tratada, você tende a priorizar o diagnóstico adequado do que é uma doença mental absolutamente horrível,

incapacitante e mal compreendida que destrói famílias com a força de uma bomba.

Meu computador emite um tom – a nota Si – que indica que um novo e-mail acaba de chegar. A remetente é Jojo Kennings:

Para: A\_molokova@casamacneice.nhs.uk

De: jakennings@rtktheatre.co.uk

Data: 8/5/07 9:25

Sim, sem problema – tenho um ensaio na GOH esta noite 4-5 da tarde – poderia falar com vc. imediatamente antes, OK?

JOJO xoxox

Consulto minha agenda. Pode ser. Envio uma resposta na mesma hora confirmando o encontro e perguntando se GOH significava Grand Opera House. Uma resposta vem imediatamente:

Para: A\_molokova@casamacneice.nhs.uk

De: jakennings@rtktheatre.co.uk

Data: 8/5/07 9:27

Sim, na Opera House. Vejo vc lá.

JOJO xoxox

Li apenas superficialmente sua resposta porque o som do e-mail chegando à minha caixa de mensagens fez retinir um outro som, seu eco se distanciando cada vez mais longe, cada vez mais longe no passado. A maldição do tom perfeito. No espaço de tempo de uma batida de coração, meus sentidos retornaram ao momento em que a tecla Si no piano do meu apartamento em Morningside foi tocada pela minha filha há quatro anos.

Com os olhos da mente, vejo os cabelos escuros de Poppy por trás da tampa marrom do piano de cauda pequeno, cantando a melodia mentalmente. Eu havia ensinado piano a ela, em primeiro lugar, como uma tradição familiar. *Você não é uma Molokova se não tocar piano*, costumava dizer minha mãe. Mas o interesse ocasional e superficial de Poppy por música – e, lamentavelmente, não era mais do que isso – obtive algo mais importante. Fez maravilhas em acalmá-la, em canalizar energias que de outra forma se tornariam agressão, em mantê-la concentrada por mais do que alguns poucos segundos. E ela adorava música.

– Tente uma nota mais alta, querida – digo, e ela ergue os olhos para mim.

– Obrigada, mamãe.

Posso ver seu rosto – em forma de coração, como o de minha mãe, olhos

pequenos e escuros de nosso antepassado chinês do lado do meu pai, e uma testa alta e intelectual que ela cobria meticulosamente com uma franja grossa e bem definida. Mesmo aos 12 anos, ela tem o ar de um espírito mais velho; uma alma oprimida por suas penetrantes percepções.

Vários meses antes, ela iniciara um programa intensivo de tratamento para EIP – esquizofrenia de início precoce – incluindo um período de residência em uma clínica psiquiátrica. Ela me odiou por isso. Mas, para meu alívio, começara a mostrar sinais de progresso desde a sua volta. Pela primeira vez em muitos anos, eu soube o que era ter uma filha “normal” – uma filha que me diz que me ama.

Entretanto, o treinamento ainda é necessário – olho através do espaço aberto da sala de estar antes de sair para preparar seu banho, avaliando cuidadosamente o aposento à cata de fios, qualquer objeto pontiagudo, quebrável ou inflamável. Poppy faz uma pausa, em seguida toca a tecla Si acima do Dó central outra vez para começar sua nova composição.

Posso ouvi-la cantando agora. Satisfeita por ela estar contente e calma, atravesso a cozinha em direção ao banheiro, fechando bem a porta atrás de mim antes de abrir as torneiras.

A água corrente abafa o som do piano e por um instante eu me pergunto se deveria voltar e verificar se ela está bem. *Ela está bem*, penso. *Deixe-a brincar*. Lembro-me das férias de verão que reservamos em Paris, da possibilidade de retomar suas aulas de piano com outro professor. Eu mesma tentara lhe ensinar, mas sempre terminávamos rindo.

Enquanto vasculho o armário do banheiro à procura da espuma de banho, tenho a sensação de um fluxo quente pela minha pele, infiltrando-se em meu coração, meus pulmões, dizendo-me que alguma coisa está errada. *Alguma coisa está errada*. Examino o conteúdo do armário acima da pia – nenhum remédio ou objetos cortantes. *Não há nada errado*, penso, e imediatamente me censuro por deixar minhas emoções ditarem a minha lógica. Era parte central da minha preparação – e essencial para o sucesso do tratamento de Poppy – que eu prestasse atenção à ciência, e não aos meus sentimentos.

Mas a sensação se torna mais forte, um instinto gritando-me que eu preciso voltar à sala e ver como Poppy está. Torço a torneira com força, fechando a água. Olho para meu reflexo no espelho do armário da pia, franzindo a testa para a feia cicatriz em meu rosto, ainda rosada e sensível, ainda recente demais para esconder. Uma brisa vinda de fora sopra meus cabelos pelo rosto, prendendo uns fios em meus lábios. Estico-me e fecho a janela.

*A janela.*

Naquele dia, o sol fizera uma rara visita a Edimburgo em toda a sua glória,

enchendo os jardins da rua Princes de operários em mangas de camisa e mulheres de óculos de sol, forçando-me a abrir a janela de nossa sala de estar para deixar entrar um sopro de ar fresco. Claro, a janela tem uma trava de segurança. E Poppy já dobrou uma página, sua psiquiatra me garantira. O tratamento está funcionando.

*A janela.*

Olho pela porta.

– Poppy?

Não se ouve nenhum som de sua música. Vejo a tampa do piano, brilhando com os reflexos azuis e cor-de-rosa das luzes da cidade. Ao longe, o Castelo de Edimburgo eleva-se no topo da rocha vulcânica negra, como se tivesse se formado do choque das placas tectônicas como um símbolo da vitória escocesa. Quando a medicação de Poppy a deixava fraca demais para subir a íngreme colina, eu lhe mostrava o castelo de nossa sala. Para ela, era mais do que belo. Era um símbolo de esperança.

Saio do banheiro para o estreito corredor que leva à ampla sala de estar. O longo sofá em forma de L está vazio, o abajur aceso no canto. Vejo movimento na janela, um lampejo de cortina branca.

– Poppy?

Ela está no parapeito, uma silhueta obscurecida pelo céu noturno, as pernas nuas curvadas junto ao peito. Fico alarmada.

– Poppy, não há necessidade de sentar tão perto – digo rapidamente. Venha, para trás. Você pode cair. – Meu coração para. – E por que a trava de segurança está aberta?

Dou um passo à frente, mas, quando o faço, ela balança as duas pernas para fora por cima da beirada e olha para mim, o rosto inexpressivo.

Meu coração ressoa no peito. Levanto as duas mãos em um gesto tranquilizador. Já não estou mais falando com uma menina de 12 anos. Estou falando com uma criança que sofre de esquizofrenia. Sua idade e nosso relacionamento mudam para um tipo diferente de foco à luz de sua doença: o importante nesta hora é mantê-la calma.

– Poppy – digo –, pode tocar sua música outra vez para mim?

– Alguém construiu uma ponte ontem à noite – diz ela, sorrindo. – De nossa janela até o Castelo de Edimburgo. É legal.

Estendo as mãos para ela.

– Está na hora de ir dormir – ouço-me dizer, embora minha voz soe muito, muito distante do pânico em minha cabeça. – Poppy, querida, venha, saia da janela.

Ela se inclina para frente, roçando a perna contra o ar frio, e eu grito.

– Mamãe, está tudo bem – diz ela. – Há uma ponte. É sólida, feita de ferro. Eu

não vou cair.

– Poppy, não há ponte nenhuma – digo com firmeza. – Venha para dentro.

Mas seu rosto mudou.

– Você não acredita em mim.

Minha mente busca alucinadamente algum modo de distraí-la.

– Entre e eu vou preparar seu jantar. O que você gostaria de comer? Pizza?

Estou caminhando lentamente em direção a ela, com cuidado para não investir e ela saltar do parapeito. Não há nenhuma sacada, nenhuma escada de incêndio – nada para interromper sua queda na calçada dez andares abaixo.

– Pizza, sim – diz ela, e sou tomada de alívio.

– Vou lhe dizer o que vou fazer – digo, hesitante, avançando pouco a pouco, passando pelo piano. – Vou preparar uma pizza de crosta de queijo, pepperoni e azeitonas se você entrar agora mesmo.

Estou bastante perto agora para sentir a corrente de ar frio da noite. Se eu me lançar para frente, há uma chance de poder agarrá-la.

– Eu a amo, mamãe – diz ela, sorrindo.

E então me arremeto para ela. Ela se inclina para frente e cai, cai nas profundezas escuras, e eu fico me debatendo com metade do corpo para fora da janela, gritando, estendendo os braços inutilmente para ela. Por uma fração de segundo, ela quase fica suficientemente perto da ponta dos meus dedos para eu poder agarrar sua mão. Mas, apesar dos meus esforços, ela já está fora do meu alcance e, por algum profundo instinto de sobrevivência, eu permaneço com metade do corpo dentro da sala, metade para fora da janela, gritando, chorando e estendendo os braços, enquanto minha filha diminui na distância.



## O FANTASMA

**Alex**

Querido Diário,

OK, então tenho uma nova piada que experimentei esta noite e todos riram, apesar de, segundo Jojo, ser politicamente incorreta. Há um irlandês, um inglês e um sujeito escocês lavando a lateral de um arranha-céu. Todo dia na hora do almoço eles se sentam na plataforma de seu andaime com vista para a cidade e comem seus sanduíches. Um dia, o inglês abre sua lancheira e fica realmente furioso. “Presunto *outra vez!*”, diz. “Se a minha mulher me mandar mais um sanduíche de presunto, vou me atirar deste andaime.” O sujeito escocês abre a lancheira e encontra um sanduíche de queijo. “Sanduíche de queijo *outra vez!*”, diz. “Se a minha mulher me mandar mais um sanduíche de queijo, *eu* vou me atirar deste andaime.” O irlandês abre a lancheira e encontra um sanduíche de atum, e *ele* ameaça se atirar também.

No dia seguinte, o inglês abre a lancheira e encontra um sanduíche de presunto. “Pronto, agora chega”, diz, e se atira do andaime.

O sujeito escocês abre a lancheira e encontra um sanduíche de queijo, e se atira do andaime. O irlandês encontra um sanduíche de atum e grita “Mulher idiota!”, e se atira também.

No funeral, as mulheres do inglês, do escocês e do irlandês consolam-se umas às outras. “Eu pensei que ele *adorasse* presunto”, disse a mulher do inglês. “E eu pensei que meu marido adorasse queijo”, disse a mulher escocesa. “Eu não compreendo”, soluçou a mulher irlandesa. “Ele sempre preparava seu próprio almoço.”

Jojo disse que não gostou da piada, mas depois disse que as sugestões sinistras, na verdade, provavelmente combinavam com outras semelhantes em *Hamlet*. Ela disse que é importante que a gente conte nossas próprias piadas porque a comédia é uma forma de resolver coisas que nos incomodam. Eu disse a ela que eu não gostava de presunto, nem de queijo nem de atum, então não acho que eu esteja realmente resolvendo alguma coisa.

Mas esta noite algo estranho aconteceu, e não foi somente porque Anya estava lá

ou porque Katie McNerny me beijou.

Esta noite foi o ensaio geral de *Hamlet* e eu estava muito surpreso e contente, mas também nervoso, porque quando cheguei vi Jojo conversando com Anya. Anya pareceu muito feliz ao me ver entrar, seus olhos se arregalaram e seu sorriso era enorme e vermelho, porque estava usando batom. Estava bonita. Pude ver seu colar de prata – o que diz às pessoas que ela adormecerá se comer amendoins – brilhando à luz do refletor, já que o técnico, Terry, é uma droga e está sempre apontando os refletores na direção errada.

– Olá, Alex – disse-me Anya, e Jojo disse:

– Que sorte você ter uma tiete, hein, Alex? Um sinal do que está por vir.

– Anya é uma psiquiatra, não uma tiete – eu disse, e Jojo pareceu não saber o que dizer, o que achei interessante, porque Jojo *sempre* sabe o que dizer. Jojo é alta e magra, e sempre usa uma malha de ginástica cor-de-rosa berrante, leggings com tornozeleiras pretas de lã e uma enorme jaqueta militar que serve para três pessoas. Ela fala como se estivesse lendo o noticiário das dez horas na TV, apesar de ser do norte de Belfast, e é realmente supersticiosa a respeito de coisas, como dizer a palavra “Macbeth” no palco e colocar nossos sapatos na mesa do camarim e esquecer falas durante os ensaios. Se algum de nós esquecer nossas falas, devemos *improvisar*, ela diz, e não ficar lá parado sob os refletores com a boca aberta como um idiota. Fiz um sinal com o polegar para cima para Jojo e Anya e elas sorriram em resposta.

Larguei minha mochila no vestiário e vi que Katie McNerny estava no vestiário masculino outra vez, que ela diz ser importante, porque está fazendo o papel de um garoto, o que é estranho. Katie é dois anos e um mês mais velha do que eu, porém 19 centímetros mais alta. Um pouco mais alta estaria bem, mas 19 centímetros é como se ela fosse meio gigante. O que é realmente chato é que ela nunca traz seu roteiro e sempre pede para usar o meu, e eu não posso nem abrir uma lata de Coca-Cola sem que ela queira um pouco. Aposto 1 milhão de pratas como esqueceu a chave de seu armário esta noite e quer usar o meu.

– Oi, Horácio – disse ela quando entrei no vestiário.

– Oi, Hamlet – respondi, e notei que ela estava usando uma atadura branca em volta do pulso direito. – Fez isso na esgrima? – perguntei.

Ela olhou para baixo como se tivesse esquecido que estava com o pulso enfaixado. Que idiota.

– Não – disse ela. – Não foi na esgrima. – Seus olhos ficaram tristes, com aquela expressão que eu costumava ver mamãe olhar para meu pai, como se houvesse algo que ela quisesse dizer, mas na verdade quisesse que eu adivinhasse em vez de contar logo. Detesto esses joguinhos.

Nesse momento, Ruen apareceu. Ele era o Velho outra vez, baixo e careca, o rosto todo torcido e amarrotado como papel embolado. Eu podia até sentir o cheiro de seu asqueroso paletó de tweed. Tem cheiro de cachorro molhado, morto há mais de dez anos.

– Você está bem? – disse Katie.

– Quer usar meu armário? – eu disse. Tinha que me livrar dela e descobrir por que Ruen estava ali. O rosto dela se iluminou como uma árvore de Natal.

– Sim, seria ótimo... – E ela se inclinou e fez menção de me beijar, mas eu virei o rosto, de modo que ao invés de beijar meu rosto, ela beijou minha orelha. Ninguém nunca beijou minha orelha.

Tirei a chave do meu bolso e enfiei-a em sua mão machucada; ela deu um gritinho, mas eu não pedi desculpas, porque Ruen estava se afastando. Corri atrás dele. Ele dirigiu-se ao palco e olhou para cima.

– O que foi? – perguntei.

– Olhe, seu tolo. Use os olhos que Deus lhe deu – disse ele com desdém. Então, olhei para cima e vi Terry, o técnico, tirando os velhos parafusos soltos do grande refletor de bronze enquanto segurava os novos parafusos na boca.

– Má ideia um rapaz com distúrbio de déficit de atenção estar mexendo no cenário, não acha? – disse Ruen, cruzando as mãos nas costas.

– E daí? – sussurrei, com cuidado para não deixar ninguém ver minha boca se mexendo. Vi Anya lá embaixo, mas não disse nada, apesar de ver Ruen olhando-a fixamente. – E daí? – perguntei de novo.

Ruen parecia estar planejando algo.

– Bem. Ele pode se distrair facilmente. A mãe de Katie não faz sempre um grande estardalhaço no final, subindo ao palco e abraçando-a diante de todo mundo?

Pensei naquilo. Tem alguma coisa na mãe de Katie que eu não gosto. É sempre ela quem bate palmas mais alto quando vem ver Katie, mas seu sorriso é falso e às vezes ela cheira a álcool. E, apesar de ela ser pequena e trabalhar como inspetora na escola, Katie parece ter medo dela.

– Não vou fazer isso – eu disse a Ruen.

– Como queira – disse ele, afastando-se. – Mas ouse dizer que Katie vai perder a grande noite de estreia.

Minhas pernas pareceram geleia por um total de nove segundos. Fiquei olhando Ruen se afastar e abri a boca para gritar, porque compreendi o que ele queria dizer de repente, como se alguém tivesse despejado um balde de gelo pelo colarinho nas minhas costas. Ele quis dizer que, se eu não fizesse alguma coisa à mãe de Katie, a mãe dela iria feri-la de propósito para que ela não pudesse vir atuar.

Nesse mesmo instante, vi Jojo acenando o braço para mim, como se estivesse

limpando janelas altas demais para alcançar. Pestanejei.

– Ah, voltou para nós, não? – disse ela, embora eu não tivesse ido a lugar nenhum.

Balancei a cabeça.

Ela riu.

– Tem uma piada nova para a cena de rap, Alex?

Respondi *Hum-hum* e tentei lembrar-me dela. Conteí a piada, embora de repente tenha sentido que a palavra “irlandês” soava estranha naquele lugar, e Jojo não estava rindo como normalmente fazia. Lembrei-me da ocasião na semana passada, quando ela passou pela minha casa para me pegar para o ensaio, mas em vez disso teve que telefonar chamando uma ambulância para mamãe. Pensei em como sua mão tremia quando tentava encontrar o pulso de mamãe.

Jojo gritou para que todos nós nos reuníssemos para repassar o terceiro ato. Corri atrás de Ruen.

Ele estava nos bastidores agora, seu rosto nas sombras.

– Você poderia ajudar Katie a sair dessa, hein? – disse ele calmamente. – Tudo que você teria que fazer seria gritar para Terry no momento exato.

Eu podia sentir meu coração batendo muito rápido. *Tum-dum, tum-dum, tum-dum.*

– Alex? – ouvi Jojo dizer.

Aproximei-me mais de Ruen.

– Mas isso não iria ferir a mãe de Katie?

Os olhos de Ruen eram como minúsculas faquinhas em seu rosto horrível. Ele sorriu.

– Mas *ela* não fere Katie?

– Alex!

Girei nos calcanhares e corri de volta pelo palco para assumir minha posição. Jojo veio em minha direção, os olhos me observando estranhamente, e eu comecei a ficar em pânico, com medo de que ela tivesse visto Ruen. Ela inclinou-se diante de mim e perguntou:

– Você está bem, Alex?

Balancei a cabeça como se definitivamente estivesse bem.

– Tem certeza?

Meu sinal com a cabeça dizia que eu estava *absolutamente* OK. Jojo sorriu e começou a pular, batendo as mãos acima da cabeça.

– OK! Novo plano, todo mundo. O diretor da Opera House me disse que temos

um pouco mais de tempo esta noite, então vamos *repassar* do começo e aparar as arestas.

Algumas pessoas resmungaram, outras gritaram *Viva!*. Se íamos repassar desde o início, então eu era o primeiro. Tentei me lembrar da nova piada que queria contar, mas ela não me vinha à mente. Eu sentia como se meu cérebro tivesse se transformado na sujeira que às vezes eu tiro do tubo de um aspirador de pó.

E então Ruen voltou, mas ele não era mais o Velho. Era o Menino Fantasma e, quando atravessou o palco, virou-se para mim, me deu um sorriso e seus olhos eram negros. As luzes diminuíram e tudo ficou escuro até meus olhos se adaptarem. Gareth e Liam irromperam no palco, com armas, na direção de Ruen, e eu quase gritei, achando que iriam se chocar com ele.

– Quem está aí? – gritou Liam. A máquina de fumaça começou a destilar um manto de névoa prateada. Um projetor acima de mim começou a zumbir, mas um segundo depois James aumentou a música para encobrir o ruído. O projetor lançou um filme de um homem – que é um dos amigos famosos de Jojo – na parede bem atrás de Liam. A projeção era sombreada, ficava difícil ver o rosto do homem e ele realmente parecia um fantasma. Ele caminhava, mas nunca se aproximava. Liam não o via.

Era minha vez. Dei um passo à frente e atravessei as cortinas pretas da lateral do palco.

– Mas que conversa é essa de fantasmas? – eu disse com voz forte, e Gareth e Liam quase morreram de susto.

– Achamos que era você – disse Liam. Ele girou nos calcanhares, apontando a arma para o vazio. – Já é a segunda noite seguida que vemos esta... *coisa*.

– Coisa? – eu disse, e conforme Liam me falava do fantasma, a névoa ficava mais densa. Ruen estava do outro lado do palco, bem ao lado da projeção do fantasma. Só estava lá parado, com um sorriso falso. E então sua voz apareceu em minha cabeça.

*Alex*, ele disse.

Pisquei, tentando ignorá-lo. O fantasma se virou e começou a andar de novo, mas parecia que ele realmente vinha em nossa direção.

– Sim, esse fantasma, demônio, o que quer que o chame – disse Liam com medo, errando um pouco sua fala. – Vai achar que sou louco, mas acho que ele se parece com o rei morto.

Dei um passo para o lado de Liam, lembrando-medo que Jojo dissera sobre sempre manter os ombros virados para a plateia. Eu sabia minha fala, já que é importante, pois foi tirada diretamente da peça de Shakespeare e Jojo disse que era *vital para os homens do dinheiro que mantivéssemos um pouco de Shakespeare na*

peça, e assim fiz questão de decorar aquelas partes realmente bem.

– Ele me atormenta de medo – eu disse, mas minha voz soou realmente distante.

Liam olhou para a projeção do homem caminhando em nossa direção e, enquanto ele caminhava, Ruen começou a andar ao seu lado também e eu me senti zozzo com a visão dupla. Liam começou a gritar e a música ficou mais alta, soando como as batidas de um coração – *tum-dum, tum-dum, tum-dum* – e eu deveria erguer minha arma de mentira e apontá-la. Mas, em vez disso, baixei os olhos para ela em minha mão e, quando ergui os olhos para Ruen, de pé a uns 3 metros de distância, vi que ele também tinha uma.

– Não – eu disse, e ele riu. A arma brilhou sob a luz dos refletores. A música ficou mais alta. Alguém gritou.

Ruen ergueu sua arma e apontou-a para Liam, e eu senti o estampido da arma nas minhas entranhas. A cabeça de Liam saltou para trás violentamente. O sangue esguichou de sua testa. Ele caiu no chão.

– Liam! – gritei, e corri para ele, caindo de joelhos ao lado de seu corpo. O sangue jorrava e fazia uma poça brilhante ao redor de seus braços, mas não era realmente vermelho como nos filmes. Era preto.

Então, a música parou e as luzes acenderam.

Olhei ao redor. Ruen não estava lá e a projeção parecia menos fantasmagórica e mais como um vídeo caseiro contra a parede no palco. Liam inclinou-se para frente e vi que não havia nenhum sangue em seu corpo. Ele me olhou de maneira esquisita.

– Você está tremendo – disse ele enquanto se sentava, e eu ia responder, mas arquejava com tanta força que não conseguia formular nenhuma palavra.

Jojo correu no palco e parecia realmente abalada.

– Alex! – exclamou ela. – Isso foi *brilhante*! Tão real, tão convincente! Você simplesmente inventou isso na hora?

– Eu... eu... – Era tudo que eu conseguia dizer e, em seguida, vi a arma em minha mão e larguei-a. Jojo usava as mãos para falar com a equipe da iluminação.

– Vamos fazer de novo. A mesma coisa, outra vez, Alex – disse ela, mas eu sacudi a cabeça.

– Eu não quero. – Sentia-me sujo, horrível, como se precisasse de um banho realmente quente.

Jojo ergueu os olhos.

– Você está bem?

Sacudi a cabeça, dizendo que não.

– Preciso ir – eu lhe disse, e ela assentiu, como se compreendesse.

– OK, todo mundo, de volta ao Plano A. Terceiro ato. Preparem-se! – Murmurei “Obrigado” para Jojo, seguido de “Desculpe-me”. E ela me disse:

– Está tudo bem, Alex, tenha calma.

Mas eu já estava correndo para fora do palco e abrindo meu armário, e, quando cheguei em casa, sentei numa banheira de água quente até meus dedos ficarem cor-de-rosa e enrugados.

## CAÇA AOS DEMÔNIOS

### Anya

Ontem tive a oportunidade de me encontrar com Jojo Kennings e ver um ensaio da adaptação de *Hamlet* que ela vai apresentar na Grand Opera House, dentro de duas semanas. Alex parecia à vontade, ainda que um pouco tímido, embora eu o tenha visto lançar um sorriso radiante para mim, uma ou duas vezes, quando Jojo aplaudia seus esforços. Admito que fazia muitos e muitos anos que eu não entrava na Grand Opera House – minhas lembranças ainda estavam bem frescas de quando cerraram as cortinas e programaram a demolição do belo prédio no auge dos conflitos. Jojo também se lembrava disso.

– Foi uma das razões para eu ter feito tanta força para realizar este projeto – disse ela, durante uma breve turnê pelo auditório e pelo palco.

Um adolescente tentava reposicionar um refletor no alto e, apesar de Jojo assegurar-me de que ele tinha o treinamento e o equipamento adequados para ficar pendurado precariamente de uma altura de quase 10 metros, os ruídos e estalos me faziam olhar frequentemente para cima.

Segui Jojo pelos degraus estreitos do balcão nobre para a frente do palco. Uma adolescente com uma longa peruca cor-de-rosa e um conjunto esportivo de calças e casaco – Bonnie, Jojo me disse, que fora escalada como Ophelia – correu até Jojo e pediu-lhe dinheiro trocado para a máquina de venda automática. Jojo suspirou e enfiou a mão no fundo do bolso de seu enorme casaco.

– Pronto, toma – disse ela a Bonnie, que franziu o nariz ao sorrir.

– Não conte aos outros, hein?

– Você dá dinheiro às crianças? – perguntei a ela, depois que Bonnie se afastou.

Jojo deu um suspiro dramático.

– Não consigo evitar, eles começaram a parecer mais minha família do que meu elenco. – Ela parou e olhou para o teto ornamentado acima de nós. – Nenhuma dessas crianças lembra-se de nada mais distante do que o Acordo de Belfast, e a maioria de suas vidas em casa é tão animada e interessante que o mundo lá fora é estranho e insignificante. Elas não têm contato com seu legado.

Eu achava que havia um pouco mais em sua iniciativa e entusiasmo pelo projeto



além de legado – o poder que reside em proporcionar às pessoas os seus sonhos, por exemplo.

– E quanto a Alex? – perguntei. – Por que o escolheu para este projeto?

– O talento é algo difícil de colocar em palavras – disse ela, abaixando-se para pegar um microfone abandonado. – Mas Alex tem um dom. Tem uma maneira de enxergar bem dentro da alma humana, embora eu ache que ele nem sabe disso.

– Como assim?

Ela sacudiu o pó do microfone.

– Apesar da pouca idade, Alex tem a capacidade de perceber o angelical e o demoníaco em um ser humano. Ele vê o bom e o mau e compreende muito mais do que a média dos garotos da idade dele. – Fez uma pausa. – Embora agora eu sinta que sei um pouco mais por que isso é assim.

– Como ele se acostumou a trabalhar em grupo com outras crianças? Houve alguma briga? Explosões de raiva?

Ela olhou para mim intensamente.

– Tivemos uma equipe de assistentes sociais aqui nas primeiras semanas. Você conheceu Michael, não?

– Claro.

– Ele sempre vem ver como Alex está indo, se certificar de que ele está às mil maravilhas. E os pais são sempre bem-vindos. – Ela relanceou o olhar por um punhado de homens e mulheres sentados no fundo do auditório. – A mãe de Alex nunca veio. E para responder sua pergunta, Alex tem sido o mais cordial, o mais afável do grupo. Eu fiquei muito preocupada quando encontrei a mãe dele naquele estado, é claro. Eu nem havia percebido que ele tinha um problema até... – Ela baixou os olhos. – Até o seu e-mail.

Pude ver que meu e-mail a perturbara. De repente, seu plano de pegar os diamantes brutos de Belfast e colocá-los sob os refletores revelara uma falha – e se um deles tivesse um colapso na noite de estreia?

Nesse momento, Alex surgiu no palco, diretamente embaixo do refletor, que começava a soar como se fosse cair a qualquer minuto. Jojo protegeu os olhos e ergueu o rosto para o rapaz entre as vigas do teto.

– Tudo bem aí em cima?

Uma voz gritou para baixo:

– Já consertei.

– Mais uma coisa – eu disse rapidamente. Ela fixou um par de olhos prateados em mim. – Pode me dar uma cópia do roteiro?

– Claro. – Correu para os bastidores e retornou dois minutos depois com um maço de papéis brancos enrolados. – Aqui está. – Ela parou, nervosa pela primeira

vez durante nosso encontro. – Acha que pode consertar isso?

– Consertar o quê?

Ela agitou os dedos como se “isso” fosse um conceito etéreo.

– O que quer que seja que esteja incomodando Alex.

Balancei a cabeça e ergui o roteiro que ela me dera.

– Isso é maravilhoso, muito obrigada.

Alex olhou intensamente para Jojo.

– Podemos começar outra vez?

Ela me lançou um sorriso.

– Está vendo? Ele *nasceu* para o palco.

Então, ela bateu palmas e gritou:

– Todos de volta para o terceiro ato!

Agradei a Jojo por sua atenção e acenei para Alex. Ele estava parado absolutamente imóvel no centro do palco, iluminado pelo refletor, os olhos fixos à sua frente.

Passei o restante da noite lendo o roteiro de Jojo. De minha limitada lembrança da peça original – sobre um jovem príncipe devastado com a morte do pai e com o apressado casamento de sua mãe viúva – pude identificar aquelas partes da peça que Jojo havia mantido intactas e aquelas que havia adaptado para tecer comentários sobre a Belfast contemporânea. Algumas das alterações mais grosseiras – “Lutar, ou não lutar”, Hamlet diz em determinado momento – me fizeram estremecer, mas foram as partes do original mantido que me fizeram questionar se a participação de Alex na peça não estaria lhe causando mais danos do que benefícios. Ele se mostrava confiante e convincente no palco, quanto a isso não havia dúvida.

Mas houve uma cena que me deixou intrigada, uma cena que facilmente poderia perturbar o senso de realidade e fantasia de um menino: quando Hamlet e Horácio veem o ameaçador fantasma do rei morto, Horácio grita: “Ele me atormenta de medo e espanto”, comparando-o a um demônio. “Eu juro”, Horácio acrescenta na versão de Jojo, “que não acreditaria que eu podia ver esse demônio sem a sensata e verdadeira garantia de meus próprios olhos.”

As razões para a presença de Ruin na vida de Alex estão se tornando mais claras. Mas as respostas para sua erradicação ainda não estão nítidas.

Assim, a tarefa de hoje é me aventurar até a casa de Alex e conhecer sua tia Beverly, bem como dar uma olhada no entorno imediato de Alex. Nunca fico satisfeita com a imagem de um paciente que uma avaliação geral me proporciona: Poppy era muito mais do que o indivíduo que ela retratava nas entrevistas psiquiátricas. Cheia de

vivacidade nas Highlands escocesas, confiante e atenciosa no Trono de Arthur, ela era o produto de seu ambiente. De certa forma, vejo-me considerando a insistência de Michael para que Alex fique em casa, em um lugar onde ele obviamente se sente seguro e mais à vontade. Mas eu aprendi que há maneiras de fazer a transição de casa para a unidade de internação de uma maneira muito mais suave, se a pessoa se der ao trabalho de compreender exatamente de onde o paciente veio.

Coloco meu talismã e me dirijo à cidade a pé. Chego ao mercado St. George, perto do litoral de Belfast, antes do meu telefone tocar. É Michael. Penso em desligar. Sinto-me pouco à vontade de revê-lo, por causa de nosso conflito a respeito de Alex. Olho para o meu telefone por um instante, em seguida pressiono “Atender” na tela.

– Puxa, como você anda depressa – diz Michael do outro lado. Está ofegante e eu posso ouvir o zumbido do tráfego ao fundo.

– Onde você está?

– Pode esperar aí onde está por um segundo? Já estou quase chegando.

Olho ao meu redor. Uma figura alta, de cabelos louros, em uma capa de chuva preta enfunada pelo vento acena do outro lado da rua. É Michael. Franzo a testa e aceno de volta. Quando o sinal abre, ele atravessa a rua apressadamente, o rosto radiante. Muito diferente de nosso encontro no hospital. No entanto, quando se aproxima, seu sorriso se desfaz em um ar de preocupação, depois em uma expressão de desculpas. Estende a mão e, quando a aperto, ele me puxa delicadamente em sua direção, depositando um leve beijo em meu rosto.

– Como vai? Melhor do que da última vez que a vi?

– Muito. – Balanço a cabeça.

Seus olhos me examinam.

– Olhe, sinto muito pelo... bem, por ter ficado tão esquentado.

– Sei que este caso é importante para você. E devo tranquilizá-lo de que só quero o melhor para Alex.

Ele balança a cabeça.

– Sei que as coisas provavelmente deviam parecer muito mais simples em Edimburgo. Mas aqui é diferente. Nenhuma das crianças que eu acompanhei que foram separadas de sua família se saiu particularmente bem...

Começamos a caminhar, a voz dele abafada pela agitação dentro do mercado. Pegamos uma rua lateral em direção ao prédio da prefeitura, onde um homem entretém os transeuntes com suas exposições. Michael para para atirar algumas moedas no pequeno gorro vermelho no chão. Em consequência, ele sobe dois pontos no meu conceito.

– Talvez você não tenha me ouvido quando eu disse que não tinha nenhum

interesse em separar Alex e Cindy – eu disse afavelmente. – E falava sinceramente. Mas um período na Casa MacNeice garantiria que Alex recebesse o tratamento certo...

Michael olha para frente, as mãos enfiadas nos bolsos.

– Gato escaldado tem medo de água fria, eu acho – diz ele.

– O que quer dizer?

Ele hesita, tocando o canto da boca, pensativo.

– Havia um sujeito que trabalhava lá havia alguns anos, a mesma função que a sua. Manson. Um dos meus casos era uma menina de 12 anos. Nina. Uma garotinha loura e linda. Tinha síndrome de Asperger e também uma doença rara chamada queimaduras de Cigarro. Seu pai até confessou. A mãe expulsou-o de casa, nos implorou para deixarmos Nina ficar com ela. Mas assim que Manson terminou o tratamento de Nina, ele a enviou para um lar adotivo.

Chegamos ao fim da rua secundária, a barulheira do tráfego da cidade aproximando-se. Paro para deixá-lo terminar.

– Ela voltou a ficar com a mãe?

– Sim, mas houve muito sofrimento desnecessário por causa disso. E acho que sou um cético, de qualquer modo. Acho que muitas dessas crianças inventam as coisas para obter atenção.

É nesse ponto que meu coração se aperta. A equipe envolvida em avaliar as necessidades de Alex consiste em um terapeuta ocupacional cômico, obcecado por rosquinhas, Howard Dungar, que permanece na maior parte das vezes como uma assinatura secundária no relatório; Ursula, cuja presença no caso é surpreendentemente na forma de um silêncio pétreo de desaprovação nas reuniões, a cabeça inteiramente voltada para o caso de sua aposentadoria; e Michael, o cético, que não acredita no que eu faço.

– Bem, e o que você está fazendo aqui? – diz ele, visivelmente forçando um sorriso.

Avanço na direção da rua principal, esperando um intervalo no fluxo de veículos.

– Fazendo um passeio turístico.

– Passeio turístico? Pensei que você tinha crescido em Belfast.

– Caçando demônios, então – eu disse com um sorriso. – Estou investigando o ambiente de Alex.

Nesse instante, ele dá um passo para a rua, estica o braço e em poucos segundos estamos ambos entrando em um táxi.

– Siga em frente, por favor – diz ele ao motorista.

– Onde estamos indo? – pergunto a Michael.

Seus olhos verdes estão sérios, graves.

– Você disse que queria caçar demônios. Estamos caçando demônios.

O táxi faz a volta em frente ao prédio da prefeitura e nos leva para fora da cidade, seguindo por uma rua congestionada, com grandes murais de ambos os lados, alguns se estendendo por três ou quatro paredes. Michael se inclina sobre mim, examinando a fileira de lojas e casas.

– A antiga escola de Alex fica por aqui – diz ele.

– Estamos indo à antiga escola de Alex?

Ele sacode a cabeça. Sinto um leve aroma de loção após barba quando ele se aproxima. Há cheiro de tabaco também, desprendendo-se de sua roupa. É estranhamente reconfortante.

– Este é o caminho que ele costumava fazer a pé para ir à escola. Olhe.

Ele toca o ombro do motorista de táxi e lhe pede que pare. Lá fora, ele atravessa a rua com uma rápida corrida, na direção de um dos maiores murais. Este tem um enorme oval no meio, onde estão pintadas as palavras FORÇA VOLUNTÁRIA DO ULSTER – por Deus e por Ulster. Há cinco rostos identificados pelo nome acima e quatro figuras brandindo armas embaixo, sem feições, completamente vestidas de negro. Uma outra figura me deixa estupefata. É um demônio segurando uma arma, arreganhando os dentes para o espectador e andando em cima das sepulturas de republicanos mortos.

– Nunca tinha visto isso antes?

– Há murais por toda a cidade. Já vi dezenas como este.

– Mas não com demônios, não é?

Levanto os olhos para o mural acima de mim. Não há como negar que uma imagem tão surpreendente vista diariamente por um menino sugestionável poderia causar um impacto.

– E há mais – diz – Michael, tocando meu braço e voltando para o táxi. Dentro do táxi, ele inclina-se para o motorista e dá instruções. O motorista faz uma brusca curva em U e nos leva por ruas que mostram Belfast no processo de sua reconstrução: edifícios velhos, cobertos de grafite, a caminho da demolição, despejando o conteúdo de seus aposentos interiores como se um machado gigante os tivesse cortado ao meio; prédios menores, mais novos, com revestimentos metálicos e trabalhos artísticos na fachada. Ainda não sei ao certo se isso é bom ou não.

Finalmente, paramos em frente a um pub em uma rua movimentada, provocando algumas buzinas furiosas atrás de nós.

– Venha comigo – diz Michael, saltando do carro e correndo para o outro lado, para me ajudar a sair. Apesar de mim mesma, fico enternecida pelo seu cavalheirismo.

– O que você acha? – diz ele, balançando a cabeça para a parede à minha frente.

Outro mural. Desta vez, é um retrato do tamanho da parede de Margaret Thatcher. Só que seus olhos são vermelhos e o sangue escorre pelos cantos de sua boca. Outro demônio.

– Posso fazer uma pergunta pessoal? – diz Michael, estendendo a mão para o açucareiro. Estamos em um café em Waterfront, com vista para o rio Lagan e os costumeiros bandos de pássaros que voam em círculos ao redor da ponte Albert. Um café no fim da tarde é o mais longe que me permito ir em um relacionamento profissional.

Mexo meu café e observo, surpresa, enquanto Michael despeja açúcar no seu sem restrições.

– Prossiga.

– O que a fez querer se tornar uma psiquiatra infantil?

Tomo um bom gole. O café está quente demais e eu faço força para não cuspi-lo.

– Você diz isso como se eu fosse uma domadora de leões.

– Mas não está muito longe de ser – diz ele, rindo. Recoloca o açucareiro na mesa.

– Essa é a concepção mais comum, não é? Que nós psiquiatras estamos todos tentando domar a imaginação desenfreada de crianças prejudicadas...

– Não, é só que... – Ele afrouxa a gravata com um rápido movimento do polegar por baixo do nó verde em sua garganta. – Meus pais me mandaram para um psiquiatra quando eu era pequeno. Desde então, esta profissão me deixa apreensivo. – A admissão o faz limpar a garganta e cruzar as pernas.

– Apreensivo no sentido de que não acredita que eu possa ajudar Alex?

Ele me lança um olhar incisivo.

– Não, eu acredito. É que... Bem, minha opinião sobre tratamento é um pouco mais baseada na teoria de que a medicação só funciona a curto prazo. No final das contas, se quisermos garantir que Alex tenha um futuro na sociedade, acredito que tenhamos que trabalhar com ele e Cindy. E sua tia Bev. Acredito que Bev vá desempenhar um importante papel na vida dele agora.

– Ela não tem que retornar a Cork?

– Você não respondeu minha pergunta.

Retomo minha linha de pensamento.

– Oh, é uma longa história. A versão curta é que eu consegui uma bolsa de estudos para a faculdade de medicina, depois mais financiamento para me especializar em psiquiatria infantil.

– Duas bolsas de estudo?

– Três, na verdade. – Normalmente, costumo me subestimar, mas não em relação

às minhas bolsas de estudo.

– Três?

– Eu cresci em Tiger’s Bay.

Michael solta um assovio de surpresa e ergue as sobrancelhas, e eu me sinto encorajada com sua reação. Tiger’s Bay não significava nada para ninguém em Edimburgo. Para um garoto de Belfast, significa algo como o Bronx, na cidade de Nova York, ou South Central, em Los Angeles. Significa que, muito provavelmente, eu devia ter acabado na outra ponta da escala social. A verdade é que minha infância me deu uma grande dose de amor-próprio. Ou seja, o que era preciso para sair de lá.

– Mas como uma garota de Tiger’s Bay acaba se tornando uma psiquiatra infantil? – Michael pressiona os dedos contra a cabeça como se tentasse impedir que explodisse.

– O governo gostava de dar a crianças de famílias de apenas um pai ou uma mãe uma vantagem competitiva para a escola secundária. Bolsa de estudo número um. Depois, o diploma de medicina na Universidade de Edimburgo, bolsa de estudo número dois. Seguida de uma bolsa de estudo para a formação em psiquiatria infantil.

Ele sacode a cabeça sem conseguir acreditar.

– Se esta é a versão curta, mal posso esperar para ouvir a longa.

Passo a mão pela minha cicatriz sem me dar conta. Ele nota.

– A versão longa tem alguma coisa a ver com a cicatriz? – pergunta ele, meio de brincadeira. Quando hesito, seu sorriso se desfaz.

– Desculpe-me, foi indelicadeza perguntar.

Antes que eu possa responder, uma garçonete se aproxima, perguntando se queremos mais alguma coisa para comer ou beber. O café começa a se encher de casais de namorados, amigos se encontrando para beber algo depois do trabalho. Michael levanta a mão para indicar que estamos bem só com café. Parece horrorizado consigo mesmo pela referência à minha cicatriz, uma expressão mortificada tão intensa por causa de sua indelicadeza que eu imediatamente deixo o comentário passar com uma sensação de alívio.

Eu tenho uma história muito ensaiada, muito convincente para essa cicatriz. É tão profunda e situada num lugar tão estranho, da minha face ao meu pescoço, que a maquiagem não a esconde completamente. Foi por essa razão que deixei meus cabelos tão compridos, embora desde que fiz 40 anos as pontas tenham começado a ficar ralas. Cada vez mais eu uso essa mentira quando meu cabelo não consegue esconder a cicatriz. A mentira que inventei – que gira em torno de um infeliz acidente com coral quando mergulhava em Fiji – evoca outras perguntas (*Fiji é*

*bonita? Então, você mergulha? Que tipo de coral? etc.)* que desviam a conversa inteiramente da verdade e a colocam em uma direção muito mais agradável.

Só que, neste momento, não estou com disposição para mentir.

– Na verdade, você está inteiramente certo, Michael – digo, despreocupadamente. – Minha filha tem... *tinha*... esquizofrenia de início precoce. – Toco a cicatriz. – Isto foi resultado da minha concordância em colocá-la em uma unidade de internação.

Michael balança a cabeça e bate palmas, o rosto enternecido.

– Sinto muito. – Há uma pausa enquanto ele sustenta meu olhar, encaixando a cicatriz em sua origem imaginada. – Uma coisa é tratar os filhos de outras pessoas. Mas ver sua própria filha sofrendo, especialmente quando você compreendia tão intimamente... – Ele sacode a cabeça. – Não consigo imaginar como pode ter sido.

Abro a boca para explicar como foi e descubro que estou sem palavras. O fato é que a esquizofrenia não afeta todo doente do mesmo modo. Alucinações, delírios inabaláveis e pensamentos confusos são os sintomas mais evidentes. No caso de Poppy, seus delírios eram de uma natureza física assustadora. Ela costumava ver muralhas à sua frente que se estendiam até a Lua. Ela via pontes; oceanos e rios largos, caudalosos, descendo a rua Princes. Esta era a causa de seus acessos. E ela ficou cada vez mais convencida de que estava presa em um buraco ou sendo enterrada viva. Podia estar sentada no sofá, assistindo à TV, e de repente começar a gritar desesperada, convencida de que estava caindo em um poço sem fundo. *Ajude-me, mamãe!*, ela gritava, as unhas enfiadas nos braços do sofá, como se fossem as bordas do buraco em que estava afundando.

Levei muito tempo para entender o que estava acontecendo quando ela fazia isso. E, quando eu não acreditava nela, sua realidade mudava outra vez: eu estava tentando matá-la. Ela se tornava violenta.

O olhar fixo de Michael me traz de volta ao presente. Limpo a garganta e me lembro de onde havia parado.

– Ela foi a razão de eu me especializar em psiquiatria infantil. Minha mãe havia sofrido do que eu agora acredito ter sido esquizofrenia. Nunca foi diagnosticado, é claro. Os clínicos gerais receitavam todo tipo de remédio de depressão para ela, diziam-lhe para mastigar raiz de valeriana...

Michael resfolega com desdém.

– Enganaram-na, você quer dizer.

Balancei a cabeça.

– Eu soube que havia uma ligação genética com esquizofrenia. Quando Poppy tinha 3 anos, eu já vira ocorrências em seu comportamento que nenhum dos pediatras podia explicar. Assim, resolvi me especializar. Três anos em psiquiatria básica,



depois seis meses em psiquiatria infantil.

– Como mãe solteira?

Sorrio.

– Sim. Eu tinha uma vizinha bondosa que ajudava a tomar conta de crianças. E eu posso viver com quatro horas de sono.

– Você deve ter visto uma melhora nela depois do tratamento – diz ele. – Já que ainda defende unidades de internação.

– Ela *realmente* melhorou. Antes disso, ela não tinha vida. Não tinha amigos, nenhuma capacidade de fazer amigos, nenhum hobby... Mas o problema da esquizofrenia é que é imprevisível. Enigmas demais para uma única pessoa resolver.

Ele ergue a cabeça e olha para mim, analisando minha expressão.

– Enigmas a deixam frustrada. Não é?

Pestanejo.

– Não o frustram também?

Ele se reclina para trás na cadeira, cruzando um tornozelo sobre um joelho.

– Posso conviver com enigmas. Mas não com crianças sofridas. Nossa, o que eu já vi... Quero dizer, sei que você provavelmente lida com os mais aterradores pesadelos psicológicos, mas serviço social – ele ri, apesar de seu olhar se perder ao longe –, alguém devia ter me avisado. Alguém devia ter me avisado. – Descruza as pernas. – Eu comprei um lote de terra por essa razão.

– Você comprou um terreno por *qual* razão?

– Para me desintoxicar – diz ele, usando as mãos para dar ênfase, como se afastasse uma nuvem de fumaça invisível do peito. – Para me libertar do emaranhado de todas essas famílias confusas. Nada como um fogo de turfa na lareira e um bom repelente para tirar sua cabeça de uma adolescente que deixou seu bebê morrer de fome porque estava fora de casa comprando crack.

A imagem me faz estremecer, e ele percebe. A sombra de um sorriso retorna ao seu rosto.

– E você? O que você faz? Nada? Corre?

Balancei a cabeça.

– Ambos. E toco. – Corri os dedos para cima e para baixo da mesa como se fosse um piano.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Ah. Jazz?

– Clássica. Ou pós-impressionista, se quiser ser específico.

– Sempre.

Sinto que a conversa resvala para uma direção que me deixa desconfortável.

Mudo de assunto:

– Li as anotações das consultas básicas de Alex, mas duvido muito que ele tenha transtorno de apego – digo-lhe.

– Não?

Meneio a cabeça.

– Ele também não é bipolar. Não descarto a possibilidade, é claro, mas é a minha percepção e faz muito tempo que não me engano.

Ele bate de leve com a colher na xícara.

– E esquizofrenia infantil? – Suspiro, e ele ergue os olhos. – É uma possibilidade?

Hesito um pouco.

– Pelo que observei, sim. Mas um diagnóstico adequado exige admissão e observação.

Seu rosto se anuvia repentinamente, os ombros arriados.

– Se Cindy chegar em casa e vir que Alex foi despachado para algum... desculpe-me, *manicômio*... acho que ela não vai conseguir lidar com isso. Acho que vai ser a gota d'água.

*Os interesses da criança devem vir em primeiro lugar*, penso. Mas, obviamente, há muita coisa em risco, e estou disposta a dar um pouco mais de tempo à abordagem de Michael.

Olho para fora, para a linha cada vez mais escura do horizonte, o tráfego da hora do rush formando um colar de luzes de freio vermelhas pela ponte. Os pássaros volteiam e se precipitam em bandos conforme se acomodam para a noite. Deparo com o olhar intenso de Michael do outro lado da mesa e me contraio diante da preocupação em seus olhos.

– Por ora, avaliarei Alex em casa.

# INVISIBILIDADE

**Alex**

Querido Diário,

Um condenado escapa da prisão cavando um túnel que sai do lado de fora do presídio, no pátio de uma escola. O condenado está tão feliz quando se arrasta para fora do túnel lamacento que começa a gritar: “Consegui! Livre, livre!”

Uma menininha se aproxima dele no pátio da escola.

– Grande coisa – diz ela. – Eu também consegui um livro.

Fui mandado de volta para a escola, o que não tem sido bom porque todas as outras crianças parecem ter ouvido falar do que aconteceu com mamãe e estão começando a inventar histórias, de que ela é maluca e eu tentei matá-la, ou que ela tentou me matar e depois se matar. Quando tia Bev me pega no portão da frente, todos os outros pais me olham e sorriem, mas na verdade estão comentando e dizendo coisas horríveis sobre mamãe.

Também não estou falando com Ruen. Quando ele me prometeu algo especial para deixá-lo me estudar, eu fiquei contente com isso, mas no outro dia perguntei a ele por que ainda não tinha me dado o que prometera e pareceu que ele tinha se esquecido completamente disso.

OK, eu sei que eu disse que era segredo, mas o presente especial era uma casa nova para mim e mamãe. Assim que ficamos amigos e ele me disse que eu poderia ter qualquer coisa que quisesse, pensei em pedir-lhe uma bicicleta nova. Lembro-me que mamãe estava em meu quarto, o que não é comum, e Ruen era o Velho. Ele estava parado acima de mim, com os braços nas costas como sempre e o rosto naquela carranca franzida. Eu podia ver mentalmente a bicicleta que eu queria – seria preta, com “Matador” escrito do lado, os pneus seriam grossos e o banco seria uma caveira prateada. Mamãe esfregava o peitoril da janela com um líquido que tinha o mesmo cheiro de Ruen.

– Dá para brotar cogumelos neste peitoril – disse ela, e, apesar de estar esfregando com tanta força que sua camiseta já estava toda molhada de suor, a sujeira preta se recusava a sair. As janelas sempre pareciam líquidas, mesmo quando

não estava chovendo.

– O conselho enfia gente como nós em lugares assim e se esquece delas – disse mamãe, e sua voz chocalhou, porque agora ela estava de joelhos, esfregando a escova de aço para cima e para baixo e eu odiava aquele barulho. Fiz um desenho, com a ponta do dedo, na vidraça molhada da janela. Mamãe parou para apertar a toalha mais perto da parede junto ao rodapé, a fim de aparar os pingos. – Quer dizer, não é que eu queira um Palácio de Buckingham. Bastava um lugar que não possa matar nós dois com um curto-circuito. – Enxugou a testa com as costas da mão.

– Castigo, é isso que é.

– Castigo por quê?

Ela enfiou uma das longas mechas cor-de-rosa dos cabelos atrás da orelha. Um pouco da espuma prendeu-se no topo de sua orelha como uma nuvem.

– Por não ser uma cidadã perfeita. Por viver de auxílio do governo. Por lembrar ao *establishment* como ele fracassou.

– Quem é o *establishment*, mamãe?

Ela balançou a cabeça para mim.

– Boa pergunta.

Ela abaixou-se para mergulhar a escova de aço no balde, depois enxugou o outro lado do rosto e outra nuvenzinha de espuma prendeu-se também na orelha. Tentei não rir.

– Isso me faz lembrar – disse ela. – Eu vi, Matthews, o Gordo, conversando com você na loja da esquina, ontem à noite.

Tentei me lembrar. Eu nem sabia quem era Matthews, o Gordo. Eu estava comprando leite e um sujeito grande, gordo e careca veio até mim e começou a me perguntar sobre a escola.

– ... você me conta, está bem? – dizia ela. – Porque aquele pó branco não é talco. Nem mesmo se ele lhe oferecer um monte de dinheiro.

Assenti e terminei meu desenho na janela. Após alguns minutos, mamãe inclinou-se para trás e olhou fixamente para ele, e seu rosto pareceu confuso.

– O que é isso, Alex?

– O que é o quê?

Ela levantou-se e a escova de aço espalhou espuma pelo assoalho.

– Seu desenho. O que é?

Olhei para ele e pensei: *Droga, mamãe não sabe quem Ruen é.* Então, tentei pensar em uma mentira, mas mamãe olhava fixamente para mim.

– É um homem.

– Estou vendo. Mas por que o desenhou?

Abri a boca por um longo tempo e disse:

– Porque eu estava entediado.

Mas ela agora já estava enxugando o rosto, ajoelhada diante de mim.

– Alex, há alguma coisa que você queira conversar comigo?

Sacudi a cabeça, depois pensei melhor.

– Estou com fome.

Ela me segurou, com força, pelos dois braços.

– Sabe, o que papai fez... não teve nada a ver com você.

Eu estava pensando em pedir um hambúrguer a Ruen agora. Esqueça a bicicleta. Eu tinha visto alguém comer um hambúrguer através da vitrina de uma loja na cidade: no começo, achei que fosse como um totem ou algo assim, mas não. Era um hambúrguer, com duas grossas, suculentas, redondas e tostadas carnes de hambúrguer, salada, uma fatia grossa e rosada de bacon, e queijo escorrendo sobre o prato; era tão alto que alguém havia espetado uma bandeira nele, como no monte Everest.

– ... com batatas fritas também – eu disse, e mamãe parou o que quer que estivesse dizendo e me olhou com os olhos arregalados. Ela ficava parecida comigo quando fazia isso, porque normalmente seus olhos são pequenos, inchados e tristes.

– Alex, você ouviu o que eu disse?

Meus braços estavam realmente doendo agora. Balancei a cabeça.

– Repita. Repita o que eu disse.

Tentei me lembrar, mas meu estômago roncava e na verdade eu podia *sentir* seu cheiro agora, eu podia sentir o cheiro daquele hambúrguer. Ela continuou pedindo para eu repetir o que ela havia dito e assim as palavras não paravam de subir à minha mente como batatas fritas numa frigideira de gordura quente – *polícia, seu pai, sangue e ele recebeu o que merecia*.

– Há coisas que você é muito novo para compreender – disse ela, a voz mais baixa e suave, e eu respirei fundo porque ela finalmente soltou meus braços. Então, ela levou a mão à boca e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Oh, Alex – disse ela. – Sinto muito.

Olhei para baixo e onde ela me segurara em cada braço havia uma grande marca vermelha no formato de sua mão. Ela tentou esfregar as marcas com as palmas, mas elas não desapareceram. Assim, ela me puxou para junto dela e minha cabeça ficou entre seu queixo e o ombro, enquanto ela esfregava minhas costas. Eu podia sentir o cheiro de cigarro em seus cabelos, também de suor e depois o cheiro de mamãe, que é muito bom. Após um longo tempo, ela se inclinou para trás e me olhou com um grande sorriso no rosto, o que não acontecia com muita frequência.

– Se você pudesse ter qualquer coisa no mundo inteiro, o que seria?

– Um hambúrguer com uma fatia de bacon e queijo.

– Não, de verdade, Alex. O que seria?

Olhei para os desenhos que eu fizera na janela, que pareciam estar começando a se desfazer. *Que papai voltasse para casa*, pensei, mas não disse, porque eu sabia que isso só iria aborrecê-la.

– O que *você* gostaria? – perguntei. Ela pareceu chocada e pestanejou três vezes. Depois, sorriu.

– Acho que ninguém nunca me perguntou isso – disse ela. Levantou-se e olhou fixamente para o peitoril da janela.

– Uma casa nova – disse. – Sim. Uma casa novinha em folha. Com um jardim. E três... não, *quatro* quartos, com um quarto de hóspedes e tudo o mais. Talvez uma sala de ginástica.

Ela começou a andar de um lado para o outro, descrevendo cada quarto com detalhes microscópicos, até o fato de que não teríamos nenhum sótão sórdido e mofado, nem as coisas de um morto por toda parte, nem ratos e tampouco uma vizinhança envolvida em tráfico de drogas.

Mais tarde naquele mesmo dia, eu disse a Ruen que o tipo de casa que nós gostaríamos teria um jardim nos fundos onde batesse um pouco de sol durante o dia, uma cozinha bastante grande para duas pessoas se moverem, com um forno que funcionasse e preferencialmente uma torneira que não pingasse, um banheiro com descarga e paredes que não indicassem que a última pessoa que morou ali as esburacou com uma picareta.

– Considere-se atendido.

– O quê?

Ele estreitou os olhos para mim com seu olhar Alex É Idiota.

– Vou providenciar, Alex.

– Como vai providenciar? – perguntei. – Você tem muito dinheiro?

Ele sorriu e piscou um olho.

– Tenho poderes que você nem imagina. Uma simples casa é uma ninharia, meu garoto. Se me pedisse um planeta, poderia levar algum tempo. Mas eu poderia dar um jeito.

Eu apenas ri. *Um planeta*, pensei. Para que eu iria precisar de um planeta? Ruen é assim. Um pouco esnobe, ao menos quando é o Velho. Ele revira os olhos quando eu jogo futebol e diz que meus desenhos de esqueletos são *ineptos*, o que significa que são uma droga. Segundo Ruen, eu devia estar lendo algo chamado *Chekhov*, e ele acha que sou muito *inculto* por não saber tocar piano.

Mas depois ele tenta fazer o que eu vejo os outros demônios fazendo: sugere que

eu faça algo ruim, como deixar cair o refletor de luz da Opera House na cabeça da mãe de Katie. Fiquei apavorado demais para fazer isso. Ele me disse depois que eu fui tolo de não fazer isso, porque na verdade teria sido Terry quem deixaria cair a luz e porque a mãe de Katie bate nela porque é uma bêbada e tem inveja de Katie. *Como uma mãe pode ter inveja da própria filha?*, perguntei, e ele me lançou O Olhar outra vez, querendo dizer que eu era burro.

Ontem à noite, porém, Katie só foi ao ensaio para dizer a Jojo que não iria ficar e, quando a vi à porta, tinha uma grande mancha roxa em seu rosto e sua face estava inchada. Jojo abraçou-a. Ela acenou para mim e foi embora correndo. Olhei para cima, para o refletor, e pensei: *Ruen tinha razão*. Às vezes, pessoas más precisam que coisas más lhes aconteçam, caso contrário as coisas ruins simplesmente continuam indefinidamente.

Acho que nunca fiz nenhuma das coisas ruins que Ruen me diz para fazer, portanto não sei ao certo por que contei a Anya quem ele era quando ele me pediu. Às vezes, os amigos dele vêm até mim e me pedem para fazer coisas também, como roubar da bolsa de mamãe para poder comprar para ela um cartão do Dia das Mães. Certa vez, um deles gastou um longo tempo tramando como eu poderia me vingar de nossos vizinhos por quebrarem nossa janela. Eu disse a eles todos para irem embora e me deixarem em paz. Permiti que Ruen me estudasse, mas isso não significa que eu não tenha um cérebro e vá simplesmente seguir o que ele me diz, como se fosse um burro, idiota ou algo assim.

Além do mais, sei o que aconteceu com mamãe. Acho que Ruen não percebe isso, e eu não lhe conto. Mas às vezes, quando ela fica triste, vejo alguns demônios cercando-a e falando com ela, e, quanto mais falam com ela, mais triste ela fica. Eu digo a eles, bem baixinho, para irem embora. Geralmente, eles apenas riem de mim.

Tenho medo de que eles continuem falando com mamãe e ela continue a tomar comprimidos e nunca mais acorde. Quero dizer isso a Anya, mas não sei bem o que ela vai pensar.

Ainda assim, quando Anya chega à nossa casa, eu fico muito satisfeito. Preparei torrada com cebolas e um copo de leite para ela e coloquei tudo na mesa, como se ela fosse uma convidada. Tia Bev está muito sorridente. Ela sacode o dedo para mim e diz:

– Ele hoje está parecendo um Chaplin em miniatura, não é?

Anya olha para minhas roupas e diz:

– Que terno bonito, Alex, e a gravata-borboleta dá um belo toque também.

– Alex se veste sozinho – ouço Bev sussurrar para Anya. – Encontrei um armário cheio de coisas deixadas pelo velho que morou aqui antes. Acho que ele está

complementando suas roupas com esses ternos velhos. Vou levá-lo às compras amanhã.

*Levá-lo*, eu penso. É grosseria falarem de mim como se eu nem estivesse aqui. Olho para o cano de metal da tia Bev no vão da porta e tento erguer minha cabeça também, mas não o alcanço. Subo no sofá, depois na mesinha do abajur ao lado. Seguro-me no batente da porta e levanto o pé acima da barra para me dependurar como um morcego, como tia Bev costuma fazer.

– Alex?

Posso ver tia Bev e Anya, mas elas estão de cabeça para baixo. Nossa mesa de jantar parece estar flutuando e a poltrona azul parece estar grudada no teto e tudo parece tão diferente que eu começo a rir.

Anya adianta-se e segura meus ombros.

– Cuidado – diz ela, fazendo meus pés deslizarem da barra e agarrando-me conforme eu escorrego devagar. Então, ela me vira de cabeça para cima e eu fico tonto.

– Muito bem! – diz ela. – Isso não é fácil de fazer, sabe? Embora talvez seja melhor se você me avisar da próxima vez. Não quero que você caia de cabeça. – Ela despenteia meus cabelos e fico surpreso por ninguém ter gritado comigo. Anya senta-se à mesa, esperando por mim.

– Estou lá dentro enquanto vocês conversam, está bem? – diz tia Bev a Anya em voz alta, apontando para a cozinha.

Anya balança a cabeça.

– Claro, fique à vontade. Está fazendo algo especial?

– Adoraria, mas tudo que minha irmã tem nos armários é ketchup e – ela olha para mim – o que os ratos deixaram para trás.

– Dava para fazer um bom risoto com isso, não? – diz Anya, apesar de sua expressão de nojo. Tia Bev pressiona a mão contra a testa e depois se benze rapidamente.

– Vou à M&S – diz ela, depois faz o sinal com o polegar para cima para Anya.

– O que é um risoto? – pergunto a Anya.

– Você nunca comeu risoto?

Sento-me à mesa e faço que não com a cabeça.

– É com arroz – diz ela.

– Arroz?

Ela olha para mim espantada e diz:

– Também nunca comeu arroz?

Faço que não com a cabeça. Mamãe diz que ela tem somente 60 libras por



semana para todas as contas, e do jeito que eu gasto cadernos de desenho e latas de comida de cachorro para Woof, temos sorte de não termos que viver de ar.

– Sabe que se pode comprar cebolas para uma semana com menos de uma libra? – digo a Anya, e seu rosto muda.

– Isto faz sentido – diz ela.

Ela se inclina para frente e tira um caderno de notas da bolsa, depois um grosso estojo de lápis e um grande caderno de desenho. Ela me dá o estojo e o caderno de desenho.

– Para que é isso? – pergunto.

– Sei que você adora desenhar – diz ela. – Gostaria muito que fizesse alguns desenhos para mim.

Abro o zíper do estojo de lápis e fico deslumbrado porque o estojo contém muitos pastéis coloridos, além de lápis de cor. Além do mais, eu gosto dos bastões de pastel porque posso lambê-los e esfumazar as cores, o que dá um resultado muito legal.

– O que você quer que eu desene? – digo, apesar de já ter começado a lamber as costas da minha mão e desmanchado um pouco do amarelo no cuspe. Anya não diz nada e apenas observa enquanto começo a desenhar. Eu nem sequer sei o que estou desenhando, mas faz sentido usar amarelo. Começo desenhando um sol com espirais em vez de raios, porque os raios às vezes parecem uma aranha e eu detesto aranhas.

– Por que não desenha sua mãe para mim? – diz Anya.

Pego um bastão cor de pêssego e um marrom e começo a desenhar. Começo com o rosto de mamãe, que é oval, faces encovadas, e depois suas pernas, que são como varetas. Quando termino, Anya inclina a cabeça para o lado e aponta para meu desenho.

– Alguém está carregando sua mãe. Quem é?

Olho o desenho e percebo que não fiz uma gravata-borboleta para mim. Acho um vermelho rapidamente e desenho a gravata.

– Sou eu que estou carregando mamãe – digo a Anya.

Em seguida, uso um azul para meus olhos e um cinza para os olhos de mamãe.

– Por que você está carregando sua mãe neste desenho?

Não sei ao certo.

– Acho que ela deve estar com o pé machucado. Ou talvez esteja cansada demais para andar.

Anya balança a cabeça e franze a testa, então eu pego um pastel vermelho e coloco um pouco de sangue no pé da mamãe para mostrar por que a estou carregando.

– E quanto a Woof? Pode desenhá-lo?

Encontro o branco e o preto e desenho Woof com a cabeça sob os pés de mamãe, porque se eu estivesse carregando mamãe assim ele definitivamente me ajudaria.

Anya respira fundo.

– E seu pai? Pode desenhá-lo?

Olho as minhas cores. Não sei que cor usar para papai. Não consigo nem me lembrar de que cor eram seus olhos, e por um instante isso me assusta. Então, Anya diz:

– Ainda que você não possa desenhar um retrato de seu pai, pode desenhar alguma coisa que venha à sua mente quando pensa nele? Ainda que seja apenas um sinal na folha?

Pisco os olhos quatro vezes. Pego um pastel azul e desenho.

– Isso é um carro? – pergunta Anya. Balanço a cabeça.

– Ele dirigia um carro azul?

Faço que não com a cabeça, ela apenas faz um sinal e eu olho fixamente para o desenho. Minhas mãos parecem latejar e meu coração bate com força.

– Eu o vi em um carro azul uma vez – digo-lhe.

Anya balança a cabeça e sorri.

– E quanto a Ruin? Ou qualquer uma das pessoas que você vê. Pode desenhá-las?

Eu esperava que ela tivesse se esquecido de tudo sobre Ruen. Não fiquei satisfeito quando Ruen me pediu para contar-lhe sobre ele, mas achei que tinha que ser honesto com ela e Anya parece ser o tipo de pessoa com quem eu posso ser honesto. Olho à minha volta. Há um demônio na cozinha com tia Bev. Você não diria que é um demônio, já que ela está usando um vestido branco amarrado na cintura, é pequena, com cabelos curtos e encaracolados, e parece que come muito bolo, mas, quando olha para mim, seus olhos são negros e eu me sinto enjoado.

– Quem é este? – pergunta Anya, apontando para o desenho.

– Não sei.

– É Ruin? – pergunta ela, dando umas pancadinhas no desenho que eu fiz de Cabeça de Chifre, embora eu não tenha desenhado seu chifre vermelho direito e ele tenha ficado torto. Faço que não com a cabeça e apago o desenho com o polegar.

Fico remexendo as pontas puídas da minha gravata-borboleta e digo:

– Eu lhe contaria mais a respeito de Ruen, mas acho que você me acha maluco e que Ruen é alguém em minha cabeça.

Ela parece surpresa:

– Ruin mora em sua cabeça?

Faço que não outra vez, bem devagar.

– Não sei bem onde ele mora. No Inferno, provavelmente. Mas há muito tempo ele vive principalmente comigo.

– Por quanto tempo, você diria?

Encolho os ombros.

– Desde que meu pai morreu.

Ela faz novo sinal com a cabeça e anota alguma coisa em seu caderno.

– Onde Ruin dorme? – pergunta ela, e diz isso enquanto escreve.

– Não creio que ele durma. Ele vem e vai. Às vezes, ele desaparece e eu não o vejo.

– Por quanto tempo ele desaparece?

Encolho os ombros.

– Às vezes, algumas horas. Geralmente, eu o vejo todo dia, ao menos três vezes. Às vezes, ele simplesmente caminha para cima e para baixo em nosso corredor.

– Por que ele caminha para cima e para baixo no corredor?

– Acho que ele fica entediado.

– De que ele fica entediado?

Exatamente quando já estou ficando cansado de responder por Ruen, ele aparece no canto da sala. Então, inclino-me para frente, olho para ele e pergunto:

– De que você fica entediado?

Isso espanta tanto Anya quanto Ruen, que nesse momento é o Velho. Tia Bev ainda está na cozinha, cantando. Ruen tem um aspecto muito estranho, como se tivesse conseguido rachar sua carranca em uma caverna aberta e seus olhos estão caídos, como os de Woof.

– Ele está aqui agora? – diz Anya, os olhos arregalados.

– Ele não perderia por nada uma conversa a respeito dele, não é, Ruen? – Zombo dele e ele amarra a cara. – De quê. Você. Fica. Entediado?

Por fim, ele responde:

– De não ser visto – diz ele, e sua voz é muito rouca, como se tivesse estado fumando.

Foi o que pensei. Digo isso a Anya.

– De não ser visto? – diz ela. – Quer dizer, porque só você pode vê-lo?

Digo que sim e então me lembro de algo que Ruen me disse há pouco tempo.

– Ele diz que os demônios são anjos da velha escola do Inferno, que é uma cultura tão antiga quanto a Terra. Os demônios têm alma, mas não corpo humano. Isso é algo importante para eles, pois ganham pontos pelo que fazem.

– Que tipo de coisas eles fazem? – pergunta ela, e tem que virar a folha porque

esta já está cheia de rabiscos. Faço uma pausa de meio minuto porque há um demônio logo acima de Anya, e ele é tão gordo que sua pele escorre à volta de seu corpo como uma montanha de sorvete. É como se estivesse debruçado nos ombros dela, tentando ficar confortável. Ele boceja e em seguida desaparece, e eu respiro fundo de alívio.

– Pensei que ele fosse esmagá-la – digo, sem pensar.

– O quê?

Agito a cabeça e me lembro do que ela perguntou.

– Ruen diz que gosta de levar um ser humano ao seu ponto mais baixo. É quando os demônios ganham um prêmio chamado aparência humana.

– Eles se tornam seres humanos?

Faço que não com a cabeça.

– Não, eles apenas *se parecem* com um ser humano. Mas, mesmo assim, não conseguem ser vistos por ninguém, não de verdade. E eu acho que a invisibilidade é algo muito estranho para entediar alguém – digo a Anya. – Ser invisível seria muito legal!

Começo a dizer a Anya todas as coisas legais que eu faria se ficasse invisível e ela faz algumas anotações, depois ergue a mão.

– Posso fazer outra pergunta a Ruin?

Olho para ele e fico um pouco aborrecido. Já estou cansado de falar sobre ele, e quisera nunca ter contado nada a Anya a respeito dele, para começar, porque ele está atraindo todas as atenções. Ele apenas me olha fixamente.

– Sim – digo a Anya.

– Espere, onde *está* Ruin? – pergunta ela, olhando ao redor da sala. Aponto para o local onde ele está, que é bem perto da janela e ao lado da poltrona azul.

– Lá – digo.

Anya se remexe em sua cadeira para ver o lugar exato. Ela aponta.

– Lá?

Ruen parece desconcertado com toda aquela atenção, e por um instante acho que ele vai desaparecer.

– Sim, lá. – Levanto-me e fico de pé ao lado dele. Ele olha para mim, franzindo a testa. Não parece estar zangado, apenas um pouco confuso. Estendo as mãos para o lugar ao meu lado. – Bem aqui.

Anya balança a cabeça.

– Pode levantar sua mão, Alex, até tocar a cabeça de Ruin? Para eu saber a altura dele. Só você pode vê-lo, sabe.

Fico na ponta dos pés para medir a altura de Ruen. Meus dedos roçam o ponto

careca no topo de sua cabeça, que me parece frio e liso.

Anya sorri e escreve alguma coisa.

– Ruin parece alto para um garoto – disse ela. – Você não disse que ele era um garoto?

Faço que não com a cabeça.

– Ele é velho.

Mais anotações em seu caderno.

– Pode descrever para mim o que Ruin está vestindo?

Eu lhe digo. Eu podia dizer com os olhos fechados: quando ele é o Velho, nunca veste outra roupa. Sempre o mesmo terno marrom empoeirado com o mesmo cheiro de cachorro morto. Me dá vontade de vomitar. Eu não menciono que ele às vezes é um monstro, e eu nunca, jamais lhe contaria sobre o Cabeça de Chifre, porque quando ele é o Cabeça de Chifre ele simplesmente me apavora.

– Então, vocês dois estão usando terno? – Ela ri. – Alguém está copiando as roupas de alguém aqui?

Olho para as pontas esfarrapadas penduradas das bainhas do terno de Ruen, para o colarinho da camisa, tão verde e cheia de crostas que parece que alguém escarrou em seu pescoço, e digo:

– De jeito nenhum. Eu *nunca* vou me vestir dessa maneira.

Então, ela faz uma pergunta estranha:

– Pode me dizer o que Ruen está *pensando*?

Olho para ele. Ele olha para mim e ergue uma sobrancelha como se também estivesse curioso a respeito disso. Olho para Anya outra vez.

– Claro que não posso lhe dizer o que ele está pensando. Isso faria de mim alguém capaz de ler pensamentos, não é?

Ela apenas sorri. Então, me ocorre: ela acha que eu estou mentindo. Ela realmente pensa que estou inventando tudo isso. Sinto minhas faces pegarem fogo. Fecho e abro os punhos.

– Não quero mais fazer isso – digo a Anya. – Posso ver minha mãe agora, por favor?

– Espere um minuto, Alex – diz ela rapidamente, colocando a caneta no colo. – Eu estava gostando de saber tudo sobre Ruin. Você pode me dizer quais são os passatempos preferidos dele?

Então, olho para Ruen e ele revira os olhos.

– Diga-lhe que eu gosto muito de genocídio – diz ele, eu vou repetir isso, mas então me lembro do significado de *genocídio*, penso que ela pode me olhar de um jeito esquisito, e resolvo ficar calado. Quando não digo nada, tia Bev vem da cozinha, entra na sala com um grande sorriso e se inclina diante de mim.

– Se você disser a esta senhora tudo sobre o que vê, podemos ir visitar sua mãe.  
OK, Alex?

– Hoje?

Bev olha para Anya e balança a cabeça.

– Sim. Hoje.

Então, eu fico realmente animado e digo a Anya que posso ver todos os amigos de Ruen também e que alguns deles são assustadores, parecem dragões, e outros parecem robôs com aparência humana e olhos vermelhos.

– Como o Exterminador do Futuro? – diz ela, e eu percebo que sim, que é exatamente assim que alguns deles parecem. E começo a me perguntar se James Cameron, que dirigiu o filme, vê o que eu vejo, e que talvez ela possa falar com ele também.

Ouçõ Bev sussurrando algo para Anya sobre “questões de masculinidade” e Arnold Schwarzenegger, e Anya balança a cabeça e diz:

– Potencialmente.

– Vamos falar mais de Ruin – diz Anya, virando-se novamente para mim. – O que ele gosta de comer?

Mas agora já estou de saco cheio. Só quero ver mamãe. Então, eu digo:

– Por que você quer saber tanta coisa sobre Ruen, hein? Ele é um velho desgraçado que só sabe fazer falsas promessas e reclamar que nosso piano é uma droga.

Olho para Ruen, esperando vê-lo furioso comigo por dizer isso. E ele realmente parece muito zangado, mas não apenas comigo. Ele está olhando além de mim, diretamente para a porta. Sigo seu olhar, mas não vejo nada.

– Alex? – ouçõ Anya exclamar.

– O que há de errado? – pergunto a Ruen, mas ele não responde. Ele está arreganhando os dentes como Woof faz quando está enfezado; seu rosto está ficando vermelho escarlate. Então, ele se transforma em um monstro bem diante de meus olhos, os braços magros e curtos projetando-se de sua camisa e ficando escuros e indistintos, os olhos revirando-se para trás. Ele fica tão alto que sua cabeça se inclina quando alcança o teto e, no lugar de sua pele de monstro engraçada, arroxeadada, ele parece uma fumaça negra e espessa, com olhos e um buraco como o centro de um tornado onde sua boca deveria estar. E no meio desse buraco veem-se quatro grandes presas. Então, ele se vira e se lança sobre mim.

– Ruen! – grito.

Quando levanto os olhos, vejo que ele se arremeteu para o outro lado da sala em uma espécie de rolo, colide contra o batente da porta da sala e eu estou gritando.

Quando ele bate de encontro ao batente, sinto-me muito estranho. Há uma dor

tão grande em meu peito que eu caio no chão.

– Alex! – ouço Anya gritar, e nesse momento tia Bev corre para dentro da sala. Ruen emite um rugido enorme e rouco, e depois tudo se apaga.

## A FRAGILIDADE DA CRENÇA

### Anyá

Na minha última sessão com Alex, conheci a pessoa temporariamente responsável por ele, sua tia Beverly, que veio de Cork na noite da tentativa de suicídio de Cindy. Fico aliviada quando a vejo – ela é alegre, afetuosa e disposta a fazer o que for preciso para ajudar Alex da melhor maneira possível. Beverly é a irmã mais velha de Cindy, 11 anos mais velha, e trabalha como médica de ouvido, nariz e garganta. Não tem filhos e, tendo mantido um relacionamento um pouco intermitente com Alex ao longo dos anos, está ansiosa para compensar o tempo perdido e dar apoio à irmã e ao sobrinho.

– Quisera ter voltado para cá há mais tempo – me diz ela várias vezes nos fundos da casa, o rosto crispando-se quando olha para a janela estilhaçada da cozinha de Cindy, precariamente tampada com papelão e fita adesiva; as manchas de mofo acima da pia da cozinha. Ela tira um cigarro de um novo maço e pergunta se eu me importo. Faço que não com a cabeça e ela abre a porta da cozinha, saindo para o quintal coberto de musgo.

– Eu sabia que Cindy estava em dificuldade. Eu devia ter voltado de vez, ajudado minha irmã a se erguer. Adoro o Alex. Cindy e eu nem sempre nos demos muito bem, mas... – Ela deixa a frase morrer, respirando fundo. – Tivemos infâncias bem diferentes. Nunca entendi Cindy. Ela era muito introvertida. Mamãe era boa em arrancar informações dela, mas ela nunca se abriu comigo.

Volto-me para Alex, que está trazendo seu prato para a cozinha. Coloca-o sobre a bancada e sorri para mim. Bev espera até ele sair antes de terminar:

– Eu só tenho o tempo que posso tirar do trabalho para cuidar de Alex – diz ela, desistindo do cigarro. – Mas sou tudo que ele tem até Cindy se recuperar.

– E os avós de Alex? Ainda são vivos?

Ela apaga o cigarro.

– Papai morreu quando eu era pequena – diz ela serenamente. – Mamãe morreu há cinco anos. Ela teria ficado horrorizada com tudo isso.

– E o pai de Alex? – pergunto. – Mantém contato com ele?

Ela entra, fechando a porta atrás de si. A porta só fecha quando ela a chuta,



fazendo uma moessa na base. Ela suspira.

– Você teria que conversar com Cindy a esse respeito. A identidade do pai de Alex é algo que ela preferiu esconder de todos nós.

Pergunto-me por que ela teria decidido manter segredo. Faço uma anotação para perguntar a Cindy sobre isso: ainda que o pai de Alex tenha que permanecer anônimo, eu preciso ter mais informações sobre o relacionamento deles.

Minha sessão com Alex termina mal, embora revele muito do seu relacionamento com a mãe. Quando lhe peço para desenhá-la, ele esboça uma imagem de si mesmo carregando a mãe, e eu noto que seu autorretrato é muito maior do que a figura de Cindy. Ela parece um bebê, vulnerável em seus braços, os próprios braços envolvendo com força o pescoço de Alex. Do desenho, eu deduzo que Alex pressentiu há muito tempo a fragilidade e a instabilidade da mãe, o que deve ter causado um enorme impacto em sua sensação de segurança e em seu papel na família como protetor. A representação que ele faz do pai é na forma de um carro azul, que acredito ser uma recordação de infância – muito provavelmente seu pai o pegava em um carro assim, em suas visitas.

Ele também me conta muito sobre o mundo espiritual, sobre o que ele pode ver e ouvir, e o que ele depreende de tudo isso. A maior parte de tudo isso eu posso deduzir do que vi em seu ambiente, e há conexões a serem feitas entre seu papel em *Hamlet* e sua interpretação de sua vida em casa. Observo que suas descrições entram e saem da retórica religiosa – “um dragão com sete chifres”, que acredito estar em Revelações, na Bíblia – e a linguagem que ele usa para tais descrições está muito além do linguajar de um menino de 10 anos de idade.

– Ruen não é *bestial* – diz ele –, ele é um *intelectual comprometido* – informa-me Alex, quando indago sobre os retratos de alguns dos seres do mundo que ele descreve. Sua afeição por Ruin é palpável, até mesmo protetora, e eu acredito que haja algo dos sentimentos de Alex por sua mãe projetado em seu desenho imaginário de Ruin, e com boa razão: enquanto Alex não consegue controlar sua mãe, ele pode controlar esses outros seres.

É comum que psicóticos construam um mundo altamente fantástico com limites claramente definidos e com um sistema de regras que deriva de um sistema que existe na realidade – nesse caso, o sobrenatural. Alex nunca menciona anjos, o que acho muito interessante. Não há nenhuma menção a Deus, nem a qualquer outra divindade. No entanto, ele diz que há demônios por toda parte, o tempo inteiro, e quando entra em um aposento vazio ele não está realmente vazio, é como entrar em um pub, com demônios agrupados nos cantos, tramando, acotovelando-se ao redor de quaisquer seres humanos que por acaso estejam ali, tentando, adulando, maquinando.

Quando o pressiono para discutir Ruin mais detalhadamente, Alex entra em erupção. Suas descrições de Ruin ascendem a um acesso de berros e, para meu horror, ele desmaia na cadeira à minha frente.

Bev atravessa a sala num salto e o agarra. Ele fica mole e mortalmente pálido, e pela primeira vez durante a minha avaliação eu sinto medo. Vejo-me recapitulando tudo que ele me disse sobre demônios, sobre espíritos – imediatamente rejeito a ideia, mas o medo permanece. Ao refletir melhor, espanta-me ver o quanto a crença é frágil.

Após alguns instantes, Bev grita:

– Ele acordou! Ele acordou!

Estou na cozinha pegando um copo de água para Alex. Em seguida, ouço:

– Ele vai vomitar!

Pego uma bacia na pia e corro para a sala, bem a tempo de aparar um jato de vômito da boca de Alex.

– Assim está melhor, assim está melhor – diz Bev, dando tapinhas em suas costas e tateando no bolso à procura do seu celular.

Ajoelho-me diante de Alex e tomo seu pulso. Seus batimentos cardíacos estão acelerados, as pupilas dilatadas.

– Como se sente, Alex? – pergunto com calma.

Ele pisca e tenta focalizar o olhar em mim. Então, aperta a mão contra o peito.

– Dói.

– O que dói?

– Aqui.

Bev rapidamente desabotoa a camisa de Alex. Ela se sobressalta, eu baixo os olhos e deparo-me com três listras vermelhas em seu peito, como se algo tivesse acabado de arranhar sua pele.

– Alguém na escola fez isso com você? – grita Bev, e eu tento dizer a ela que aquelas marcas devem ter sido feitas recentemente, tão recentes quanto minha visita, na verdade. Um redemoinho de perguntas gira em minha mente, mas neste momento Alex inclina-se para frente, o rosto pálido e tenso. Levanto rapidamente a bacia, bem a tempo de pegar outro jato de vômito. Bev corre à cozinha para apanhar uma toalha. Quando Alex deixa-se arriar para trás na cadeira, ele parece fraco, mas ainda assim dá um ligeiro sorriso.

– Sente-se melhor? – pergunto. Ele balança a cabeça.

– Ruin ainda está aqui? – pergunto, hesitante. Ele olha ao redor, depois sacode a cabeça.

Bev retorna, uma pano de pratos na mão, o casaco de Alex na outra. Alex balbucia alguma coisa a respeito de um diário.

– O que devemos fazer? – pergunta Bev, atabalhoadamente.

Eu o examino de cima a baixo.

– Precisamos levá-lo ao hospital.

Dirigimo-nos no carro de Bev ao hospital, onde um exame atesta que ele está perfeitamente bem. O médico não encontra nenhum sinal das marcas, apesar de Bev e eu confirmarmos tê-las visto.

– Pode ter sido por apertar os braços no peito com muita força – arrisca o médico. – Talvez tenha se apoiado contra alguma coisa. De qualquer modo, não há nenhum machucado. Na realidade, absolutamente nenhuma marca externa.

Bev vira e se afasta, frustrada. Agradeço ao médico pelo seu tempo e faço algumas rápidas anotações enquanto estão frescas em minha mente. Noto que a separação de Alex de sua mãe intensificou sua ansiedade, então marco uma visita sua a Cindy o mais breve possível. Ela está internada na enfermaria psiquiátrica do mesmo hospital, e sinto pena por mãe e filho estarem hospitalizados. Michael ficará fora de si.

Depois que Alex está instalado, puxo uma cadeira para perto de sua cama e cerro as cortinas ao nosso redor.

– Onde está Bev? – pergunta ele.

– Está tomando um pouco de ar fresco. *Está lá fora, fumando.*

– Ela está bem?

– Ela está perfeitamente bem, Alex. – *Não, ela está hiperventilando.* – E você, como está?

– Estou bem. Eu realmente gosto de tia Bev. Há muito tempo eu quase não a vejo, mas ela é realmente legal. – Uma pausa. – Eu a assustei?

– Ela só quer ter certeza que você está bem, só isso.

Ele passa a mão no peito.

– Dói? – pergunto.

Ele sacode a cabeça.

– Não dói mais. Foi estranho...

– O que foi que você sentiu?

Ele abre a boca para descrever, mas parece não encontrar as palavras.

– Medo – disse ele, por fim.

– *Medo?*

Ele balança a cabeça.

– Posso ver mamãe agora?

Puxo minha cadeira mais para perto e o examino. Ele tem um ar doce que me faz

sentir protetora. Por um instante, ouço uma nota Si soar pelo quarto de uma placa de Petri que caiu. Instantaneamente, minha mente se volta para Poppy. Seus cabelos escuros inclinados sobre o piano. *Eu a amo, mamãe.*

Fecho os olhos e me concentro no que quero perguntar em seguida. É importante que eu não deixe Poppy entrar neste caso. Alex é um paciente, não uma projeção de minha filha. Ela não é uma entidade que eu possa reanimar com o hálito de outra pessoa.

– Alex, eu queria lhe perguntar uma coisa.

Ele olha fixamente para mim.

– *Por favor*, chega de perguntas sobre Ruen...

Balanço a cabeça, assentindo.

– Já vou levá-lo para ver sua mãe. Mas você se importa se eu ficar também?

Seu rosto se ilumina.

– Vou ver mamãe?

– Não esta tarde. Talvez amanhã, quando você estiver se sentindo melhor. – Seus olhos se enchem de lágrimas. E, nesse mesmo instante, ele atira os braços ao redor do meu pescoço e soluça no meu peito. Sua vulnerabilidade é gritante e, com uma única exceção, eu nunca me senti tão impotente em toda a minha vida.

É crucial que façamos uma revisão da condução do caso de Alex à luz de sua hospitalização. Convoco uma reunião na Casa MacNeice amanhã de manhã e marco um encontro com Michael mais tarde para prepará-lo sobre o que pretendo colocar para a equipe: que quero mudar Alex para a minha unidade de internação.

Entretanto, não conto a Michael o motivo de eu querer um encontro, e ele parece lisonjeado.

– Está bem – diz ele do outro lado da linha, após um longo silêncio. – Estou voltando de Falls Road para o escritório. O que acha de nos encontrarmos em um lugar menos formal do que o seu escritório?

– *Seu* escritório, então?

– Que tal o Crown Bar?

– Combinado.

Michael chega atrasado. Eu o vejo abrindo caminho pelo meio de uma compacta multidão de frequentadores, com o mesmo suéter verde-escuro, a cabeça brilhando dourada sob as luzes.

– Boa-noite – diz ele, inclinando-se e beijando-me no rosto. Ele tira a jaqueta e a dobra cuidadosamente antes de colocá-la ao meu lado.

– Gim-tônica? – pergunta ele, ainda sem fôlego.

– Suco de laranja.

Ele me lança um olhar.

– Está dirigindo?

Faço que não com a cabeça.

– Não bebo álcool.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Uma psiquiatra infantil abstêmia de Tiger’s Bay. Isso é uma mistura.

Dou de ombros.

– Gosto de me cuidar.

Michael pisca para mim por alguns instantes. Em seguida, endireita-se, dirige-se ao bar e retorna com dois copos de suco de laranja fresco.

Sinto-me muito culpada e sem graça – o Crown Bar é uma joia em um país que transformou o ato de beber álcool em uma arte cultural.

– Só porque não vou beber, não significa que você não possa – eu disse, e depois fiquei pensando o que teria me levado a afirmar o perfeitamente óbvio.

Ele desliza no banco para o meu lado.

– A que tipo de cavalheiro isso me reduziria?

Seu sorriso enviezado está mais largo esta noite, acompanhado por um brilho nos olhos e uma cor vibrante nas faces. Sob essa luz, parece-me que, em outras circunstâncias, eu apreciaria sua companhia. E sinto, então, aquela velha e insinuante vibração em minha barriga. Flerte. Que estou tornando recíproco contra todo o meu bom senso. Eu realmente, realmente não desejo isso. Penso em Fi, seus olhos azuis redondos, cheios de sinceridade e ternura. Ela me diria que isso é um *sinal*. Tudo para Fi tem a ver com sinais.

– Um sinal de *quê*? – perguntei-lhe certa vez, quando uma abelha me picou bem no rosto.

– Um sinal de que você não acredita que é bonita – disse ela. Fazia sentido: uma cicatriz berrante no rosto é um poderoso antídoto à vaidade. Penso nela, então, sentada à mesa da minha cozinha, tomando minhas mãos nas suas e dizendo:

– Repita depois de mim: “A morte de Poppy *não* significa que eu tenha que me abster para sempre dos prazeres da vida.”

Na ocasião, eu apertei suas mãos e as soltei.

– Não posso dizer isso, Fi. Não posso. – Ela estendeu o braço e acariciou meu rosto. Minha mais velha amiga, mais nova do que eu. Mãe divorciada de quatro, maternal e caseira; aos 10 anos de idade, ela já sabia me consolar.

Mas nem mesmo Fi entendia por que eu queria permanecer solteira. Algo muda dentro de você quando perde um filho. Não, *tudo* muda. Esse tipo de perda é muito

diferente – não direi pior – do que ir à falência ou perder todos os seus pertences no incêndio de sua casa. A morte de Poppy foi um tipo diferente de agonia, uma perda diferente até mesmo de ver minha mãe afundar sob as águas amarelas do câncer. Some todos os homens que já amei, depois multiplique o total por quanto eu me senti mal quando todos eles foram embora, um a um... ainda assim não chega perto do que a morte de Poppy representou. A única maneira de descrever isso – e eu raramente o descrevo, nem mesmo a Fi – é que, a fim de continuar vivendo e respirando em um mundo onde minha filha está eternamente privada de suas oportunidades de crescer, apaixonar-se, construir uma carreira e ter filhos significa que eu tenho que permanecer sendo minha própria fortaleza pessoal. Eu corro, não bebo e observo para que ninguém jamais tenha que cuidar de mim. Aplico 60% de tudo que ganho em uma conta de juros altos, para que eu nunca tenha que depender de ninguém. E não voltarei a amar, porque eu não posso, nunca mais, experimentar esse grau de perda outra vez.

Faz-se uma pausa tensa, quando percebo que Michael está olhando fixamente para mim. Ele me disse alguma coisa que eu tenho certeza de que requer uma resposta que não seja um olhar fixo e vazio.

– Desculpe-me, pode repetir o que disse?

Ele esboça um sorriso e termina seu copo de suco de laranja.

– Na verdade, eu dizia que investiguei você no Google. Uma lista de prêmios realmente impressionante, dra. Molokova. Nada menos do que a Medalha Freud pela Excelência em Pesquisa Psiquiátrica Infantil. E uma estrela em ascensão da Associação Britânica de Psiquiatria da Criança e do Adolescente. – Ele me dá uma pequena salva de palmas. – Eu devia lhe pedir para assinar um autógrafo neste descanso de copo.

Abro um largo sorriso, até ele me apresentar uma caneta e me estender o descanso de copo de cerveja. Não contenho o riso, e o som me parece estranho e delicioso. Por fim, eu assino e ele enfia o descanso de copo no bolso da jaqueta.

– O que mais o Google lhe disse?

Ele baixa os olhos e eu fico sabendo que leu a respeito de Poppy.

– Somente a respeito de seu ultrajante fetiche por palito, sua ardente paixão por tapetes de banho...

Ele ri agora. Eu aproveito a oportunidade:

– Posso fazer uma pergunta pessoal a *você*?

– Pode.

– Por que seus pais o enviaram a um psiquiatra?

Ele arregala os olhos.

– Nossa, essa é uma bola com efeito pelos caminhos da memória. Eu tinha um

amigo imaginário. Por que pergunta?

Faço uma anotação mental do “amigo imaginário”. Parece que ele e Alex têm muito em comum.

– É somente porque você retrata as instituições de doença mental como lugares ruins, Michael. Muitas crianças até mesmo com as mais extremas psicoses podem levar uma vida relativamente normal quando são tratadas adequadamente. É por isso que estou aqui.

Seu sorriso começa a desaparecer. Ele olha fixamente para um ponto sobre a mesa por um longo tempo. Quando levanta a cabeça, seu olhar é duro.

– Você quer internar Alex. Não é?

Conto-lhe o que aconteceu mais cedo naquele dia, sobre as marcas na pele de Alex.

– Se ele tem uma psicose, ele precisará de tratamento em local adequado com a medicação necessária e equipes médicas. Exatamente como se ele fosse fazer uma cirurgia.

– Cirurgia – repete ele, sem se deixar convencer.

– A taxa de sucesso da Casa MacNeice é impressionante, Michael. Realmente. Ele sacode a cabeça.

– Para você, talvez. Para aqueles de nós que estivemos em Belfast nos últimos sete anos... nem tanto.

Tento outra tática:

– De qualquer modo, estou preocupada com as condições a longo prazo do ambiente em que ele vive. Quero dizer, você viu o estado de sua casa? Sabe quantos perigos de saúde e de segurança encontrei?

– Quantos? – diz ele, a voz oca, distante.

– Mais de 15.

Conto-lhe enfaticamente sobre a tomada elétrica que vi pendurada da parede soltando faíscas azuis de vez em quando; os aquecedores antigos, com vazamentos; o teto cheio de rachaduras; a janela quebrada nos fundos da casa, coberta com papelão e fita adesiva. Condições em que nenhum ser humano devia ser obrigado a viver, e certamente não uma mãe e uma criança com problemas de saúde mental.

Michael reflete, esvazia o copo, depois diz:

– Com licença.

Ele sai a passos largos para a porta da frente do *pub*. Por um instante, pergunto-me se compreendeu o que estou *realmente* fazendo, e reagiu simplesmente deixando-me ali, pura e simplesmente na mão. Tomo um pequeno gole do meu suco e verifico se há novas mensagens em meu celular.

Alguns minutos depois, vejo-o abrindo caminho pelo meio dos frequentadores

em minha direção.

– Está feito – diz ele com um largo sorriso, deixando-se cair no assento ao meu lado. Embora, noto, não tão próximo quanto antes.

– *O que* está feito?

Ele bate o celular ruidosamente sobre a mesa.

– Acabo de telefonar para um amigo meu que trabalha na associação de habitação, contei-lhe tudo que você me contou. Ele disse que colocará Alex e Cindy no topo da lista para realocação amanhã bem cedo. – Ergue os olhos para fitar os meus. – É decisão sua se quiser colocar Alex na Casa MacNeice. Eu sei o que eu sei. Só isso.

Em seguida, ele se dirige ao bar e traz outro suco de laranja para mim e uma caneca de Guinness para ele.



# COLHEITA DE MORANGOS

**Alex**

Querido Diário,

Então, há esse homem que entra no consultório do médico com uma cenoura enfiada no nariz, um pepino em um dos ouvidos e uma banana no outro.

– Ajude-me! – diz ele ao médico. – Não sei o que há de errado comigo!

O médico olha para ele e diz:

– Obviamente, você não está se alimentando adequadamente.

Bem, estou no hospital agora, mas não para ver mamãe. Estou no hospital porque Ruen ficou louco e se transformou em um monstro e atacou algo que ele disse que era um anjo, apesar de eu não ter visto nenhum anjo. Ele veio ontem à noite quando todos já tinham ido embora e eu podia ouvir os pés das enfermeiras soando para cima e para baixo do corredor. Espero não ter que perder os ensaios amanhã. Todo mundo ficou perguntando sobre a dor em meu peito, mas agora já passou e Ruen também já foi embora.

Ele veio assim que Anya saiu. No começo, fiquei um pouco nervoso de vê-lo porque ele realmente me assustou antes. Ele era o Menino Fantasma na ocasião e tinha uma raquete de tênis de mesa azul e uma pequena bola branca que ele tentava equilibrar sobre a raquete.

– Pena que você esteja preso aqui – disse ele. – Senão, poderia vir jogar uma partida comigo.

Ele ficou parado junto à cama e começou a quicar a bola para cima e para baixo, contando.

– Pare com isso – eu disse. – Alguém pode ouvi-lo.

Ele olhou para mim com horríveis olhos pretos.

– Ficou maluco? Ninguém nunca me ouve.

– Mas eles *sentem* você, não é?

Ele parou de quicar a bola.

– O que quer dizer?

– Não seja tolo, sabe o que quero dizer.

Ele sentou-se na cama ao meu lado. Vi o cobertor se enrugar sob suas pernas e o ajeitei à minha volta de novo porque eu estava com frio.

– Vamos, diga – continuou ele, sorrindo e cruzando os braços. – Já que é você que pode ver os dois mundos, por que não me conta? Como as pessoas *me sentem*, Alex?

– Elas simplesmente sabem, entendeu? Sentem seu cheiro, é isso.

Ele fez um beicinho, como uma menina, e eu espero não ficar igual a ele quando faço essa cara.

– Por que você sempre tem que ser tão mesquinho? Tudo que eu faço é para tentar ajudá-lo.

Eu ia dizer que ele era um verdadeiro choramingão, mas fiquei pensando se ele não estaria realmente tentando me ajudar.

– Era o que eu estava tentando fazer antes, sabe? – disse ele.

– O que quer dizer?

– Oh, então agora você realmente quer ouvir?

Sentei-me direito na cama e olhei ao redor. As outras pessoas na enfermaria estavam dormindo, a luz no alto ficava piscando e eu podia ouvir as enfermeiras rindo na sala de chá. Uma delas não parava de resfolegar, parecendo um porco. Então, uma outra riu, soando exatamente como um cavalo, e eu me dei conta de que nunca havia estado em uma fazenda.

Ruen pegou a bola e equilibrou-a na cabeça.

– Não se pode ver tudo, sabe – disse ele. – Você nunca vê anjos. Eles são *tão* maçantes.

Eu pensava em como deveria ser uma fazenda quando me ocorreu que ele tinha razão: eu nunca tinha visto anjos. Eu nem sequer havia pensado nisso até Anya mencionar o assunto. *Como é que você não vê anjos?*, ela havia perguntado. *E quanto a Deus? E o diabo?* Eu disse que Deus era um homem com uma barba branca, uma roupa vermelha e uma expressão alegre, e o diabo também era vermelho e também sorria, mas era *intrinsecamente maligno*.

– É isso que você acha que é, Alex? – dissera Anya. Eu lhe perguntei o que ela queria dizer, e ela disse *Deixa pra lá*. Eu lhe disse que os anjos possuíam cabelos compridos e louros, enormes asas brancas de penas e geralmente moravam no topo das árvores de Natal.

Contei isso a Ruen e ele passou um braço ao redor da cintura e soltou uma risadinha.

– Oh, você é mesmo bronco, Alex – disse ele. – Os anjos não são absolutamente assim. Na verdade, os anjos estão sempre tentando lhe fazer mal.

Ruen é assim quando ele é o Menino Fantasma. Está sempre tentando provar que ele é mais inteligente do que eu, mas às vezes diz coisas que me fazem pensar muito.

– Eu achava que os anjos eram bons e tentavam proteger as pessoas.

Ruen lançou-se para fora da cama e cambaleou pelo chão, arrastando os pés, segurando a barriga e fazendo ruídos cavernosos, como se a minha estupidez quase o tivesse matado. Finalmente, deixou-se cair no chão e soltou um grande suspiro, como se tivesse realmente morrido.

– Ruen? – eu disse, e senti uma dor aguda no peito com a possibilidade de ele ter realmente morrido.

Ele ficou de pé com um salto e abriu um sorriso largo e idiota.

– Sou *eu* quem protege você! – Veio até mim e inclinou-se bem perto. – Eles sabem que você tem o dom de ver o nosso mundo. E não gostam disso.

– Por quê?

Ruen olhou ao redor novamente para ver se alguém nos ouvia. A enfermeira que soava como um porco continuava a roncar, e eu comecei a me perguntar como seria se uma vaca entrasse no corredor. Ruen sentou-se ao meu lado na cama.

– Porque todo mundo pensa que os anjos são bonitos, quando na verdade são criaturas horrendas. E eles preferem que as pessoas acreditem no contrário.

– Então, os anjos estão tentando me atacar?

– Você não viu as luzes brancas aparecerem de vez em quando?

Dei de ombros, o que significava que talvez tivesse visto, mas e daí? Entretanto, na verdade, eu tinha visto luzes brancas. Aconteciam às vezes, quando eu ficava com medo ou quando Ruen tentava me convencer a fazer alguma coisa. Parecia que um pouco de luz do sol havia se desviado do céu e entrado no quarto. Ruen pegou sua raquete e sua bola, parecendo estar de saída.

– Já vai? – eu disse, tentando não parecer que me importava.

Ele virou-se e riu.

– Quer que eu fique, não é? Você está *com medo*.

– Não estou – retruquei, mas, quando ele se virou, sentou-se novamente e passou o braço à minha volta, dei um grande suspiro de alívio.

Quando comecei a pegar no sono, Ruen disse que eu estava maçante como um piquenique de vovó, e foi embora. Então, tive um sonho que foi realmente lindo e realmente horrível ao mesmo tempo. Foi horrível principalmente porque eu não queria que fosse um sonho, e, quando acordei, sentei-me com as palmas das mãos pressionadas contra os olhos, cantando sem parar a única canção que eu conhecia, que era “Longe, em uma manjedoura”.

Meu sonho foi sobre minha avó. Vovó me lembrava um doberman, o que parece engraçado, mas quero dizer que ela era muito ríspida e as pessoas tinham medo de dizer alguma coisa que a contrariasse. Entretanto, quando ela gostava de você, ela o protegia e afastava as pessoas malvadas. Certa vez, dois homens chamados meirinhos bateram na porta de nossa vizinha Doris porque queriam o sofá dela. Vovó saiu correndo com uma vassoura e bateu nos homens até eles irem embora, porque ela disse que Doris não tinha feito mal a ninguém, ainda que eu me pergunte por que eles queriam o sofá de Doris, que era coberto de pelos de gato. Vovó vivia a uma corrida de ônibus e uma caminhada de 4 minutos e 45 segundos de nós, e todos a chamavam de “Vovó”, como se esse fosse seu nome. Ela era baixa e a pele de seu rosto balançava quando ela ria, a maior parte de seus dentes era de pinos de metal aparafusados em suas gengivas como um pirata e ela fumava tantos cigarros que sua voz era rouca como a de um homem. Às vezes, ela acendia um cigarro enquanto outro ainda soltava espirais de fumaça no cinzeiro. Ficou doente durante muitos anos. Lembro-me de ela ter dito que preferia *apagar de uma vez do que ir morrendo aos poucos*, e na ocasião segurava um cigarro em cada mão.

Vovó tinha muito orgulho do jardim em seu quintal porque conhecíamos poucas pessoas que realmente tivessem um jardim no quintal, e ela crescera com um quintal de cimento. Assim, ela resolveu plantar morangos, vermelhos como caixas de correio e grandes como o nariz de um homem gordo. A única vez em que vovó ralhou comigo foi quando eu os comi, porque ela disse que precisava deles para fazer geleia.

– Geleia dura para sempre – costumava ela dizer –, mas morangos só duram uma estação, ou alguns minutos, quando *você* coloca as mãos sujas neles.

Assim, no sonho, eu estava em sua cozinha e ela me disse para ir lá fora colher morangos para fazer geleia. Estava muito ensolarado do lado de fora e as nuvens pareciam bolas de algodão no céu. Desci para o meio da grama, que estava bem alta. Havia uma cobra na grama e no começo fiquei com muito medo e recuei, mas quando olhei de novo vi que não se tratava de uma cobra, e sim de uma sombra. Então, notei que a sombra era realmente longa e eu não conseguia ver o que estava fazendo a sombra. Eu a segui pela grama em direção ao fundo do quintal, e quando ergui os olhos vi Ruen de pé diante de mim. Ele era o Velho. A sombra levava diretamente para um fio pendurado de seu terno que eu achei que fosse insano.

– O que você quer? – eu disse. Ele baixou os olhos para a sombra. Foi quando eu vi que ela se bifurcava, como uma forquilha. Uma das pontas levava a Ruen e a outra levava a mim e estava enrolada ao redor de meu peito.

– O que é isto? – perguntei-lhe.

Ruen apenas faz aquilo quando ele alarga as narinas e mexe as orelhas, e eu pude ver os tufos de cabelos brancos dentro delas. Isso significa que ele está

aborrecido, mas eu simplesmente fiquei olhando fixamente para ele. Então, vovó gritou da janela da cozinha:

– Ele quer machucar você, Alex.

Isso me pareceu estranho, porque vovó nunca tinha visto Ruen, e no sonho eu me perguntei se eles talvez já tivessem se encontrado.

Eu me virei e gritei de volta para ela:

– O que está querendo dizer?

Ela começou a acenar.

– Venha para dentro, Alex. Ele não serve para você. Deixe-o aí.

Sacudi a cabeça.

– Não, ele é legal, vovó. Ruen é meu amigo.

Ela agarrou a beira do peitoril da janela, com uma expressão muito zangada.

– Não, não é, Alex. Ele quer que você pense que você não vale nada. Ele quer machucar sua alma.

– Minha *alma*?

Quando me virei novamente, Ruen havia desaparecido, e, quando olhei para vovó outra vez, a janela da cozinha estava fechada, apesar de eu poder ver vovó lá dentro, lavando a louça, exatamente como eu me lembrava. Voltei-me para o canteiro de morangos, mas sob as folhas verdes eles não estavam vermelhos e suculentos como sempre. Eram como grandes e gordas manchas de sombra e cheiravam a cocô.

Eu os colhi mesmo assim e levei-os para dentro. Fui colocar o cesto na mesa e contar a vovó sobre os morangos. Eu queria lhe dizer que não tinha sido culpa minha que eles tivessem estragado. Mas ela os pegou do cesto e eles estavam vermelhos e bonitos, e eu achei que tinha ficado maluco, então não falei mais nada. Vovó estava cantarolando, feliz, e não havia nem um cigarro à vista.

– Pode mexer aqui, Alex? – disse ela, colocando os morangos em uma grande panela fervente no fogo, enquanto pegava o açúcar no armário. Peguei uma colher grande de um jarro na bancada e comecei a mexer, e os morangos borbulhavam com um cheiro delicioso.

Vovó adicionou o açúcar e disse:

– A memória é uma coisa engraçada, Alex. Às vezes, ela pode nos fazer mal sem que a gente perceba.

Balancei a cabeça, mas não fazia a menor ideia do que ela queria dizer. Imaginei que isso era o que as pessoas de idade diziam quando estavam prestes a enlouquecer.

Então, olhei dentro da panela que eu estava mexendo. A geleia já deixara de ser uma massa borbulhante de gosma encaroçada como algo que Woof tivesse vomitado para se tornar um doce frio que vovó podia despejar nos vidros que havia alinhado

sobre a mesa da cozinha.

– Agora, Alex – disse ela –, você tem que segurar cada vidro no lugar de modo que eu não o derrube enquanto despejo a geleia.

Parei de mexer a mistura na panela e me dirigi à mesa. Vovó indicou os seis vidros sobre a toalha de mesa limpa e eu agarrei um deles com as duas mãos.

– Segure firme – disse ela, e eu o fiz. Vovó foi pegar a panela e lentamente a inclinou sobre o vidro que eu segurava. Uma porção da geleia caiu dentro do vidro.

Vovó disse:

– Você pode fazer geleia dos morangos, mas não pode fazer morangos da geleia.

Olhei para ela.

– O que quer dizer?

Ela colocou a panela sobre a mesa e acariciou meu rosto.

– Ruen quer tentar mudá-lo, fazer de você alguém que não é. Quero que você se lembre de quem você é, Alex. Sabe quem você é?

Balancei a cabeça.

– Como conhece Ruen? – perguntei.

Ela sorriu e o aposento começou a se encher de uma luz branca e forte. A luz foi aumentando, aumentando, até fazer tudo o mais desaparecer.

E então tudo mudou. Quando olhei ao redor, eu não estava mais na cozinha da vovó. Estava em uma rua com casas e muitas pessoas. Reconheci a rua, mas não sabia como. Era pequena, com uma pista negra e molhada no meio, pequenas lojas de pedra de cada lado, e havia uma agência dos Correios do outro lado. As pessoas corriam pela calçada e eu estava do lado de fora de uma igreja. Acho que eu devia ter estado cantando em um coro, porque podia ouvir cânticos e sabia as letras.

À minha frente, vi um homem com uma máscara negra, jeans e jaqueta preta. Ele ergueu sua arma e apontou diretamente para mim. E então foi como se o tempo parasse. Havia pombos esvoaçando no ar e eles ainda tinham as asas abertas, então eu podia ver as penas brancas. Uma lata de Coca-Cola flutuava, o líquido escorrendo dela como uma fita marrom. Um policial ao meu lado virou o rosto e enrugou os lábios como se estivesse com medo ou zangado. Seu rosto estava turvo.

Voltei-me novamente para o homem com a máscara negra. Eu podia ver seus olhos azuis através dos buracos na máscara, e eles olhavam diretamente para mim. Eu podia ver sua arma, preta, brilhante e molhada. Ele apertou o gatilho e eu ouvi um estalo. Ao meu lado, os joelhos do policial dobraram-se e seus braços atiraram-se para o ar, como os de uma marionete. Enquanto caía no chão, o homem abaixou a arma e começou a tirar a máscara. Fiquei observando, meu coração batendo com força, minha boca aberta.

Logo antes de acordar, vi seu rosto.

Era eu.

## AS PINTURAS

### **Anya**

Minhas manhãs são ocupadas com reuniões com outros internos na Casa MacNeice. Nossa residente mais jovem é uma menina, Cara, de 8 anos de idade. Perturbações do Espectro Autista. Ela também é uma artista talentosa e nossa terapeuta de arte visitante, Iris, parece ter feito muito progresso no desenvolvimento das habilidades sociais de Cara e na canalização de grande parte de sua agressividade mediante sessões criativas. Cara traz uma de suas pinturas para me mostrar.

– Olha – diz ela, os olhos castanhos arregalados enquanto aponta para um grande quadro na parede de seu quarto aqui na unidade. É de quatro figuras humanas estilizadas engajadas em diferentes atividades de jardinagem, futebol e balé. Uma delas parece estar consertando um carro. – Aqui sou eu, aqui é minha mãe e meu pai e este é Callum.

– É muito bonito, Cara – eu lhe digo, observando as cores que ela escolheu. São reveladoras: no lugar de sua costumeira preferência pelo preto, a pintura apresenta uma mistura de azul-celeste, rosa e amarelos. Iris também chama atenção para o fato de Cara ter começado a desenhar círculos completos, fechados, em vez de espirais intermináveis – outro sinal de melhora.

Algumas das outras crianças têm problemas mais graves que não podem ser tão facilmente solucionados – nosso interno de 15 anos, Damon, estava numa greve de fome autoimposta havia quatro dias, antes de seus pais o trazerem. Quando o visito em seu quarto, ele se recusa a me fitar nos olhos, muito menos abrir a boca para falar, e eu sou forçada a mandar imobilizá-lo e colocá-lo sob medicação. Avaliações psiquiátricas indicaram psicose e sua medicação parecia estar dando resultado: esta súbita recaída foi totalmente inesperada. Há dias em que eu sinto que a mente humana é um quebra-cabeça que jamais conseguirei resolver.

Na manhã seguinte à transferência de Alex para o hospital, após seus ferimentos em casa, eu convoco uma reunião de revisão de seu caso na sala de reuniões, a qual envolve Michael, Ursula e Howard Dungar, um terapeuta ocupacional. Tais reuniões são necessárias para que eu possa apresentar minhas descobertas e obter uma variedade de perspectivas especializadas a respeito do melhor programa de tratamento para Alex.



Michael já está na sala de reuniões quando eu chego, aquecendo as mãos em um velho aquecedor junto à janela.

– Como vai o terreno? – pergunto, notando sua postura. Ele está tenso, a testa franzida, pronto para a guerra.

Ele se vira e se apoia no parapeito da janela, enfiando as mãos nos bolsos da calça de tweed. Os cantos de sua boca se torcem.

– Meus feijões-verdes já estão com 10 centímetros de altura – diz ele, enigmaticamente.

Tiro o casaco, rindo.

– Adoro quando um homem me diz isso.

Sua boca lentamente esboça um sorriso e eu fico ruborizada, perguntando-me por um instante de onde veio aquela minha observação.

Ursula chega, envolta em seu costumeiro manto de presunção e usando jeans pelo segundo dia consecutivo. Anteontem, foi divulgado um anúncio para um psicólogo clínico substituto, portanto seu perceptível distanciamento do caso de Alex é compreensível. Howard aparece um minuto atrasado, um círculo branco de açúcar ao redor da boca e a braguilha aberta.

Depois que todos assumem seus lugares, eu começo a reunião com um breve comentário sobre minha avaliação de Alex até o momento:

– Alex Broccoli presenciou a tentativa de suicídio de sua mãe quatro vezes, até onde se sabe. Também testemunhou inúmeros de seus episódios de autoflagelação. Ele tem indicadores de esquizofrenia, inclusive alta vigilância, leve paranoia, comportamento bizarro e frequentes e intensas alucinações. Após uma consulta inicial ao hospital, providenciei para que fosse submetido a uma série de exames físicos para descartar qualquer causa física para seu estado. A ressonância magnética e o eletroencefalograma estão normais, e os resultados dos exames de sangue foram bons.

Levanto os olhos de minhas anotações para ver se todos estão me acompanhando. Michael tem a cabeça ligeiramente erguida, as mãos grandes pressionadas na madeira da mesa. Ursula me analisa através de seus pequenos óculos de leitura vermelhos. Howard mexe num pequeno ferimento da barba. Continuo:

– Como todos nós concordamos, há um consenso de que em geral é melhor manter a família unida, mas, por causa do estado atual de Alex, acho que pode ser perigoso mantê-lo em casa. Na minha opinião, Alex precisa de avaliação permanente. Tenham certeza de que farei todo o possível para manter o contato entre Alex e sua mãe com a maior regularidade possível.

Howard ergue os olhos.

– Pode explicar o que quer dizer com “perigoso”?

Balanço a cabeça.

– Minhas entrevistas com ele revelaram que ele tem frequentes delírios e distúrbios de percepção, inclusive uma forte ligação com um amigo imaginário chamado Ruin. É nesse personagem que estou mais interessada, porque ele me diz muito sobre como Alex vê a si mesmo.

Ursula entrelaça os dedos.

– Como assim?

– Ele me diz que Ruin é a versão “má” de Alex.

Ela inclina a cabeça para o lado.

– Então, Alex não diz que *ele* é ruim?

– Não, mas acredito que Ruin seja a projeção de Alex de si mesmo. Ele também alega que pode ver demônios, o tempo todo, por toda parte. Quero mantê-lo na Casa MacNeice por um período de pelo menos um mês para observação e avaliação adequadas. Transferir Alex para a Casa MacNeice requer o consentimento da mãe. Cindy se recusa a dar seu consentimento. Ela está atualmente sendo avaliada para determinar se está em condições de tomar decisões por Alex como sua mãe, o que me entristece muito. Se ela for considerada incapaz, Alex será transferido para a Casa MacNeice na primeira oportunidade.

Michael inclina-se para frente.

– Acho que devemos considerar o fato de que a mãe de Alex está sendo tratada na unidade psiquiátrica de adultos. Sabemos que está lá atualmente por um período de três semanas. Não seria melhor esperar até que ela tenha alta?

Ursula vira-se para ele.

– E por quê?

– Por uma questão de sensibilidade com a situação – retruca Michael calmamente. – Alex e sua mãe são muito apegados. Se esperar até Cindy receber alta do hospital, ela poderá visitar Alex na Casa MacNeice. Esse contato dará segurança e confiança tanto à mãe quanto ao filho, e muito provavelmente tornará mais fácil para eles aceitarem o tratamento.

– E quanto às marcas no corpo de Alex? – interpõe Howard. – O menino está sendo maltratado?

– Muito provavelmente trata-se de autoflagelação – opina Ursula em voz alta, cruzando os braços.

– Se Alex *está* se autoflagelando – digo –, temos que intervir o mais rápido possível.

Olho para Michael, notando a linha do seu maxilar começando a ficar vermelha. Sinto uma sensação de tristeza por ainda não ter conseguido convencê-lo de que

estou do seu lado.

– Tanto Alex quanto Cindy ficarão perturbados com a separação – diz ele tranquilamente. Ninguém menciona a ironia de que as tentativas de suicídio de Cindy têm sido esforços para separar o par para sempre; o estado mental de Cindy não vê isso tão racionalmente.

– Isto é um problema médico – lembro delicadamente a Michael. – Um problema médico requer intervenção médica.

– Mas você não deu um diagnóstico! – Ele eleva a voz.

Ursula volta-se novamente para mim:

– As anotações não mencionam que Alex sofre de Perturbações do Espectro Autista.

Faço que não com a cabeça.

– Alex parece vir passando de um consultor a outro como uma cobaia. – Eu mal consigo disfarçar o tom ácido da minha voz. – Uma avaliação destacou o vocabulário desenvolvido e as dificuldades sociais de Alex como um possível indicador de Perturbações do Espectro Autista, mas estou decidida a excluir isso inteiramente. É precisamente por isso que preciso transferi-lo para a Casa MacNeice – digo, mas nesse momento Howard e Ursula discutem a questão entre si e sinto que minha sugestão passou despercebida. Por um instante, Michael e eu nos entreolhamos por cima da longa mesa, duas forças em lados opostos. Sou a primeira a desviar o olhar.

Limpo a garganta. Ursula ergue os olhos.

– Desculpe-me – diz ela, o tom de voz ríspido. – Howard e eu somos de opinião de que uma abordagem holística é a melhor solução para este caso, uma abordagem que considere o quadro geral. Francamente, Cindy faz parte desse quadro.

Pelo canto dos olhos, vejo Michael concordando com a cabeça.

Ursula continua:

– De minha parte, recomendo uma abordagem centrada em solução para o caso de Alex. Michael, você vem trabalhando com esta família há vários anos, não é?

Ele pisca, volta-se para ela e balança a cabeça.

– Anya, talvez seja melhor se você e Michael trabalharem juntos a partir deste ponto na direção de um programa que leve em consideração os contextos e necessidades individuais. – Ela olha para Howard. – Podemos rever o caso novamente dentro de duas semanas.

Abro a boca para falar, mas ela já está se levantando para sair. Howard sorri sem jeito e a segue, parando para se servir de uma xícara de café frio da jarra de aço inoxidável no fim da sala. Michael permanece sentado, os olhos baixos, e eu também.

Ele espera até Howard acabar de engolir seu café e sair apressadamente pelo corredor, antes de erguer os olhos.

– Anya – diz ele tranquilamente –, olhe... eu só quero ir com calma com esta família, OK? Fico feliz por você ser dinâmica e realizadora, e todos nós estamos apenas tentando alcançá-la depois de anos de muito alvoroço e pouca realização, sabe?

Sinto minhas faces arderem. Lembro a mim mesma que o caso de Alex não é uma guerra de vontades entre mim e meus colegas, e, em meio ao afluxo de sangue em minhas orelhas, tento argumentar comigo mesma que, talvez, seja mesmo melhor esperar até Cindy ter alta. Mas sinto-me tomada por uma urgência em resolver este caso e nem sei bem por quê.

Michael levanta-se, dá a volta na mesa e senta-se na cadeira ao meu lado.

– Você está bem? – diz ele então, e vejo que está preocupado. Levo a mão ao rosto e descubro, para meu horror, que comecei a chorar.

Balanço a cabeça, rio e tento refrear quaisquer emoções que tenham escapado ao meu controle sem que eu percebesse.

– Sim – digo a ele, olhando para as pontas molhadas dos meus dedos como se esperasse que elas anunciassem a razão de sua presença. – Acho que só estou tentando me situar neste lugar. Nós apenas fazíamos queda de braço em reuniões de revisão em Edimburgo, jogávamos um pouco de pôquer. Nada deste negócio de debates.

Ele sorri e eu aproveito a oportunidade para passar um dedo sob os dois olhos, limpando o inevitável borrão preto. Então, tiro a esferográfica que está segurando meus cabelos no alto. Quero-os soltos, cobrindo minha cicatriz. Ele para de sorrir e examina meu rosto, olhando para o meu novo penteado. Para meu maxilar.

– Não quero ser hipócrita – diz ele cautelosamente –, mas acho que devia ter cuidado para não se deixar envolver demais neste caso.

– Acha que me envolvi?

– Você já disse que enigmas a deixam frustrada. Receio que o verdadeiro enigma que a incomoda seja Poppy. E que você vê muito de Poppy em Alex, no caso de Alex.

Ele acrescentou “no caso de Alex” apressadamente. Franzo as sobrancelhas.

– Eu lido o tempo todo com dezenas de crianças com problemas de saúde mental; o que o faz pensar que...?

Ele balança a cabeça com firmeza.

– Não com a doença de Poppy, Anya. Não assim. Você está com medo, não é? Que ele vá fazer o mesmo que sua filha fez?

Posso sentir o calor em minhas veias, e tenho certa dificuldade em respirar. Ele

está com raiva agora, fazendo alegações por causa de seu nervosismo. Eu me recuso a compactuar com ele.

Levanto-me e junto minhas pastas.

– Nesse ínterim – digo –, pretendo entrevistar os professores de Alex e sua tia Beverly. Se eu realmente encontrar prova de que ele possa infligir danos a si próprio ou ser um perigo para outras pessoas, tenho certeza de que você concordará que eu não tenho opção senão interná-lo.

Para minha surpresa, Michael aperta minha mão e simplesmente balança a cabeça, antes de sair da sala a passos largos.

Quando retorno ao meu escritório, encontro uma mensagem na minha caixa de e-mail. Fico aliviada quando vejo que é da professora de Alex, Karen Holland:

Para: A\_molokova@casamacneice.nhs.uk

De: k.holland@stpaulsprimary.co.uk

Data: 12/5/07 13:44

Querida Anya,

Terei muito prazer em conversar com você – na verdade, lembro-me muito bem de Alex. Eu me preocupava com ele quando foi meu aluno há três anos, e fico feliz em ver que ele está finalmente recebendo um tratamento adequado. Tenho alguns horários disponíveis para uma reunião aqui na escola – na próxima quinta-feira, às 17h, na terça-feira seguinte, às 16:30, ou talvez hoje às 16h? Precisa de indicações do local?

Atenciosamente, KW.

Respondo imediatamente o e-mail para aproveitar sua proposta de um encontro na mesma tarde. Troco meus sapatos de salto alto por tênis de corrida e transfiro os arquivos de Alex de minha pasta para minha mochila, depois parto a pé, enveredando pelas ruas familiares próximas à Queen's University. Entre camadas de anúncios de estudantes colados nos postes e tapumes dos prédios, avisto um cartaz grande e chamativo da companhia de Jojo: “Crianças realmente talentosas.” HAMLET está escrito com buracos de bala, e há várias figuras de freiras portando metralhadoras e crianças fazendo sinais de gangues, com vários endossos de estrelas de cinema embaixo. Vejo uma pequena imagem de Alex durante um dos ensaios em seu papel de Horácio e sorrio à lembrança dele tentando inventar piadas ruins para o papel. Jojo havia me sussurrado que piadas ruins eram exatamente o que ela estava pretendendo, embora a confiança de Alex fosse a verdadeira recompensa – ele havia se transformado de um garoto nervoso, com medo de palco, que mal se conseguia ouvir da primeira fila, em um menino que começava a impor sua presença e assumir seu posto no palco. Faço uma anotação mental para convidar Jojo à Casa MacNeice.

Prossigo em linha reta em direção à escola, cortando caminho pelo quadrilátero central do campus da Queen's University, seus prédios novos brilhando ao lado dos prédios antigos de tijolos vermelhos de que eu me lembro. Vejo-me relembando meus dias de adolescente, em um tapete com um grupo de amigos – levo um ou dois minutos para lembrar seus nomes –, Blondie no rádio, um piquenique de sanduíches de geleia e chá frio.

*Isso foi realmente um quarto de século atrás?*

Passo por um prédio novo e reluzente com o letreiro “Escola de Música”, suas salas espaçosas, modernas, visíveis através das grandes janelas. Dois estudantes passam por mim, um deles falando ao celular, outro segurando um copo da Starbucks. Continuo em direção ao jardim botânico, paro em frente ao domo da estufa, onde dois canteiros de tulipas brancas foram plantados para formar um par de asas. São tão reais, tão luxuriantes e luminosas que quase parecem se mover, e as pétalas agitam-se como penas. Paro de andar e passo um longo tempo fitando-as, emocionada com o modo como haviam parecido tão diferentes de longe – na forma de asas de uma pomba, per cebo, abrindo-se como leques para fora, a cabeça da ave formada por um canteiro menor, o bico de prímulas. O símbolo da paz.

\*

Quando Poppy foi enterrada, eu não podia suportar a ideia de uma lápide. Parecia tão definitiva, tão cruel para a minha filhinha. Em sua sepultura, em Edimburgo, mandei um artesão esculpir as asas de uma pomba em pedra de Portland – um tipo de pedra que embranquece com o tempo. O artesão teve o cuidado de esculpir cada asa com precisão, as penas tão reais que pareciam se agitar à luz do sol. Eu esperava lhe dar paz. É a minha própria paz que eu nunca encontrei.

E não sei como encontrar.

Cheguei à escola primária de St. Paul às 15:45, 15 minutos adiantada. Instalada em uma antiga capela, a escola tinha um ar distintamente religioso que continuava lá dentro, na forma de murais feitos por crianças sobre santos e festas religiosas. Observei as cenas de anjos e Jesus nos vitrais das janelas, suas cores e imagens sazoadas ao sol do final de tarde. Uma placa me direcionou à recepção, onde encontrei um rapaz digitando em um computador.

– Tenho uma reunião com Karen Holland – eu lhe disse. Ele balançou a cabeça e me pediu para assinar um livro de registros antes de me conduzir à sala dos professores.

– Karen está numa reunião – disse ele, indicando com um sinal da cabeça a pia e a cafeteira em frente a um conjunto de sofás. – Fique à vontade.

No canto da sala, havia um velho piano de armário preto, candelabros curvados como cactos no painel frontal, a tampa aberta. Suas teclas eram amareladas e lascadas, como os dentes de um velho. Olhei para a porta de entrada para ver se não vinha ninguém, depois deslizei os dedos pelas notas que formavam o acorde de abertura da *Sonata Pathétique*, de Beethoven. Por um instante, senti-me tentada a me inclinar, fazer soar a textura densa, faminta desse acorde deslumbrante, mas parei imediatamente antes de pressionar as teclas. Lentamente, ergui as mãos e deixei o piano entregue ao seu silêncio.

Quando Poppy morreu, eu vendi seu amado piano de cauda por um décimo de seu valor, apenas para me livrar do seu som. Parecia-me que, mesmo quando a tampa estava fechada, o vento conseguia penetrar nele, roçar suas cordas, e as músicas de Poppy elevavam-se como fantasmas. Eu tocava desde criança, dedilhando no velho Yamaha em minha escola, depois lhe ofereci aulas com uma professora. Era importante para mim ensinar a ela, proporcionar-lhe a mesma alegria – mas eu não previra o quanto o som iria se enraizar em minhas veias depois que ela partiu. Quanta solidão repentinamente se infundiria na música que um dia eu tanto amara.

– Dra. Molokova? – disse uma voz. Virei-me e vi uma mulher roliça e baixa, enrolada em um vestido cor de ferrugem, de pé na entrada da porta, os olhos escondidos atrás de óculos escuros. Usava um capacete de espessos cabelos cor de âmbar, meias marrons e tinha mãos quentes como torradas quando nos cumprimentamos. Ela abriu um largo sorriso.

– Sou Karen Holland, como vai? Gostaria de vir à minha sala?

Assenti e a segui para fora da sala, ao longo de um corredor coberto dos dois lados por mosaicos em *papier mâché* da África e autorretratos desenhados por alunos mais velhos. Procurei o rosto de Alex, mas não estava lá.

– Desencavei algo dos meus arquivos para lhe mostrar – disse Karen quando entramos em sua sala.

– Arquivos?

Olhei ao redor. As paredes da sala de aula estavam cobertas de pinturas, gráficos de progressão, normas e um pequeno filme sobre elefantes silenciosamente exibido no quadro branco na parede dos fundos. Karen passou por mim em direção à sua escrivaninha, onde pude ver um punhado de pinturas grandes, infantis, espalhadas para eu examinar.

– O que são? – perguntei, incapaz de dar sentido ao que parecia ser uma série de expressões grandes, cheias de erros ortográficos e pequenas figuras de perfil em tinta preta velha e rachada.

– Que bom que eu guardei isto – disse Karen, retirando os óculos escuros e

esfregando os olhos. Pude ver que seus olhos eram pequenos e de um azul intenso, apertados contra a luz suave que vinha da janela.

Virei a cabeça para ver as pinturas de um ângulo diferente.

– Estas são manchetes de jornais?

Ela recolocou os óculos, suspirando de alívio ao diminuir a intensidade da luz em seus olhos.

– Alex as fez quando tinha cerca de 6 anos para um projeto de aula. Estávamos imaginando como poderiam ser as manchetes para o naufrágio do *Titanic* e como usar a língua concisamente... Como pode ver, Alex desviou-se da tarefa de uma forma que sempre me pareceu significativa.

Olhei as manchetes. CRIME MONSTRUOSO, dizia uma delas. Outra, trazia um desenho que parecia um Menino Jesus enrolado em mantas e um título: APODREÇA NO INFERNO. Em seguida, outra: RUEND PEEPELS VIVE. Parei na palavra “ruend”.

– Mostrei estes trabalhos para os consultores de Alex no passado, mas eles não viram nenhuma ligação – disse Karen.

Ergui os olhos para ela.

– Você perguntou a Alex por que ele fez essas pinturas?

Ela balançou a cabeça.

– Ele não parecia saber por que as fizera.

– Mas a tarefa era sobre a tragédia do *Titanic*...

Examinei as pinturas outra vez, mentalmente rememorando minhas conversas com Alex. Ele deve ter lido as manchetes em um jornal.

– Como era Alex como aluno?

Karen ergueu uma das mãos para tentar baixar a cabeleira espessa.

– Era educado, quieto. Um aluno acima da média. Nenhum amigo, não de verdade. Eu costumava ficar com pena quando ele era o único menino na sala a não ser convidado para o aniversário de algum colega. Mas isso acontece, sabe? Creio que foi esse senso de exclusão que contribuiu para a sua raiva.

Parei de escrever.

– Raiva?

Ela balançou a cabeça, embora eu tenha sentido certa relutância de sua parte em admiti-la.

– Ele tinha... e eram ocasionais, veja bem... ataques explosivos que terminavam com ele em torrentes de lágrimas.

Lembrei-me do que eu lera nas anotações.

– Alex a agrediu, não foi?



Ela suspirou.

– Ele desferiu um soco, me atingiu com toda a força no peito. Acho que ficou mais chocado do que eu. Ainda assim, relatei o caso para o consultor de Alex na época. Ele estava ficando cada vez mais furioso, achei que seria do interesse dele...

– Alguma vez ele agrediu outro aluno?

Ela sacudiu a cabeça.

– Ele nunca explicou *por que* explodiu. Foi como um acesso de pirraça, mas muito pior. Berros, imprecações, ameaças.

– Ameaças?

– Sim. A mim, a outras crianças. Mas elas eram... o que eu chamaria de ameaças *cegas*. Como se ele mal pudesse ver quem estava lá. Como se não me reconhecesse ou as pessoas à sua volta. Como se tivesse esquecido quem éramos. – Ela parou, perturbada pela lembrança. – Ele ficava completamente devastado, uma versão inteiramente diferente de si mesmo. Quando falei com a mãe dele sobre isso, ela pareceu transtornada, mas recusou-se a oferecer qualquer sugestão. – Suspirou. – Não há muito o que possamos fazer na escola. A responsabilidade é da família, e isso é uma infelicidade em alguns casos.

Quando minha página já estava repleta de anotações, agradei sua atenção e comecei a fechar minha pasta.

Ela tirou os óculos outra vez, os olhos imediatamente perturbados pela luz.

– Ele não é um garoto ruim – disse ela. – E algo que eu nunca disse ao outro consultante foi que Alex me escreveu um pequeno bilhete depois que me agrediu daquela vez.

– Você tem o bilhete?

Ela balançou a cabeça.

– Claro que sim. Está em casa. Eu o guardo, como guardo todos os presentes que recebo de meus alunos. Ele desenhou um pequeno retrato meu com as palavras “SINTO MUITO” em letras maiúsculas, depois assinou-o com beijos e abraços. Nem toda criança é capaz de fazer isso, sabe?

Sorri diante daquele pensamento, depois me perguntei por que não havia nenhuma menção desse retrato em minhas anotações sobre Alex.

– Karen, você deu aulas para Alex em ocasiões diferentes durante vários anos. Quando você diria que o comportamento dele mudou?

– Dezesseis de dezembro de 2001 – disse ela rapidamente, e eu ergui os olhos. Ela sorriu tristemente. – No dia em que Alex me disse que seu pai havia morrido.

## O AMIGO REJEITADO

**Alex**

Querido Diário,

Faltam três dias para encenarmos *Hamlet* na Grand Opera House. Gosto muito de lá. É tudo vermelho e eu me sinto maior quando estou no palco, como se eu fosse um gigante. Aposto que caberiam casas como a nossa lá dentro. Tivemos um ensaio de *Hamlet* ontem à noite e ao menos dessa vez todos se lembraram de suas falas, a maquiagem de Jojo escorreu e ela abraçou Cian, de quem normalmente ela não gosta. Em seguida, ela fez todos nós sentarmos em círculo no palco e falar sobre nossos Medos e Esperanças para a Noite de Estreia.

Katie foi a primeira a levantar a mão.

– Tenho medo de que minha mãe enlouqueça – disse ela, a voz sem expressão. O sorriso de Jojo abandonou seu rosto e ela perguntou a Katie o que ela queria dizer com aquilo. Katie apenas deu de ombros e se recusou a dizer qualquer outra coisa depois disso, mas continuou a estalar o elástico em seu pulso até eu lhe dizer para parar com aquilo.

Levantei a mão.

– Espero que a plateia grite “Bis” – respondi, e Terry e Sean riram silenciosamente com desdém.

– Eu também espero – disse Jojo, dando uma piscadela para mim. – Embora eu ache que o mais provável seja que aplaudam por um longo tempo quando gostam de sua atuação.

Então, ela ergueu os dedos indicadores, que é um sinal para todos ficarem em silêncio.

– Agora. Quem acha que as pessoas entendem por que estamos encenando esta peça?

Todos se entreolharam. Finalmente, Bonnie Nicholls ergueu a mão.

– Porque somos crianças realmente talentosas?

Jojo deu-lhe um amplo sorriso.

– Essa sem dúvida é uma das razões. Obrigada, Bonnie. Mais alguém?

– Porque a peça é famosa? – disse Liam. Jojo disse que sim, mas disse que talvez precisássemos de uma dica.

– Onde esta peça se passa?

– Belfast – eu disse.

– *Correctamundo!* – disse Jojo, e eu me senti orgulhoso. Então, ela ficou séria e pressionou um dedo contra os lábios. – Mas onde *Shakespeare* situou sua peça?

Houve uma série de sussurros. Vi Terry buscar no Google de seu celular.

– Dinamarca – disse ele.

– Sim! – gritou Jojo, apontando para Terry. – E o que Shakespeare diz a respeito da Dinamarca?

– Está podre – respondi rapidamente. Ela abriu a boca para dizer *correctamundo*, mas eu levantei a mão outra vez e ela inclinou a cabeça para o lado.

– Está dizendo que Belfast está podre? – perguntei.

– *Está* podre – disse Terry, e todos concordaram.

– Toda ela? – disse Jojo com voz fraca. – Ou somente parte dela?

Bonnie esticou o braço bem alto.

– Eu gosto do sorvete Mauds.

Não se pode comprar sorvete Mauds em nenhum lugar senão na Irlanda do Norte, o que me faz sentir pena de qualquer pessoa que não more na Irlanda do Norte.

A rainha Gertrude – na verdade, seu nome verdadeiro é Samantha, mas ela nos faz chamá-la de rainha Gertrude – ergueu a mão.

– Eu gosto de Helen's Bay.

Helen's Bay é uma praia a 4,5 quilômetros de nossa casa onde eu nunca estive, mas vovó costumava me mostrar fotos e ela parecia bonita.

– Bom para jogging – disse Jojo, concordando e apontando para Samantha. – Mais alguém?

– Eu gosto quando ninguém é baleado – eu disse, e Jojo virou a cabeça para olhar para mim. Por um instante, todos fizeram silêncio.

– Certo! Certo! – disse Liam. Em seguida Bonnie, depois Katie, depois Samantha e Terry e todos os outros. Até mesmo Jojo.

Após alguns minutos, Jojo colocou o queixo no peito e entrelaçou as mãos nas costas como costuma fazer quando está pensando. Todos nós sabíamos que devíamos parar de falar e o palco ficou absolutamente silencioso.

– Há uma frase no fim desta peça que dá uma mensagem. Uma mensagem de esperança. Quem pode me dizer qual é?

*Hamlet*, na minha opinião, não tinha nada a ver com esperança. Era a respeito de

um garoto cujo pai o assombrava e o fez matar alguém para se vingar dele, mas isso só piorou as coisas.

– *Nós desafiamos o agouro* – eu disse em voz baixa, pois não sabia exatamente o que isso significava, mas era a última frase da peça e Jojo nos dissera que ela escolheu essa frase para terminar por ela significar que apenas porque o futuro estava previsto de uma certa forma não significava que não pudéssemos escolher um caminho diferente.

– Como? – perguntou Jojo, olhando para todos nós.

– Ele disse: *Nós desafiamos o agouro* – anunciou Katie. – Esta peça é sobre nós dizendo que não nos importamos com o que aconteceu no passado porque temos poder de decisão no que acontecerá no futuro.

O rosto de Jojo se iluminou e ela começou a bater palmas, e todos nós fizemos o mesmo. Aplaudimos, demos vivas e começamos a entoar: “*Hamlet, Hamlet, Hamlet, Hamlet!*”, o que gradualmente se transformou em “*Belfast, Belfast, Belfast, Belfast!*”. Jojo agitava as mãos como se estivesse conduzindo o coro e depois, finalmente, quando Liam e Gareth mudaram o cântico para “*Celta, Celta, Celta!*”, ela ergueu os dois dedos outra vez. Todos nós fizemos silêncio.

– Lembrem-se, pessoal. Isto é uma importante declaração de quem vocês são e onde querem estar – disse Jojo.

– McDonald’s – disse Liam baixinho. Algumas pessoas deram uma risadinha, mas Jojo apenas olhou fixamente para ele.

– Isto é mais do que uma peça de Shakespeare. É sobre o que significa se erguer das cinzas do passado de Belfast. Sintam orgulho.

\*

No outro dia, após o almoço, eu estava pensando no sonho que tive sobre Ruen e vovó e me lembrei de algo: que, quando Ruen veio ao hospital, eu vi que ele tinha um fio pendurado de seu casaco preto, exatamente como no sonho. Eu tenho fios pendurados de minhas roupas o tempo todo, e no hospital eu tinha uma camisola com um longo pedaço de fio nas costas. Eu podia jurar que havia um segundo, quando pareceu que o fio do casaco de Ruen estava ligado a ele. Não sei o que isso significa, mas me fez sentir estranho.

Assim, resolvi dizer a ele que não queria mais que ele me estudasse. Achei que isso o deixaria zangado. Eu não me importava em conseguir uma casa nova. Eu achava que, embora pudesse ser muito legal, eu só queria que mamãe fosse feliz outra vez e não chorasse mais. E também eu não sabia se ser amigo de alguém significava que um tinha que fazer algo pelo outro. Anya havia me dito que ela havia

arranjado para eu ver mamãe de novo muito em breve, e eu estava muito empolgado com isso, e também preocupado caso mamãe morresse antes que eu a visse. Às vezes, penso nas vezes em que ela tomou todas aquelas pílulas e acho que ela na verdade sabia que teria morrido se os médicos não a tivessem curado. Por que ela fazia isso? Por que ela *queria* morrer? E, se ela morresse, quem iria cuidar de mim?

Eu mal dormi à noite passada porque tive medo de que, se contasse a Ruen que eu não queria mais que ele me estudasse, eu não teria mais um amigo. Eu ainda não sabia por que ele queria me estudar. É tolice, na verdade, porque sou apenas um garoto de 10 anos de Belfast, não um primeiro-ministro ou um jogador de futebol ou algo assim, e depois ele estava começando a me assustar. Ele costumava ser divertido e ter sempre uma resposta na ponta da língua. Como na ocasião em que Eoin Murphy fez todo mundo na escola me chamar de “Azz”, em vez de “Alex”, e ficava dizendo que eu era um *cigano gay maluco*. Ele fez a turma inteira rir de mim e eu me senti tão chateado que não consegui pensar em nenhuma resposta, nem uma única palavra. Então, Ruen veio até mim e sussurrou algo em meu ouvido. Exatamente quando Eoin estava fazendo todo mundo começar a cantar “Azz é retardado”, virei-me para ele e repeti o que Ruen havia dito.

Eu disse:

– Eoin, acabaram de ligar do zoo. Os macacos querem seus colegas de volta, então você vai ter que encontrar um novo disfarce.

Todos pararam de cantarolar, e Jamie Belsey deu uma risadinha dentro da mão. O rosto de Eoin ficou vermelho. Ele olhou para mim e disse:

– Você se acha engraçado, maluquinho?

Ruen sussurrou em meu ouvido outra vez e eu repeti o que ele disse:

– Soube que seus pais o levaram a um show de cachorros e você venceu.

Então todos riram e Eoin ficou realmente furioso.

– Quer brigar? – disse ele, empurrando-me para trás, mas eu finquei o pé e repeti o que Ruen me mandara dizer:

– Adoraria te dar uma surra, mas não gosto de ser cruel com animais estúpidos.

Então, Eoin deu um soco em meu pescoço, que doeu muito, mas ainda assim eu de certa forma me senti vencedor.

Ruen e eu temos nos divertido muito, e ele tem sido realmente um bom amigo; costumávamos rir durante vários dias de coisas assim. Quando ele era o Velho, era como um tio rabugento que me instava a fazer travessuras, como saltar de um ônibus ainda em movimento, copiar o trabalho de casa de alguém ou roubar os cigarros da srta. Holland quando ela deixava a bolsa em cima da mesa. Mas começara a ficar assustador e irritado, e eu me sentia estranho quando ele estava por perto. Eu imaginava que ele ficaria zangado comigo, mas achava que ele podia estudar outra

pessoa.

Fiquei tão nervoso para lhe dizer isso que me levantei 11 vezes, durante a noite, para fazer xixi. Minhas mãos e pés estavam dormentes e, quando Woof recusou-se a subir na cama comigo, eu saí de baixo das cobertas e enrolei-me nele no chão.

Quando acordei hoje de manhã, Ruen já estava lá embaixo. Ele era o Velho e estava sentado na velha poltrona azul de papai, com os pés em cima da velha mesinha de centro de vovó, com as mãos cruzadas sobre a barriga, como se esperasse por mim. Isso me surpreendeu. A segunda coisa que me surpreendeu foi o fato de ele estar muito sorridente. Ele parecia ter acabado de ganhar um prêmio ou algo assim, remexendo em sua gravata-borboleta e lambendo a palma da mão para alisar os fiapos de cabelos brancos que se ouriçavam de seu couro cabeludo como dentes-de-leão. Quando entrei na sala, ele se levantou com as mãos nas costas e abriu um sorriso que fez parecer que ele estava com prisão de ventre.

– Alex, meu garoto – disse ele. – Tenho ótimas notícias.

Eu na verdade não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Eu estava realmente cansado e só queria cuspir o discurso que havia treinado, que resumi apenas no seguinte:

– Ruen, sei que somos amigos e tudo o mais, mas não quero mais ser seu amigo.

Eu sabia que ele queria que eu perguntasse quais eram as notícias, então não perguntei. Fiquei ali parado, olhando-o fixamente, até que tia Bev veio da cozinha. Ela usava um short apertado e brilhante e um pequeno colete brilhante que deixava ver a pele de sua barriga, o que significava que ela estava indo fazer escalada. Colocou as mãos nos quadris e suspirou para mim.

– Você *realmente* tem que comer cebolas com torrada pelo quinto dia consecutivo? A cozinha está fedendo.

– Sim – respondi, e virei-me de novo para Ruen. Tia Bev continuou falando sobre uma boa fritada ou mesmo um mingau, mas eu a ignorei e ela finalmente voltou para a cozinha.

Ruen dirigiu-se ao corredor e acenou para que eu o seguisse. Bocejei e me arrastei atrás dele. Passei pelos casacos pendurados no cabideiro – todos eles de tia Bev, ela parece uma colecionadora de casacos – e chutei o velho tapete vermelho e puído no chão. Ruen estava parado ao lado do velho piano de vovó, as duas mãos às costas, um sorriso grande e idiota no rosto feio.

– Alex – disse ele. – Encontrei uma nova casa para você.

Meu coração começou a bater mais rápido e lamentei por achar que ele era estúpido.

– Encontrou?

Ruen respirou fundo e seu sorriso se alargou.

– Hoje, mais tarde, Anya vai lhe contar que você e sua mãe vão se mudar para uma casa novinha com um jardim e todas as coisas que você me pediu.

Eu simplesmente não sabia o que dizer.

– Não sei o que dizer – falei.

– Pode começar me agradecendo – disse Ruen, inclinando a cabeça para me fazer lembrar.

Comecei a agradecer, porque estava agradecido, mas eu ainda estava com raiva dele. Ele havia me assustado no outro dia e eu estava aborrecido com isso.

Seu sorriso transformou-se na sua carranca de sempre.

– O que foi, Alex? – disse ele. – Achei que você ficaria muito satisfeito, agora que eu lhe dei o que você mais queria. Não acha que está sendo um pouco ingrato?

Olhei para o tapete vermelho no assoalho. Era tão velho que não passava de um monte de fios amontoados, mas mantive os olhos presos nele para não ter que levantar os olhos para Ruen. Tive medo de realmente não conseguirmos a casa, mas compreendi que Ruen era assim, que ele me ajudara muito no passado e não faltara com a palavra.

– E o que é que sua mãe mais detesta? – disse ele, erguendo os olhos para o teto e estalando a língua.

– Gente que não diz obrigado – respondi.

– Exatamente.

Tia Bev chamou meu nome da sala. Olhei pela porta e a vi colocar um prato de cebolas e torradas na mesa.

– Você devia ter nascido na França – disse ela, antes de se virar e voltar para a cozinha. Lancei um olhar para Ruen antes de voltar para a sala. Sentei-me à mesa e olhei para as cebolas. Não tinha vontade de comê-las.

Ruen apareceu no lugar à minha frente. Parecia muito preocupado.

– Alex – disse ele, fazendo aquilo que costumava fazer com as mãos, um triângulo com os dedos, só que suas unhas são tão compridas que seus dedos não se tocam. – Isto é por causa da doutora, Alex? Ela está fazendo um monte de perguntas, não é? – Sua voz soou como se ele estivesse realmente preocupado comigo, e eu me perguntei se realmente estaria. – Está começando a incomodá-lo? – disse ele. – Talvez eu possa ajudá-lo.

Eu sabia que tia Bev poderia ouvir o que eu dissesse em seguida, mas não me importei. Olhei para Ruen e disse:

– Por que você está me estudando?

– O que, querido? – tia Bev enfiou a cabeça pela porta da cozinha. Ruen olhou de tia Bev para mim. Senti um calor em volta do meu coração e um grande soluço em minha garganta. Falei de novo:

– Por que você está me estudando? Não sou um jogador de futebol.

Ruen entrelaçou as mãos, desfazendo seu triângulo, e seus olhos se estreitaram, raivosos.

– Não gosto de ser estudado – eu disse. – Nem por você, nem por Anya. Só quero minha mãe de volta em casa, OK? E não me importa se ela volta para esta casa ou alguma casa bonita com um belo jardim. Então, dane-se a sua casa!

Tia Bev veio em minha direção com um ar preocupado. Olhou para a janela atrás dela, depois para mim.

– Você está bem? – disse ela.

Balancei a cabeça e ia contar uma mentirinha sobre um pássaro que tinha pousado no peitoril da janela e que era por isso que eu estava gritando com ele, mas senti um grande nó na garganta e fiquei com raiva e triste ao mesmo tempo. Tia Bev ajoelhou-se à minha frente, o que a tornou menor do que eu, e eu podia ver as sardas em sua testa.

– Está com medo, não está? – disse ela, e eu assenti, mas não disse do que estava com medo. Ela passou os braços ao meu redor. Abraçou-me por um longo tempo, e no começo eu queria que ela me largasse, mas depois senti como se pudesse dormir ali mesmo em seus braços. Após alguns instantes, fiquei com calor e com vontade de me coçar, então a empurrei delicadamente, ela olhou para mim e sorriu.

– Não o seguro nos braços assim desde que você era bebê – disse ela, enxugando meu rosto, e eu percebi que tinha uma lágrima no rosto. – Você nasceu prematuro, sabia disso?

Tive que pensar no significado de “prematuro”.

– Você era deste tamanho – disse ela, mantendo as mãos a uma distância bem pequena. Ela olhou para o pequeno espaço entre suas mãos por tanto tempo que eu pensei que um verdadeiro bebê iria aparecer. Então, ela ergueu os olhos para mim e seus olhos brilhavam. – Você parecia um passarinho. Todos os médicos disseram que era surpreendente que você tivesse sobrevivido. – Ergueu a mão ao meu rosto e ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – Eu tive que voltar ao trabalho no dia seguinte, mas vovó me enviava fotos sempre que podia. Prometi que viria vê-lo com mais frequência, mas... bem, você vai saber como é quando ficar mais velho. – Fez-se uma longa pausa. Perguntei-me se ela teria terminado, mas ela tomou minhas mãos nas suas e apertou-as com força. – Isto eu *posso* lhe prometer, Alex. Estou aqui por você agora.

Ela estava bem perto do meu rosto e eu senti o nó em minha garganta aumentar e tive medo de que fosse vomitar, assim soltei minhas mãos e subi correndo as escadas.



– Alex? – chamou tia Bev às minhas costas, mas continuei correndo para o meu quarto e tranquei a porta, colocando uma cadeira contra a maçaneta.

Alguns segundos depois, Ruen apareceu na cadeira. Quase tive um colapso. Ele era o Cabeça de Chifre. Eu podia ver o sangue coagulado no arame farpado junto ao seu peito cabeludo e me senti preso numa armadilha porque não havia outra saída. Ele empunhava a clava de metal em uma das mãos e a luz que vinha da janela fazia os espigões brilharem.

– Vá estudar bactérias – eu lhe disse.

– Quer saber por que eu o estudo? – a voz de Ruen sussurrou em minha cabeça.

Limpei os olhos e cruzei os braços, mas não disse nada. Meu peito parecia ter sido raspado por dentro com uma colher e eu sentia raiva de mim mesmo por ter afastado tia Bev. Talvez ela conseguisse fazer Ruen ir embora. Ainda que eu gritasse, acho que ela não conseguiria me escutar. Mamãe nunca escutava.

– Pensei que você já tivesse descoberto isso, Alex – sibilou Ruen, e eu fechei os olhos. Eu detestava que ele não tivesse rosto. Às vezes, partes de seu rosto apareciam: um par de olhos azuis, uma boca como a minha. Mas era tão estranho e terrível que eu não conseguia olhar para ele.

– Por alguma razão, não conseguimos tentá-lo. Nenhum de nós parece ter muito efeito sobre você. Precisamos saber por quê.

Eu ia perguntar por quê, mas não o fiz. Mantive os olhos fechados.

– Se você simplesmente me dissesse por que isso ocorre, talvez eu pudesse parar de estudá-lo tão intensamente – continuou.

Pensei no que ele disse. Após algum tempo, forcei-me a abrir os olhos e fitá-lo. Olhei para o chifre vermelho saindo de sua testa. Parecia um líquido flutuando para cima.

– Acho que não gosto de pessoas me dizendo o que devo fazer.

– Admirável. Louvável – murmurou Ruen. Em seguida, ele se transformou no Velho e eu soltei um suspiro de alívio. Ele levantou-se e caminhou até a janela, os braços para trás como sempre. Olhei para a porta e afastei a cadeira, mas neste instante Ruen reapareceu na minha frente.

– Eu lhe prometo, Alex, não lhe direi o que fazer. Já sei que você não pode ser seduzido, portanto você tem minha palavra. Não vou nem tentar seduzi-lo. Você é muito obstinado, mesmo para gente como eu. – Deu uma risadinha que se transformou num acesso de tosse. – Você vai adorar essa casa, Alex. Ainda somos amigos?

Pensei na casa nova e me senti melhor.

– Sim, Ruen. Ainda somos amigos.

## NÉVOAS DA MENTE

### Anya

Encontrei-me com Cindy ontem para lhe fazer perguntas sobre a vida doméstica de Alex e sobre seu pai. Em geral, o pai ou a mãe é o primeiro porto de escala quando se trata de detectar qualquer anormalidade – padrões de retraimento, quaisquer indicações de vozes ou alucinações, um repentino distanciamento da escola e dos amigos –, mas infelizmente a própria depressão de Cindy criou um véu encobrindo as questões de qualquer outra pessoa que não as suas próprias. Um histórico de abusos, tanto em criança quanto em adulto, foi completado pelo colapso de seu relacionamento com o pai de Alex. Desde então, repetidas tentativas de suicídio têm sido seu método de lidar com isso. Seus “braceletes”, como ela os chama, ou as muitas linhas brancas em seus pulsos de episódios de autoflagelação, não podem ser facilmente escondidos. Ela acha que Alex está recebendo aconselhamento para lidar com suas tentativas de suicídio, o que em parte é verdade.

Para seu próprio tratamento, fiquei satisfeita em saber que ela está sob os cuidados da dra. Trudy Messenger, uma das mais experientes e, ousado dizer, afetuosas psiquiatras do Reino Unido. Ela é conhecida por fazer seus pacientes se sentirem seres humanos após uma única consulta. Após anos sentindo-se excluída, afastada e vilipendiada pelas legiões que não compreendem a doença mental, esses pacientes experimentam uma espécie de retorno à casa no consultório de Trudy. Ela providenciou para que Cindy esteja ativamente envolvida em uma série de atividades diárias, principalmente em artes e ofícios, e, quando eu chego, ela está terminando um belo bordado de um pequeno cachorro branco.

– É para Alex – diz-me ela com um ligeiro sorriso. – Woof. Ele adora aquele cachorro. São unha e carne aqueles dois. Sei que garotos não gostam de bordados, mas talvez ele faça uma exceção.

Passo alguns minutos conversando sobre os recursos no hospital antes de dizer-lhe delicadamente que tenho algumas preocupações com a saúde mental de Alex. Ela parece perplexa.

– Alex já foi acompanhado por um conselheiro antes – diz ela. – Mas eles nunca se preocuparam muito com ele, na verdade. E ele conversa com Michael. Não se pode esperar que uma criança do bairro onde ele vive dance de alegria todos os

dias. A culpa é minha.

– Não acho que ele esteja deprimido – digo.

– Então, o que está querendo dizer?

Digo-lhe que há outras possibilidades que estou investigando. Asseguro-lhe que estou otimista de que ele pode ser tratado, mas empenhada em garantir que receba a atenção adequada.

– Gostaria de saber a respeito do pai de Alex – peço suavemente, pensando rapidamente em meu encontro com Karen Holland, as pinturas de Alex espalhadas sobre a mesa.

Seu rosto se anuvia.

– Por que quer saber sobre o pai de Alex?

Minha voz é amável:

– O relacionamento de um garoto com seu pai é importante na formação de sua identidade e de seu lugar no mundo.

Ela larga a agulha e linha e cruza os braços com força.

– Nunca contei a ninguém quem é o pai verdadeiro de Alex. Bem, exceto à minha mãe.

– Não preciso de nomes – digo cautelosamente. – Você diria que ele era um bom pai?

Ela olha para fora da janela. Uma das mãos segura o outro pulso, envolvendo-o com o dedo indicador e o polegar.

– Ele visitava Alex de vez em quando. Talvez alguns dias por mês. Às vezes, ficava conosco por uma semana. Depois, não o via por dois meses. – Ela ergue os olhos. – Dei a Alex o nome dele.

Balanço a cabeça.

– Ele nunca foi abusivo com Alex?

Ela parece aborrecida.

– Não, nunca. Ele não ficou propriamente empolgado quando eu lhe disse que estava grávida, mas ainda assim cuidou de nós. Foi a razão para ele... – Ela silencia.

– Foi a razão para ele o quê? – pergunto.

Ela respira fundo.

– Ele às vezes levava Alex para jogar tênis de mesa, dizia que era bom para a sua coordenação de mãos e olhos. Ele era atencioso assim. Comprava carrinhos de brinquedo para ele. Alex detestava carros.

– Quando Alex parou de vê-lo?

Ela está erguendo a mão para cobrir os olhos, abaixando a cabeça. Tenho que

avançar com cuidado.

– Se posso perguntar, quais foram as circunstâncias envolvendo sua saída da vida de Alex?

Ela balança a cabeça, a mão pressionada contra a testa. Agacho-me ao seu lado.

– Cindy – digo, tocando sua mão de leve. – Garanto a você que só estou fazendo estas perguntas para poder ajudar Alex.

Ela abaixa a mão e me olha fixamente, os olhos furiosos, ardentes.

– Você acha que ele é maluco.

– Não – asseguro-lhe. – Mas ele mencionou certas coisas que pode ver que parecem estar lhe causando mal.

Seus olhos se arregalam.

– Alguém o está machucando? É alguém na companhia de teatro?

Faço que não com a cabeça.

– Alex alega que tem um grande amigo chamado Ruin. Já por várias vezes, Alex se tornou agressivo durante nossas sessões e alega que Ruin ficou com raiva. Você já se deparou com marcas em seu corpo, qualquer machucado não explicado?

Ela estreita os olhos.

– Eu não o machuco, se é o que está tentando dizer.

– Acho que é possível que *Alex* esteja machucando Alex – digo delicadamente.

Ela examina meu rosto, uma expressão de dor e confusão.

– Por que você diria isso? Por que você diria que ele está ferindo a si próprio?

Hesito, confusa com o fato de seus próprios braços exibirem inúmeras cicatrizes de seus próprios esforços de autoflagelação, e, no entanto, ela não consegue conceber que Alex faça o mesmo. E, como se soubesse o que estou pensando, ela passa uma das mãos pelo antebraço, onde a luz do sol transforma suas cicatrizes em rios prateados.

– E se ele estiver dizendo a verdade? – diz ela, os lábios trêmulos. – Quero dizer, Alex não faria isso. Faria? Ele é tão talentoso e inteligente, e mais corajoso do que eu. – Ela ergue os olhos para mim. – Ele não faria isso.

– Se Alex a viu se ferindo, a probabilidade é de que faça isso também.

Minhas palavras ricocheteiam pelo quarto. O rosto de Cindy desmorona e ela solta um soluço longo e frouxo. Levo um ou dois instantes para compreender por que ela está chorando: ela nunca, jamais considerou o impacto de seus próprios atos em seu filho.

Atravesso o quarto para pegar uma caixa de lenços de papel. Ela retira um com a mão trêmula e enxuga os olhos.

– Deixe-me vê-lo.

Alex foi levado ao hospital mais tarde nesse mesmo dia. Perguntei a Cindy se eu poderia ficar por perto e observar o encontro dos dois. Esperava que ela perguntasse a razão, mas parece que meu comentário sobre a potencial autoflagelação de Alex eliminara sua vontade de lutar. Eu queria ter certeza de obter as informações de que eu necessitava para responder as prementes perguntas: há uma ligação entre Ruin e Cindy? Ou entre Ruin e o pai de Alex? As alucinações de Alex – e na realidade sua condição – estariam ligadas a um incidente no passado?

A unidade de psiquiatria de adultos fica no mesmo local da Casa MacNeice e está cercada por um amplo gramado verde salpicado de pequenos canteiros de flores vivas, separado do mundo exterior por pinheiros altos e uma série de estufas contendo os vasos de plantas, os legumes e verduras plantados pelos internos. Uma das enfermeiras sugeriu que Alex e Cindy fizessem um passeio lá fora – insinuando que eu deveria fornecer a necessária supervisão médica –, e assim levei três casacos e um guarda-chuva, para o caso das nuvens gordas e cinzentas derramarem, e conduzi todo mundo para fora. Cindy fez questão de mostrar a Alex o resultado de sua oficina terapêutica de horticultura e, assim, nos dirigimos para as estufas.

Deixei Alex e Cindy caminharem à minha frente, notando o modo como Alex dava o braço a Cindy. Muitas vezes ele apoiava a cabeça em seu ombro. Havia um afeto genuíno entre os dois, e um aspecto lúdico: em várias ocasiões, Alex fez Cindy dar uma risadinha, apertando sua cintura para garantir que a risadinha se transformasse numa boa risada, quando então ela dava um cascudo em sua cabeça, com cuidado para não ser forte demais. Eram quase da mesma altura, apesar de Cindy ter uma compleição de passarinho ao lado da dele, os ossos de seus tornozelos e pulsos salientes como botões brancos no lado de seus braços. Notei que tinham o mesmo jeito de andar.

Chegamos a uma das estufas, abarrotada de tomateiros e uma fileira de cestos pendurados, carregados de lobélias. Alex e Cindy pararam junto a um vaso sanitário que alguém enchera de resplandecentes narcisos amarelos. Cindy acenou para que eu me aproximasse.

– Ganhei um prêmio – disse-me ela, o rosto radiante. – O primeiro que ganhei.

– Onde você arranjou a privada, mamãe? – perguntou Alex, inspecionando a parte de trás quebrada, e absolutamente perplexo com sua incongruência ao lado dos outros vasos de plantas.

– Isso não tem importância, Alex – disse Cindy. Ela ergueu os olhos para mim outra vez. Vi que estava ansiosa para compartilhar uma realização. – *Você é inteligente, não é?* – disse-me ela. – Pode ver o que eu pretendia com isso?

Examinei o arranjo, a maneira um tanto fortuita como os narcisos haviam sido plantados na terra adubada, apesar de suas grossas trombetas indicarem que estavam saudáveis e que estavam sendo bem cuidados. Um bom sinal. Notei que ela havia

pintado a palavra ESPERANÇA na frente do vaso sanitário.

– Bem, você está fazendo uma afirmação, não está? – eu disse, piscando um olho para Alex. – Mesmo quando você está na pior, pode se tornar algo belo.

Cindy alegrou-se:

– Está vendo, Alex? Eu lhe disse que ela era inteligente. Narcisos significam esperança. Achei que os plantando em uma privada seria, de certo modo, poético. Além do mais, eles estavam jogando o vaso fora e achei que seria um desperdício.

Alex pareceu aborrecido.

– Mas é uma *privada*, mamãe. Que *nojo*.

Quando nos encaminhamos de volta à enfermaria, Cindy manteve o braço em volta dos ombros de Alex e o queixo apoiado em sua cabeça, enquanto Alex mantinha os braços apertados em torno de sua cintura. Ambos haviam diminuído consideravelmente o passo, até eu ser forçada a parar atrás deles e fingir tirar uma pedrinha do meu sapato.

Assim que a entrada lateral ficou visível, pareceu que a chuva iria desabar. O céu se transformara de azul nublado em uma placa úmida e cinzenta em questão de segundos, e o vento começara a soprar tão forte que todas as pequenas flores brancas que eu havia colhido da grama alta voaram de minhas mãos. Eu estava prestes a gritar a Alex e Cindy que estava na hora de entrarmos quando notei algo muito estranho. Ambos haviam sumido e na realidade a entrada para a unidade psiquiátrica de adultos não estava mais à vista, nem as árvores, as estufas, nem mesmo a grama aos meus pés. Fiquei parada estupidamente em um vácuo escuro por alguns segundos, repassando uma rápida lista de possibilidades. Neblina? Um apagão?

Exatamente quando me virei à procura de Alex e Cindy, uma luz branca espocou diante de mim, tão brilhante que eu cambaleei para trás, cega por alguns instantes. Quando me recuperei, a neblina havia desaparecido. Alex e Cindy estavam à frente, ainda caminhando lentamente em direção à entrada. O céu estava salpicado de nuvens brancas e à minha volta havia o gramado verdejante e grandes árvores. Ainda assim, senti-me abalada com a experiência, incapaz de explicá-la. Perguntei a Alex e Cindy se tinham visto um relâmpago, mas pareceram espantados. Durante todo o trajeto de volta à Casa MacNeice, senti-me inquieta, trêmula de choque.

Cancelei uma reunião com Howard, Ursula e Michael, voltei diretamente para meu apartamento e dormi por nove horas seguidas. Minha cabeça, concluí, obviamente sentia falta do meu travesseiro.

# O MAIOR SONHO DE TODOS OS TEMPOS

**Alex**

Querido Diário,

Um sanduíche entra em um bar e diz: “Uma caneca de Guinness, amigo.” O barman responde: “Desculpe-me, não servimos comida aqui.”

Preciso escrever realmente rápido porque tenho um ensaio de figurino para *Hamlet* e Jojo vai ficar maluca com quem chegar atrasado. Coisas boas e ruins têm acontecido ultimamente. Mas as coisas boas são tão boas que nem tenho certeza se posso dizer que as coisas ruins são ruins, já nem sequer são importantes. A primeira coisa legal que aconteceu foi que Anya veio me dizer que eu podia ver mamãe. Achei que fosse demorar algum tempo até eu poder vê-la porque ela está se acalmando e recuperando as forças, segundo tia Bev. Mas, quando vi mamãe, nem podia acreditar em quanto ela parecia melhor. Ela lavara os cabelos, que estavam macios e brilhantes, e não como macarrão que ficou uma semana na geladeira. Suas bochechas estavam rosadas, seus olhos não tinham olheiras e ela usava uma longa camiseta branca, que quase cobria todas as marcas em seus braços. Isso me fez feliz.

– Alex! – exclamou mamãe quando entrei. Sua voz era normal e ela me abraçou com tanta força que eu tossi. – Como você está?

Então, antes que eu pudesse lhe contar que tia Bev tinha jogado fora todas as cebolas e sobre a peça e de como eu gostaria que ela fosse à estreia, ela disse:

– Sabe o que é estranho? Tive um sonho com vovó ontem à noite e ela me disse que eu precisava lhe dar um grande abraço.

– Ela também lhe disse para quebrar minhas costelas? – eu disse, esfregando os lados do corpo por causa do seu abraço forte, e ela riu, mas eu falava a sério.

Anya disse que iria esperar do lado de fora, mamãe assentiu e, depois que Anya se foi, ela me perguntou se Anya estava me fazendo perguntas que me incomodavam. Pensei em Ruen, mas não quis dizer nada que pudesse aborrecê-la.

– Anya perguntou a *você* alguma coisa que a incomodou? – eu lhe perguntei.

– Não – respondeu ela. – Mas minha terapeuta está sempre me perguntando sobre minha infância. Tudo que ela quer saber é sobre minha boneca favorita. – Ela estalou a língua, depois falou com uma voz diferente, como se imitasse alguém: “Por que você a chamava de *Feia*? Por que a vestia de preto? Por que você a colocava de rosto para baixo quando seu padrasto chegava?”

– Por que você colocava a boneca de rosto para baixo quando seu padrasto chegava?

Ela olhou para mim de modo engraçado.

– Desculpe-me, Alex – disse ela, baixando os olhos. – Eu não deveria ter falado. Às vezes, me esqueço que você não é um velho, sabe? Mas e *você*, como vai?

Dei de ombros.

– Quando você vai voltar para casa?

Ela mordeu o lábio e passou os dedos pelos cabelos. Estava começando a ficar preto de novo nas raízes e eu estava prestes a lhe dizer que se ela voltasse para casa eu poderia ajudá-la a passar o produto azul para tornar as raízes amarelas, mas ela disse:

– Eu não sei.

– Woof sente a sua falta.

– *Woof* sente a minha falta?

Balancei a cabeça. Ela se inclinou para frente e me olhou atentamente. Toquei meu rosto, caso tivesse uma mancha preta ou algo assim.

– Você nunca... se feriu, não é, meu filho? – disse mamãe.

Senti meu rosto pegar fogo.

– Por que pergunta isso?

– Só fiquei pensando se o que eu... quero dizer, você é diferente de mim, não é? Você é Alexandre, o Grande, não é?

Nesse exato instante tive um flash repentino em minha mente de uma outra pessoa dizendo as palavras Alexandre, o Grande, e eu só podia ver nossa sala do alto. Por um segundo, lembrei-me de meu pai gritando: “*Alexandre, o Grande!*” e logo eu estava sobre seus ombros e ele saltava para cima e para baixo, depois a lembrança se desfez.

Mamãe ia dizer alguma coisa, mas a enfermeira bateu com força na porta e entrou no quarto.

– Desculpe interromper – disse ela, embora não parecesse lastimar a interrupção. – Trudy acha que você deve sair hoje, Cindy. Talvez levar Alex à estufa, mostrar-lhe o que você fez com o horticultor?

Mamãe assentiu:

– Está bem, está bem. Vamos, Alex, deixe-me mostrar-lhe o que você pode fazer



com um vaso sanitário.

Não vi Ruen o dia inteiro depois disso. Lembrei-me de que ele havia dito que Anya ia me contar que iríamos mudar de casa até o final do dia, mas ela não disse nada e eu pensei: *Na próxima vez que eu o vir, vou dizer a ele de uma vez por todas que não quero mais que sejamos amigos.* Mas ele não apareceu, o que foi bom, porque eu tive que voltar para casa à noite e Woof lambeu meu rosto e choramingou como se realmente tivesse sentido a minha falta, e depois dormiu na minha cama, a noite toda.

Anya veio me ver hoje de manhã, em vez desta tarde, porque é sábado. Ela não parava de sorrir. Perguntei-lhe o que havia de errado e ela me disse para sentar, o que eu fiz, e ela começou a tirar uma porção de coisas de sua pasta e a espalhá-las sobre a mesa.

– Esta – disse ela – é a sua nova casa.

*Eu não pude acreditar.* Observei-a enquanto arrumava uma série de fotografias e desenhos de nossa nova casa diante de mim e tia Bev entrou e fez todas as perguntas que eu queria fazer, mas não conseguia, como: *Cindy está sabendo? Como foi que isso aconteceu? Onde fica? Quando eles vão poder se mudar? Isso é pra valer?*

Anya continuava a esfregar as mãos e a se balançar nos calcanhares como se ela também fosse se mudar. Acho que ela estava simplesmente muito feliz por isso acontecer, apesar de não saber que aquele era o meu Maior Sonho de Todos os Tempos. Tia Bev dizia coisas como: “Bem, graças aos céus por isso, este lugar está desmoronando” e “É mesmo uma propriedade do governo? É espetacular”.

– E tem mais – Anya disse. – A razão de em algumas fotografias parecer que os aposentos não estão acabados é porque esta é uma casa novinha em folha.

– Novinha? – eu disse, e tentei pensar na última vez que eu tive alguma coisa novinha em folha.

– Você pode até escolher seu próprio papel de parede – disse Anya, o sorriso se abrindo. – Até seus próprios móveis de cozinha. A porta da frente pode ser de qualquer cor que você queira. O conselho está empenhado em assegurar que seus ocupantes se sintam proprietários de sua residência.

– O quê? – eu disse, porque aquilo não fazia sentido.

Anya riu. O som era alegre como sinos e me fez rir, embora nada fosse engraçado. Ela voltou-se para tia Bev, que sorria e ficava cruzando e descruzando os braços, como se não soubesse o que fazer com eles.

– Estão chamando a rua de “Rua da Paz” – disse Anya a tia Bev, e ambas acharam isso muito engraçado e riram por um tempão. Aparentemente, os políticos haviam se apossado de uma das velhas ruas onde costumavam prender as pessoas

em suas casas atrás de barricadas e onde ocorriam os motins, de modo que demoliram toda a área e empregaram um poeta para renomear as ruas novas e escrever um poema que seria gravado em uma parede onde antes havia um mural com figuras de homens armados.

– Que poema? – perguntou tia Bev.

– Chama-se “Belfast Confetti”, de Ciaran Carson – disse Anya, puxando uma folha de papel e lendo-o em voz alta.

*De repente, enquanto a tropa de choque entrava, chovia pontos de exclamação, Porcas, parafusos, pregos, chaves de carros. Uma fonte de estilhaços. E a explosão.*

*Em si mesma – um asterisco no mapa. Esta linha hifenizada, uma explosão de fogo rápido...*

*Eu estava tentando terminar uma frase em minha cabeça, mas ela continuava a gaguejar,*

*Todos os becos e ruelas obstruídos com pontos e dois pontos.*

*Eu conheço este labirinto muito bem – Balaclava, Raglan, Inkerman, rua Odessa –*

*Por que eu não posso escapar? Todo movimento é pontuado. Rua Crimeia. Outro beco sem saída.*

*Um Sarraceno, rede de Kremlin-2. Escudos faciais Makrolon. Walkie-talkies. Qual é*

*Meu nome? De onde venho? Para onde vou? Uma saraivada de pontos de interrogação.*

Anya colocou a folha na mesa.

– Estão gravando isso com letras de quase um metro de altura.

Fiquei olhando as fotos por muito tempo, enquanto tia Bev e Anya conversavam. A casa era grande na frente, não havia nenhuma outra casa de cada lado e tinha um jardim. Também tinha uma cozinha grande, o que eu sabia que deixaria mamãe feliz. Havia um caminho de entrada na frente, caso um dia tivéssemos um carro e não quiséssemos deixá-lo na rua, onde alguém poderia cortar os pneus. Pensei em como seria se tivéssemos um carro e todos os lugares a que iríamos, como Helen’s Bay, Portrush e Giant’s Causeway. Minha mente se encheu de tantas ideias e desejos que fiquei com dor de cabeça.

– Bem, Alex – disse Anya finalmente. – O que acha?

Eu não disse nada, não porque não estivesse pensando nada, mas porque estava pensando demais e achei que se abrisse a boca todas as palavras iriam simplesmente explodir para fora como de um daqueles lançadores de confetes de festas.

– Você não parece muito animado, Alex – disse tia Bev, e eu vi Anya estender a mão e tocar o braço dela como se ela não devesse dizer isso.

– Obrigado – eu disse a Anya.

Depois disso, ela me fez outro monte de perguntas sobre Ruen e sobre demônios, e se eu podia ver anjos.

– Há demônios por toda parte – eu disse.

– Há algum aqui agora? – perguntou ela, e pareceu nervosa. Olhei para o homem gordo que havia aparecido acima dela outra vez. Às vezes, eu só conseguia ver uma parte dele, como seu dedo do pé ou sua barriga, com o umbigo onde provavelmente caberia a minha cabeça. Seus olhos eram negros e, quando ele riu para mim, vi que seus dentes também eram.

– Alex?

Apontei para ele porque agora eu conseguia vê-lo por inteiro.

– Ele é gordo – eu disse.

– Quem é gordo?

– Seu demônio.

Ela pareceu intrigada.

– Eu tenho um demônio?

Ele se espreguiçava agora, estendendo os braços para fora, como se tivesse acabado de acordar de um longo cochilo, e o cobertor que cobria seu pinto quase caiu. Desviei o olhar.

– Sabe me dizer como ele se chama? – dizia Anya. Tornei a olhar para ele, mas ele estava desaparecendo.

Dei de ombros. Então, ela me perguntou como eram os demônios e por que eu achava que podia vê-los. Eu ainda estava tão excitado sobre a casa que não consigo nem me lembrar do que eu disse. Era como se houvesse um filme da casa na minha cabeça e eu pudesse ver cada aposento muito nitidamente. Era lindo, simplesmente lindo. Mas ela me perguntou algo imbecil que fez o filme parar repentinamente, e eu me vi de volta na minha própria sala.

– Alex, você já esteve envolvido em um ataque terrorista?

Perguntei-lhe o que ela queria dizer.

– Como um alarme de bomba? Ou um tiroteio? Você alguma vez foi ferido em um tumulto, talvez?

Pensei nisso. O primeiro marido da vovó morreu com a explosão de uma bomba e no ano passado alguém ateou fogo a um carro e o fez rolar pela nossa rua abaixo.

Anya balançou a cabeça e anotou tudo.

– E quanto a um policial, Alex? – disse ela. – Você já viu um policial ser ferido?

Senti-me enjoado e sacudi a cabeça.

Ela olhou muito atentamente para mim.

– Tem certeza?

Eu vi o rosto do policial mentalmente, sua boca curvando-se de um modo engraçado enquanto a cabeça girava em minha direção. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas senti minhas mãos se fecharem em punhos cerrados e soube que era errado dizer alguma coisa, era errado, errado, errado.

– Respire fundo – dizia Anya, e quando abri os olhos meus braços me envolviam bem apertado. Quando me senti normal outra vez, eu disse:

– Vi pessoas na TV no funeral de um policial. Elas estavam chorando.

Ela balançou a cabeça.

– Sentiu-se mal por essas pessoas?

Comecei a chorar. Anya estendeu a mão e tocou meu braço.

– Está tudo bem – disse ela. – Viu o que aconteceu com o policial? Ele se feriu?

Assenti com a cabeça e enxuguei os olhos.

– Alex, seu pai era um policial?

– Quero ir me deitar agora – eu disse.

– Você viu alguma coisa na TV, Alex? Sobre um policial?

A voz dela estava começando a soar muito distante. Levantei-me e minhas pernas pareciam feitas de pedras de gelo derretendo-se.

– Conversaremos mais tarde – disse Anya às minhas costas, e eu desejei que ela simplesmente esquecesse tudo que havia perguntado.

Eu não disse nada e subi para o meu quarto. Por alguma razão, sabia que Ruen estaria lá. Assim que abri a porta, Woof correu, latindo, depois se escondeu atrás de minhas pernas e começou a choramingar. Abaixei-me e afaguei sua cabeça, e pude sentir que ele estava tremendo. Endireitei-me e entrei no quarto.

– Olá, Ruen – eu disse. Ele era o Menino Fantasma e estava sentado na cadeira junto ao armário, como sempre, os braços cruzados com força como se estivesse de mau humor. Sorri comigo mesmo.

Sentei-me na cama e acenei a Woof para que entrasse, mas ele ficou parado na entrada, olhando para Ruen e rosnando. Por fim, ele choramingou e desceu para o térreo. Pensei nas fotos que Anya havia me mostrado.

Olhei para Ruen.

– Quero lhe contar uma coisa.

Ele ergueu os olhos. Na verdade, parecia um pouco nervoso, como se eu fosse lhe dizer para ir embora. O nó que Anya dera em meu estômago começara a se desfazer, e eu sorri para ele.

– Quero lhe dizer obrigado – murmurei.  
– Você quer me agradecer?  
– Sim – eu disse. – Levantei-me, sentindo-me cada vez melhor. Após alguns instantes, eu já estava saltitando no mesmo lugar, pensando em nossa casa. – Obrigado obrigado obrigado! Nossa casa é fan-tás-ti-ca! Como você fez isso? Onde a encontrou?

Ele ficou um pouco boquiaberto, mas não disse nada. Parei de pular e comecei a chorar outra vez. Ele pareceu muito confuso. Sentei-me no chão com o rosto entre as mãos. Minha cabeça parecia que ia explodir.

– Eu sinto muito, sinto muito mesmo – eu disse. – Não quis ser ingrato ou perverso. Eu só... – Muito rapidamente, meu coração deixou de sentir-se estraçalhado como um velho jornal para sentir-se realmente caloroso, como se alguém o abraçasse. Quando ergui os olhos, Ruen havia desaparecido.

– Ruen?

Não havia ninguém no quarto, mas de repente ele pareceu se encher de luz, como se o sol tivesse entrado, e senti um cheiro de morangos. Eu não sabia o que estava acontecendo. Simplesmente me senti feliz. E, por alguma razão, pensei em vovó, o que me fez chorar outra vez porque fazia muito tempo que eu não pensava nela. Isso faria a vovó feliz também, pensei, o fato de mamãe e eu nos mudarmos para uma casa nova. Eu era muito, muito pequeno quando ela morreu, mas lembro-me de vê-la suplicar a mamãe que se mudasse para a casa dela porque não gostava da ideia de estarmos sozinhos. Ela costumava gritar com nossos vizinhos também, e eles nem sequer retrucavam, porque tinham muito medo dela.

Devo ter adormecido, porque, quando dei por mim, estava na cama, com todas as cobertas, e já não estava ensolarado. Olhei para a cadeira e vi Ruen sentado lá.

– Onde você foi? – perguntei, mas ele não respondeu.

Rolei e sentei-me na cama. Todas as fotos da casa voltaram à minha mente e comecei a sorrir outra vez.

– Ruen, eu nem tenho palavras para agradecer a você por isso.

– Não tem?

Sacudi a cabeça.

– Nem há palavras suficientes em todos os dicionários de todo o mundo para eu lhe dizer o quanto estou agradecido. Na realidade, estou mais agradecido do que um campo inteiro de queijo ralado!

Ele olhou para mim enquanto eu continuava a falar sobre cenouras raladas e maravilhosas salsichas grandes e Alexandre, o Agradecido. Ele não sorria seu sorriso Alex É Idiota, mas eu não me importei.

– Que tal me *mostrar* o quanto você está agradecido? – disse ele.

Parei de rir.

– OK. Estou agradecido *um tanto assim* – eu disse, esticando os braços. – Não, *assim* – e corri para um dos lados do quarto, bati na parede e depois corri para o outro lado e bati na outra parede –, multiplicado por um bilhão de vezes.

Ruen levantou-se.

– Posso fazer uma sugestão?

Assenti. Ele olhou ao redor.

– Pegue papel e caneta.

Revirei meu armário à procura de meus blocos de desenho, depois finalmente encontrei um embaixo do meu travesseiro. A caneta que peguei havia sido mastigada por Woof, mas após alguns minutos descobri um marcador de texto em minha gaveta de meias.

– OK.

Ruen sentou-se novamente e fez um triângulo com os dedos, como sempre faz quando está concentrado.

– Gostaria que anotasse as seguintes perguntas e, quando eu lhe disser, gostaria que as fizesse a Anya.

– OK – eu disse, e ele começou a falar.

## O LADO AMARGO DA LIBERDADE

### **Anya**

O tempo mudou para melhor e eu comecei a passar a hora do almoço sentada na grama em frente à prefeitura, observando o sangue novo de Belfast circulando por suas veias. Ainda me surpreende ver minha terra natal tão transformada, ver rostos de todo o mundo circulando por suas ruas. Até mesmo os marcos da globalização me fazem sentir aliviada pelo fato de o mundo se lembrar da Irlanda do Norte, e, pela primeira vez desde que retornei, sinto-me segura de que minha decisão foi acertada. Considerei retornar a Belfast quando Poppy estava prestes a entrar na escola primária em Edimburgo. No dia em que teria que decidir, dois carros-bombas explodiram nos alojamentos do exército em Lisburn, a cerca de 16 quilômetros de Belfast. A segunda bomba foi deliberadamente direcionada para a equipe médica que tratava os feridos pela primeira bomba. Para mim, não se tratava mais apenas de cultura, de se sentir parte de uma nação ou se minha filha podia dispor de três nacionalidades ou apenas uma. Tratava-se de protegê-la. Bastava.

Ainda assim, meu retorno para casa coincidiu com o início da verdadeira paz nesta terra. Melhor ainda, velhas amizades que eu pensei ter destruído com minha mudança para a Escócia mostraram-se mais fortes do que nunca. Minha melhor amiga, Fi, atravessa a ponte Albert todos os dias na hora do almoço, para me encontrar, determinada a garantir que desta vez eu não saia mais de Belfast.

Chego à prefeitura exatamente ao meio-dia, após uma manhã inteira em consulta com os pais de um paciente sobre o transtorno de dissociação de identidade de seu filho. Um garoto bonito, educado, de 13 anos, Xavier é herdeiro da fortuna de muitos milhões de libras de seu pai, excelente aluno de escola particular e também campeão nacional de xadrez. O problema é que Xavier tem 22 identidades diferentes – uma criação de personas geralmente desenvolvida no rastro de abuso ou trauma, o desequilíbrio químico e em geral uma doença perturbadora para aqueles que são próximos ao paciente. As personalidades podem ser de diversas idades, gêneros, temperamentos, dialetos e disposição. A coexistência está se tornando cada vez mais difícil para as identidades de Xavier, e algumas delas estão gravemente deprimidas. Ele não tem nenhum histórico de sofrimento de abuso sexual ou físico, ou problema com drogas. Possui uma família amorosa e compreensiva, que está inconsolável por

seu lindo filho estar extremamente doente. Casos como o dele me fazem lembrar que os fatores biológicos de saúde mental são primordiais e que a intervenção médica é necessária. Michael, é claro, discordaria.

Estendo meu casaco na grama, sento com as pernas sob o corpo e começo a comer meu sushi. Dez minutos depois, meu telefone toca com uma mensagem de texto:

Reunião com o chefe antecipada – Desculpe, querida! Nos encontramos amanhã? Vou levar BOLO! Fi xx

Quando me levanto para ir embora, vejo Michael sentado com as pernas cruzadas no gramado ao lado do Memorial do *Titanic*. Ele come um pacotinho de nozes macadâmias, usando uma camisa polo branca em vez do tradicional suéter verde-garrafa. Ele me vê se aproximar e fica de pé num salto.

– Dra. Molokova – diz ele, inclinando-se para beijar meu rosto. – Ursula está soltando mais a coleira hoje, não é?

– Posso me juntar a você? – pergunto.

Ele olha à sua volta.

– Estou sozinho, não estou? Sente-se. – Ele bate no espaço na grama ao seu lado. Hesito, lembrando-me da tensão entre nós na reunião de revisão. Ainda assim, estou ansiosa para perguntar a Michael sobre demônios e todas as coisas relacionadas às dimensões sobrenaturais que Alex evoca continuamente na construção de suas fantasias. Michael mencionara previamente que ele havia estudado para ser padre, antes de ter um colapso de consciência e mudar para uma carreira em assistência social. Acho que há mais razões aí, mas não pergunto. Escolho um lugar um pouco mais longe do que o indicado e deixo-me cair sentada. A grama é quente e macia. Por um instante, a sensação de sentar-me é tão intensa que tenho vontade de dormir. Michael estende o pacote de macadâmias em minha direção.

– Quer uma?

– Está tentando me matar? – Mostro-lhe meu talismã e agito-o um pouco. Ele revira os olhos.

– Ah, sim. *Alergias*. O quê? Você tem uma erupção cutânea?

– Algo assim.

Ele me olha intensamente, dobrando cuidadosamente o saco plástico em oito partes, antes de enfiá-lo no bolso da camisa.

– Não, a sério. É muito grave?

Respiro fundo, rapidamente me lembrando da última vez em que experimentei um choque anafilático. Eu acabara de ser qualificada como psiquiatra infantil,



presidindo um simpósio em Cambridge para a Associação Britânica de Psiquiatras da Criança e do Adolescente. Eu não tinha uma reação desde a adolescência, então fui descuidada com o que estava sendo servido. O bolo de chocolate continha avelãs moídas, o chef admitiu mais tarde. Não mais do que um punhado. Mesmo assim, a deliciosa fatia de bolo foi suficiente para deflagrar uma reação em questão de poucos minutos. Primeiro, a conhecida sensação de formigamento ao redor das gengivas, depois nos dentes. Uma sensação de tontura. Foi o gosto metálico na boca que começou a me deixar em pânico. Mas, quando agarrei a pessoa ao meu lado na mesa para dizer-lhe para chamar um médico, minhas vias aéreas haviam inchado tanto que eu mal conseguia respirar, quanto mais falar.

Conto tudo isso a Michael. Quando termino, ele abre o zíper de sua pasta, tira um pacote de lenços de papel antibacterianos e esfrega as mãos.

– Só por precaução – diz ele. Fico lisonjeada com sua atenção.

– Eu queria lhe perguntar sobre algumas das implicações religiosas das descrições de Alex – digo cuidadosamente. – Você tem um minuto?

Ele balança a cabeça, os olhos demorando-se em meu talismã.

– Diga.

– OK, eu já tratei várias crianças que alegavam ver demônios, anjos e tudo o mais, mas nenhuma delas jamais descreveu o mundo espiritual com a profundidade com que Alex o fez. Há uma especificidade em suas descrições que eu preciso explorar. Você é católico, não é?

– Estou me recuperando – diz Michael com uma piscadela. – Não faz de mim um especialista, mas verei o que posso fazer. Defina “especificidade”.

– Alex me disse que Ruin é um Azorrague.

– Um *Azorrague*? – diz Michael, franzindo o cenho.

Conto-lhe sobre meu encontro com Alex há alguns dias.

– “Você diz que Ruin é um demônio, Alex”, eu disse a ele delicadamente. “O que isso quer dizer, exatamente? Isso significa que ele é mau? Ele trabalha para Satanás?”

Alex olhara para um ponto junto à janela, inclinando-se nessa direção, como se recebesse instruções.

– Claro – digo a Michael –, já vi um tipo semelhante de atenção com amigos imaginários antes. Mas foi o que ele disse em seguida que me espantou. Quero dizer, ele só tem 10 anos.

– O que foi que ele disse?

Enfio a mão no bolso e retiro o celular.

– Eu gravei – digo a Michael, apertando a indicação na tela. Em segundos, a voz de Alex torna-se audível acima da algazarra do trânsito da cidade. Ele fala devagar,

com muitas interrupções.

– Azorrague é o título concedido ao tipo de demônio que está mais perto do topo da hierarquia do Inferno – diz ele, fazendo uma pausa para mais uma tentativa de pronunciar “hierarquia”. Ele continua: – Acima dele está o Diabo e seus assessores. Enquanto muitos demônios são tentadores, como abelhas operárias, a quem é atribuída a tarefa comum de pescar ideias e sugestões de improviso nos rios da fraqueza humana, na esperança de que alguém morda a isca, os demônios mais experientes e educados executam as tarefas de desenvolver tentações em hobbies, hábitos e em pequenos machados que, por fim, derrubarão a árvore inteira.

Há um intervalo na gravação enquanto eu deixo Alex se recuperar de uma descrição tão prolixa.

– Por que uma árvore? – ouço-me dizer.

Alex para, depois tenta outra metáfora:

– O maior objetivo de um demônio é privar alguém de escolha. A escolha torna o universo muito confuso. Como um jardim que é deixado livre para que todas as ervas daninhas se espalhem por onde quiserem. A escolha leva a tudo que é ruim no mundo. Então, nós queremos impedi-la.

– Nós? – pergunto.

Lembro-me de como Alex olhara para o mesmo ponto.

– Desculpe-me, eu só estava repetindo o que Ruen disse. Devo continuar?

Faço uma anotação sobre o “nós” e peço-lhe que continue. Ele tosse ruidosamente.

– Nós vemos a supressão da escolha como um propósito nobre. Criamos muitos métodos para esse fim. A existência de cada demônio é dedicada à realização do seu papel, para o qual ele ou ela treina por centenas ou mesmo milhares de anos mortais. Todo demônio que tem qualquer tipo de papel no reino humano, mesmo um papel tão servil quanto tentar ou desencorajar, é um cientista, forjado em milênios de conhecimento da fragilidade humana. Se um demônio fracassa em atingir seu propósito em qualquer momento, a punição é severa.

Alex para.

– Isso é um pouco duro, não? – diz ele para o ponto junto à janela.

– O que é um pouco duro? – pergunto. Ele volta-se para mim.

– Se um demônio fracassa, ele é acorrentado no fundo de um poço a um bilhão de quilômetros embaixo do Sol por cem anos, e *depois* ele tem que fazer toda a sua aprendizagem outra vez.

Concordo:

– Eu diria que é realmente duro.

Consulto minhas anotações.

– O que é um Azorrague? – O termo obviamente é de grande importância para Alex, e eu quero saber todos os significados que ele atribui àquele nome.

Alex baixa os olhos, como se ouvisse, depois volta a olhar para mim.

– O que é, Alex?

– Ruen quer que eu repita suas próprias palavras, como se fosse ele quem estivesse falando. Está bem?

Balanço a cabeça e observo-o atentamente. Ele pisca algumas vezes, depois abre a boca para falar:

– Eu sou um Azorrague. Minha função é entrar depois que todas as barreiras foram rompidas, depois que a ação já foi realizada, depois até mesmo que o arrependimento enfiou suas presas fundo na memória, e então lavro a alma até ela ficar pronta para as sementes da dúvida e da falta de esperança para as quais nenhum idioma humano tem o léxico próprio. Eu poderia lhe dar mil traduções para “angústia” nas diversas línguas do reino humano, porque todas elas diferem, e, no entanto, nenhuma delas sequer chega perto de apreender toda a sua complexidade. Isso é porque não há tradução para o tipo de trabalho que eu realizo. Ninguém precisa ser levado ao Inferno para vivenciá-lo. Nós simplesmente o plantamos dentro da alma, até ele se tornar um mundo dentro e fora do ser humano.

Alex faz outra pausa para respirar, os ombros relaxados, os olhos percorrendo o quarto como se estivesse entediado.

– Atormentar é uma parte essencial no cultivo da alma para rejeitar a ideia de escolha. Ao contrário da opinião popular, a alma não é como fumaça na água; está entre líquido e metal, como o núcleo da Terra. Quando alguém a toca, são feitos sulcos, formam-se impressões. A alma só pode ser removida por Deus, é verdade, mas quando a porta é aberta, quando o caminho está desimpedido para a minha entrada, eu posso moldar essa substância escorregadia em formas ilimitadas e criar buracos que se prolongam à eternidade.

“Esse trabalho requer muita espera. Para fazer meu trabalho com eficiência, preciso observar enquanto os outros demônios realizam as complexas tarefas de analisar, tentar, sugerir, depois habilmente arrancar as escamas de realização humana até o remorso e o horror pavimentarem o caminho para a minha entrada. Não é nenhum tapete vermelho. Nesse estágio, estou literalmente sozinho; e não há ninguém para aplaudir o trabalho que realizo. Há apenas a visão de um ser humano caindo cada vez mais no fundo de si mesmo, tombando pelas distâncias criadas pelos meus sulcos e buracos.”

Quando tenho certeza de que Alex terminou, pressiono os botões de “pausar” e “salvar” no meu telefone e rabisco algumas anotações. Não há nada que eu queira

perguntar nesse ponto. Preciso de tempo para processar as informações dadas. Nesse momento, Alex diz:

– Devo lhe fazer as perguntas agora?

Ele fala ao espaço vazio junto à janela, não a mim. Ainda assim, digo:

– Que perguntas?

Alex balança a cabeça.

– Está bem. Ele ainda não quer lhe fazer as perguntas.

Sorrio e agradeço a Alex – e a Ruin – por sua atenção.

– Ruen diz que não há absolutamente de quê, minha senhora – diz Alex.

Michael permanece sentado em silêncio por um longo tempo, depois que eu toquei a gravação para ele. Finalmente, ele diz:

– Nossa, isso é coisa séria.

– Alguma parte disso foi tirada de um texto religioso? – pergunto. – A ideia de um Azorrague faz parte de alguma religião que você conheça?

Michael coça a cabeça.

– Em dez anos de estudos religiosos, nunca me deparei com o termo *azorrague*. Vou procurar e ver se há alguma passagem na Bíblia que se refira a isso. Apesar de que, ao que eu saiba, a família de Alex não é religiosa.

– Não sabemos nada sobre seu pai – digo. – Talvez ele fosse. Nesse caso, a maior parte do que ele está dizendo pode ser proveniente de uma severa criação religiosa. – Paro para refletir sobre os comentários de Alex. – E quanto a toda essa história de escolha?

– *Manteiga e mel ele comerá, quando souber rejeitar o mal e escolher o bem.* Velho Testamento, Isaías, capítulo 7, versículo 16. Não, 15. O livre-arbítrio permeia a maior parte da fé cristã.

– E você nunca descobriu nada sobre o pai de Alex?

Ele se inclina para frente, sacudindo a cabeça.

– Cindy recusa-se a falar sobre ele. O máximo que Alex disse foi que seu pai estava morto e fora para o Inferno.

– *Inferno?* – eu disse rapidamente. – Não para o Céu?

Michael balança a cabeça.

– Ele foi, como você costuma dizer, muito específico.

Suspiro.

– Esse tipo de pensamento intelectual religioso *não* é de um garoto de 10 anos. – Pego meu telefone e olho para ele por um instante, antes de recolocá-lo no bolso. – O que acha das perguntas que Alex disse que Ruin queria me fazer? Ele alguma vez

quis lhe fazer perguntas?

Michael reflete por um momento:

– Não, creio que não. Olha – diz ele, e há alguma coisa diferente em seu tom de voz, na expressão de seus olhos. Ele afaga meu braço. Eu o retiro com um reflexo repentino, e ele parece espantado. – O que foi? Eu limpei as mãos.

– Não, não é isso – digo.

– O que é?

*Você tem 43 anos de idade*, digo a mim mesma. *É perfeitamente capaz de estabelecer limites profissionais*. Ainda assim, sinto-me intimidada quando lhe digo qual é o problema.

– Gostaria que fôssemos apenas colegas. Ponto final.

Ele olha para mim como se eu tivesse enlouquecido, e eu sinto minhas faces pegando fogo. No entanto, no passado eu deixei homens ultrapassarem os portões de ferro da amizade, depois vi sua expressão de decepção quando eu me recusava a corresponder a uma tentativa de aproximação. Prefiro ser franca a respeito antes que isso possa interferir no tratamento de Alex.

– Bem, é uma pena – diz ele descontraidamente. – Eu não vou à Opera com nenhuma das minhas colegas, e eu estava aqui pensando que nós podíamos dividir um táxi para a apresentação de Alex em *Hamlet* hoje à noite.

Solto um suspiro de alívio.

– Não me importo de dividir um táxi.

Ele fica visivelmente satisfeito:

– Ótimo. Passo pela sua casa por volta das sete. OK?

Abro a boca para dizer *Na verdade, eu me encontro com você lá*, mas ele já seguiu em frente, contando-me a respeito do seu terreno, suas couves-de-bruxelas. Como um dia desses deveríamos tomar uma garrafa de seu suco de laranja feito em casa.

É somente quando tento encontrar uma roupa adequada para um evento na Grand Opera House que percebo o quanto o caso de Alex tem consumido meu tempo pessoal nas últimas semanas – meu apartamento está apenas parcialmente mobiliado e ainda cheio de caixas não desfeitas, significando que não tenho talheres, pratos, cadeiras e apenas uma pequena prateleira de roupas. Até então eu não tinha notado. Remexo até o fundo de uma caixa com a etiqueta ROUPAS e retiro uma dúzia de trajes, espalhando-os pelas lajotas vermelhas mexicanas de minha sala de estar. Todos são pretos e todos uma variação de saia na altura dos joelhos ou blusa com mangas três quartos. Depois de montar uma fileira de possibilidades, minha mente volta-se por conta própria para Poppy. Em minhas lembranças, ela está ao meu lado,

em nosso apartamento de Morningside, balançando a cabeça enquanto eu puxo roupas de dentro do armário. Enquanto eu não tenho absolutamente nenhuma noção de moda, Poppy tinha uma noção inata de estilo antes mesmo de conseguir formar frases, remexendo no cesto de roupas lavadas, escolhendo as cores e texturas que gostava antes de enrolar as peças ao redor da cabeça e dos ombros, depois sair cambaleando pelo nosso pequeno apartamento em cima de um par dos meus sapatos de salto alto.

– Que tal este? – lembro-me de dizer, segurando mais um vestido preto na minha frente. Ela revirou os olhos e balançou a cabeça.

– Tudo que você tem é preto – disse ela, remexendo no meu guarda-roupa. – Por que não tem nada vermelho? Ou laranja ou mesmo amarelo?

– Essas são as minhas cores?

Ela virou rapidamente os olhos para mim.

– Seu tom de pele é cor de azeitona, seus cabelos e olhos são castanho-escuros.

– Tomarei isso como um sim.

Ela encontrou um vestido branco espreitando da prateleira de sapatos.

– Arrá! Aqui está!

Examinei-o, notando a etiqueta do preço ainda pendurada. Um Stella McCartney, comprado num momento de capricho. Na ocasião, meu lema era: se você pode viver sem isso, viva sem isso – a menos que seja um Stella. Atualmente, eu reduzi um pouco o lema. Poppy atirou o vestido em cima de mim.

– É *este* – disse ela.

Balancei a cabeça.

– É apertado demais.

Mais olhos revirados.

– Mamãe, você é magérrima. Exiba isso, OK?

E, exatamente quando suas palavras precoces ressoam em meus ouvidos, avisto algo no fundo da caixa. Algo que eu nem me lembrava de ter empacotado. Um pano branco. Enfio a mão na caixa e retiro-o, notando a etiqueta. É o mesmo vestido. Eu não o usei na noite em que ela insistiu que o usasse. Não tinha nada a ver *comigo*, eu argumentara.

Tiro o que estou usando e enfio o vestido pela cabeça. Com um comprimento elegante abaixo dos joelhos, uma única manga, um decote reto e recatado logo abaixo da minha clavícula e um discreto zíper dourado lateral, o vestido ainda cabe em mim perfeitamente. E continua não tendo nada a ver comigo.

Às sete horas, a buzina de um carro soa lá fora. Pegó minha pasta e meu talismã e saio apressadamente, encontrando Michael de pé ao lado do táxi. Ele usa um terno azul-marinho e uma camisa branca sem gravata, os cabelos penteados para trás. Segura a porta aberta para mim.

– Boa-noite – diz ele.

Paro, certa de que escolhi a roupa errada.

– Você está linda, dra. Molokova – disse ele, com uma ligeira mesura. Retribuo o sorriso e entro no banco de trás.

Na Grand Opera House, digo a Michael para ir em frente e encontrar assentos para nós, enquanto procuro alguém da equipe para me levar aos bastidores, para que eu possa me certificar de que Alex está bem. Avisto os cabelos prateados de Jojo balançando no meio da multidão no *foyer* e chamo seu nome. Ela se vira e eu aceno.

– Está tudo bem? – pergunto quando encontramos um canto perto das escadas. – Com Alex, quero dizer.

Seu rosto parece tenso.

– Tudo bem com *Alex* – diz ela. – Só que está faltando um homem. Bem, na verdade, uma menina. Katie, que representa Hamlet, sabe? Quero dizer, ainda bem que temos um substituto para o seu lugar, mas pode imaginar? Na noite de estreia?

– O que aconteceu?

Ela pressiona uma das mãos contra a testa.

– Sofreu um acidente, coitadinha. Quebrou a perna em seis partes, ao cair de um lance de escadas. De qualquer modo, já nos arranjamos e há uma diretora de elenco de Londres aqui esta noite. Roz Mardell, já ouviu falar nela?

Faço que não com a cabeça. Ela estala a língua em desaprovação.

– Roz está selecionando o elenco para o novo *Hamlet* de Tarantino, pode imaginar? – Ela se abana. – Acho que Alex tem ótimas chances.

– Acha mesmo? – Sinto uma repentina mistura de empolgação e pavor. Empolgação com a oportunidade que isso lhe daria, mas pavor com o impacto que isso possa ter em suas emoções.

– Sabe que sua tia Bev está aqui? – diz ela rapidamente. – Está lá em cima em um camarote, se você quiser cumprimentá-la.

Um adolescente de camiseta escrita com o logo CRIANÇAS REALMENTE TALENTOSAS acena para Jojo do outro lado do *foyer*.

– É melhor eu ir – diz ela. – Aliás, você está muito bonita neste vestido.

– Obrigada – digo, vendo-a abrir caminho para o outro lado do *foyer*, antes de eu me dirigir às escadas para minha poltrona na galeria.

Ao longo da meia-lua de poltronas ocupadas, avisto os cabelos louros de Michael. Vou passando, pouco a pouco, pelas bolsas e pernas e chego ao meu

assento ao seu lado exatamente quando as luzes começam a diminuir.

– Tudo bem? – sussurra ele, inclinando-se para mim. Sinto seu cheiro – o aroma ácido de limão da loção após a barba, turfa e nozes macadâmias – e esqueço por que ele deveria estar me perguntando se está tudo bem. Sorrio e balanço a cabeça, puxando a bainha da minha saia timidamente sobre os joelhos.

A cortina se ergue ao som de um tambor, que vem do poço da orquestra. Uma leve neblina sopra pelo palco, onde uma figura portando uma arma anda de um lado a outro, em um estado de medo.

– Quem está aí? – grita uma voz de menino. Outra figura anda de costas, pelo palco, na direção do menino, a mão no coldre em sua cintura. As duas figuras colidem.

– Bernardo?

– Francisco?

– O que você está *fazendo* aqui no meio da noite?

– Substituindo-o no plantão de guarda, seu idiota. Já passa da meia-noite.

– Já?

Outra figura atravessa o palco, um garoto que reconheço instantaneamente como Alex. Vestido com um traje camuflado, os cabelos castanhos em um penteado antigo, repartido do lado e alisado com brilhantina, e os pés em pesadas botas pretas, ele não parece mais o garoto tímido, nervoso que eu tenho assistido. Ao invés disso, caminha com ar de autoridade e, quando fala, sua voz é mais profunda e autoritária. Um vento faz girar a névoa à sua volta, o som de cordas elevando-se do poço da orquestra.

– Francisco, aonde você está indo?

Um instante de zombaria.

– Bernardo está de guarda. Boa-noite.

Uma segunda figura aparece atrás de Alex, batendo a mão, com força, em seu ombro e fazendo-o dar um salto.

– Marcelo! – grita Alex. – Fale primeiro, da próxima vez!

Marcelo ergueu a arma para indicar que está armado, depois balança a cabeça para Bernardo.

– Você está mais nervoso do que de costume, Bernardo. O fantasma foi avistado?

Bernardo sacode a cabeça.

– Esta noite não.

Marcelo vira-se para Alex.

– Horácio diz que não vai acreditar no que vimos até que ele próprio tenha visto.



Não é verdade, Horácio?

Alex puxa a tira de um rifle por cima da cabeça e coloca a arma nos arbustos aos seus pés. Acomoda-se como se fosse dormir.

– Fantasmas não existem, idiotas.

– Existem *sim* – diz Bernardo, agachando-se para juntar folhas e gravetos para fazer uma fogueira – ou, neste caso, um pedaço de material vermelho soprado para cima por uma pequena máquina de fazer vento, aceso por trás. – Nós o vimos ontem à noite, pouco antes da uma, parecia realmente o rei.

Marcelo agacha-se também.

– *É* o rei.

Pelo canto dos olhos, vejo Michael virando-se para mim, metade do rosto às escuras, a outra iluminada pelo refletor no palco. Ele me lança um sorriso em elogio a Alex, que eu retribuo. A preocupação por Alex, que dera um aperto no meu coração – esta sendo sua primeira atuação pública e em uma época em que sua vida privada não era nem um pouco calma –, diminui agora. Ao som de uma lenta melodia que se ergue de um piano no poço da orquestra, uma canção conhecida soou em minha cabeça. A canção de Poppy, a que estava compondo na noite em que morreu. Minha boca fica seca. Os acontecimentos no palco diante de mim deslizam para a periferia dos meus pensamentos, o rosto de Poppy erguendo-se de volta à minha mente.

Mas em vez de me lembrar dela ao meu lado, instruindo-me nos rudimentos da moda e rindo de minha decisão de usar *aquela* blusa com *aqueles* sapatos, sinto sua ausência dolorosamente.

– *Lá está ele!* – ouço Alex gritar. – *Um fantasma! Oh, ele me atormenta de medo e espanto!*

Meus pensamentos entram em um território que está cercado de arame farpado, com guardas armados em vários postos, mantendo transgressores a uma distância considerável. Ignoro-os, atravessando para além dos planos familiares de minhas lembranças com Poppy para o dia em que soube que estava grávida. O pai dela era um conhecido da escola de medicina: Daniel Shearsman, um pesquisador americano que passava um semestre na University College de Londres. Nós nunca nos envolvemos, ao menos não além de um memorável fim de semana na Suíça, que começou no saguão de um velho centro de convenções em um congresso de pós-doutorado e terminou em um hotel minimalista de frente para o lago Geneva. Daniel nunca ficou sabendo sobre Poppy. Eu estava com 11 semanas de gravidez quando descobri e, quando isso aconteceu, a guardei para mim mesma como uma culpa secreta.

– *Este fantasma!* – grita Alex no palco, a voz trêmula. – *Este fantasma é um*

*agouro! Um sinal de que alguma coisa não está certa em nossa nação. Algo o perturba.*

Continuo em frente, passando pelos guardas, lembrando-me – com um leve assombro – de meses dormindo nos colchões extras de amigos, durante toda a minha gravidez, no caso de minha mãe – no auge de sua própria psicose – machucar o bebê; depois, o parto; Poppy é pequena; o rosto cor de creme que me é apresentado nos braços da enfermeira, como se ela estivesse fechando os olhos contra a brilhante luz do sol; levando-a para casa, para meu novo apartamento de estudante, nós duas dormindo aconchegadas em uma pequena cama junto à janela; Edith, a solteirona excêntrica do andar de baixo que varria as escadas de pedra do nosso bloco de apartamentos todo dia, oferecendo-se para tomar conta de Poppy enquanto eu terminava meus estudos; o primeiro dia que notei que havia algo errado com Poppy. Não exatamente errado; *diferente*. Foi no dia em que Edith disse que ela não podia mais tomar conta de Poppy.

– Por quê? – perguntei na época.

Os olhos castanhos de Edith sempre cintilavam quando eu deixava Poppy em seu apartamento, mas ultimamente sua expressão quando surgia à porta era de consternação, hesitante em receber minha filha. Diante de minha pergunta, Edith baixou os olhos, a boca buscando as palavras.

– Ela matou um dos meus peixes – disse Edith, gaguejando, pestanejando para evitar lágrimas de incredulidade. Pensei no grande aquário de peixes tropicais que Edith mantinha em sua pequena sala de estar, cheio de pequenos lampejos azuis e grandes turbilhões roxos que pareciam fitas, mas que Edith havia me dito orgulhosamente que eram peixes de briga japoneses.

– Simplesmente tirou-o do aquário, como um gato – continuou Edith, os lábios trêmulos. – Ficou vendo ele lutar para respirar em cima do móvel.

– Eu sinto muito mesmo – respondi, horrorizada. Virei-me para Poppy, de pé ao meu lado, tão facilmente entediada que já estava executando uma pequena dança e puxando-me pelo braço, para irmos embora. Inclinei-me e segurei seu queixinho, virando seu rosto para o meu. Eu podia ver o rosto de Daniel no dela, a mesma testa alta, os cachos escuros balançando-se nos ombros.

– Poppy, diga a Edith que você sente muito e vai lhe comprar um novo peixe.

Poppy revirou os olhos desviando-os dos meus e continuou a dançar e saltitar sem sair do lugar. Edith sacudiu a cabeça para mim severamente, cruzando os braços.

– Tem acontecido outras coisas – disse ela. – Coisas pequenas, mas estranhas...  
– Seus olhos fixaram-se em Poppy como se ela fosse algo sujo.

– Ela só tem 3 anos – argumentei, afastando Poppy das pernas de Edith. Ela

fingia lançar suas garras para ela agora, rosnando e rindo.

– Sinto muito. – Edith recuara para a escuridão do corredor, fechando sua porta para sempre.

Lembro-me agora de que Poppy nunca pediu desculpas.

– *Ter chegado a esse ponto...*

Olho para Alex no palco, notando que ele consegue manter o corpo de frente para a plateia, enquanto se dirige aos seus colegas atores, seu diálogo nítido e claro. Baixo os olhos para a bainha branca de meu vestido agarrada com força nos meus punhos crispados, compreendendo que agora, com quarenta e poucos anos, estou finalmente vivendo uma vida normal. Uma vida sem desculpas pelo comportamento de Poppy. Uma vida sem desculpas aos pais dos colegas de escola dela que soluçavam depois que ela atacava, súplicas a inúmeros médicos para que encontrassem o tratamento correto, rejeição após rejeição a amantes em potencial porque minha filha precisava de uma estabilidade que um novo relacionamento iria romper. Uma vida sem Poppy.

E, para meu horror, uma parte de mim se sente aliviada.

Quando o primeiro ato termina, uma repentina explosão de aplausos me arranca do passado e me traz de volta ao teatro. Dou um pequeno salto, erguendo as mãos como se tivesse acabado de aterrissar em minha poltrona. Michael volta-se para mim.

– Você está bem?

O palco fica vazio, a orquestra começa a tocar a música tema enquanto a procissão de casamento de Cláudio e Gertrude começa a surgir dos bastidores. Levanto-me.

– Acho que preciso de um pouco de ar fresco.

Dirijo-me à saída, passando pelas bolsas e pernas recolhidas para baixo das poltronas, através das portas em direção às escadas, depois descendo os degraus, de dois em dois, para o *foyer*. Ignoro os funcionários que perguntam se quero comprar suvenires ou algo para comer, abrindo caminho por uma fila agitada na bilheteria. Do lado de fora, tiro os sapatos, aliviada com a sensação do calçamento frio, úmido, a indiferença do tráfego intenso e barulhento. Afasto-me um pouco das portas da frente e apoio a cabeça contra a parede fria.

– Anya?

Viro-me e vejo Michael na entrada, o paletó do terno azul-marinho sacudindo-se, aberto, ao vento. Ele aproxima-se discretamente, a passos largos.

– Tem certeza de que está bem? – Seu rosto está crispado de preocupação. Viro-me de costas, ansiosa para que ele vá embora. Eu não queria ter que me explicar, e

mentir me deixa inquieta. Cruzo os braços.

– Estou bem – digo, virando-me novamente para ele e forçando um sorriso. – Só fiquei com um pouco de calor, só isso.

Ele balança a cabeça, mas o ar de preocupação em seus olhos não desaparece. Há um momento em que ele deveria cair em si e voltar para dentro do teatro. Mas ele decididamente não o faz.

– Alex estava excelente, não? – Ele riu, tentando manter uma conversa. Tento corresponder ao entusiasmo, mas, antes que consiga falar, sinto um soluço se formar em minha garganta e meus olhos se encherem de lágrimas. Levanto a mão, constrangida.

– Está tudo bem – murmuro. – Realmente. Vá, está perdendo o espetáculo.

Olho para o tráfego, aliviada pela varredura de ar frio levantado pelo fluxo de carros, as luzes da Opera House dançando em cada novo veículo reluzente. Michael continua ali parado, as mãos ao lado do corpo, observando-me. Posso divisar as rugas sob seus olhos, a leve penugem grisalha da barba por fazer em torno do maxilar. Vou dizer *por favor*, mas ele dá um passo à frente. Ergo os olhos, espantada com a dor em seu olhar. Sem dizer nenhuma palavra, ele leva a mão à minha face. Seu polegar gentil e deliberadamente descansa sobre a cicatriz infligida por Poppy. Busco seus olhos, perguntando-me o que ele está fazendo. É como se ele tivesse se aventurado o mais perto possível da linha que eu tracei entre nosso relacionamento profissional e um relacionamento íntimo. Ele não se adianta para me beijar, não fala. Apenas fica ali segurando minha mão, os olhos intensos, ardentes nos meus.

Após alguns instantes, ele abaixa a mão e volta para dentro do teatro.

## “LEMBRE-SE DE MIM”

**Alex**

Querido Diário,

Eu NÃO fiz isso a mim mesmo, mas todos aqui acham que fiz e eu já estou realmente de saco cheio. Não sei o que aconteceu. Sinto-me confuso e estranho. Ruen não estava por perto na ocasião e tudo que Bonnie fez foi gritar. Uma ambulância veio e me carregou numa maca. Havia muita gente na rua, mas também um monte de demônios.

Todos os médicos no hospital me perguntavam: “Alex, você fez isso a si mesmo? Você se atirou contra a parede? Você deu um soco no próprio rosto?” e assim por diante, e quando eu não respondia me perguntavam *por que* eu fiz aquilo.

Mas algo ainda mais estranho aconteceu esta noite, exatamente quando eu estava no palco.

Vou começar do princípio. O dia todo foi como o mais louco dos dias de ensaio, ou melhor, não o dia todo, mas por cerca de três horas antes da cortina subir. Jojo estava começando a suar e praguejar sem parar e todo mundo esquecia suas falas. Katie não apareceu e todos ficaram preocupados. Finalmente Jojo nos fez sentar e nos disse que Katie sofrera um acidente e que Aoife representaria Hamlet. Pensei no que Ruen me pedira para fazer à mãe de Katie e me senti mal por um instante. Ele tinha razão. E, se eu tivesse feito o que ele queria, Katie estaria bem.

Então Jojo descobriu que uma diretora de elenco estaria presente, o que a deixou ainda mais estressada.

– O nome dela é Roz Mardell – repetia ela sem parar, para o caso de nós a encontrarmos e não a chamarmos pelo nome correto, o que seria constrangedor, Jojo disse. – Se ela vier até você, aperte sua mão, elogie seu traje, mencione que você adoraria fazer um teste de câmera. – Ela se abanava como se estivesse prestes a desmaiar. – Um de vocês pode acabar em um filme!

Olhei para o espelho diante de mim. *Como isso seria legal*, pensei, e decidi naquele momento que eu certamente *iria* atuar em filmes como todos os amigos famosos de Jojo, e que, quando eu fosse realmente famoso, voltaria para Belfast e dirigiria uma companhia de teatro para crianças, exatamente como Jojo. Mas nesse

momento senti uma sensação de desalento, como se uma poça de areia movediça tivesse caído em meu peito. Não havia a menor possibilidade de eu acabar em um filme. Eu era apenas Alex de Belfast com uma mãe louca.

Jojo nos fez sentar em círculo no palco, com nossas pernas cruzadas e as mãos nos joelhos, cantando “*Um*”, o que me fez esquecer a sensação de desalento e começar a dar risada. Então, Liam mudou o cântico para “*Zum*”, e outra pessoa disse “*Rum*” e então se tornou “*Bum*”, e todo mundo riu.

Jojo disse que ela havia contratado maquiadores e técnicos profissionais para a noite, o que realmente fazia tudo parecer real, e depois, quando a orquestra apareceu, fiquei zozinho de empolgação. Sei que éramos mais de vinte na peça, mas por alguma razão eu não conseguia acreditar que eu fazia parte de algo tão legal. Por um instante, tive a sensação de que uma onda morna do mar tivesse acabado de passar por cima de mim, como se tudo fosse acabar bem.

Então, um segundo depois, foi como se outra onda me encobrisse, mas eu fiquei frio como uma pedra de gelo e um pensamento tomou conta de minha cabeça: *E se tudo der errado?*

Foi logo depois desse pensamento que vi Ruen. Ele era o Velho na ocasião, pavoneando-se pela frente do auditório, examinando um enorme piano negro que alguém acabara de trazer. Eu podia ver que ele realmente gostara desse piano porque não parava de olhar as cordas dele e correr suas mãos horríveis para cima e para baixo das teclas.

Quando a cortina subiu, todo o meu nervosismo desapareceu. Fechei os olhos e disse a mim mesmo *Eu sou Horácio*, e então esqueci tudo que havia acontecido antes. Baixei a voz e pensei em como Jojo disse que Horácio falaria e o quanto ele era importante na continuação da história de Hamlet.

A orquestra parou de afinar seus instrumentos e todas as pessoas que conversavam na plateia ficaram tão silenciosas que dava para pensar que todos haviam ido embora para casa. Mas eu sabia que estavam lá. As luzes acenderam, mas apenas obscuramente. Todo mundo nos bastidores ficou tenso e nervoso.

Ouviram-se passos e gritos no palco. Eu ouvi Liam dizer sua fala:

*Substituindo-o no plantão de guarda, seu idiota. Já passa da meia-noite.*

Era a minha vez. Olhei meu figurino, uma roupa de soldado com botas brilhantes amarradas com catarife na frente e um macacão de combate com insígnias de onde eu devia ter feito alguma coisa heroica. Eu tinha manchas pretas untadas pelo rosto e uma grande arma de mentira nas costas. Respirei fundo. Saí para o palco, sob a luz do refletor.

*Francisco, aonde você está indo?*, disse bem alto. Virei a cabeça para a plateia, mas não conseguia ver ninguém, apesar de saber que estavam todos lá. O refletor era

tão ofuscante que parecia haver apenas Liam e eu no palco. A projeção do amigo de Jojo apareceu na parede oposta. Ela sempre me fazia lembrar de Ruen porque parecia uma pessoa real, mas era possível ver a parede por trás. A orquestra começou a tocar bem alto, como violinos rangentes, berrantes. Eu disse a minha fala: *Agora que vejo com meus próprios olhos, acredito em você. É real.* Mas, quando olhei para a projeção outra vez, ela não parecia a mesma. O homem agora usava uma balaclava e um casaco pretos. Perguntei-me se alguém havia trocado o rolo de filme no projetor. Ele estava simplesmente lá parado, segurando uma arma.

Aoife, então, entrou no palco como Hamlet. Ela olhou para o fantasma, estendeu o braço para tocá-lo. *Ele é meu pai,* disse. *Ele é meu pai! Oh, Hamlet, progenitor, rei, querido pai – diga-me por que está aqui.*

O fantasma virou-se e encarou Aoife. A voz do amigo famoso de Jojo encheu o auditório:

*Fui assassinado pelo mesmo traidor que se casou com sua mãe...*

Aoife continuou olhando para o fantasma enquanto ele se dirigia a ela, dizendo-lhe para se vingar de sua morte. Ela pareceu assustada e agarrou-se a mim, e eu me senti paralisado.

*Lembre-se de mim, Hamlet.*

Olhei para o fantasma e ele empunhou a arma. E então foi como se o palco, a fumaça, a projeção do amigo famoso de Jojo como o fantasma e a plateia – tudo desaparecesse. E eu nem sequer era mais Horácio.

*Lembre-se de mim...*

Aoife não estava mais ao meu lado. O palco desaparecera e, em vez de um mar negro de rostos, eu estava parado à margem de uma rua do interior que parecia ser na Irlanda do Norte, mas eu não tinha certeza. Havia uma fileira de pequenas lojas de pedra atrás de mim, uma igreja e uma agência dos Correios. Algumas mulheres empurravam carrinhos pela calçada estreita e uma menina de vestido amarelo estava parada na entrada de uma loja comendo um pacote de batatas fritas e atirando farelos para os pombos. A rua estava escura e brilhante como se tivesse chovido recentemente. Havia dois policiais, um em cada lado da rua, sendo um velho e o outro jovem. Um carro da polícia estava estacionado logo adiante de mim. *É uma barreira policial,* pensei. Eu podia ver uma câmara na traseira do carro, apontada para a patrulha.

Um carro azul começou a subir a rua em direção à barreira policial. *Desfrute-os enquanto são jovens,* disse o policial do outro lado da rua. *Logo estarão pegando seu carro emprestado e torrando seu dinheiro.* O policial jovem avistou o carro vindo em sua direção e foi para o meio da rua com a mão para o alto.

O carro azul se aproximou e pude ver dois homens na frente. O homem no banco

do motorista era tão pequeno que eu mal podia ver seu rosto acima do volante, mas quando ele chegou mais perto vi que era velho e careca, com um tufo de cabelos brancos na nuca. O rosto do outro homem estava escondido atrás de uma balaclava preta. Pude sentir minha respiração se acelerar e o coração disparar porque eu sabia quem era ele.

Ele era meu pai.

O policial no meio da rua gritou algo para o outro policial, que tirou seu rádio e começou a falar nele. O policial no meio da rua pegou a arma no coldre em sua cintura e, quando o carro azul parou, meu pai saltou e apontou-lhe uma arma.

Aconteceu tão rapidamente que eu achei que tinha perdido alguma coisa. Havia uma mulher empurrando um carrinho de bebê ali perto, ela gritou e correu para dentro da agência dos Correios, alguém saiu correndo e agarrou a garotinha, que estava alimentando os pombos, entrou e bateu a porta da loja. Um outro homem apenas ficou paralisado, como se tivesse sido transformado em gelo. O policial jovem ergueu as mãos.

– Não atire! – disse ele, e sua voz era de advertência, não de medo, mas eu estava bastante perto para ver seu rosto, que estava tenso e suado. O policial mais velho tinha a arma apontada para meu pai e eu estava com muito medo. Eu me escondi atrás de um pilar em frente à igreja.

Mas meu pai não teve medo. Ele manteve o olhar fixo no policial no meio da rua.

– Há outra patrulha aqui perto – disse o policial mais velho, ainda apontando a arma para meu pai. – Não vale a pena, rapaz. Você não vai ir longe.

Meu pai virou a cabeça para o motorista, como se precisasse lhe perguntar alguma coisa, e nessa fração de segundo o policial mais velho atirou nele, mas o tiro não o acertou e foi esfaquear o para-brisa do carro azul. Meu pai girou nos calcanhares e apontou a arma, o policial mais jovem sacou a dele, mas meu pai atirou nele primeiro.

Eu vi a cena como se acontecesse em câmera lenta.

O homem que havia ficado paralisado deixou cair sua lata de Coca-Cola.

Os pombos bateram em revoada.

O céu ricocheteou da rua molhada.

A cabeça do policial virou-se para mim. Sua boca estava torcida de uma forma estranha e o rosto era turvo. O sangue espirrou de sua testa como um chifre vermelho.

Meu pai se virou e eu ouvi outro tiro. Foi um estalo, como de fogos de artifício, só que muito mais alto, e com uma espécie de baque surdo por trás que me fez sentir náusea. Os braços do segundo policial atiraram-se para frente, seus joelhos se



dobraram e ele caiu. E, quando olhei de novo para meu pai, ele já estava no carro azul, o velho ao volante fez os pneus cantarem e eles partiram.

Quando ergui os olhos outra vez, eu não estava na barreira policial, nem no palco. Estava no meu camarim, em frente a um espelho, e já não usava mais meu uniforme de combate, apenas minha cueca comprida e minhas botas pretas. Meu rosto estava molhado, minha boca, vermelha, e eu tremia dos pés à cabeça. Ergui o braço para ver as marcas nele, e ele tremia, mas pude ver que estava sangrando. Havia alguém atrás de mim. Era Bonnie Nicholls.

– Alex – sussurrou ela. – Alex, o que aconteceu?

Olhei ao redor do camarim e por alguma razão parecia que ele tinha sido assaltado. A penteadeira estava virada, com as quatro pernas para cima. Uma das grandes fotografias na parede dos fundos estava destruída e meu armário estava aberto com todo o conteúdo no chão.

– O que aconteceu, Bonnie? – perguntei, mas, antes que ela pudesse responder, minhas pernas amoleceram como gelatina, eu a ouvi gritar e tudo escureceu.

\*

Quando acordei, estava em uma cama de hospital com outra roupa e meu corpo doía como se eu tivesse sido pisoteado por dinossauros. As enfermeiras me deram um remédio que eliminou grande parte da dor. Eu tinha um enorme olho roxo e meu nariz estava tão inchado que, toda vez que eu dizia “Eu não fiz isso”, saía um som nasalado ininteligível. Depois das enfermeiras, um médico entrou e tudo que ele queria saber era por que eu gosto de desenhar esqueletos. Fiquei com tanta raiva que comecei a gritar e vi que ele escreveu “problemas de raiva” em seu bloco de notas.

Anya, Michael e tia Bev vieram mais tarde. Fiquei tão aliviado de vê-los que desatei a rir. Isso surpreendeu tia Bev, mas a fez rir também, apesar de seus olhos parecerem preocupados.

– Você parece uma rainha – eu disse a Anya, embora só quisesse dizer que ela estava bonita. Ela usava um elegante vestido branco, sem nenhum enfeite, seus cabelos estavam para cima, o que fazia seu pescoço parecer comprido, e ela estava maquilada. Ela sorriu, embora parecesse estar com vontade de chorar.

– O que aconteceu, Alex? – quis saber. – Foi Ruin quem fez isso?

Michael fechou a porta e Anya olhou alguns papéis que os médicos haviam escrito sobre mim, depois começou a me fazer mais perguntas, mas eu me sentia sonolento e só queria cebolas com torrada e uma xícara de chá.

– Você sabe o que aconteceu? – perguntei a Anya.

– Esperávamos que *você* nos dissesse o que aconteceu, Alex – disse Anya.

Pressionei a base da palma de minhas mãos contra os olhos, respirando fundo. Sentia-me muito confuso. Pensei: *Talvez eu realmente esteja ficando maluco.*

Quando retirei as mãos dos olhos, notei que havia dito isso em voz alta. Tanto Michael quanto Anya me olhavam de um modo realmente estranho. Após um longo tempo, Anya disse:

– Você estava preocupado com sua mãe hoje, Alex? Alguma coisa aconteceu antes nos ensaios?

Abri a boca para contar-lhe sobre o policial e o tiroteio e que eu havia visto meu pai, mas, quando tentei falar, nenhuma palavra saiu, apenas longos soluços, e eu comecei a chorar tanto que todo o meu corpo se sacudia e minhas costas começaram a doer.

Tia Bev veio sentar-se na cama ao meu lado e segurou minha mão. Depois, ela passou os braços ao meu redor e ficou me abraçando por um longo tempo.

– Foi um acidente? – disse ela quando me soltou, e sua voz era muito baixa e fraca. – Ou você fez isso a si mesmo? Pode me contar, sabe. Eu não vou ficar zangada. Nós todos só queremos ajudá-lo.

Nesse exato momento, Ruen apareceu como o Menino Fantasma. Devo ter dado um salto de susto porque Anya imediatamente me perguntou o que havia de errado. Ruen ficou parado ao pé da cama, fitando-me. Ele me lançava aquele olhar Alex É Idiota.

– Não sou idiota! – gritei para ele.

– Tudo bem, Alex – disse Anya, mas eu balancei a cabeça porque não estava me dirigindo a ela. Odiei os olhos de Ruen, era como se fossem maiores do que o normal, como se estivessem *esbugalhados*, e, apesar de serem negros como dois pedaços de carvão, podiam ver através de mim. Coloquei as mãos sobre os olhos.

– Diga a eles que foi você quem fez isso – disse ele, balançando a cabeça e sorrindo.

A maneira como ele disse isso fez parecer mais como se estivesse me oferecendo uma sugestão útil do que me dando uma ordem, como se ele soubesse algo que eu não sabia e que seria uma boa ideia fazer o que ele dizia. Ele voltou a falar:

– Está tudo bem, Alex. Apenas diga a eles.

Respirei fundo.

– Fui eu que fiz isso – disse.

Tia Bev afastou-se ligeiramente de mim, Anya e Michael entreolharam-se e eu me arrependi de ter falado. Queria que tia Bev me abraçasse de novo. Eu queria perguntar a Ruen por que ele me aconselhara a dizer aquilo, então apenas disse:

– Podemos falar mais sobre isso de manhã? Estou realmente cansado agora.

Anya deu um passo à frente e depois se agachou para poder me olhar nos olhos.

– Você fez isso, Alex? Ou foi Ruin?

Ruen pareceu ficar zangado. Pensei de novo na barreira policial.

– Meu pai fez algo muito, muito errado – eu disse devagar, e o rosto de Anya mudou como se ela tivesse visto algo que não vira antes.

– Seu pai o machucou, Alex? – perguntou ela.

Balancei a cabeça.

– Ele machucou sua mãe?

Balancei a cabeça.

– Pode me contar o que ele fez?

Por um instante, eu ia contar. Mas então um novo sentimento tomou conta de mim. Eu me senti muito envergonhado, o que não fazia sentido, porque não tinha sido culpa minha. Mas, ainda assim, achei que ela ficaria decepcionada comigo.

– Talvez depois de dormir você possa me contar – disse Anya, e eu me senti realmente contente com isso, porque eu estava muito cansado e dolorido, e meu cérebro parecia um lamaçal. Assenti, deitei e fechei os olhos.

Quando tive certeza de que todos haviam saído, eu disse a Ruen:

– Por que me disse para dizer aquilo?

Ele estava olhando pela janela como se procurasse alguém. Ele não respondeu, então repeti a pergunta. Eu já estava começando a ficar zangado com ele.

– Por que você me disse para mentir? – perguntei-lhe.

Ele virou-se para mim e pressionou o rosto bem junto ao meu. Seu hálito fedia a açougue em dia de sol. Virei o rosto para o outro lado.

– Mas você *realmente* fez isso a si mesmo, Alex – sussurrou ele. Então, ele não pareceu mais zangado, mas como se tivesse pena de mim. – Pobre Alex – disse ele, pegando a bola e fazendo-a ricochetear da parede oposta. – Você não percebe, não é?

– Percebo o quê?

– Que você *realmente* fez isso.

– E como eu fiz isso? – perguntei em voz alta, apesar de meu peito doer. – Como eu iria me levantar no ar e me atirar contra a cômoda?

– Você não estava adormecido na ocasião?

– Dificilmente. Eu estava me preparando para o terceiro ato...

Ele parou de jogar a bola e inclinou a cabeça como se tivesse acabado de pensar em algo que eu não tinha pensado.

– Ou você estava *sonhando* que estava se preparando para o terceiro ato?

Agora minha cabeça parecia um mingau. Eu só queria dormir.

– Tenho que dormir agora, Ruen – eu lhe disse.

Ele assentiu:

– Prometo não contar a sua mãe sobre isso.

Pensei: *Mas mamãe nem sabe que você existe*, mas não disse nada, porque, se eu realmente fiz isso a mim mesmo, certamente não iria querer que mamãe soubesse. Isso faria com que ela piorasse. E fiquei feliz então porque Ruen iria manter em segredo.

– Acha que mamãe está bem? – perguntei.

– Oh, tenho certeza que sim. Gostaria que eu garantisse que ela esteja bem, Alex?

Balancei a cabeça e me senti muito aliviado.

– Sim, por favor. Adoraria.

Ruen sorriu e inclinou-se sobre mim.

– Posso lhe pedir para fazer uma coisa por mim?

Balancei a cabeça.

– Amanhã de manhã, gostaria que você fizesse a Anya a lista de perguntas que eu lhe dei. Pode fazer isso por mim, Alex? Eu ficaria muito agradecido.

– OK.

E depois disso eu não me lembro de mais nada, porque adormeci e sonhei com vovó a noite inteira.

## AS PERGUNTAS DE RUEN

### Anyá

A provação mais recente de Alex é um choque, para dizer o mínimo.

Eu tinha retornado à minha poltrona no auditório da Opera House exatamente quando Alex estava em cena consolando Hamlet sobre o casamento apressado entre sua mãe viúva e seu tio. Passei os olhos pelos outros membros da plateia – muitos estavam sentados na ponta de seus assentos, ansiosos para ouvir o conselho deste jovem a Hamlet. Senti uma onda de orgulho dele. E me perguntei se ele havia transposto alguma espécie de ponte. Olhei para Michael e pensei no tratamento de Alex. *Ele deveria receber tratamento em casa? Eu deveria esquivar-me do furor que será causado ao declarar Cindy incapaz como mãe de Alex e mandar interná-lo na Casa MacNeice, um lugar que ela acredita ser destinado a loucos? Estará Alex apresentando sintomas psicóticos ou sintomas de estresse pós-traumático?*

Mas algo aconteceu durante o intervalo. Quando a cortina desceu e a plateia levantava-se de seus assentos, avistei Jojo no fundo do auditório, correndo para o lado oposto. Eu a vi sinalizar para um membro da equipe, depois se virar para vasculhar as fileiras como se procurasse alguém. Acenei para ela, mas ela não me viu. Inclinei-me para frente para chamar a atenção de Michael.

– Tem alguma coisa errada – eu lhe disse.

– O que quer dizer? – Ele seguiu meu olhar até a frente do auditório, onde dois garotos com camisetas CRIANÇAS REALMENTE TALENTOSAS corriam para a porta por onde Jojo acabara de sair. Comecei a abrir caminho naquela direção. Michael me seguiu.

Quando chegamos ao camarim, Michael afastou um membro da equipe que obstruía o caminho e viu o estado em que se encontrava o lugar – parecia ter sido depredado. Bonnie, a menina que representava Ofélia, disse que tinha ouvido muito barulho vindo do camarim. Quando entrou, viu Alex chocando-se contra a parede, depois caindo para trás, no chão. Ele ficou inconsciente por alguns instantes – Bonnie achou que ele tivesse morrido.

Encontrei a tia de Alex, Beverly, e disse-lhe que o sobrinho sofrera um acidente, embora eu ainda não estivesse inteiramente certa sobre o que havia acontecido. A equipe da Cruz Vermelha já levava Alex para a emergência, um membro da equipe

nos informou, embora ele estivesse mais ansioso em achar um substituto para prosseguir com a apresentação do que em responder às minhas perguntas. Beverly, Michael e eu tomamos um táxi e chegamos à seção de acidentes e emergências do Hospital Municipal pouco tempo depois, onde uma enfermeira nos conduziu a uma sala anexa à unidade pediátrica.

Alex tinha um aspecto horrível. Os dois olhos estavam injetados e o nariz, ferido e inchado. Uma enfermeira informou-me que ele tinha a parte baixa das costas machucada, sugerindo que ele havia deliberadamente se atirado contra a parede. A força com que o machucado fora causado era incomum no caso de autoagressão: parecia que uma pessoa muito maior teria que ter levantado Alex e o atirado de uma distância de aproximadamente 3 metros.

Só posso imaginar que a tensão de atuar na peça tenha sido demais para ele. Quando li o original de Shakespeare e a adaptação de Jojo, notei que o relacionamento entre Hamlet e o pai era sublinhado por uma estranha noção de dívida, de execução de vingança em nome de seu pai. Suspeito que o relacionamento de Alex com seu próprio pai seja algo que eu deva investigar mais a fundo, e já fiz uma anotação para forçar um pouco Alex a falar sobre isso. Mas obviamente tenho que esperar até que ele se recupere fisicamente.

Não dormi quando voltei para casa. Michael e eu compartilhamos um táxi, fazendo o trajeto em silêncio. Minha mente trabalhava febrilmente com porquês e comos, dando voltas na questão do tema da peça como um abutre. A verdade era que eu já havia localizado minha resposta, mas queria continuar arrancando a carne da presa por culpa. Eu jamais deveria ter permitido que Alex trabalhasse na peça. Eu devia ter visto o tipo de pressão que um espetáculo desse porte exerceria sobre ele em um período tão vulnerável de sua vida. E eu devia ter insistido, *insistido*, que Alex fosse transferido para a Casa MacNeice.

Quando o táxi parou diante do meu apartamento, virei-me para Michael.

– Assim que Alex deixar o hospital, vou interná-lo na Casa MacNeice – disse.

Ele mordeu o interior da bochecha, mantendo os olhos no espaço entre nós.

– Eu sei – disse ele serenamente. Por um instante, seus olhos fitaram os meus, cheios de uma enorme carência. Ele virou-se e olhou para fora da janela, e o táxi partiu.

Quando fui ver Alex no dia seguinte, ele já estava vestido. Sua tia Beverly já estivera lá, uma enfermeira me informou. Ela trouxera os pertences de Alex. Ele ainda se contraía de dor para se sentar direito, mas vestira-se penosamente, a gravata-borboleta vermelha compondo sua camisa de listras brancas e marrons. O cabelo tinha crescido tanto que começava a cobrir os olhos. Ele tinha algo no bolso da camisa que verifiquei tratar-se de uma das fotos da nova casa do governo. Estava

guardando-a junto ao coração, disse. Fiquei muito satisfeita por algo que eu tenha feito ter lhe proporcionado tanta felicidade.

– Onde está Michael? – disse ele quando fechei a porta.

– No escritório, eu acho – respondi. – Você queria vê-lo?

Alex balançou a cabeça. Notei que seus curativos tinham sido trocados, mas a luz prateada da manhã revelava que as equimoses em seu rosto haviam viajado por todas as tonalidades azuladas de um impacto profundo. Compreendi que se tratava de um episódio muito grave de autoagressão, desmentindo completamente a alegria que ele transmitia superficialmente.

– Como está se sentindo agora? – perguntei.

Ele pareceu repentinamente hesitante em me encarar. Esfregou o braço e disse:

– Dolorido.

– Aposto que sim.

Puxei uma cadeira para a mesa, considerando a melhor maneira de tocar no assunto do pai de Alex. Era importante que eu o conduzisse ao assunto suavemente, estabelecendo que o que quer que seu pai tivesse feito não iria colocar Alex em dificuldades. Na mesa, havia uma bandeja com restos do café da manhã – uma salada de frutas remexida, uma tigela de iogurte grego morno e mingau salpicado de pinhões. Retirei a bandeja e coloquei-a no chão junto à porta, entregando um copo de água a Alex.

– Pode se servir, se quiser – disse ele, olhando para a bandeja do café da manhã.

– Não estou com fome.

– Obrigada, Alex – eu disse com um sorriso. – É muita gentileza sua. Mas sou alérgica a nozes em geral, lembra-se?

– Nozes?

Balancei a cabeça, confirmando.

– Estes são pinhões – eu disse, olhando para o mingau.

– Ah, sim – disse ele. – Nozes fazem você dormir, não é?

Lembrei-me da minha mentira.

– Sim – confirmei.

– Eles nem parecem nozes. Parecem minúsculas balas de revólver.

Houve um tom rouco em sua voz que eu reconheci instantaneamente. Algumas das crianças que eu tratei recentemente testemunharam a violência na Irlanda do Norte em primeira mão. Uma menina, Shay, ficou cega durante um tumulto em Drumcree há vários anos. Ela está sendo tratada de depressão clínica. Um menino de 15 anos de Carrickfergus levou um tiro à queima-roupa no joelho – “arranca rótula”, como chamam aqui – por causa da deserção de seu pai de uma organização terrorista. O trauma desse evento tornou-o propenso ao suicídio. Michael insiste que

Cindy e Alex não sofreram com o conflito na Irlanda do Norte, mas não estou tão certa disso. “Os Problemas”, como o conflito é chamado, é um termo muito significativo para aqueles que estão a certa distância da violência – para as crianças que cresceram no meio dela, “Os Problemas” simplesmente fazem parte da vida.

– Você alguma vez viu uma bala, Alex? Ou uma arma?

– Quer dizer, na vida real? – retrucou ele, mantendo os olhos baixos. – Sim.

– Pode me dizer onde?

Ele balançou a cabeça.

– Um policial veio prender seu pai?

Ele retesou-se à menção da palavra “policial”, em seguida balançou a cabeça energicamente. Depois, apertou os olhos com força, o rosto contraído em concentração, os dois punhos cerrados. Abriu a boca para falar, mas parei para esperar que ele relaxasse. Um minuto se passou. Coloquei a mão no ombro de Alex.

– Prometo que você não terá problemas se me contar o que aconteceu.

Ele abriu os olhos e olhou para além de mim.

– Ruen quer que eu lhe faça algumas perguntas, está bem?

– Por que Ruin quer fazer isso? – perguntei delicadamente.

Alex refletiu seriamente sobre a minha pergunta.

– Acho que ele só quer conhecê-la melhor – respondeu. – Talvez porque ele e eu sejamos amigos... mais ou menos... e ele queira ser seu amigo também.

– Que tipo de perguntas Ruin quer me fazer?

– Humm... não sei bem. Coisas de adulto, eu acho. Ruen é realmente estra... – Ele parou de repente, antes de concluir a palavra “estranho”, olhou rapidamente para a direita, depois riu tampando a boca com a mão.

– Se você responder às minhas perguntas, eu responderei às suas, está bem?

– Sobre Ruen?

– Não, Alex. Sobre seu pai.

Ele pestanejou, depois assentiu com um breve sinal da cabeça.

– Está bem. Se eu vou ser entrevistada, vamos fazer isso adequadamente – eu disse com descontração, tirando meu celular do bolso e encontrando o aplicativo “gravação de voz”. – Vamos gravar, está bem? Como uma verdadeira entrevista.

Alex deu de ombros.

– Não me importo, as perguntas não são minhas. – Ele tirou um pedaço de papel do bolso da calça. Inclinei-me para frente e olhei para o que era uma lista de perguntas, escrita com marcador preto.

Ele limpou a garganta.

– Número um. Sua filha se chamava Poppy?



Não pude conter uma exclamação de surpresa. Isso era mais do que um palpite, e eu sou rígida em não compartilhar detalhes pessoais. Procurei desesperadamente adivinhar como ele poderia ter descoberto o nome dela. Certamente, Michael jamais o teria mencionado, não? O som do nome dela nos lábios de Alex fizeram gotas de suor porejarem em minha testa, entre minhas omoplatas.

Por fim, eu disse:

– Por que pergunta, Alex?

– Não sou eu, é *Ruen*.

– Por que Ruen se importa com minha filha? – eu disse, tensa.

Ele parou.

– Não sei.

– OK – eu disse, recompondo-me. – Próxima pergunta.

– Sua filha morreu há quatro anos?

Dessa vez, senti um baque no coração e tive vontade de me levantar e ir embora. Não, eu queria sair correndo dali. Mas lembrei a mim mesma que havíamos atingindo um ponto crítico no tratamento de Alex. Ele estava finalmente revelando pistas sobre Ruin. contei mentalmente até dez e respirei devagar, numa tentativa de controlar minhas emoções. Eu precisava me manter concentrada na verdadeira razão para Alex estar fazendo tais perguntas. Quando abri os olhos, vi que ele estava visivelmente sem jeito.

– Sinto muito – disse ele em voz muito baixa. – É só que... eu prometi a Ruen que lhe faria essas perguntas. Não tive intenção de perturbá-la.

Estabilizei a minha respiração.

– Pode perguntar a Ruin por que ele está tão interessado em Poppy?

Alex virou-se e repetiu minha pergunta para Ruin, que aparentemente estava de pé atrás dele. Após alguns segundos de silêncio, ele voltou-se novamente para mim e disse:

– Ruen diz que gosta realmente de você e a admira por tocar piano.

Lembrei-me de seu comentário sobre Ravel de nosso primeiro encontro.

– Eu adoro piano. Mas você já sabe disso, não é? Podemos passar à próxima pergunta?

Alex remexeu-se em seu assento e consultou sua lista.

– Número três. Você acredita em Deus?

– O júri ainda não se pronunciou sobre isso, Alex – eu disse, antes de me corrigir. – Desculpe, *Ruin*. – Resolvi acatar a possibilidade da presença de Ruin no aposento, notando como isso instilou confiança em Alex, sua postura mais reta, os olhos fitando os meus.

– Isso responde a número quatro, então – disse-me Alex.

– E qual é?

– Você acredita no Diabo, o Príncipe do Inferno?

– Qual a próxima pergunta?

– Se você pudesse ter qualquer coisa que quisesse, o que seria?

Senti meus ombros ficarem mais leves diante da pergunta. Expirei, longa e lentamente. *Poppy*, pensei, *viva e saudável*, e nesse exato instante avistei a tela padrão do Serviço Nacional de Saúde no outro lado do quarto. Um campo de papoulas. Sorri.

– Tudo bem – disse-me Alex. – Ruen diz que você já deu sua resposta.

Franzi a testa.

– Pode me dizer por que Ruin quer saber essas coisas, Alex?

Ele não respondeu por um longo tempo. Finalmente, balançou a cabeça.

– Só tenho mais uma pergunta – disse ele calmamente.

Fiquei decepcionada por ele estar começando a evitar perguntas diretas. Respirei fundo e pensei em algum modo de fazer nossa conversa voltar ao pai dele.

– Continue.

Ele respirou fundo.

– Você ama o Michael?

Eu ri, mas, em vez de responder, observei Alex atentamente. Ele baixou os olhos para a mesa, como se estivesse envergonhado.

– Se eu amo o Michael? – repeti após uma longa pausa. Alex balançou a cabeça muito devagar. Por que ele queria saber isso?

– Próxima pergunta – eu disse.

– Não há outra pergunta...

– *Próxima pergunta* – eu disse, com uma insistência que surpreendeu a nós dois. O lábio de Alex começou a tremer. Ele olhou temerosamente para a sua direita, depois se voltou para mim outra vez.

– Tudo bem – disse ele, arriando os ombros. – Ruen diz que ele já sabe a resposta.

Observei enquanto ele dobrava o pedaço de papel, antes de discretamente pegar meu celular para gravar minhas próprias perguntas.

– Podemos falar um pouco mais sobre o seu pai? – perguntei a ele, mudando de posição em minha cadeira para parecer mais descontraída. – Pode me falar dele? Como ele era? Do que você se lembra a respeito dele?

Ele assentiu. Alguns segundos se passaram. Ofereci um estímulo:

– Ele era bom para você?

Ele considerou a pergunta.

– Sim, acho que sim. Ele morreu quando eu era pequeno, sabe, então eu só me lembro de algumas coisas de quando ele estava vivo.

– Do que você se lembra? Pode me dizer?

Ele respirou fundo.

– Lembro que ele gostava de comprar carrinhos de brinquedo para mim. E às vezes íamos nadar e ele sempre trazia sacolas cheias de comida quando vinha para ficar.

– Então, só ele vinha ficar com você e sua mãe? Você alguma vez ficou na casa dele?

Ele fez que não com a cabeça.

– Papai morava em muitos lugares diferentes. Acho que ele viveu na América durante algum tempo e também em Dublin e Donegal. Uma vez ele disse que estava morando em um celeiro.

– Um *celeiro*?

Ele franziu o nariz.

– Ele disse que era muito fedido e desconfortável.

– Aposto que era. Você sabe por que ele estava morando em um celeiro?

Ele pareceu perdido em seus pensamentos, as pernas – geralmente balançando da cadeira – imóveis, o olhar distante.

– Ele havia passado o dia inteiro na cozinha preparando uma comida estranha que mamãe não gostou muito, mas que ela comeu de qualquer modo porque estava faminta.

– Que tipo de comida?

– Não me lembro. Tinha um cheiro estranho e às vezes fazia meus olhos lacrimejarem. – Uma pausa. – Ele tinha tatuagens nos braços.

– Tatuagens?

– Sim. Tinha uma bandeira irlandesa aqui – ele envolveu o bíceps esquerdo com a mão – e palavras aqui. – Ele tocou o braço direito.

– Quais eram as palavras?

– Na verdade, não acho que eram palavras. Eram letras. Significavam alguma coisa. Não sei o quê.

Prendi a respiração, ansiosa para não forçá-lo muito.

– E quando seu pai morreu, Alex... Como você se sentiu?

Ele ficou olhando fixamente à sua frente.

– Sozinho, eu acho. Até mamãe comprar Woof para mim, e então eu fiquei bem. Ela chorava sem parar.

- Ela chorou quando seu pai morreu?
  - Sim, mas ela ficou com raiva também. E com medo. Ela tentou jogar nosso piano fora, mas Ruen disse que não devíamos fazer isso.
  - Onde Ruin está agora, Alex?
- Ele olhou ao redor.
- Ele estava aqui um minuto atrás. Não sei aonde ele foi.
  - Foi Ruin quem o machucou? Ou ele disse a você para se machucar?
- Um temor repentino atravessou seus olhos.
- O policial... – disse ele. E então começou a chorar, e eu o envolvi em meus braços, mas ele não quis dizer mais nada.

Deixei Alex no hospital com instruções para entrarem em contato comigo assim que ele estivesse em condições de ter alta. Nesse meio-tempo, entrei em contato com a terapeuta de Cindy para saber se ela dera autorização para Alex ser tratado como interno.

– Não, não deu. – Trudy suspirou ao final da frase. – Mas eu a avaliei como inepta para atuar na qualidade de mãe de Alex. Sua tia concordou em tomar essa decisão por ele neste momento.

Houve um período de silêncio enquanto nós duas refletíamos sobre essa situação desalentadora. Se Cindy não deu permissão, a notícia de sua própria irmã indo contra sua vontade seria sem dúvida uma pílula difícil de engolir. E eu lamentava profundamente não ter conseguido persuadi-la de que o tratamento na Casa MacNeice seria no melhor interesse de Alex – na realidade, ela provavelmente interpretaria a jogada como uma tentativa de dissolver sua família. Sinto-me de mãos atadas, mas estou decidida a tratar Alex da maneira correta. É, literalmente, sua única esperança.

A gravidade das alucinações de Alex e o período de tempo que têm estado ativas indicam que sua condição está se deteriorando. Foi assim com Poppy. Em pouco tempo, se não for tratado, muito provavelmente Alex apresentará o mesmo nível de perigo para si mesmo e para os outros que Poppy apresentou. Não posso deixar que isso aconteça a outra criança, a outra mãe. Após me reunir com Ursula e Michael, e com a permissão de Cindy, resolvi prescrever uma pequena dose de Risperidone. Os efeitos serão monitorados durante várias semanas, com consultas regulares realizadas durante todo o tempo.

Voltei ao meu escritório para redigir minhas anotações e compilar um e-mail de grupo para Michael, Howard e Ursula:

Para: U\_hepworth@casamacneice.sns.uk;  
H\_dungar@casamacneice.sns.uk;

Michael\_Jones@ael.gov.uk;  
Cc: Trudy\_Messenger@nicamhs.sns.uk  
De: A\_molokova@casamacneice.sns.uk  
Data: 16/6/07 17:03

Caros,

Escrevo para informar-lhes que providenciei a transferência de A lex para a Casa MacNeice, onde ele permanecerá como interno por aproximadamente dois meses. Estou tratando-o de esquizofrenia de início precoce. Terei prazer em mantê-los informados sobre minhas entrevistas com ele e sobre o programa de tratamento, que estou elaborando no momento. Nossa próxima reunião será em 19/6, às 14:30, quando espero revê-los.

Atenciosamente,  
Anyá

Eu mal havia apertado a tecla “Enviar” quando soou um e-mail de resposta:

Para: A\_molokova@casamacneice.sns.uk  
De: Michael\_Jones@ael.gov.uk  
Data: 16/6/07 17:03

Percebe que isso significa que A lex será enviado a um orfanato?

Enviado do meu BlackBerry.

Fiquei paralisada, olhando o e-mail de Michael, relendo-o, a boca seca. Senti sua mão em meu rosto.

E de repente questioneei tudo.

*O fantasma que eu vi*

*Pode ser o diabo: e o diabo tem poder*

*De assumir uma forma agradável; sim, e talvez*

*Pela minha fraqueza e minha melancolia,  
Já que ele é muito poderoso com tais estados de espírito,  
Aproveita-se para me destruir.*

William Shakespeare, *Hamlet*

## FUGA

**Alex**

Querido Diário,

Há dois peixes em um tanque. Um vira-se para o outro e diz: “Você sabe dirigir este negócio?”

Acho que não preciso mais escrever piadas, já que não representarei Horácio de novo, porque estou no hospital e os médicos dizem que *de modo algum* eu posso sair para atuar na peça pelo restante da semana. Ainda assim, tia Bev me disse algo hoje de manhã que me fez sentir um pouco melhor. Ela apareceu aqui usando uma faixa azul na cabeça e uma camiseta azul fina com o desenho do Super-Homem na frente, o que eu achei estranho para uma mulher usar. Seu rosto estava cor-de-rosa e suado e ela bebia de uma garrafa de água verde-limão.

– Andou fazendo escalada? – perguntei. Ela me lançou um olhar que dizia que se sentia culpada.

– Sinto muito, Alex – disse ela, e sentou-se tão perto de mim que pude sentir o cheiro de seu suor. – Sei que você adoraria ter ido. Vou levá-lo quando você sair daqui. – Ela olhou para o relógio. – Quer vir almoçar comigo?

– Eles vão me deixar sair? – eu disse, animado.

– Receio que não – disse ela, tirando meus sapatos debaixo da cama. – Mas podemos ir à cantina no final do corredor. Gostaria de ir?

Eu disse que sim e levantei-me. Eu ainda me sentia zozinho quando ficava de pé, mas ela segurou-me pelo cotovelo e me ajudou a calçar os sapatos.

– Encontrei-me com a diretora de elenco antes do espetáculo começar – disse tia Bev enquanto caminhávamos devagar para a cantina. – Roz – disse ela. – É esse o nome dela. Acontece que Roz sofre de uma grave sinusite. – Ergui os olhos e vi tia Bev fazer uma careta como se tivesse algo muito legal para me contar.

– O que é sinusite?

– É essa doença horrível e nojenta que faz você se sentir como se tivesse levado um soco na cara durante uma semana.

Fiquei horrorizado.

– Você deu um soco na cara de Roz?

Tia Bev fez aquele som assoviado que significava que ela estava rindo.

– *Não* – disse ela, apertando um botão quadrado de metal que fez as portas da cantina se abrirem. – Significa que ela tem uma doença que recai na minha especialidade.

Ficamos parados na entrada, olhando as mesas e cadeiras vazias. Fiquei contente por estar realmente vazio e as comidas nas prateleiras da geladeira de porta de vidro parecerem bem melhores do que as que me levavam em uma bandeja. Tia Bev segurou meu braço e me conduziu a uma mesa no canto sob um grande relógio com o desenho de um sorvete.

– Falei com Roz tudo sobre você, sabe – disse-me tia Bev. – Disse que você é um astro em formação. Que Quentin Tara-não-sei-o-quê ficaria satisfeito em tê-lo como ator. – Ela sentou-se na cadeira metálica à minha frente e estalou a língua. – E que eu iria enviar a ela, gratuitamente, um irrigador do seio da face topo de linha.

Ela piscou para mim. Eu não entendi muito bem, mas seu modo de sorrir fez meu coração bater acelerado. Senti como se pudesse respirar mais fundo do que jamais conseguira. Ela abriu o cardápio de plástico e examinou-o por um bom tempo.

– O que você gostaria de comer, Alex? Uma batata assada com feijões e queijo? Ou uma bela omelete? Pode pedir uma com bacon e pimentões.

Balancei a cabeça.

– Cebolas na torrada, por favor.

Tia Bev abaixou o cardápio e fitou-me como se estivesse enjoada.

– Tem certeza, Alex?

Balancei a cabeça e ela pareceu ficar triste.

– Sei que você e sua mãe não têm muito dinheiro, mas enquanto estou aqui, me deixe mimá-lo. Eu amo você. De verdade, posso comprar qualquer coisa que você queira neste cardápio.

– Cebolas na torrada – eu disse, balançando a cabeça. – É a melhor coisa que existe. – E nesse momento meu estômago roncou realmente alto.

O sorriso de tia Bev voltou e ela largou o cardápio.

– Bem, talvez eu esteja perdendo uma grande coisa – disse ela. – Também vou pedir isso.

Ela levantou-se para dizer à senhora atrás do balcão o que queríamos, e fiquei contente por tia Bev pedir o mesmo que eu. Quando ela voltou a se sentar, sorriu e disse:

– Ainda bem que carrego balas de hortelã na minha bolsa.



Depois que ela foi embora, eu me senti bem por algum tempo, mas logo comecei a me sentir mal. Acho que aborreci Anya e não sei realmente como ou por quê. Tentei explicar a ela que as perguntas eram de Ruen, mas fui tolo em esperar que ela acreditasse em mim quando *absolutamente ninguém* acredita. Nem sei por que contei sobre ele a alguém, para começar. Não sei por que Ruen me disse que eu me feri, quando eu não fiz isso. Quando todos os médicos e enfermeiras conversam comigo agora, falam como se eu fosse realmente idiota ou como se carregasse uma faca ou algo assim. Quando pergunto sobre mamãe, eles não me olham nos olhos e dizem coisas como: “Oh, não se preocupe com sua mãe” e “Bem, Alex, seja paciente enquanto sua mãe se recupera. Por que não dorme um pouco?” Eu só quero sair daqui e verificar se ela está bem.

Não vou voltar à minha antiga escola por algum tempo e, quando sair do hospital, vou para uma nova escola em um lugar chamado Casa MacNeice. Anya mostrou-me algumas fotos e não parava de dizer que eu ia adorar, mas não estou tão certo disso. Parece um hospital por dentro, mas por fora parece uma casa luxuosa onde se esperaria ver criados e ajudantes e coisas desse tipo. Deram-me dever de casa para eu fazer até lá, mas sinto como se alguém tivesse anexado um aspirador de pó na minha pele e sugado toda a minha energia. Quando me sento, parece que o quarto inteiro gira e minha cabeça parece uma enorme bala de canhão, de modo que tenho que manter as mãos ao redor do meu rosto para mantê-lo no lugar.

Quando a enfermeira me traz o almoço, ela me pergunta o que estou fazendo.

Levanto os olhos e digo:

– Minha cabeça vai cair do pescoço.

Acho que ela vai rir, mas na verdade ela sai correndo do quarto, deixando a bandeja de comida longe demais para eu alcançar, e eu ouço seus sapatos soando até o fim do corredor. Quando olho para baixo, minha cama está coberta de vômito e minhas unhas têm sangue de onde eu cocei meu pescoço. Não me lembro de ter estado enjoado ou de ter me coçado.

Estou começando a me sentir muito estranho, nem pareço eu mesmo.

Quando acordo novamente, minha cama está limpa e estou com outras roupas, posso ver minha camisa e minha calça penduradas no armário aberto no canto. Chove canivetes lá fora, como diria tia Bev, e imagino como realmente seria se canivetes estivessem caindo do céu.

Estou pensando em como seria quando alguém entra no quarto. Penso que é uma enfermeira e tenho medo de dizer alguma coisa e ela ficar apavorada de novo, mas levanto os olhos e vejo que é Ruen. Ele é o Menino Fantasma. Ele olha para fora da porta e leva um dedo aos lábios para me dizer “Sshh”. Balanço a cabeça e um segundo depois um médico entra. Ele segura uma prancheta.

– Como está se sentindo, Alex? – diz ele.

– Bem – digo. Ele coloca dois dedos no meu pulso, olha para seu relógio e, por alguns segundos, não diz nada. Em seguida, coloca um estetoscópio sob meu roupão. Isso me faz estremecer.

– Algum problema para respirar? – pergunta ele. Faço que não com a cabeça.

Uma enfermeira entra e envolve meu braço em um aparelho, depois aperta uma pequena bola preta até o aparelho ficar realmente apertado.

– Doze por oito – diz ela ao médico, e ele anota. Ele balança a cabeça e pergunta:

– Temperatura?

A enfermeira diz alguma coisa que não consigo ouvir, mas o médico anota também.

– OK – diz o médico.

– Posso ir agora? – pergunto.

Isso aparentemente é muito engraçado.

– Não – diz o médico, entregando-me um copinho com comprimidos dentro. – Durante algum tempo você vai ter que tomar isto duas vezes por dia. Precisamos que fique aqui para garantir que estão surtindo efeito.

Franzo a testa para os comprimidos redondos e brancos no copinho.

– Para que servem? – pergunto.

O médico olha para mim através de seus óculos. A enfermeira diz:

– Para ajudá-lo a dormir melhor, Alex.

– Mas eu durmo bem – digo.

A enfermeira sorri e me dá um copo com água. Seguro os dois copos e fico olhando para a enfermeira e o médico. Finalmente, a enfermeira diz:

– A dra. Molokova disse que você precisa tomá-los.

Ela fala como se eu já devesse saber.

– Quem é a dra. Molokova?

– Anya?

– Oh.

Coloco as pílulas na boca e elas têm um sabor muito amargo, então bebo o copo de água inteiro de uma vez só. Ela me entrega uma bandeja de comida. Parece que Woof vomitou no meu prato.

– O que é isso? – pergunto.

– Um prato chamado “Sapo no buraco” – responde a enfermeira. – Quer amendoins ou maçã cortada para o lanche?

– Amendoins – diz Ruen em voz alta, e eu dou um salto. Peço-lhe os amendoins

e ela olha para mim de modo engraçado, depois balança a cabeça.

– A sobremesa é merengue ou pudim de pão.

Olho para Ruen.

– Pudim de pão, por favor.

A enfermeira desliza a bandeja para cima da mesa ao meu lado e sai, cantarolando.

– Não quero ficar aqui – digo a Ruen.

– Não o culpo – diz ele, olhando pela janela. Fito-o com raiva.

– Não sou seu amigo, aliás.

Ele parece muito chocado.

– E por que não?

Meu rosto arde de repente e minhas mãos tremem. Quando pisco, tudo parece turvo por um segundo.

– Porque você me fez fazer aquelas perguntas para Anya e ela ficou muito transtornada. Eu não queria aborrecê-la e a culpa é sua.

Ele sorri.

– Não é minha culpa se ela é sensível. Eu só precisava descobrir um pouco mais sobre ela, só isso.

Por fim, meu rosto esfria de novo e minhas mãos param de tremer. Aconteceu da última vez em que tomei as pílulas, mas passou depois de alguns segundos. Assim, balanço as pernas para fora da cama e coloco os pés no chão.

– Então, por que *você* mesmo não lhe fez as perguntas, hein?

– Ela está tentando se livrar de mim, Alex – diz ele, virando a cabeça para a porta. – Ela está tentando convencê-lo de que não sou real.

Mas eu já ouvi isso antes. E concluo que ele tem um grande problema em ser um demônio e não poder ser visto. O que, eu acho, é problema *dele*, porque, se eu posso vê-lo, certamente outras pessoas também podem.

– Por que você fica se escondendo de todo mundo? – pergunto.

E em um momento ele está me olhando de cara feia do outro lado do quarto, e no seguinte está agachado ao meu lado, o rosto junto ao meu, rosnando com pequenas bolhas nos cantos da boca.

– Eu *não* me escondo – diz ele. – Acha que eu *quero* ser invisível, idiota? Acha que é *divertido* não ser visto da forma que você é, nem por aquilo que você pode fazer? Como acha que... *Max Payne* iria se sentir se todas as suas façanhas heroicas passassem despercebidas, hein? Ou Batman?

Ele se levanta e se afasta. Amarro a cara para ele.

– Batman usa uma fantasia – digo. Ele se vira.

– O quê?

– Batman usa uma fantasia. Todos os super-heróis usam, para esconder a verdadeira identidade. Faz parte de serem super-heróis. Não querem a glória por tudo que fazem. Só querem fazer o bem para as pessoas. *Ao contrário de você*, eu acho.

Ruen me encara por tanto tempo e com os olhos tão arregalados que fico me perguntando se ele não morreu ali mesmo ou se não está prestes a perder os sentidos.

– Ruen? – digo após algum tempo.

Ele começa a rir. Em seguida, começa a bater palmas. E depois – isso é o que realmente me choca – ele caminha em minha direção, esfregando as mãos, em seguida estende o braço e despenteia meus cabelos.

– Que menino esperto – diz ele, o que na verdade é bobagem porque naquele instante ele também é um menino. Então, ele aponta para mim e começa a rir.

– Por que todo mundo me acha tão engraçado hoje? – digo. Mas Ruen ri tanto que não consegue falar. Ele caminha até o espelho acima da pia e olha para si mesmo. Endireita a postura e parece muito satisfeito consigo mesmo.

– Uma fantasia – diz ele. – Ou uma procuração.

– O que é uma procuração?

Ele se vira para me encarar, ainda rindo como um idiota.

– Você não tem nenhum valor para mim aqui dentro, não é?

– O quê?

Ele balança a cabeça.

– Deixa pra lá. O quanto você quer ver sua mãe?

– *Muito* – digo.

– Certo – diz Ruen, entrelaçando as mãos. – Siga-me.

Saio da cama e imediatamente sinto como se estivesse em um navio.

– Cuidado, fique firme – diz Ruen. Fecho os olhos e conto mentalmente o número de costelas de um adulto, depois abro os olhos e me sinto melhor.

– Pegue suas roupas – diz-me Ruen. Vou cambaleando para o armário aberto e visto minha camisa, calça, sapatos e blazer.

– Pronto – digo.

Ruen olha para meu boné.

– Você pode precisar disso. E de seu cachecol – diz ele. – Você vai pegar uma doença e morrer lá fora. E então o que eu iria fazer? – Ele começa a rir.

Todas as pessoas na enfermaria estão dormindo. No final do corredor, Ruen leva o dedo aos lábios e eu paro de repente, depois me escondo atrás de uma porta

enquanto uma enfermeira passa por mim empurrando um menino numa cadeira de rodas. Ruen faz um ligeiro aceno com a mão e eu o sigo na ponta dos pés. À frente, vejo a placa SAÍDA. Aponto para ela. Ruen balança a cabeça e me diz para segui-lo por uma porta amarela onde se lê EXCLUSIVO PARA FUNCIONÁRIOS. Depois que atravessamos essa porta, há uma cozinha à minha esquerda e uma saída de emergência à direita.

– Empurre – diz Ruen.

Apoio-me contra a barra na porta e empurro. E, com a maior facilidade, estou do lado de fora.

Está escuro como breu e a chuva é tão torrencial que mal consigo ver através da cortina de água. Esta chuva é do tipo corrente de metal, penso. Aqui, posso ver o prédio em que mamãe está, um edifício alto e branco, com uma ponteira em cima em que, de vez em quando, pisca uma luz azul à noite. É uma caminhada de cerca de dez minutos a pé até o prédio de mamãe e já estou ensopado até os ossos. Resolvo correr. Atravesso o estacionamento e então vejo uma senhora com um longo jaleco branco vindo em minha direção, então me agacho atrás de uma cerca viva e pego um atalho através de um gramado realmente lamacento. Não perco a luz azul de vista. Em seguida, quando o vento faz a chuva cair de lado, tiro o casaco e o seguro sobre minha cabeça.

Quando chego à entrada principal, estou ofegante como um cachorro. Ruen surge ao lado da porta.

– Você nunca passará pela recepção neste estado – diz-me ele. – Além do mais, já terminou o horário de visitas.

Fecho a cara. Estou com frio e cansado, e sinto que se caísse provavelmente ficaria ali até alguém tropeçar em mim.

– O que devo fazer, então?

Ruen dá de ombros e cruza os braços como se não desse a mínima.

– Há uma coisa – diz ele finalmente, inspecionando as unhas das mãos como se fossem realmente interessantes. – Mas tem que prometer fazer outra coisa para mim, primeiro.

Estou tremendo agora, meus cabelos gotejam nos meus olhos e mal consigo falar. Estou furioso com ele, por ter dito para eu fugir e depois me fazer prometer outra coisa por ele.

– Tem alguma coisa a ver com Anya? – pergunto.

Ruen levanta os olhos das unhas e balança a cabeça.

Sinto uma enorme onda de raiva me percorrer e envolvo os braços ao redor do peito para me aquecer. Estou tremendo como se estivesse sendo eletrocutado.

– Vá se danar, desgraçado – digo baixinho, porque no momento eu o odeio. Viro-

me e começo a andar pela cortina de água em direção ao meu prédio.

Então, Ruen aparece bem à minha frente e eu paro. Meu rosto escorre e, quando levanto a cabeça, parece que alguém está jogando um jarro d'água nos meus olhos. Ele é o Cabeça de Chifre agora e eu nunca estive assim tão perto dele quando ele é Cabeça de Chifre. O chifre vermelho não parece realmente um chifre assim de perto – parece ser líquido. Sinto-me nauseado.

– Não vai aborrecer Anya – sussurra ele em minha cabeça. – É um presente para ela.

– Um *presente*? – berro. – Não vê, seu idiota, eu não tenho nenhum dinheiro! Só tenho 10 anos! – Mantenho os olhos no chão e passo por ele.

– Sua mãe precisa de você, Alex – diz Ruen em minha cabeça.

Sinto uma pontada no coração, mas continuo andando.

Mas nesse momento visões de mamãe surgem em minha cabeça: na última vez em que a encontrei, encolhida em seu próprio vômito no chão do nosso banheiro, a cabeça realmente mole e a língua para fora como a de um cachorro. Na vez anterior a essa, quando entrei na cozinha e a vi junto à pia, e me perguntei por que ela estava chorando e cortando cenouras, mas ela não estava cortando cenouras e a pia estava cheia de sangue. E na vez antes dessa, quando eu gritava que precisava ir ao banheiro e ela não respondeu; quando abri a porta, ela estava na banheira, inconsciente, a cabeça quase afundando na água.

Lembro-me de vê-la me observando na cozinha enquanto eu tentava fazer algo chamado *bruschetta de gorgonzola e cebolas carameladas*, depois desisti e fiz cebolas na torrada.

– Você é tão parecido com ele... – disse ela, recostada contra o batente da porta.

– Com quem?

Ela olhou para a comida e sorriu.

– Seu pai.

E depois penso em quando saí da igreja naquele dia em que estávamos ensaiando para o concerto de Natal da escola. Cantávamos “Longe, em uma manjedoura” e eu me lembro de estar cansado de ficar em pé por tanto tempo; uma professora me deixou ir ao banheiro, mas, quando cheguei lá, uma corrente de vento entrava por uma porta aberta e então eu saí.

Na rua do lado de fora da igreja havia muitas lojas e pessoas caminhando pela calçada. Vi uma menininha comendo batatas fritas do outro lado da rua e pensei que ela talvez me desse um pouco, mas depois vi os policiais, fiquei com medo e, então, vi o carro azul. Eu acabara de sair para a rua, no momento exato em que meu pai chegou, como se estivéssemos ligados por um elástico e tivéssemos surgido no mesmo lugar na mesma hora. Nunca contei a ninguém que eu o vi, nem mesmo à

mamãe. Acho que nem papai sabia que eu estava lá. Lembro-me do que as pessoas disseram no enterro dos policiais, que o homem que os matou era perverso, alguém disse que ele devia arder no inferno, as mulheres dos policiais estavam muito tristes e a menininha iria crescer sem pai.

Então, algo mais surge em minha cabeça e, quando acontece, sei que estava enterrado há muito tempo no meu cérebro, como uma agulha que foi enfiada em uma cadeira e espeta o traseiro das pessoas o tempo todo, e elas não sabem o que as está ferindo.

É meu pai, retirando algo pesado de uma sacola preta e brilhante, colocando-o dentro do piano onde deveria haver cordas. Lembro que ele usava uma camiseta azul e posso ver a tatuagem em seu braço, a que tinha apenas letras. Eu não conseguia lê-las porque eu havia acabado de entrar para a escola, então perguntei a ele o que diziam. Ele me disse e eu exclamei:

– O quê?

Ele sorriu.

– É um grupo, Alex. É um grupo de homens que acredita em liberdade.

– E em matar – disse mamãe da cozinha.

Fiquei intrigado.

– Você está neste grupo?

Meu pai colocou o último objeto dentro do piano e fechou a tampa.

– Estou – respondeu. – E meu pai também, e o pai dele, e o pai do pai dele.

Em minha cabeça, formou-se uma longa fila de homens aos quais eu estava ligado. Agora, essa ligação me persegue, só que não é algo que eu tenha certeza de que quero mais, é como se a ligação tivesse se partido em duas e parece que eu também estou partindo ao meio.

Caio de joelhos na lama e começo a chorar. Choro tanto e o vento é tão barulhento que posso gritar e arrancar toda a dor de dentro da minha barriga, e ninguém vai me ouvir.

Quando abro os olhos, Ruen ainda está lá, mas voltou a ser o Velho. Suspiro de alívio.

– Que tipo de presente? – pergunto, limpando os olhos.

– Siga-me – diz ele.

Ruen me conduz a uma porta lateral nos fundos do prédio onde mamãe está internada. Outra saída de emergência. Experimento a porta, mas está trancada.

– Tenha paciência – diz Ruen, recuando. Também recuo alguns passos e espero na esquina do prédio. Alguns instantes depois, duas enfermeiras saem. Quando a porta começa a fechar, corro e a seguro. Em seguida, deslizo sorrateiramente para dentro.

Vejo um banheiro à minha esquerda e me dirijo para lá, faço xixi, depois uso um monte de toalhas de papel para secar meus cabelos e minhas roupas. Quando termino, vejo que Ruen não está lá. Abro a porta e olho para fora.

– Ruen? – sussurro.

Nenhuma resposta.

Saio para o corredor. Ainda nenhum sinal dele. Meus dedos se contorcem como minhocas uns contra os outros e sinto meu pescoço e minhas bochechas arderem. Como vou encontrar mamãe agora?

Desço o corredor, enfiando minhas mãos inquietas nos bolsos e mantendo a cabeça abaixada. Não parece haver ninguém por perto. Meu coração está acelerado e sinto-me doente.

No final do corredor, há uma lista de indicações. Percorro a lista e fico muito confuso. Onde é mesmo que mamãe está? Então, vejo a palavra *Psiquiatria*, ela me parece familiar, então sigo naquela direção.

A seta me leva por outro corredor comprido, no fim do qual ouço vozes femininas. Paro na esquina e espero até as vozes pararem, depois dobro rapidamente a esquina.

– Posso ajudá-lo?

Fico paralisado. Há um longo balcão de recepção ali, com a placa *PSIQUIATRIA* pendurada acima e uma mulher gorda e loura em uniforme de enfermeira sentada atrás.

– Hein? – digo. Olho à volta em busca de Ruen.

– Está perdido? – diz a mulher. Balanço a cabeça. – Você não devia estar aqui. – Ela estala a língua em desaprovação. E começa a se levantar de sua cadeira para dar a volta no balcão e vir até mim.

Vejo a minha chance. Sei que mamãe está logo adiante na enfermaria, em um quarto à direita, quatro portas à frente. Passo correndo pela mulher e ela grita para eu parar, mas sigo em frente até chegar ao quarto. Empurro a porta, mas está trancada. Fico na ponta dos pés e olho pela pequena janela de vidro.

Posso ver mamãe lá dentro. Seus cabelos amarelos estão espalhados pelo travesseiro, seu rosto parece muito magro e ela dorme profundamente. Bato na porta com os punhos cerrados e grito:

– *Mamãe!*

Mas ela não acorda.

– *Mamãe!* – grito outra vez. – *Mamãe! Mamãe! Mamãe! Mamãe!*

Então, de repente, surgem dois homens ao meu lado, agarrando-me pelos braços, e eu grito:

– Mamãe! Eu te amo!



Eu a vejo abrir os olhos e olhar à volta, mas ela não me vê.

Não me lembro de muita coisa depois disso. Lembro-me de que chorava e suplicava a eles que me deixassem ver mamãe, mordi o lado da mão de um dos homens e saí correndo, mas eles me alcançaram e ameaçaram me espancar se eu fizesse aquilo de novo.

Levaram-me a outra área de recepção onde um guarda de segurança esperava, e ele perguntou meu endereço. Eu disse a ele, mas em vez de me levar de volta para casa, para tia Bev, ele me levou por todo o caminho de volta para o prédio de onde eu fugira.

Dessa vez, quando me colocaram de volta no meu quarto, eles trancaram a porta.

Subi na cama, puxei as cobertas à minha volta e fiquei tremendo, com os olhos arregalados, por muito tempo.

Muito tempo depois, Ruen reapareceu. Ainda era o Velho.

– Alex – disse ele, sorrindo como se realmente tivesse sentido minha falta ou algo assim. Eu o ignorei. Ele sentou-se junto aos meus pés e olhou para mim.

– Como estava sua mãe?

Não respondi.

– Alex, lembra-se que eu providenciei uma bela casa para você e sua mãe se mudarem assim que se recuperarem?

Pensei nas fotos da casa que Anya havia trazido para mim, o grande quintal nos fundos e a cozinha. Fiquei animado com a ideia da casa, mas não queria que ele visse, então apenas balancei a cabeça.

– E você disse que faria algo por mim, se eu o ajudasse a encontrar sua mãe hoje, não foi?

Olhei furiosamente para ele. Por mim, ele podia se atirar de um penhasco bem alto.

– Bem, eu já lhe disse que isso seria um presente para Anya. Mas há mais uma coisa agora. Para sua mãe.

– Não *ouse* falar de minha mãe! – gritei. – Não consegui vê-la. A porta estava trancada. Agora, eles *nunca mais* vão me deixar vê-la!

Ele abanou a mão no ar.

– Oh, vão deixar sim. Você vai ver. Espere até amanhã de manhã, Anya vai garantir que você a visite. É por isso que precisamos lhe dar o presente. – Ele fez uma pausa. – E, se você lhe der esse presente por mim, farei algo mais por você também.

– Que *presente*?

Ele se levantou, olhou para o bloco de desenho no meu armário e disse:

– Você tem uma régua?

Balancei a cabeça.

– E um lápis?

– Sim.

Ele virou-se para me encarar, muito sério.

– Compus uma peça musical para Anya. Ela adora música, portanto isso será uma alegria para ela. Foi composta exatamente no estilo que ela prefere. Quando Beethoven e Mozart compunham suas obras, sempre as dedicavam a seus amigos, como o príncipe Karl von Lichnowsky e, em certa ocasião, a Napoleão. Acredito que Anya ficará satisfeita de possuir uma peça musical que não só é dedicada a ela, mas escrita especialmente para ela. O que eu lhe peço é para escrevê-la para mim exatamente como eu ditar.

Fitei-o.

– Como quiser. E quanto ao que você fará por minha mãe?

Ele sentou-se, tossiu e baixou os olhos.

– Sua mãe algum dia mencionou seu pai, Alex? Quero dizer, desde que ele morreu?

– Não, mas ela ficou muito transtornada com isso, o que aliás foi o que acabou fazendo ela vir para cá. Portanto, se acha que vou tocar nesse assunto...

Ruen ergueu a mão.

– Não, não. O que eu ia sugerir era que... bem, você provavelmente sabe.

– Sei o quê?

Ele desviou os olhos e suspirou profundamente.

– Seu pai está no Inferno.

Senti como se de repente tivesse me chocado contra uma parede.

– No *Inferno*?

– Na pior parte dele, receio.

Minha boca se abriu e eu quis falar, mas não saía som algum.

– O que há, Alex? – perguntou Ruen, e eu balancei a cabeça porque eu não conseguia falar naquele momento, já que minha cabeça estava cheia demais de lembranças de papai. Lembro-me de ele ter ido nos ver um dia, com uma máscara preta, mole, em uma das mãos e uma sacola preta, grande e pesada, na outra, e quando mamãe a viu, pareceu aterrorizada.

– Não pode guardar isso aqui – dissera ela.

Papai piscou para ela e dirigiu-se ao piano em nosso hall de entrada. Ele levantou a tampa, colocou a sacola dentro e o piano emitiu um som, apesar de ninguém ter tocado suas teclas.

– O que há na sacola? – perguntei na ocasião.

– Nada com que você deva se preocupar – disse papai, despenteando meus cabelos e acendendo um cigarro. Ele disse à mamãe que ela estava linda, e toda a preocupação em seu rosto desapareceu.

Então, pensei na máscara preta, no carro azul e nos policiais. E me lembrei do que acontecera depois disso. Lembrei-me de que mamãe chorara sem parar no dia seguinte e compreendi que papai tinha morrido. Seu rosto estava nos jornais e mamãe me avisou para não dizer a *absolutamente ninguém* que ele era meu pai porque então seríamos separados e não seríamos mais uma família. As manchetes dos jornais o chamaram de *monstro* e *perverso* e que deveria *arder no Inferno*.

– Papai está mesmo no Inferno, não é? – eu disse a Ruen.

Ele me lançou um longo olhar que me disse que eu tinha razão.

Senti-me enjoado. Mamãe iria ficar muito perturbada se soubesse disso. Puxei as cobertas sobre a minha cabeça.

– Oh, não se preocupe. – Ruen suspirou. – Você escreve essa música para mim como presente para Anya e eu liberto seu pai do Inferno.

Afastei as cobertas.

– Você pode fazer isso?

Ele pareceu muito ofendido.

– Claro que posso. Não acha que isso faria sua mãe muito feliz, saber que seu pai não está no Inferno? E tenho certeza de que seu pai também ficaria agradecido.

– Então ele irá para o Céu?

Ruen abriu um sorriso tão largo que achei que sua cara ia se partir ao meio.

Então, um pensamento me ocorreu.

– Por que escreveu uma música para Anya?

Ruen estreitou os olhos.

– O título é “Canção de amor para Anya”, meu rapaz. Isso não lhe dá uma pista?

– Mas você não ama Anya – eu disse. – Você não ama ninguém. Você é um *demônio*.

Ruen inspirou fundo.

– Perspicaz como sempre, Alex. A pura verdade é que a realidade se esconde nos sentidos. Se quisermos impedir que Anya nos separe, temos que fazê-la questionar o que ela acredita ser real. Suas perguntas já deram início ao processo, mas o que ela *ouvir* quando tocar esta música certamente completará seu questionamento.

– O que *isso* significa? – perguntei.

– Temos um trato? – disse Ruen.

Roí as unhas. Pensei em mamãe deitada naquele quarto, sozinha. Ela parecia muito pequena na cama. Eu não poderia lhe dizer o que Ruen fizera por papai, já que ela iria ficar fora de si. Mas talvez, dentro de alguns anos, eu pudesse. E ela ficaria maravilhada.

Assenti.

– Temos – eu disse.

## CANÇÃO DE AMOR PARA ANYA

### Anya

Compro um café no caminho para o Hospital Municipal. Entro no escritório dos consultores e examino as anotações recentes sobre Alex. As observações durante a administração de Risperidone parecem boas, exceto por um detalhe mínimo, microscópico:

Ontem à noite, Alex fugiu.

Ele conseguiu sair do prédio, atravessar todo o pátio e entrar na unidade de adultos, onde ficou socando a porta da mãe e enfiou os dentes em um guarda de segurança.

Fecho os olhos e tento encher minha mente com vistas e sons do Caribe. Isso é uma notícia muito ruim. Sugere problemas com a segurança deste lugar, sem dúvida, mas também indica a instabilidade de Alex e toda uma gama de reações negativas ao tratamento. Também vai ficar muito ruim no meu relatório.

Ergo os olhos e deparo-me com o dr. Hargreaves, um especialista em terapia cognitiva comportamental que trabalha na Casa MacNeice dois dias por semana, parado na porta do escritório.

– Alex é seu paciente, não é? – diz o dr. Hargreaves, olhando por cima dos óculos. Só nos falamos algumas poucas vezes e, pela direção do bate-papo anterior, sei que ele acha que eu sou uma fascista do distúrbio psicótico.

– É sim – digo.

Ele balança a cabeça.

– E você *sabe* que um dos efeitos colaterais do Risperidone é a acatisia? – Acatisia é uma condição de extrema inquietação. Engulo em seco e ele percebe. É inteiramente improvável que a acatisia tivesse feito Alex chegar a tais extremos, mas a possibilidade faz com que eu me sinta mal.

Dirijo-me à sala de entrevistas. Alex está sentado em uma poltrona de narcisos amarelos, ao lado de uma mesinha de centro inquebrável, os tornozelos cruzados e as mãos apertadas entre as coxas. Ele parece muito tenso.

– Olá, Alex – digo alegremente. – Desculpe eu estar um pouco atrasada esta manhã. Dormiu bem?

Ele balança a cabeça, ainda olhando para baixo.

– Não? Foi por isso que saiu para dar uma volta?

Ele balança a cabeça.

– Então, por que você saiu para dar uma volta? E ainda por cima às três da madrugada, devo acrescentar. Estava apenas cansado de ficar no hospital?

Ele levanta os olhos para mim. Seus olhos estão cansados e fundos.

– Quero lhe dizer uma coisa – diz ele, ignorando minhas perguntas.

– OK – digo, acatando sua sugestão. Tiro meu caderno de anotações. Ele olha fixamente para ele por um longo tempo.

– Isso o incomoda, Alex?

Ele balança a cabeça.

– Não me importo se você anota ou não. Só quero que ouça.

Largo a caneta. Ele respira fundo.

– Sei que você acha que eu sou um perigo para mim mesmo. Mas Ruen é real. E tenho prova.

Ele me entrega um pedaço de papel. É uma partitura com o título “Canção de amor para Anya” escrito no topo. As pautas, notas e claves são toscamente desenhadas, com muita evidência de terem sido apagadas e reescritas. Mas há precisão na composição. Há ligaduras de frases precisas, uma fórmula de compasso e linha de oitava, e em dois pontos são usados termos italianos: *andantino* e *appassionato*. Um rápido exame da peça musical indica que não é uma canção de amor no sentido de canção sentimental.

Porém há mais uma coisa que faz minha boca ficar seca, antes de eu dizer a mim mesma que nada mais é do que uma coincidência: a melodia de abertura é idêntica à que Poppy compôs na noite em que morreu. Um Si sustenido por três batidas; um Lá, Sol, Lá trinado, cada qual semínimas; outro Si por três batidas; Lá, Sol, Lá; depois, um Sol por três batidas; Lá por três; Si outra vez – uma melodia simples e que passou pela minha cabeça muitas vezes nos últimos quatro anos, como se possuísse o segredo do que aconteceu na noite em que ela morreu.

– Onde você conseguiu isso? – pergunto-lhe.

– Ruen me disse que ele a compôs para você porque você gosta de música. Ele me disse para escrevê-la para você como um presente.

– Como um *presente*?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Ele disse que é apenas uma peça curta porque eu não conseguiria anotar uma sinfonia inteira, ainda não.

A voz de Alex está menos animada do que o normal e há uma firmeza em seu tom e em sua atitude que o faz parecer ter envelhecido vários anos desde nosso

último encontro. Ele parece relutante, não empolgado, em me mostrar a partitura. Examino a peça musical. Alex inclina-se para frente e me olha diretamente nos olhos.

– Pergunte à minha mãe – sussurra ele, olhando freneticamente ao redor. – Não sei tocar música, quanto mais compor. Não sei tocar nenhum instrumento. Não sei nem cantar. Então, como eu seria capaz de escrever isso, hein?

Coloco nossa entrevista em compasso de espera até depois de sua aula com um professor particular. Corro para fora, ligo para o número de Michael e deixo uma mensagem em seu telefone para ele me ligar o mais rápido possível. Ele precisa saber sobre a tentativa de fuga de Alex.

Exatamente quando estou discando seu número pela segunda vez, meu telefone toca. É Michael.

– Por que Alex está tomando Risperidone? – são suas primeiras palavras. Agressivo e preocupado ao mesmo tempo.

– Sabia que ele tentou fugir ontem à noite?

– Claro que sei – retruca ele. – O hospital me disse para ir lá bem cedo pela manhã. Receio que estejamos sendo zelosos demais com a medicação, Anya. A última criança que vi com uma receita de Risperidone tinha 18 anos e...

– A condição de Alex requer intervenção médica – digo sem me alterar. – Cindy não dá nenhum sinal de sair da unidade psiquiátrica em pouco tempo. Você esperaria uma semana para tratar uma perna quebrada?

– Bem, você deve saber por que Cindy não vai indo bem – responde ele rispidamente. – Não desde que soube que foi considerada incapaz de atuar como mãe de Alex.

*Isso não é culpa minha*, penso, e imediatamente me sinto culpada. Tive menos de nove horas de sono nas últimas três noites. Uma combinação de estresse e tentativas de me atualizar nos meus outros casos. Eu daria qualquer coisa agora por um banho longo e quente e uma cama confortável.

– Vou falar com Cindy esta tarde – digo. – E há outra coisa.

– O quê?

– Alex algum dia teve aulas de piano?

– Não que eu saiba. Por quê?

Menciono o “presente” de Ruin. Digo-lhe que, como pianista, estou impressionada com a complexidade da peça. Ainda que Alex *tivesse* estudado um pouco de piano, isso seria uma verdadeira façanha. Mais importante ainda, a peça musical me faz imaginar se Ruin não é mais do que uma projeção – se ele não é uma pessoa com quem Alex está tendo contato regular e que está genuinamente ameaçando seu bem-estar.

- Onde você está? – diz Michael após uma pausa.
- Ainda na unidade de adultos.
- Fique onde está.

Dez minutos depois, ele atravessa o estacionamento a passos largos, em minha direção. Espero que ele me siga até lá dentro e pegue um café enquanto matamos o tempo até eu poder falar com Cindy, mas ele me diz para entrar em seu carro.

- Aonde vamos? – pergunto.

Ele evita o meu olhar.

- Vamos falar com uma pessoa na Escola de Música na Queen's University.

- Por quê?

- Você disse que queria provar se Alex poderia ter escrito a peça. Não foi?

– Não, eu... – Deixo a frase morrer e olho para seu carro, mal estacionado junto ao meio-fio. – O que foi aquilo na outra noite, Michael?

- Quer dizer, Alex?

– *Não*. Você tocar meu rosto. – Sinto-me constrangida de interrogá-lo sobre isso, mas detesto ignorar o que deve ser confrontado.

– Sim, isso – diz ele com um sorriso enviesado. – Olhe, eu só estava preocupado com você, OK?

- *Preocupado?* Eu disse que só estava tomando um pouco de ar fresco...

Deixo que ele encontre as palavras que buscava no chão. Quando levanta os olhos, a expressão de seu rosto é triste.

- Não acontecerá de novo – diz ele devagar. – Prometo.

Dirigimo-nos no carro de Michael para a Escola de Música na universidade, logo atrás do jardim botânico.

- Como vai a corrida? – pergunta Michael.

Penso nas bolhas na sola dos pés que adquiri com meus novos tênis de correr, o inchaço suspeito no meu joelho que sugere que uma nova injeção de esteroide deverá ser tomada este ano.

- Não é tão empolgante como cuidar de um terreno – digo-lhe.

Noto um lampejo de cor em suas faces à menção de seu terreno. Ele passa a me contar como suas vagens Green Windsor foram infectadas pela mosca-negra e um galo patife de um terreno vizinho resolveu se refugiar em seu canteiro de beterrabas; como ele passou a praticar equitação só para poder coletar estrume e levá-lo para casa depois (“Você não podia simplesmente limpar os estábulos?”), pergunto, ao que ele responde: “Sou educado demais para pegar o estrume sem pagar *alguma coisa*.”); como suas novas batatas foram parar em sua barriga uma hora depois de



estarem no solo.

Vejo minha mente voltar-se para minha avó paterna, Mei, cujo inglês limitava-se à expressão que sempre usava: *meu ying e meu yang*, o equilíbrio da minha vida. Ela diria que Michael é meu yang, meu oposto. O que foi enviado para me ensinar e vice-versa. Ouvindo-o descrever seu barracão dilapidado, os domingos passados afundado até os joelhos no composto, sinto que os hábitos da minha própria vida – uma cesta do Waitrose cheia de legumes e verduras orgânicos, pré-lavados, envoltos em plástico, um apartamento alugado mês a mês, ladrilhado do chão ao teto, a capacidade de me desligar da parede artificial da vida do século XXI e cair em outra a qualquer momento – perdem sua atração. Outro dia, sonhei que acordei em uma casa equipada de energia solar, com turbina de energia eólica, construída inteiramente de madeira, barro e palha em uma ilha nas Hébridas, meu prato cheio de produtos de minha própria horta. Há cinco anos, isso teria sido um pesadelo. Agora, para meu espanto, parece o tipo de vida que eu adotaria.

A amiga de Michael é uma bela loura da Califórnia, professora de composição musical com PhD em fugas de Bach e diplomas em execução de oboé, tuba, piano e tímpanos. Tem tantas letras depois de seu nome que quase forma uma frase. Ela me diz para chamá-la de Melinda, e nós a seguimos à sua sala.

Michael lhe entrega a peça musical de Alex. Ela coloca os óculos e olha para a partitura.

– Nossa, escrita por um garoto de 10 anos, foi o que disse?

Eu procuro uma explicação.

– Bem, mais ou menos – digo-lhe. – Ele diz que escreveu isso a pedido de... um amigo imaginário.

Melinda ergue as sobrancelhas.

– Puxa, que amigo imaginário, hein? – Olha para Michael. – Bem, certamente não é nada que eu já tenha visto antes. Algumas influências, aqui.

Ela usa uma unha curta, mas imaculadamente bem cuidada para apontá-las.

– Um pouco de Chopin aqui – diz ela. – Talvez um pouco de Mozart nas barras de encerramento. Claro, influência é algo extremamente subjetivo.

Ela se levanta, a música na mão, e sai de trás de sua escrivaninha para um piano vertical Yamaha encostado na parede oposta.

– Toque-a – diz Michael, cutucando-me. – Afinal, é a *sua* música.

Melinda vira-se.

– Ah, você toca? Por favor, fique à vontade.

Ela puxa a banquetta do piano e indica-a para que eu me sente.

Contorço as mãos.

– Estou um pouco enferrujada.

– Vamos – diz Melinda, sorrindo e dando pancadinhas na banqueta. – Não seja tímida. Vamos ouvir esta obra-prima!

A verdade é que me sinto extremamente nervosa com a ideia de tocar aquela peça. Já ouvi a melodia em minha cabeça lendo as notas silenciosamente, mas não sei como me sentirei quando tocar esses oito compassos. A música de Poppy. É uma sensação muito além da minha racionalidade profissional e me deixa muito constrangida. Uma coincidência, digo a mim mesma, mas a lembrança das minhas reuniões anteriores com Alex giram em minha cabeça, os enigmas não resolvidos das coisas que ele parece saber sobre ela.

Entretanto, levanto-me de minha cadeira, sento-me diante do piano, deslizo os dedos pelas teclas brancas e lisas, e começo a tocar. Prendo a respiração quando a abertura soa, rangendo os dentes contra pensamentos da imagem dos cabelos escuros de Poppy atrás do piano em nosso apartamento de Morningside. Quando chego à segunda seção, permito-me soltar a respiração e me concentrar na técnica da peça musical. Há uma simplicidade, uma travessura e uma determinação nela que me prendem enquanto toco. A melodia da segunda parte é exigente, lírica, apaixonada. Olho para o título: “Canção de amor para Anya.” Então, noto o texto menor sob ele: “De Ruen.” *Ruen*. Eu sempre achara que o nome do suposto demônio de Alex fosse “Ruin”.

Quando termino, Melinda e Michael aplaudem.

– Gostei muito! – diz Michael.

Melinda concorda:

– Uma intérprete muito talentosa. – Ela pisca, depois se aproxima do piano e se inclina para dar outra olhada na partitura. – Mas o menino não é muito bom em anotação. Precisa de um pouco de prática com suas claves de sol... – Ela se vira para Michael. – Quer que eu a passe em nosso software para ver se foi plagiado?

Michael balança a cabeça.

– Certamente.

Do lado de fora da Escola de Música, há um momento em que devemos seguir direções diferentes.

– Quer uma carona de volta para ver Cindy? – pergunta Michael. – Não é longe. Vou a pé. – Começo a andar na direção do jardim botânico e Michael me segue.

– Estou estacionado para este lado, de qualquer modo.

– Obrigada por contatar Melinda. Ela sem dúvida ajudou muito.

Ele examina meu rosto.

– Algo sobre essa música a incomoda, hein.

Não é uma pergunta.

– Não creio que você me conheça o suficiente para...

– É porque acha que foi realmente Ruen quem a escreveu?

Olho para um carro tentando estacionar de ré perto de nós. Ele chega tão perto que seu reflexo recai sobre o capô do outro. Continuamos andando.

– Será que Ruen é o pai de Alex? – reflito.

– Um *demônio*?

– Não, quero dizer, se Alex está realmente se encontrando com seu pai. Se a violência física que ele experimentou foi nas mãos de... – Paro. A ideia de que o pai de Alex não esteja morto, mas venha se encontrando com ele às escondidas, é absurda. Mas eu esgotei todas as minhas respostas. A música, o ataque, a maneira como ele perguntou sobre minha cicatriz na primeira vez em que nos encontramos... E então penso em Ursula. Sua insistência para que eu abandone rótulos.

Estamos ao pé do jardim botânico agora. Uma mulher está correndo com dois dálmatas trotando ao seu lado. Michael afasta-se para trás de mim, de modo que fica entre mim e os cachorros.

– OK – diz ele, enfiando as mãos nos bolsos e rindo. – Vamos considerar a possibilidade. Será que Alex está realmente vendo demônios?

Viro-me para ler seu rosto. Ele está sério. Este é um lado de Michael que eu ainda não tinha visto. Como este homem inteligente, sensível pode sequer considerar que demônios existam, que exista até mesmo a mais leve possibilidade de que alguém possa vê-los?

– Está brincando?

Estamos perto das estufas. Michael dá um passo à minha frente, inclinando ligeiramente a cabeça para desviar minha atenção de um grupo de estudantes.

– Quando estudei para padre, fiz muita pesquisa em narrativas de crença. Li muita coisa de pessoas que alegavam ter visto o inacreditável: anjos, demônios, Deus etc. Pessoas que diziam achar ter visto demônios com rabos bifurcados, depois percebiam que esses rabos eram ligações que gradualmente engrossavam, prendendo-os ao demônio, destruindo-os. – Ele para. – Uma loucura.

– O que o tornou tão interessado em coisas desse tipo?

Ele retira as mãos dos bolsos e indica um banco de frente para os gramados verdes da universidade. Sentamos. Ele respira fundo e passa a mão pelos cabelos.

– Vi minha irmã quando era pequeno. Meus pais nunca falaram sobre ela. Só descobri que tinha existido no ano passado. Minha avó deixou escapar que tinha havido complicações durante meu nascimento por causa do outro bebê morto dentro da minha mãe. – Inclina-se mais para perto de mim para evitar que outra pessoa ouça essa conversa confidencial. Percebo que ele está descarregando um fardo que o fez se sentir solitário por muito tempo.

– Eu cresci sabendo que tive uma irmã chamada Lisa – ele continua – porque *ela*

me contou. Eu sabia que ela se parecia muito comigo, só que era uma menina, e que somente eu podia vê-la. Meus pais levavam-me de um psicólogo a outro, mudaram minha dieta e, depois, quando eu tinha uns 8 anos e eles já estavam ficando realmente cansados daquilo, meu pai ameaçou me atirar pela janela se eu mencionasse Lisa outra vez. Ele disse que ela não era real. Seja como for, parei de vê-la. – Ele morde o interior da bochecha. – Mas eu sei que ela era real. Era sim.

Balanço a cabeça, ciente de que provavelmente eu sou a única pessoa a quem ele contou isso, e fico imaginando por quê. Mas não pergunto. Prefiro uma reação que se encaixe nos limites de nosso relacionamento profissional.

– Foi por isso que estudou psiquiatria?

– De certa forma, sim. Provavelmente. Eu só... – Ele para, clareando seus pensamentos. – Suponho que eu precisasse entender a diferença entre ver coisas de natureza espiritual e ter um problema mental, sabe?

– Você precisava explorar se tinha um transtorno dissociativo quando criança ou estava brincando com o fantasma de sua irmã gêmea.

– Isso mesmo. E tem mais: sou ateu, com tendências agnósticas.

– No entanto, pretendia ser padre?

– Há toda uma diferença entre as motivações religiosas e as culturais por trás desse plano de carreira. Poucos dos sujeitos que conheci nesse caminho estavam convencidos da existência do grande Paraíso no Céu, sabe?

– Acho que os dois planos de carreira têm a ver com acreditar no invisível.

– Eu sei que vi minha irmã – diz ele com firmeza. – Doente mental ou não... você diz “abacaxi”, eu digo “ananás”. – Ele ri, sua proteção invisível de alheamento voltando. – Acho que simplesmente há certas coisas que não se pode explicar pela ciência.

– Acha que Alex está *realmente vendo alguma coisa*?

– Hamlet viu o fantasma de seu pai?

– É uma *peça de teatro*, Michael...

Ele olha para mim, estendendo a mão para tocar meu braço.

– Não estou dizendo que ele seja um médium, Anya. Tem que haver uma razão para Alex ter se apegado a uma identidade tão específica. O que Poppy alegava ver?

Volto meu pensamento para o momento em que Poppy tentara descrever como era ser ela. Estávamos em um restaurante perto da Golden Mile, no centro de Edimburgo, seu lugar favorito para comer carne. Eu queria lhe dar a notícia delicadamente, em um ambiente em que ela se sentisse confortável e feliz; ela iria passar dois meses em uma unidade psiquiátrica para crianças e adolescentes chamada Cherrytree Haven.

– Os médicos dizem que você terá seu próprio quarto lá, Poppy – eu disse a ela.

– Passará os fins de semana em casa. Lá tem piscina, um parque e muitas outras crianças.

Engoli em seco. Apesar da minha preparação como psiquiatra infantil, minha habilidade profissional só me ajudava quando não era minha *própria* filha de 12 anos que estava recebendo o tratamento. A ideia de deixar minha filhinha em uma unidade psiquiátrica por dois meses era desalentadora, mas eu não tinha absolutamente nenhuma dúvida de que era para seu próprio bem.

Mas ela começara a soluçar. Eu a vi agarrar as bordas da cadeira, o rosto empalidecendo.

Uma garçonete se aproximou com dois pratos.

– De quem é o malpassado?

Olhei da garçonete para Poppy.

– Estou *caindo*, mamãe – disse ela, a voz elevando-se a um som agudo. – Por que você não está me ajudando?

*Eu devia ter prestado mais atenção. Devia ter dedicado mais tempo tentando compreender...*

As pessoas começaram a nos fitar.

– Está tudo bem? – perguntou a garçonete, e eu balancei a cabeça, enfiando minha carteira e meu celular na bolsa e buscando um modo rápido de tirar Poppy de lá, sem muito tumulto.

– Você não entende como é! – gritara ela. – Como eu me *sinto*, mamãe! Você alguma vez pelo menos *perguntou* como eu me sinto?

*Não, meu amor. Diga-me agora.*

– Poppy, temos que voltar para casa – sussurrei.

– *Não*. – Sua voz era firme, ameaçadora.

A garçonete nos fitava, os pratos tremendo como címbalos em suas mãos.

– Vamos, Poppy – eu disse, um pouco mais firme dessa vez.

E foi então que ela agarrou a faca de carne da mesa e enfiou-a no meu rosto.

Podia ter sido pior. Ela me disse mais tarde que mirava a minha garganta.

\*

Saio da lembrança. Levo alguns instantes para me desembaraçar de seus ganchos sombrios. Sua ausência é um zumbido contínuo em meus ouvidos de todas as coisas que eu deveria ter dito a ela, todas as coisas que eu deveria ter feito.

Michael me disse alguma coisa. Levanto os olhos para ele e ele repete:

– Eu disse que me preocupo que você veja Poppy em Alex – diz ele. – Sei como

é quando um caso atinge o osso. Em momentos assim, você tem que ter certeza de que está mantendo o distanciamento necessário. É apenas humano se envolver.

Ironicamente, ele diz “o distanciamento necessário” exatamente quando se aproxima de mim, estendendo a mão para tocar meu braço. Baixo os olhos para sua mão e ele a retira como se as pontas de seus dedos tivessem roçado uma superfície quente.

– Desculpe-me – balbucia, mas por alguma razão minha mente está retornando a um momento do meu passado, uma lembrança que me parece estranho surgir neste momento. Estou na cozinha do meu apartamento em Morningside, passando a blusa da escola de Poppy. *Mantenha distância*, digo-lhe.

– O que você disse antes? – pergunto a Michael, minha voz um sussurro. Ele recuou um passo agora, sem saber o que fazer com as mãos.

– Quando? Sobre Alex?

– Quando perguntou sobre a razão de ele alegar ver Ruen.

Ele pisca.

– Eu disse que ele era um médium.

– Você disse que ele *não* era um médium.

Ele continua me olhando, o rosto confuso.

*Minha querida, sinto muito. Sinto muito...*

Palavras que não posso mais lhe dizer agora. A menos que...

Sorrio para Michael e começo a me afastar. Uma ideia se inseriu em meu coração. Uma ideia que não devia estar lá, para começar.

*O que eu não daria para lhe dizer que sinto muito.*

Não uma ideia.

Uma tentação.

# INFERNO

**Alex**

Querido Diário,

Como se chama um garoto com orelhas de abano, nariz torto e sem queixo?

Por apelidos.

Comecei em minha nova escola, na segunda-feira. É um pouco sem graça, exatamente como essa piada. A Casa MacNeice é como um internato porque eu tenho que dormir lá, e, embora meu novo quarto seja maior do que aquele da casa da mamãe, eu não gosto dele. É todo branco e as janelas não abrem. Alguém disse que as portas são de tal forma que, se você tentar se pendurar, elas desabam. Agora eu passo correndo debaixo de todas as portas para o caso de desmoronarem, o que faz as outras crianças rirem.

Meu quarto na casa nova, no entanto, vai ser legal, então imagino que esteja OK nesse meio-tempo. A maioria das professoras aqui não é muito amistosa, embora eu tenha gostado de uma delas. Ela se chama srta. Kells e tem um cheiro de livraria de livros usados, mas parece muito simpática. Ela é minha professora particular e se encontra comigo todos os dias depois das aulas, no meu quarto, por uma hora. Tenho que procurá-la se tiver algum problema, e conversamos sobre coisas como matemática, lápis 2B e *Hamlet*. Nossas turmas são de apenas dez alunos, o que é bom porque é tranquila e ninguém caçoa de mim. Mas ninguém fala com os outros e algumas das outras crianças são malucas. Uma das meninas é um ano mais velha do que eu e diz que na verdade estamos em um zoológico, que há um tigre em cima da mesa e coisas desse tipo. Ontem, ela disse que eu não podia me sentar na carteira atrás dela porque havia uma girafa ali, e eu olhei para Ruen para verificar que não havia e ele simplesmente revirou os olhos e bocejou.

Estou muito contente de Ruen estar por perto, porque agora sinto falta de muitas coisas, não somente de mamãe. Sinto falta de acordar no meio da noite e encontrar Woof dormindo em cima da minha cabeça. Sinto falta de torrada com cebolas. Sinto falta da maneira como nossa bica pinga a noite toda e soa como as batidas de um coração. Sinto falta de tia Bev e de Jojo e da Opera House. Sinto falta do modo

como mamãe torce os dedos dos pés na banquetta, quando está tomando chá e vendo *Coronation Street*. Sinto falta de mamãe mesmo quando ela está triste. Sinto falta de nossa casa, apesar de não haver vidraças quebradas neste lugar, e ele ser limpo e quente.

Perguntei a Ruen se mamãe e eu vamos perder a casa nova, já que Bev foi embora e não há nenhum sinal de que mamãe vá sair em pouco tempo, e ele respondeu que dependia de Anya agora, porque ela me colocara ali, e, apesar de Ruen poder me ajudar a fugir, eu não teria nenhum lugar para onde ir. Por um instante, eu pensei: *Por que eu simplesmente não vou para casa e você toma conta de mim?* Mas então me lembrei que Ruen é um demônio e não consegue realmente fazer coisas normais, como cozinhar e limpar. O que é uma pena.

Mas estou muito animado, surtado e curioso sobre meu pai. Como foi ser libertado do Inferno? Será que ele está muito, muito feliz? Está agradecido? Ele está no Céu ou em algum outro lugar? Eu realmente não compreendo a vida após a morte, e, quando pergunto a Ruen sobre isso, ele não gosta muito de falar, especialmente sobre o Céu. Ele diz que é *conceituado e idealizado demais* e que o Inferno é *descartado de forma pejorativa* e é alvo de *má publicidade*.

Toda vez que pergunto sobre a morte, ele olha para mim como se eu fosse estúpido.

– É o *fim*, meu caro – diz ele, ironicamente. – Nada mais de corpo. Nada mais de bolo de chocolate. Há algumas vantagens, mas isso depende de onde você acaba. – Então, eu pergunto onde eu devo “acabar”, e ele começa a falar da *idealização* do Céu e da *difamação* do Inferno.

Esta noite, entretanto, quero perguntar a ele sobre meu pai. Nunca descobri realmente muito sobre como ou por que meu pai morreu. Não fui ao seu funeral e mamãe nunca me levou à sua sepultura, e ela não guarda nenhuma foto dele em casa. Não devo falar dele com ninguém, ela disse. Somente seu nome, porque é meu nome também. Alex. Quando penso se papai está feliz de sair do Inferno, tenho uma lembrança de mim, mamãe e papai jantando. Estávamos sentados à nossa mesa na sala e mamãe trouxe alguns pãezinhos em uma travessa. Papai pegou dois e enfiou seu garfo em um deles e sua faca no outro, e começou a balançá-los para cima e para baixo da mesa, como se fossem pés fazendo uma pequena dança. Lembro-me de como o sol estava forte e iluminava o lado de seu rosto e as rugas nos cantos dos olhos quando ele ria. Lembro-me de mamãe dar-lhe um piparote com um pano de pratos, rindo e dizendo-lhe para parar. Ela costumava rir sempre naquela época.

Quando penso nisso, fico triste, porém mais confuso do que triste. Fico confuso porque quando penso nele fazendo os pãezinhos dançarem e depois penso no que eu vi naquele dia, papai atirando naqueles policiais, simplesmente não faz sentido. As pessoas más não são más o tempo todo? As pessoas engraçadas e boas que trazem



carrinhos de brinquedo para seu filho não são engraçadas e boas o tempo todo?

Fiquei triste por muito tempo quando soube que papai morrera. Ele simplesmente desapareceu um dia, logo depois do que aconteceu na barreira policial. Nunca perguntei a mamãe se ele caiu num buraco de mina, foi atropelado ou pegou a doença que vovó teve, porque ela estava muito angustiada o tempo todo. Uma manhã, ela chorava sem parar e disse:

– Seu pai se foi.

Eu disse:

– Por quanto tempo?

E ela respondeu:

– Para sempre.

Então, ela subiu e não desceu mais, o que achei estranho porque eu precisava que ela me levasse à escola, pois eu só tinha 5 anos. Assim, esperei umas duas horas, depois subi, verifiquei o banheiro, em seguida o quarto de mamãe e papai, e ela estava na cama. Empurrei-a e gritei *Acorde!*, mas ela não se mexeu. Então, tirei todas as cobertas de cima dela, bati os pés no chão, bati palmas e fiz cócegas em seus pés. Em seguida notei algumas caixas sob o edredom. Eu sabia para que serviam porque eu estava com mamãe quando ela as pegou no consultório médico. Todos os comprimidos haviam desaparecido e eu me senti engraçado, meio aterrorizado. Mamãe começou a tossir e eu senti meu coração martelar porque estava contente por ela ter feito um barulho.

– Você acordou agora? – eu disse, mas ela apenas se inclinou para fora da cama e vomitou em cima dos meus pés.

Lembro que corri para baixo e abri a porta da frente, ficando em pé na banquetta do piano, depois corri o tempo todo até chegar à casa da vovó. Eu disse a ela que mamãe estava doente e havia caixas brancas em cima da cama e eu estava com muita fome. O rosto da vovó ficou espantado, seus olhos tristes e arregalados, e ela me disse para eu ir preparar umas torradas para mim, enquanto ela dava um telefonema. A seguir, ela andou depressa comigo de volta para nossa casa, mas, em vez de me deixar entrar, ela disse:

– *Vá para a escola, vá para a escola.*

Fui para a escola, mas senti um nó no estômago, durante todo o caminho, que foi ficando cada vez mais apertado. E esse foi o dia em que vi Ruen pela primeira vez.

– Ruen – digo agora. Só posso dizer seu nome quando tenho certeza de que não há ninguém por perto para me ouvir, o que não é sempre. Ele está sentado em minha cama e eu estou sentado no chão do meu quarto fazendo o dever de casa de matemática. Quando ele é o Velho, ele está começando a ficar quase sempre sentado, como se estivesse cansado. Quando anda, parece que arrasta os pés e sua

carranca está se tornando tão pronunciada que é como se seu rosto estivesse derretendo. Após alguns instantes, ele ergue os olhos.

– O quê?

– Então você já tirou meu pai do Inferno?

Ele resmunga.

– Isso é um sim?

Ele resmunga outra vez e depois começa a tossir. Bate no peito.

– Claro que tirei.

Sento-me direito.

– É mesmo? – Meu coração está martelando no peito e sinto vontade de fazer xixi. – Então, o que aconteceu? Você teve que, digamos, arrancá-lo de lá? Houve uma luta?

Ele tosse outra vez.

– Sim, sim, tudo isso.

Minha mente acelera. Vejo o Inferno mentalmente, um lugar vermelho, em chamas, com milhares de pessoas. Há muita gritaria, e é uma cidade, só que os muros da cidade despejam lava cor de laranja, imensas explosões de labaredas não param de se lançar das janelas e há criaturas lá como os demônios que eu vejo o tempo todo, só que pior: eles são como zumbis descarnados e há sangue escorrendo por seus rostos. Dragões voam em círculos pelo céu vermelho e há grandes nuvens negras de fumaça lá também. Vejo Ruen andando a passos largos em direção a um grande edifício negro com poços de fogo ardendo ao redor da porta da frente. Há guardas de segurança grandes e mal-encarados do lado de fora, segurando lanças longas e usando uma armadura de corpo inteiro. Seus capacetes têm chifres pontudos saindo do topo como um rinoceronte, e sua armadura é cravejada de ferrões. Quando Ruen se aproxima, eles cruzam as lanças para impedi-lo de entrar. Ele olha fixamente para os guardas, os olhos vermelhos. Diz a eles que ele é um Atormentador. Eles caem de joelhos e tremem diante de Ruen. Ele ergue a perna e abre a porta com um chute.

O interior do prédio parece a maior catedral já vista, toda de pedras nuas e gárgulas, e um teto tão alto que você quase cai para trás quando olha para ele. Há criaturas malignas com dentes de vampiro, dando gritos estridentes, escondendo-se e tentando golpeá-lo com suas garras, mas Ruen prossegue calmamente em direção ao local onde sabe que meu pai está sendo mantido: o quarto no topo da torre mais alta. Ele tem que se agachar e se desviar de um monte de criaturas, mas finalmente consegue chegar lá. Meu pai fica muito agradecido e quando Ruen lhe diz: “Seu filho me mandou”, papai chora. Em seguida, ele sai de lá abrindo caminho à força, seguido de perto por meu pai, só que nesse momento Ruen começa a soar como um

alemão e usa uma jaqueta de couro. Do lado de fora, há uma motocicleta Harley Davidson. Papai e ele montam na moto e partem para o Céu.

– Caramba! – exclamo para Ruen. – É exatamente como *O exterminador do futuro!*

Ele olha para mim, muito confuso.

– Espere... você teve que lutar com Satanás também? – pergunto, levantando-me. – Ele estava montado em um dragão e pedras gigantescas de carvão em brasa não paravam de cair do céu?

– De que você está falando?

– De salvar meu pai! – grito.

Ouçoo passos descendo rapidamente pelo corredor e baixo a voz.

– Ele ficou realmente agradecido? Você falou com ele sobre mim?

Ruen olha para baixo como se estivesse pensando sobre isso. Por fim, levanta-se e sorri.

– Seu pai foi libertado do Inferno ontem, sob o meu comando, é claro. Ele ficou extremamente agradecido a mim e me disse que ficaria em débito comigo pelo resto da eternidade. Na realidade, ele disse que esperava que seu filho, você, Alex, tentasse pagar parte dessa dívida por ele, permanecendo fiel a mim e me ajudando em minha pesquisa.

Olho fixamente para ele. Não faço a menor ideia do que ele acaba de dizer. Ainda estou zozzo por ele ter feito o que disse que faria. E então penso em Katie, no que sua mãe fez. Que Ruen tinha razão o tempo todo.

– Você fará isso, Alex?

– Hein?

– Vai permanecer fiel a mim e me ajudar em minha pesquisa, como seu pai pediu?

– Sim, sim, é claro. Então, meu pai pareceu feliz? Ele gostou do Céu e perguntou por mamãe? Havia anjos no Céu?

Ruen resmunga.

Então, algo me ocorre. Algo que eu deveria ter dito a Ruen para dizer a meu pai.

– Você disse a meu pai que eu o amo?

O rosto de Ruen se crispou ainda mais.

– Você me pediu?

Faço que sim com a cabeça e de repente o zumbido em minha cabeça diminui um pouco, como um gol que eu quase marquei, mas não cheguei a fazer.

– Talvez ele já saiba. Você acha que sim?

Ele dá de ombros.

– Como eu poderia saber?

– Você... não sentiu que ele sabia que eu o amava? Sabe, porque eu enviei você para tirá-lo do Inferno? Seu rosto demonstrava isso?

A expressão de Ruen se contrai ainda mais. Provavelmente, seria possível esconder alguma coisa entre as dobras de sua pele. Quando penso nisso, lembro-me da ocasião em que escondi uma moeda atrás do radiador no meu quarto, e me pergunto se ela ainda estaria lá.

Ruen bufa com ironia e dilata as narinas.

– Meu caro rapaz, amor é uma coisa muito *humana*. Eu não sei nada sobre amor – diz ele. – E se soubesse, eu ia ficar com muita, muita raiva.

Passo a mão pela cabeça para lhe mostrar que tudo que ele acaba de dizer é um pouco maluco. Ele olha para a porta. Por um instante, acho que ele vai embora e de repente tenho vontade de suplicar-lhe para não ir. Mas ele apenas funga e senta-se de novo.

– Sabe, Ruen – digo a ele. – De certa forma, você é como meu pai também. Não quero dizer que não amo meu pai. É só que... – De repente, nem sei mais o que estou falando. – Só estou feliz por você estar aqui.

Ruen ergue uma das sobrancelhas peludas e brancas e resfolega com ironia. Entro na minha cama e puxo as cobertas sobre mim. Exatamente quando faço isso, todas as luzes apagam e tudo fica escuro como breu. Eles fazem isso toda noite, apesar de eu detestar a escuridão.

O que me deixa ainda mais feliz por Ruen estar aqui.

## O COMPOSITOR

### Anya

Ontem visitei a unidade psiquiátrica de adultos para falar com Cindy sobre a peça musical de Alex. Ela se mostrou incrivelmente relutante em me ver. Eu me apresentara à enfermeira que fazia a ronda com os remédios e entreouvi a conversa entre elas através da porta aberta do quarto de Cindy:

*Há uma senhora aqui que quer vê-la, Cindy. Dra. Anya...*

*Um suspiro. Diga-lhe que não estou me sentindo bem.*

*Ela diz que é a respeito do seu menino, Alex.*

*Por que ela não para de vir aqui?*

Após alguns instantes, a enfermeira emergiu do quarto de Cindy e me disse que eu podia entrar.

Ela estava sentada junto à janela, olhando a chuva, batendo os dois pés como se pulasse sentada. Seus cabelos não estavam lavados, as unhas roídas até o sabugo. Hesitei na soleira da porta, esperando sua permissão para entrar.

– Olá, Cindy – eu disse, afetuosamente. – Posso entrar?

– Como queira – murmurou ela.

Peguei uma cadeira junto à cama e coloquei-a perto da cadeira de Cindy, mas não perto demais.

– Sei que tem uma sessão de arte agora – eu disse. Eu ia tirar o casaco, depois achei melhor não fazê-lo. – Não vou atrasá-la.

Ela olhou incisivamente para mim.

– Não vou a nenhuma sessão de arte idiota.

Parei.

– Não?

Ela roeu as unhas em resposta e fixou o olhar fora da janela, puxando um joelho magro e ossudo para junto do peito.

– Por que você está aqui?

Mantive a voz descontraída:

– Queria lhe perguntar se Alex já teve aulas de piano.

– É *por isso* que você está aqui?

Balancei a cabeça.

Ela suspirou.

– Não que eu saiba. Não posso custear coisas desse tipo, sabe?

– Você tem um piano em casa, não tem? Algum de vocês toca piano?

– Não. É uma herança de família. Há anos não emite nenhuma nota.

– E na escola? Alex tem aulas de música?

– Ele gosta mais de construir maquetes de castelos, coisas desse tipo. Coisas de *menino*.

– Então, ele não poderia ter escrito isso? – Devagar, apresentei-lhe a partitura. Cindy pegou-a de minha mão e relanceou os olhos por ela.

– Não – disse ela após uma pausa. – Ele nunca escreveu música. – Ela batucou o dedo no título no topo da página. – Mas realmente *parece* a letra de Alex. Posso olhar melhor?

– Não tenha pressa – eu disse. Ela levou a página mais perto da luz da janela e inclinou-se sobre ela.

– Na verdade, eu diria que esta é *de fato* a letra de Alex. – Ela ergueu os olhos para mim, intrigada e contente ao mesmo tempo. – Imagine só, hein? Meu menino, um compositor. Não que esteja surpresa.

– Por que não está surpresa?

Ela deu de ombros e trocou as pernas, puxando o joelho esquerdo até o queixo, visivelmente empolgada com o que estava vendo.

– Alex sempre fez coisas muito além de sua idade. Coisas que nunca lhe foram ensinadas, ele simplesmente aprendeu de algum modo. Nem dava para imaginar que ele era meu filho.

Balancei a cabeça.

– Alex diz que outra pessoa escreveu isso.

– Não, definitivamente é a letra dele...

– Eu sei. Alex disse que ele anotou a música, mas que outra pessoa a compôs e lhe disse para escrevê-la.

Ela pareceu confusa, depois deu de ombros.

– Bem, se isso é o que Alex diz, eu acreditaria nele.

Mordo o lábio.

– Ainda que Alex diga que a pessoa era um demônio?

Ela não deve ter me ouvido direito.

– O que há de errado em ele copiar uma música? Só porque não foi ele quem a compôs, não significa que ele não seja inteligente...

– Eu não disse isso...

Ela me devolveu a partitura com um gesto brusco, o rosto furioso e assustado.

– Tome – disse ela. – Pare de perguntar sobre nosso piano, está bem? Não é da sua conta.

Peguei a folha e a coloquei de volta em minha pasta. Ela me observava intensamente, as mãos ainda inquietas.

– Não deixam você fumar aqui, não é? – eu disse.

Seu rosto se suavizou.

– Não, não deixam – disse ela, balançando a cabeça. – Eu lhe daria um rim por um cigarro agora.

Sorri e aproveitei o redirecionamento de sua frustração de mim para “eles”.

– Se eu tivesse um, lhe daria com prazer.

– Obrigada – disse ela, sorrindo debilmente. Ela deixou os dois joelhos caírem de volta sobre a cadeira. Qualquer emoção despertada por minhas perguntas estava visivelmente afrouxando suas garras. Inclinei-me para pegar minha pasta.

– Mas logo você estará fora daqui.

Ela me olhou. Algo em sua expressão me fez parar quando já me levantava.

– Não é? – pressionei.

Ela voltou a roer as unhas. Sentei-me outra vez na cadeira, sentindo que Cindy tinha algo mais a dizer. Após alguns instantes, ela inclinou-se para frente, os olhos furtivos.

– Você tem filhos, não? – disse ela.

– O que a faz perguntar?

Ela coçou a cabeça.

– Trudy não tem filhos, então acho que ela não compreende. Mas você sabe o que quero dizer, não é?

– Sobre o quê?

Ela puxou a cadeira mais para perto.

– Que às vezes parece que *eles* são os pais e *você* é o filho. Sabe como é? Como se tivessem mais respostas do que nós.

– Quer dizer, Alex parece mais velho do que sua idade?

– Ele sempre foi muito independente. Como se nem precisasse de mim.

Finalmente, suas mãos se aquietaram no colo, em repouso. Ela virou a cabeça para a janela, erguendo os olhos para as nuvens que haviam começado a escurecer e se acumular.

– Eu nunca quis ser mãe. Não é uma coisa muito bonita de se dizer, não é? Mas, quando Alex nasceu, eu me apaixonei totalmente por ele. Eu era sua fã número um. Ele é tão incrível que eu mal posso acreditar que ele tenha saído de *mim*.

Ouvi atentamente enquanto o peso de suas palavras se acomodava no silêncio. Começava a chover quando eu disse:

– Cindy, acho que você e Alex deviam tirar umas pequenas férias quando você sair daqui.

Ela pareceu intrigada por um instante:

– Quando eu sair daqui?

Balancei a cabeça.

– Não precisa ser em nenhum lugar caro. Mas acho que seria uma boa ideia vocês dois se divertirem um pouco juntos. Você já passou um dia na praia?

Ela balançou a cabeça, depois riu.

– Que loucura! A menos de 5 quilômetros da praia e nunca estivemos lá. Por outro lado, também nunca faz sol, não é?

– Ainda que esteja *nevando* – falei descontraidamente, devolvendo seu sorriso. – Quando você sair daqui, acho que deve fazer disso uma prioridade.

Ela baixou o olhar.

– Sim. Quando eu sair daqui.

Acordei hoje de manhã depois de finalmente ter conseguido dormir às cinco horas, no chão do meu quarto, com o som da música de Alex na cabeça. Eu tinha que tocá-la. Eu tinha que ouvir Poppy nas notas, senti-la perto de mim outra vez. Não, não apenas senti-la perto – encontrar respostas. O eco de sua composição na peça de Alex fizera soar uma série de ecos que enchiam meu pequeno apartamento. Quando nasceu, ela não respirou durante dois minutos. Os médicos estavam desesperados, batendo entre minhas pernas com um aparelho de sucção, contando – *um, dois, três, vamos, querida* –, até que finalmente uma parteira arrancou-a pelos tornozelos, segurou-a de cabeça para baixo e deu uma firme palmada em suas costas. Ela gritou e eu senti como se um fluxo de alívio se derramasse sobre mim.

Agora, o trauma daquele momento tinha um novo eco – teria sido essa a causa? Teria a falta de oxigênio feito algo em seu cérebro dar errado? Será que a esquizofrenia espreitava em minha bagagem de genes, atingindo minha mãe, pulando por mim e atingindo Poppy? Teria sido alguma coisa que eu tenha feito?

E o que mais eu poderia ter feito para salvá-la?

Verifiquei meu telefone. Chamadas perdidas de Fi e Michael, e um número que eu não reconhecia. Tentei chamar de volta, mas em vão. Então, após um momento de hesitação, liguei para Melinda.

– Ei! – exclamou ela depois que a cumprimentei. – A maestrina! Como vai?

Perguntei se eu poderia usar uma das salas de prática por mais ou menos uma hora.



– Sim, sim, claro – apressou-se ela a dizer. – Sem dúvida. Venha e eu marcarei uma hora para você. Temos um Steinway na sala de prática principal, que tal?

– Perfeito – eu disse, desligando. Meus dedos já estavam inquietos. Ansiava para tocar a música. Eu buscava uma resposta, uma peça que faltava no quebra-cabeça, e eu nem sabia qual era a pergunta.

Cheguei ao escritório de Melinda segurando uma Coca-Cola e um bolinho de chocolate do tamanho de uma bola de lã. Eu concluía que minha menstruação devia estar chegando, que meus hormônios estavam alterados, e por essa razão eu estava fora de forma. Isso é um caso de insônia. Melinda fez movimentos de quem está babando ao ver o bolinho no saco plástico transparente e me levou para a sala de prática.

Estava vazia, exceto por uma banquetta de piano e um majestoso piano Steinway preto e reluzente. À vista da placa “não são permitidos alimentos ou bebidas”, joguei minha Coca-Cola e meu bolinho numa lixeira próxima.

Melinda franziu a testa.

– Eu não teria dito nada – disse ela, mas eu balancei a cabeça. Estava sem fome, eu lhe disse. Só queria tocar.

Quando ela fechou a porta atrás de mim, comecei com alguns arpejos para aquecer os dedos. Nos últimos quatro anos, eu não havia tocado nas teclas mais de uma dúzia de vezes. O que me intrigava é que, apesar de tal negligência, minhas mãos haviam retido o dedilhado das peças que eu costumava tocar com frequência. Eu já não conseguia lembrar a clave do segundo concerto para piano de Rachmaninov, nem conseguia ver mentalmente as notas de *Pavane Pour Une Infante Défunte*, de Ravel, mas meus dedos encontraram o caminho certo para seus acordes sem hesitação. Sentia-me como um boneco de marionetes em sentido inverso, todo o meu corpo puxado e sacudido pelas cordas do piano.

Finalmente, tirei do bolso a peça musical de Alex e a desdobrei. Embora a melodia estivesse ecoando em minha cabeça, meus dedos não estavam familiarizados com ela. Examinei a partitura outra vez, a imagem da cabeça de Poppy inclinada sobre nosso piano surgindo em minha mente.

*Eu te amo, mamãe.*

Dobrei a folha para trás até ela ficar aberta sobre a estante para partitura, e deslizei os dedos pelas notas. Comecei a tocar, uma ênfase no Si da mão direita, uma valsa na esquerda. Eu ainda não havia passado a primeira barra quando parei, levantando o toque dos meus dedos um centímetro acima das teclas, meu coração apertando no peito ao som da música na sala fria e vazia.

Quaisquer que tenham sido as lembranças provocadas por aquelas notas de

abertura, elas não haviam simplesmente espocado uma visão em minha mente. Desta vez, a lembrança encheu minhas veias, minha pele viva com a maciez da pele dela quando a segurei pela primeira vez, seu rostinho em meu peito, toda a sua cabeça cabendo perfeitamente na palma de minha mão. A sensação foi tão real que me chocou. Mas era tentadora também. Coloquei as mãos de novo sobre as teclas e continuei. Desta vez, senti a forma em L de suas omoplatas pressionada nas palmas de minhas mãos enquanto a segurava depois de um tombo de sua bicicleta, como se a música fosse um conduíte entre mim e aquele momento, sem nenhum espaço de tempo, nenhum embotamento dos sentimentos.

Continuei tocando.

Subindo pelos meus pulsos, pelos meus braços e por todo o meu corpo agora havia o seu calor, moldada contra mim em minha cama depois de um pesadelo, seus pés prendendo os meus, seus cabelos macios contra meu queixo.

Quando terminei a primeira seção da peça, meu coração corria e gritava pelas ruas do meu corpo.

Eu estava a algumas barras do fim quando ouvi uma forte batida na porta. Parei.

– Entre.

Muito devagar, a porta se abriu.

Esperava que fosse Melinda ou um estudante de música que não vira meu nome escrito na folha de reserva de horário presa na frente da porta. Em vez disso, era um homem pequeno e muito velho, careca, corcunda, vestindo um terno de tweed surrado com uma camisa amarelada e gravata-borboleta marrom. Eu ia começar a explicar que tinha permissão para usar a sala por uma hora, mas parei de repente, percebendo que havia algo nele que me era intensamente familiar. Esforcei-me para situar de onde o conhecia. Um rosto cinzento, profundamente enrugado, a boca projetando-se para frente, careca, a não ser por um grosso punhado de cabelos brancos como neve na nuca. Ele avançou muito devagar pelo vão da porta, arrastando os pés.

– Posso ajudá-lo? – eu disse educadamente.

Ele parou, aprumando-se ligeiramente, e sorriu. Dei um arranco para trás. Mesmo para um homem de sua idade, ele era distintamente repugnante.

– Sua mão direita está um pouco *staccato* demais – disse ele, o sotaque difícil de localizar. – Não prestou atenção às ligaduras de frases?

Voltei-me para a partitura diante de mim.

– Refere-se a isso?

– Sou eu o compositor da música que você está tocando. – Ele fez uma profunda mesura. – Gostaria de me apresentar.

Observei-o enquanto se virava e lentamente fechava a porta.

– Você compôs isso? – perguntei.

– Mas claro que sim – disse ele, aproximando-se. – Gosta?

Fiquei paralisada, perplexa, os pelos dos meus braços arrepiados.

– Quem é você?

Ele dava a volta ao piano, as mãos nas costas, parando de vez em quando para espreitar dentro do piano. Abaixei-me para pegar minha pasta. Quando ergui os olhos, ele estava bem diante de mim, repentinamente bastante alto para me olhar nos olhos. Só que seus olhos não tinham íris. Eram compactos, velados por catarata, como bolas de gude cinzentas. Arfei, assustada, e dei um passo para trás.

– Anya – disse ele, observando-me recuar lentamente. – *Anya*.

Podia sentir meu coração martelando no peito, as mãos tremendo. Olhei para a porta.

– Gostaria de ter este piano? – disse ele, rindo. – Ou um como este?

Ele andava, outra vez, ao redor do piano, correndo os dedos tortos pela cauda negra. Fiquei parada, imóvel, o corpo gelado, a mente lutando para entender o que estava acontecendo.

– Disse que foi você quem compôs esta música? – eu disse, a curiosidade vindo à tona, apesar da sensação de ameaça que ele trouxera para dentro da sala.

– Não vai tocar mais um pouco?

– Uma outra pessoa que conheço disse que foi ela quem a escreveu – respondi. O homem olhou para a partitura e riu. – Conhece Alex? – perguntei, observando-o cuidadosamente enquanto me deslocava em direção à saída.

Ele olhou para a porta. Posso jurar que a ouvi se trancar.

– Apenas me dê um momento de seu tempo – disse ele, sentando-se em frente ao piano. – Prometo que não irá se arrepender.

Eu podia sentir o suor porejando em minhas costas e sob meus braços, e dizia a mim mesma para manter a calma, para não entrar em pânico, já que ele tinha pelo menos 75 anos, e, se eu não pudesse me defender contra um homem dessa idade, vinte anos de exercícios físicos teriam sido uma perda de tempo. Mas não se tratava de um embate físico. Senti como se estivesse sendo despida, de alguma forma seduzida, e a luz parecia ter diminuído, com sombras se fechando nos cantos da sala, se adensando.

Lembrei-me do meu telefone celular. Com as mãos trêmulas, tirei-o do meu bolso e comecei a disar. Um segundo depois, a tela apagou. A bateria acabara.

Ergui os olhos para ele.

– Alex diz que você é um *demônio* – eu disse, as palavras soando ridículas no ar pesado. – Não é uma maneira simpática de chamar um amigo da família, não é? Alguma razão para isso?

Ele sentou-se em frente ao piano e sorriu.

– Você frequenta a universidade para isso, então? – eu disse, sorratamente me dirigindo para a porta.

De repente, ele estava atrás de mim, contra a porta, uma expressão ameaçadora. Soltei um soluço. Algo estava muito, muito errado ali. Por um instante, achei que eu estivesse tendo um desvanecimento psicótico, minhas mãos tremendo violentamente agora, o chão sob meus pés se desfazendo em água.

– Você está bem? – eu o ouvi dizer.

Senti que eu me curvava como uma bola no chão, derrubada por uma sensação arrastada de me mover pesadamente, que eu havia experimentado somente uma vez antes. Senti o momento em que vi Poppy na janela e me lancei para frente, porém novamente estou meio segundo atrasada, minhas mãos vazias, o momentum da minha ação continuando em tudo que faço agora – sua ausência um espaço em que tento alcançá-la.

E, então, parou.

Com os olhos ainda cerrados com força, foi como se alguém tivesse enchido meu corpo com a luz do sol. A escuridão retrocedeu. Várias vezes houve a sensação de calor viajando pelo meu corpo e à minha volta. Senti que me elevava no ar, como se algo ou alguém tivesse me içado, em seguida me senti inteiramente sem peso.

Em minha mente, já não via Poppy no momento de sua morte. Via seu rosto bonito, ansioso, bem diante de mim, suas mãos nos meus ombros, sacudindo-me. *Tudo bem, mamãe. Estou aqui. Estou bem aqui.* Eu queria abrir os olhos, mas não o fiz com medo de que ela desaparecesse. No lugar disso, vi meus próprios braços se estenderem à minha frente e segurarem seu rosto.

Ela virou ligeiramente a cabeça para beijar minha mão.

*Mamãe, você não me perdeu. Tudo está realmente bem, sabe?*

Puxei-a para mim em um abraço apertado, meu peito arfando tanto de alívio quanto de incredulidade. Finalmente, ela inclinou-se para trás e olhou para mim. Parecia mais velha, uma adolescente, os cabelos castanhos muito compridos agora, caindo ao redor do rosto, em ondas como em um Botticelli, os olhos castanhos calmos e destemidos. Sem trevas.

*Volte agora,* ela disse. *Eu te amo.*

Quando abri os olhos, Melinda estava acima de mim, batendo em meu rosto e gritando meu nome. Senti que respirei fundo como se tivesse acabado de voltar das profundezas do oceano à superfície. Minhas pernas e mãos estavam entorpecidas e minha cabeça chiava como em uma forte ressaca. Senti o cheiro forte do perfume de patchuli de Melinda e aterrissei de volta na Terra com um baque brusco. A

expressão de seu rosto se desfez de horror a puro alívio quando me sentei direito.

– Oh, querida, achei que estava morta! – exclamou.

Balancei a cabeça para confirmar que, apesar do que pudesse parecer, eu estava muito viva. Meu corpo formigava agora, como se eu tivesse acabado de emergir de um banho quente ou de um dia ao sol.

– Eu a vi – disse a Melinda. – Eu vi Poppy.

Ela me lançou um olhar desconfiado. Levei a mão trêmula à boca.

Melinda tirou seu cardigã de caxemira e colocou-o em meus ombros.

– Está *gelado* aqui! – exclamou ela. – Você abriu alguma janela?

Balancei a cabeça, apesar da preocupação em sua voz me ter feito sorrir. Tornei a garantir-lhe que eu estava bem. Ela riu nervosamente.

– Você nem imagina – disse ela quando fiquei em pé, apoiando-me na borda do piano para me equilibrar.

– O quê?

Ela cruzou os braços e abriu um largo sorriso.

– Aquela peça que você me mostrou. É *cem por cento genuína*.

Balancei a cabeça, olhando à volta da sala.

– Aquele garoto é um gênio – ela continuou. – Uma verdadeira criança prodígio!

Olhei para o piano, depois procurei pelo chão.

– O que foi? – perguntou Melinda, descruzando os braços.

– Desapareceu – eu lhe disse. – A música desapareceu.

## AS COISAS QUE SÃO REAIS

**Alex**

Querido Diário,

O que o papa Júlio II disse a Michelangelo?

– Vamos, pode descer daí, filho, nós vamos colocar papel de parede.

Acordei realmente cedo hoje, porque era sábado e eu ia ver mamãe às dez horas. Parecia manhã de Natal. Coloquei o despertador para as sete horas, para ter tempo de tomar um banho antes que os outros acordassem, escovar meus dentes, limpar os ouvidos e cortar as unhas. Também estava com medo de que o pessoal da lavanderia se esquecesse de lavar minhas roupas, então resolvi ter tempo suficiente para eu mesmo lavá-las e secá-las, mas estava tudo certo porque, quando verifiquei meu armário, minha camisa, calça e colete estavam todos lá, realmente limpos e bem passados.

Acordei bem antes do despertador, assim passei um longo, longo tempo no chuveiro. Gastei mais ou menos uma hora engraxando os sapatos e depois, com um marcador preto, colori todos os arranhados para que parecessem realmente limpos. Quando acabei, eram apenas oito horas. Assim, rearrumei todas as fotografias e desenhos de nossa nova casa que eu havia pregado nas paredes e passei algum tempo imaginando mamãe e eu morando ali, cozinhando juntos na cozinha, sentados no jardim quando tivesse sol, pendurando quadros de lírios e golfinhos.

Depois, fiz um desenho para mamãe e escrevi uma bonita mensagem nele. Dizia: “Mamãe, espero que fique boa logo, porque eu a amo, e, se você se sentir tão bem quanto eu a amo, você vai se sentir realmente bem.”

Mamãe esperava por mim na sala de estar que ela compartilha com as outras pessoas da enfermaria. Ela vestia calça jeans nova e uma camiseta. Usava um pouco de maquilagem também, um rosa-claro nas pálpebras e nas faces, e pestanas bem pretas. Fiquei tão contente em vê-la que quase chorei, e vi que ela percebeu que eu estava transtornado e ela quase chorou também.

Quando ela me soltou, sentei-me em frente a ela e sorri.

– Que tal essa nova escola? – disse ela, embora de um jeito como se não

estivesse contente por eu estar indo a uma nova escola.

– É boa – eu disse. – É só temporária, não é?

Ela balançou a cabeça.

– O que é isso que você trouxe?

Eu segurava meu bloco de desenho.

– Andei fazendo um monte de desenhos novos – eu lhe disse. – Anya disse que é bom para a minha recuperação. Quer que eu lhe mostre?

Mamãe me deu um sorriso meio congelado e balançou a cabeça.

Eu deliberadamente evitara fazer novos desenhos de esqueletos, já que pareciam incomodar as pessoas, assim desenhei coisas como as flores que cresciam do lado de fora da janela do meu quarto, uma cena da minha sala de aula e um retrato de Woof. Quando mamãe viu o desenho de Woof, o sorriso desapareceu de seu rosto. Ela tocou o desenho por um longo tempo e levou a mão à boca.

– O que foi? – perguntei.

Ela respirou fundo e depois segurou uma de minhas mãos entre as suas.

– Alex – disse ela. – Sinto muito, mas Woof teve que ser removido para uma nova casa também.

– O que quer dizer? – perguntei.

Não ouvi tudo que ela disse porque meu coração batia tão forte, como se estivesse em meus ouvidos, mas basicamente me pareceu que Woof tinha sido colocado em uma casa para cães quando tia Bev voltou para Cork por mais ou menos uma semana, porque não havia ninguém em casa para alimentá-lo ou levá-lo para passear e tia Bev não podia levá-lo com ela. Quando mamãe disse uma casa para cães, eu sabia que ela queria dizer a agência que recolhia animais sem dono. Pensei em Woof trancado lá com todos aqueles outros cachorros miseráveis, latindo, andando em círculos em uma gaiola do tamanho do nosso lavatório e se perguntando o que ele havia feito de errado para terminar ali.

Eu devia estar arquejando, porque de repente mamãe passou os braços ao meu redor e disse:

– Oh, Alex. Desculpe-me, isso tudo é culpa minha.

– Não podemos pegá-lo de volta? – perguntei.

Mamãe abraçou-me com força e, quando olhou para mim de novo, sua maquiagem estava escorrendo pelo seu rosto em linhas pretas molhadas.

– Talvez – disse ela. – Não vou mais lhe fazer promessa que não posso garantir. Portanto, talvez. Se ele ainda estiver lá.

Eu queria perguntar se ela achava que as pessoas na agência poderiam abater Woof, porque eu tinha ouvido alguém dizer que eles tinham que fazer isso o tempo todo, porque tinham cachorros demais. Mas tive medo de perturbar mamãe ainda

mais.

– A culpa é minha – disse mamãe outra vez. – Se eu não tivesse me metido aqui, provavelmente nós todos ainda estaríamos em casa.

Finalmente, lembrei-me da boa educação e tirei meu lenço do bolso. Entreguei-o a mamãe, ela sorriu e enxugou o rosto.

– Quando é que você vai para casa? – perguntei.

Ela desviou o olhar.

– Não sei.

Pensei por um instante no que eu poderia fazer ou dizer para alegrar mamãe. Imediatamente, pensei em Ruen ter salvo meu pai, mas eu não queria lhe contar a parte sobre o Inferno porque ela definitivamente, definitivamente iria achar que eu estava maluco.

Assim, eu disse:

– Sei que sente falta do papai, mamãe, e sei que ficou muito triste desde que ele morreu. Mas acho que talvez um dia você possa vê-lo de novo. Sabe, no Céu.

Mamãe abaixou o lenço do rosto muito devagar. Parecia furiosa. *Oh, não*, pensei. *Tornei as coisas muito, muito piores.*

– Alex, o que quer dizer, *morreu*? – disse ela. Seu rosto estava todo contorcido agora.

– Quero dizer, quando ele morreu naquela manhã em que eu a encontrei, na cama, com todos os comprimidos, e vovó chamou a ambulância e...

Parei de falar porque ela me olhava como se eu tivesse enlouquecido. Sua boca se abria e sua testa tinha uma ruga em linha reta que começava a formar um V.

– Mamãe – eu disse depois de alguns instantes. – Sinto muito, acho que eu não devia falar sobre isso.

Então, ela abaixou as mãos e deu um suspiro tão grande que seus ombros arriaram.

– Sinto muito – disse ela, que era seu 29º pedido de desculpas desde que eu chegara. – Pensei que você compreendesse, Alex. – Ela olhou para fora da janela outra vez e o sol iluminou seu rosto, e por um instante ela pareceu jovem outra vez. – Vovó sempre disse que eu o tratava como se fosse mais velho do que era, que eu esperava demais de você. – Ela olhou de novo para mim e sorriu. – Acho que era porque você sempre *pareceu* tão mais velho. Sabia que começou a andar aos 10 meses?

Meu estômago estava começando a dar um nó.

Ela ainda falava como se houvesse outra pessoa na sala.

– A agente de saúde disse que era notável, disse que nunca ouvira falar de uma criança de 19 meses que falasse assim. Como uma criança de 3 ou 4 anos, ela disse,



especialmente porque em geral os meninos são bem mais atrasados do que as meninas. – Seus olhos sorriram. – Você me deixou tão orgulhosa, Alex. Tive tanto medo quando você nasceu. Não sabia como eu ia alimentá-lo, cuidar de você. Não sabia como eu iria ganhar a vida. Não sabia como eu lhe daria o que você precisasse. Mas você surpreendeu todos nós.

– Você quer dizer que papai *não está* morto? – perguntei.

– Você já sabe disso, Alex. Ele está no presídio Magilligan, lembra-se? Tentei levá-lo para visitá-lo, mas você disse que não queria...

Caí para trás como se ela tivesse simplesmente me dado um soco no rosto.

– Alex? – disse ela, inclinando-se para frente com os braços estendidos. Senti minha cabeça cair de um lado para o outro sobre os meus ombros, como se alguém a girasse para mim.

– Está tudo bem – dizia ela, mas sua boca abria-se e fechava-se e eu não conseguia ouvir nada porque meu coração batia muito forte e era como se eu tivesse esquecido como falar porque eu não conseguia transformar meus sentimentos em palavras.

– Ele... mas... – E depois: – Onde fica Magilligan?

– Fica a uns 100 quilômetros daqui. Logo depois do Giant's Causeway.

Minha boca estava cheia de saliva. Mamãe suspirou e esfregou a testa.

– Quero lhe dizer algo, Alex.

Levantei-me e sentei-me ao lado dela, mas eu me sentia como se estivesse flutuando.

– Você não merecia nada disso – disse ela. – Por muito, muito tempo, eu pensei... bem, que você não merecia uma mãe como eu. Que você merecia uma mãe muito melhor. E eu achava que era por minha causa que meus pais adotivos batiam em mim. Que eu merecia tudo aquilo.

Balancei a cabeça, apesar de ainda não saber ao certo sobre o que ela estava falando. “Pais adotivos” não significava pessoas que não eram seus pais?

– Mas leva tempo para você se sentir bem consigo mesmo depois de se sentir sem nenhum valor a vida inteira.

– O que quer dizer com pais adotivos?

Mamãe franziu a testa.

– Pois é, Alex, veja bem. Eu não fui honesta nem com você nem comigo. Vovó não era minha mãe de verdade, sabe. Ela me adotou quando eu tinha mais ou menos a sua idade.

Não sei bem o que aconteceu depois que mamãe me contou isso. Foi como se um enorme tubo de vidro repentinamente descesse do teto e me prendesse dentro dele,

da maneira como as pessoas colocam vidros de cabeça para baixo em cima de aranhas e elas não conseguem sair, e tudo que eu conseguia ouvir dentro do tubo era meu próprio coração saltando e meus próprios pensamentos. Que eram:

*Vovó não era minha avó?*

*Tia Bev não era minha tia de verdade?*

*Papai não tinha morrido?*

*Então, quem Ruen havia tirado do Inferno?*

Mas eu devia estar fazendo todos os ruídos adequados, porque mamãe continuava falando. Acho que ela estava discutindo a casa nova comigo e todos os seus planos para decorá-la quando saísse do hospital, porque ela não parava de dizer coisas como “tinta vermelha ou talvez cor de laranja da Toscana” e “um monte de lindas luminárias”. E, enquanto ela dizia tudo isso, um pensamento atravessou minha cabeça como um trem expresso da meia-noite:

Ruen está mentindo.

*Ruen está mentindo.*

Ele não tirou meu pai do Inferno.

Não havia nenhum edifício cavernoso ou dragões no céu.

E o que foi mesmo que ele disse? Meu pai queria que eu *pagasse a dívida*?

Em outras palavras, Ruen achava que podia me pregar uma mentira e ainda ganhar alguma coisa com isso.

Levantei-me.

Mamãe agora falava praticamente com ela mesma, tagarelando sem parar sobre o quanto sempre quis ter carpete nas escadas. Ela enxugava as lágrimas dos olhos, mas sorrindo ao mesmo tempo.

– Talvez a gente possa começar de novo – disse ela.

Segurei sua mão.

– Mamãe, eu te amo – eu disse. – Mas há uma coisa que eu preciso fazer.

E saí, exatamente quando ela decidia entre ladrilhos cor-de-rosa ou pêssego para o banheiro.

Quando deixei mamãe, fui levado de volta à Casa MacNeice. Assim que atravessamos as portas vermelhas da frente, houve um grande estrondo e uma senhora usando uma rede de cabelos e um avental me fez caminhar bem devagar pelo corredor, para o caso de eu pisar em algum caco de vidro.

– Mão-furada hoje – disse ela, erguendo os dedos como se estivesse surpresa por tê-los nas pontas de suas mãos. Havia cerca de 11 jarros quebrados por todo lado e uma grande poça de água. Quando olhei dentro de uma delas, vi o rosto de Ruen rindo para mim, mas ele não estava em parte alguma. Ele sabia que eu estava

furioso com ele.

A srta. Kells esperava por mim do lado de fora do meu quarto. Aproximei-me dela.

– Quero ir nadar – eu lhe disse.

Ela olhou para mim com ar muito sério e sua boca estava exatamente igual à de Michael. Eu ia dizer isso a ela, mas depois achei que ela simplesmente iria perguntar quem era Michael, e então me calei.

– Alex – disse ela. – Gostaria de falar com você sobre algo muito importante.

– Agora mesmo?

Ela balançou a cabeça.

– Desculpe-me, não posso – eu disse, mas não expliquei por quê.

Eu não disse que precisava ter uma conversa com um demônio de 9 mil anos que contava lorotas sobre entrar à força no Inferno e ajudar meu pai a fugir só para poder cobrar um favor de mim. E que eu precisava de um lugar sossegado e privado para fazer isso, porque, se eu comesse a gritar em meu quarto, eles viriam com restrições e mais pílulas brancas.

– Preciso trabalhar em meu nado borboleta – eu disse, indicando a placa da piscina atrás dela.

A srta. Kells agachou-se ao meu lado e eu pensei em livros de segunda mão com as páginas amareladas.

– Sabe, Alex – disse ela –, você pode me contar qualquer coisa. Essa é a vantagem de ter um professor particular. Nada que você me diga poderá colocá-lo em dificuldade, compreende?

Balancei a cabeça. Eu não compreendia, mas, quando ela me disse isso, senti um nó em meu estômago se dissolver e uma sensação de calor agradável se derramar sobre mim.

Abri a boca. Ela balançou a cabeça, encorajando-me a falar. Eu queria lhe contar sobre Ruen. Queria lhe pedir conselho. Então, eu disse:

– Srta. Kells, o que você faria se alguém em quem você realmente confiava lhe contasse uma terrível mentira?

Ela sorriu e seus olhos me disseram que ela sabia por que eu estava perguntando o que estava perguntando, e eu imaginei se alguém já mentira para ela do jeito que mentiram para mim. Ela aproximou-se bem de mim e disse:

– Eu lhe diria que nunca mais queria vê-lo de novo. Ainda que o amasse muito, nunca mais confiaria nele.

Balancei a cabeça e ela tomou minha mão, só que sua mão dava a sensação de ar quente.

– Você precisa da minha ajuda, Alex?

– Sim – eu disse, mas depois balancei a cabeça, porque não sabia como ela poderia me ajudar neste caso.

– Se algum dia no futuro você precisar da minha ajuda, é só pedir – disse ela.

– Obrigado – eu disse, e eu ia lhe fazer outra pergunta, mas, quando olhei novamente, ela havia desaparecido.

Dei várias voltas para cima e para baixo na piscina, batendo meu corpo na água, agitada a cada braçada, imaginando que estava lutando com Ruen. De vez em quando, eu descansava ao final de uma volta, agarrando-me à borda lateral e murmurando ordens em voz baixa para Ruen mostrar sua terrível cara. Mas ele não apareceu.

Finalmente, saí da piscina e entrei na sauna. Todos os outros meninos estavam lá fora jogando futebol e o salva-vidas estava ao lado da piscina, portanto eu tinha o lugar inteiramente para mim. Entrei, deitei-me em um dos bancos e imaginei um puro ódio destilando dos meus poros.

Uma tosse. Abri os olhos. Do outro lado da sala, pude divisar um velho através do vapor. Tinha uma aparência maligna e um sorriso de piranha, e usava um terno que estava soltando os fios de um dos lados. E o fio serpeava pela névoa e terminava na ponta da minha toalha.

– Me chamou? – perguntou Ruen.

– Você é um mentiroso! – gritei.

– Oh? – Ele não pareceu incomodado com a acusação, então eu o desafiei:

– Você me disse que tirou meu pai do Inferno, e não é verdade.

– E como você chegou a essa conclusão?

Eu estava de pé agora, apontando para ele enquanto ele se sentava no banco em frente.

– Mamãe me disse que meu pai está vivo e bem no presídio Magilligan. Então não sei quem você arrastou para fora do Inferno, Ruen. Na realidade, acho que você não tirou ninguém de lá. Acho que você inventou tudo. E acho que eu não lhe devo nada.

Ele levantou-se e olhou para mim muito zangado. Por um instante, achei que fosse mudar de forma e se tornar um monstro, só para me amedrontar. Mas ele só olhou para um lugar no canto. Quando olhei, vi outro demônio sentado lá, surgindo por trás da névoa. Vestia um terno de tweed como o de Ruen, mas parecia novo e ele parecia mais jovem e tímido. Ele parecia estar escrevendo alguma coisa em um caderno de couro.

– Quem é ele? – perguntei.

O demônio ia se apresentar, mas Ruen interrompeu-o:

– Este é Braze – disse ele. – Ele é um interno. Ignore-o.

Peguei minha toalha e fiz menção de ir embora. Quando cheguei à porta, Ruen disse:

– Sua mãe mentiu, Alex.

Cerrei os punhos, rangi os dentes e virei-me muito devagar.

– *O que foi que você disse?*

– Sua mãe mentiu – disse Ruen calmamente.

– Quem você pensa...

Ele ergueu a mão.

– Por favor – disse ele.

Eu tremia de raiva e minha boca estava cerrada como se eu estivesse com muito frio. Ele abanou a mão indicando o banco para que eu me sentasse.

– Você tem dez segundos para se explicar. – Não me sentei.

Ruen suspirou.

– O homem que eu salvei era seu *verdadeiro* pai – disse ele. – O homem no presídio Magilligan não é. Ninguém sabe que seu pai não é seu verdadeiro pai. Nem mesmo sua avó.

De repente, lembrei-me do que mamãe dissera uma vez sobre a vovó: *Ela não é sua verdadeira avó*. A lembrança e a verdade disso me atingiram com tal força que tive que lutar para conter as lágrimas.

– Por que minha mãe iria mentir sobre quem é meu pai, hein? – gritei. – Como *ousa* chamar minha mãe de mentirosa?

– Eu não chamei – retrucou Ruen. – Eu disse que ela *mentiu*. Há uma diferença, meu caro. Sua mãe mentiu para protegê-lo. Sua mãe mentiu porque ela o ama e ela sabe muito bem o quanto uma revelação como esta iria magoá-lo. Só estou lhe contando agora porque você me forçou a isso.

Ele relanceou os olhos ao outro demônio, que continuava escrevendo.

Não conseguia mais conter as lágrimas, nem conseguia fazer meu coração desacelerar, nem impedir meu corpo inteiro de ficar banhado de suor, pingando pelo meu rosto, braços e pontas dos dedos. Respirei fundo. Um soluço escapou do meu peito, seguido de lágrimas quentes.

Finalmente, Ruen aproximou-se de mim. Eu segurava o rosto entre as mãos. Ele deu um tapinha em meu ombro.

– Está tudo bem – disse ele. – Você não podia saber. – Em seguida, virou-se e fungou. – Você vai poder me compensar.

## OS JORNAIS

### **Anya**

Acordo com um grito. Um olhar para o relógio ao lado da cama causa uma confusão momentânea quanto ao dia real. Um cálculo rápido prova que dormi por 15 horas. Impossível.

Levanto-me rolando sobre o corpo e olho pela janela. Um sol radiante iluminando o pequeno parque embaixo do meu prédio, carros passando pela autoestrada para Dublin, pequenos e brilhantes como doces glaçados. O rio Lagan move-se rapidamente à minha direita, como um cachecol de prata, e a cidade desponta ao longe, um aglomerado de pontes e barcos, cúpulas esverdeadas de prédios antigos e reluzentes arranha-céus.

Em manhãs como esta, Belfast me faz lembrar uma antiga fábula que ouvi certa vez de gêmeas univitelinas, separadas no nascimento. Depois de muitos anos, elas foram reunidas, uma macilenta e curvada por anos de serviço pesado, o rosto embotado e encovado, os olhos fundos e escuros. A outra irmã chamava atenção aonde quer que fosse, os olhos brilhantes, o sorriso cintilante, a postura reta e aprumada. A bela irmã fez a irmã magra e abatida perceber como também ela poderia ser, e assim ela se tornou bonita pela primeira vez na vida. Há muitas vezes em que Belfast é essa irmã pálida e maltratada, mas há dias em que se pode vislumbrar a beleza da outra irmã.

Os acontecimentos de ontem me atingiram como um banho de água fria. A sensação de desmaiar no chão. Poppy. O homem na sala de música.

A partitura desaparecida.

Bato fatias de maçã, kiwi e abacaxi no meu liquidificador novo e bebo enquanto verifico se há chamadas perdidas no meu telefone. O mesmo número desconhecido está lá. Ligo para ele.

Após cinco chamadas, alguém atende:

– Anya, *oi*. É Karen, Karen Holland.

*Karen*, penso com um gemido.

– Desculpe-me, Karen – digo, minha voz ainda rouca de tanto tempo passado na cama. – Ainda não descobri nada. Alex está na Casa MacNeice...

– *Eu* descobri uma coisa – disse ela rapidamente. – Acho que é muito importante. Tem tempo para uma conversa?

Consulto meu relógio.

– Tenho uma reunião em vinte minutos. Posso vê-la mais no final da tarde?

– Perfeito.

Quando desligo, os acontecimentos do dia anterior continuam a me inundar, persistentes e desconcertantes.

Porque, mesmo depois de 15 horas de sono profundo, eu sei que vi Poppy: sei que senti suas mãos em meu rosto; ouvi sua voz; senti o cheiro de seus cabelos, seu hálito. Mas não faço a menor ideia de como explicar isso. Nem compreendo o encontro com o velho. Seu rosto, com aparência de pedra, muito velho, e aqueles terríveis olhos vazios, tudo ainda latejando em minha cabeça, com uma vibração que não consigo apagar.

Eu contara a Melinda sobre a visita do velho à sala de prática pouco depois de recobrar a consciência. Ela verificou o registro de visitantes na recepção, depois as imagens do circuito interno de TV, até contatou cada guarda de segurança de serviço no campus. Quando não conseguiu descobrir nenhum vestígio dele, demos parte à polícia.

– Ruen? – perguntara o oficial de polícia enquanto eu estava sentada no escritório de Melinda às voltas com mais um café. Ela estava cética.

– Como em *R-U-E-N*?

– Esse foi o único nome que ele deu.

– E de que idade aproximadamente?

– Entre setenta e pouco e oitenta e pouco – respondi.

– Ele tinha uma faca?

Suspirei. Soava ridículo na ocasião. Não mencionei nada de nossa conversa, nem de como eu me senti. Pensei em vítimas de sequestro que descobriram que tinham sido levadas como reféns não sob a mira de uma arma, mas do cano de uma caneta marcadora de quadro branco pressionado contra seu pescoço. Às vezes, a imaginação é o verdadeiro predador.

Melinda pediu para falar comigo por um instante e o policial se afastou.

– Esse sujeito – disse Melinda. – Ele *realmente* deu o nome dele?

– Sim – eu disse com convicção, depois a dúvida se insinuou em minha mente. Talvez ele não tivesse dito que era Ruen. Talvez ele não tivesse dito seu nome.

– Tem certeza? – disse ela. – É que, pelas suas descrições, parece que poderia ter sido um dos professores visitantes.

– Ele sabia meu nome – interpus. – Ele me chamou de Anya.

– Mas seu nome estava na folha de reserva na porta, não é? – disse Melinda

rapidamente. – Os professores visitantes da escola não vêm aqui muito frequentemente e às vezes aparecem de repente. Alguns são muito, muito velhos. Há esse velho que me parece bem familiar... Ele é um pouco, hã, esquisito.

– Tem uma foto dele?

Ela balançou a cabeça indicando o computador em sua escrivaninha. Pedi licença ao policial e nós duas passamos ao outro lado para ficar de frente para o monitor. Melinda agitou o mouse para tirar o protetor de tela, depois digitou um nome na barra de pesquisa. Em poucos segundos, o emblema da escola apareceu em um navegador da web, seguido de uma lista da equipe de professores e suas fotografias. Melinda rolou a imagem para uma seção assinalada “Professores Visitantes” e clicou em um pequeno indicador.

– Pronto – disse ela. A página recarregou. Fitando-me da tela, estava um homem careca, sorridente, os olhos cinza encobertos por óculos pretos e grossos. A boca em forma de lápide, a gengiva superior maior do que seus pequenos dentes amarelos. Ele usava uma gravata-borboleta e paletó de tweed. Inclinei-me para a tela, o coração disparado.

– Este é o professor Franz Amsel – disse ela. – Ele apresentou um artigo no Departamento de Música, duas noites atrás. Acha que pode ter sido ele?

Examinei o sorriso largo e os óculos. O homem que eu vira parecia mais velho do que este, disse a Melinda. Ela deu uma risadinha zombeteira.

– A maior parte desses sujeitos me envia fotos que são mais velhas do que *eu* – disse ela pesarosamente. – Sei que o professor Amsel tem setenta e tantos anos, no mínimo.

– Mas ele disse que *ele* havia composto a música – retruquei atabalhoadamente, desesperada para me lembrar do episódio com mais precisão, isenta de emoção.

Melinda ergueu a mão.

– Deixe-me contatá-lo, saber se ele esteve aqui ontem.

Engoli em seco e assenti. No outro lado da sala, o policial batia o pé com impaciência. Melinda pegou o telefone e discou um número, enfiando uma mecha de cabelos atrás da orelha.

– Olá, professor. Aqui é Melinda Kyle da Escola de Música na Queen’s University. Sim, como vai? Eu gostaria de saber se o senhor visitou uma de nossas salas de prática ontem de manhã, é que estamos com um probleminha com a segurança por não manter nossos registros de visitantes atualizados. Hu-hum. – Ela balançou a cabeça enfaticamente. – O senhor *esteve* aqui. – Senti meu coração desfalecer. Ela pareceu aliviada. – Oh, graças a Deus. Não, nada. Está tudo bem, professor. Eu direi a ela. Eu é que agradeço. – Ela desligou e revirou os olhos para trás. – Ele pediu *sinceras* desculpas e espera não tê-la perturbado.



Lançou-me um sorriso enquanto se aproximava do policial, explicando em uma voz afável, suave, que tinha havido um pequeno mal-entendido.

Sentei-me entorpecida na cadeira atrás da escrivaninha, olhando a imagem do professor na tela. Não havia como negar a semelhança.

Eu me senti completamente, ridiculamente *idiota*. Como pude me deixar levar tão longe da razão? Como pude acreditar que o homem era... Toda a ideia parecia uma loucura agora, e tive raiva de mim mesma. Muito mais tarde, eu deixaria minha raiva de lado e me sentiria angustiada de medo com o funcionamento do meu próprio cérebro. Se não podia controlá-lo, que futuro eu teria como psiquiatra infantil? Como um dia iria poder esperar reconstruir a vida de outras pessoas, ajudando-as a refazer sua noção do que era real e do que não era, se eu própria não soubesse a diferença?

Meu telefone toca quando deixo a sala de Karen Holland, sete horas mais tarde, tendo conversado com ela durante quase uma hora. O que ela me mostrou ali me faz querer voltar correndo à Casa MacNeice e conversar com Alex imediatamente. Eu já tentei entrar em contato com Trudy Messenger, mas em vão, e assim, quando o telefone toca, eu presumo que seja ela.

– Trudy, preciso lhe contar algo a respeito do pai de Alex Broccoli...

Uma tosse do outro lado da linha.

– É Ursula.

– Oh. Alguma coisa errada?

Uma pausa.

– Preciso falar com você imediatamente, se puder. Está vindo para cá agora?

– Posso perguntar do que se trata? – digo. – É que preciso dar uns telefonemas...

– Falo com você quando chegar aqui – retruca ela rispidamente, desligando em seguida. Faço o caminho de volta a passos rápidos, incapaz de andar normalmente.

Na Casa MacNeice, encontro-me com Ursula no saguão de entrada e assino o livro de registro.

– Quer conversar no seu escritório? – pergunto, tirando o casaco.

Ela sorri.

– Por que não conversamos no seu?

No meu escritório, afasto as últimas caixas de livros que estão sobre a mesinha de centro e a convido a se sentar. Vejo que ela examina meus pôsteres e as pinturas com os cantos dobrados, incompreensíveis, que me foram dadas por alguns pacientes em agradecimento por seu tratamento – um presente muito mais significativo do que qualquer outro.

– Como vai a sua acomodação na Irlanda do Norte? – pergunta Ursula, juntando as mãos.

Sirvo um copo de água para nós e me sento diante dela, recuperando o fôlego. Ainda estou usando meus tênis de corrida.

– Na verdade, estou me readaptando muito mais facilmente do que teria imaginado – digo-lhe animadamente. – Nunca se sabe, talvez eu até fique por aqui.

É uma brincadeira, para quebrar a tensão. Ela cerra os lábios.

– Ouvi falar do que aconteceu ontem. Na universidade.

Sustento seu olhar, sentindo meu coração desfalecer. Minha empolgação com o progresso feito na avaliação de Alex define.

– Sim – digo, após uma pausa longa e contemplativa. – Receio que não tenho me sentido eu mesma ultimamente.

Explico-lhe sobre meu apartamento sem mobília, como ainda não consegui desempacotar a mudança adequadamente. Sobre meus pacientes. Sobre meu progresso no caso de Xavier, a eficácia da terapia de arte com nossa mais nova interna, Ella. Sobre a situação de Alex.

– Na realidade – digo-lhe –, acabo de ter uma reunião com uma das professoras mais antigas de Alex. Acho que fiz uma grande descoberta em sua avaliação.

– Tenho certeza de que sim – diz ela, inspecionando as unhas. – Mas receio que tenho sérias preocupações sobre sua capacidade de prosseguir com este caso, Anya. Eu soube do episódio na Escola de Música. – Ela ergue os olhos e não vejo nada além de decepção. – Gostaria que você tirasse uma pequena licença médica.

– *Licença médica?*

– Deve compreender que seu episódio, ou o que quer que tenha sido, foi... bem, foi preocupante, para falar francamente. Tanto em termos do futuro de sua prática quanto em termos de sua própria saúde pessoal. Toda vez que a polícia é envolvida, o nível de gravidade aumenta um pouco, e, com os tipos de propostas de financiamento que a Casa MacNeice está obtendo e o recente interesse do ministro da Saúde, não queremos dar a impressão de que, e me perdoe, os loucos estejam dirigindo o hospício.

Fico perplexa. Tento retrucar, mas não consigo encontrar as palavras. Minha mente volta-se por vontade própria para o que acabo de ver na sala de aula de Karen Holland há menos de uma hora – uma fotocópia de um jornal de dezembro de 2001, com a manchete VIDAS ARRUINADAS. Sob ela, uma grande fotografia de um tiroteio: um homem mascarado junto a um carro, apontando uma arma para um policial.

– Leia – dissera Karen.

Ontem à tarde, dois policiais perderam a vida no que o vice-primeiro-

ministro descreveu como um ato monstruoso de ódio contra o recém-formado PSNI em uma barreira policial fora de Armagh. O sargento Martin Kerr, 29, pai de uma menina de duas semanas, foi morto com um único tiro na testa, à queima-roupa. O sargento Eamonn Douglas, 47, morreu em consequência de seus ferimentos ontem à noite, no Hospital Municipal de Armagh. Dois homens – Alex Murphy, 30, do Norte de Belfast, e Michael Matthews, 69, do condado de Kerry – foram acusados nesta manhã de homicídio doloso.

Eu acabara de ler e olhava para Karen.

– É a mesma manchete da pintura de Alex – disse ela.

Franzi a testa.

– Mas por que Alex iria ficar tão perturbado com isso?

Ela abriu um laptop na escrivaninha e clicou em um ícone da internet.

– Encontrei isso no YouTube – disse ela, abrindo uma nova janela. Olhei enquanto a tela se enchia de um filme borrado de chuva de uma rua calma em Belfast, uma igreja visível do lado direito da rua, uma agência dos Correios do outro. A tela ficou turva quando várias mulheres passaram empurrando carrinhos de bebê, sua conversa audível, mas ininteligível. Havia dois policiais na rua, parando o tráfego e conversando com os motoristas antes de os deixarem passar. Por um instante, parecia não haver nada de extraordinário – era apenas mais uma barreira policial, como tantas que eu já vira em Belfast. Uma figura pequena com um uniforme escolar vermelho era visível do lado de fora da grade que cercava a igreja e uma menina de vestido branco estava parada na porta da agência de Correios.

Então, um carro azul aproximou-se da barreira. Só que um dos policiais deu um passo para fora. O outro permaneceu ao lado da rua e cruzou os braços. Fiquei observando, minha garganta cada vez mais seca, enquanto um homem mascarado saltava do lado do passageiro do carro. Ele puxou uma arma, apontando-a para o policial à sua frente. Por um instante, ele hesitou e a imagem ficou turva conforme as pessoas corriam, passando em frente à câmera, que estava posicionada, creio, atrás do carro da polícia. Um tiro ressoou, estilhaçando o para-brisa do carro azul. O homem mascarado hesitou, erguendo a arma. Poucos segundos depois, ouviu-se o estampido sinistro, baixo, de um tiro, e o primeiro policial na rua encolheu-se e caiu no chão. Um segundo disparo. Alguém puxou a menina para dentro da agência de Correios. O policial junto ao meio-fio atirou os braços para fora e caiu. O atirador parou e virou a cabeça para o garoto perto da igreja, e eu arquejei, com medo de que o menino fosse o próximo. O atirador abaixou a arma, recuando um passo, perturbado por essa jovem testemunha. O motorista do carro fez sinal para ele, que prontamente entrou no carro e partiu a toda velocidade.

A filmagem cortara dessa cena para um retrato do assassino, um homem

carrancudo de cerca de 30 anos, lábios marcantes, impressionantes olhos azuis e um queixo feminino, os ombros bem definidos. Seu nome surgiu sob a fotografia em letras brancas: Alex MURPHY. Inclinei-me para mais perto, notando uma familiaridade nos olhos, nas orelhas ligeiramente para fora.

O filme cortou novamente para um jornalista segurando um guarda-chuva com uma das mãos e um microfone com a outra. *“Parece que uma facção dissidente do IRA estava envolvida no que aconteceu exatamente neste lugar, ontem à tarde, quando um terrorista mascarado abriu fogo contra dois policiais, supostamente em antecipação à descoberta de um arsenal pesado transportado ilegalmente da fronteira sul...”*

Pressionei a barra de espaços no teclado, parando o filme. Eu precisava de um momento para assimilar o que vira. Para compreender seu significado. Karen atravessara a sala para fechar uma janela que começava a deixar entrar o ruído do funcionamento da escola. Apertei atabalhoadamente as guias do YouTube, ansiosa para voltar ao início do filme. Havia algo sobre a figura distorcida em pixels na grade da igreja, algo familiar.

– Podemos dar um zoom nesta figura? – perguntei a Karen. Ela pressionou alguma coisa na tela, ampliando a imagem. A figura estava pixelizada, mas tive certeza de que eu conhecia aquele rosto infantil, aterrorizado.

– Sabe, depois de nosso último encontro, eu me lembrei de algo que Alex disse mais de uma vez – falou Karen. – Ele dizia que sua mãe sempre afirmava que ele era parecido com o pai. Que ele tinha o pai *nele*. O que acha disso?

Toquei a barra de espaços, reiniciando o filme. Alex saber do crime de seu pai era uma coisa, mas testemunhá-lo... Mesmo que ele tivesse presenciado tudo, ele certamente teria apagado da memória.

O filme focalizou o rosto do menino. Virei-me para Karen.

– Acho que Alex sabe que seu pai era um assassino.

– ... apenas dois meses – dizia Ursula, e de repente sou lançada de volta ao meu escritório na Casa MacNeice, ouvindo as providências que estavam sendo tomadas para a minha substituição enquanto eu me “recuperava”.

– Ursula – interrompi, mantendo a voz e o olhar firmes. – Descobri algo esta tarde sobre a infância de Alex que afeta *tudo* sobre seu caso.

Ela retira os óculos.

– É mesmo?

– Surgiu um novo elemento do passado dele que coloca tudo sobre sua condição sob uma luz inteiramente nova. Preciso falar com ele e a mãe com urgência.

– Você pode escrever um relatório para o novo consultor de Alex – diz ela com

um suspiro pesado. – Sinto muito, Anya. Mas é importante que fiquemos vigilantes quanto à saúde de nossa equipe tanto quanto de nossos pacientes. Vou lhe mandar por e-mail os formulários relevantes para saúde ocupacional. – Ela se levanta. – Seu período de licença médica entra em vigor de imediato. – Em seguida, inclinando um pouco a cabeça: – Muito melhor do que um afastamento forçado. Ou ser demitida.

Fecho a boca. Ela me olha friamente antes de sair.

# JOGO DE BAFO-BAFO – BATENDO FIGURINHAS

**Alex**

Querido Diário,

Nossa casa nova se foi. Acabou acabou acabou acabou acabou acabou acabou acabou.

Michael veio à Casa MacNeice para me contar. Disse que sentia muito, praguejou bastante e disse que seu suposto amigo largou o emprego, de modo que a nova pessoa no cargo viu que ainda não tínhamos nos mudado e passou mamãe e eu para o fim da “lista”, já que não era justo que outras pessoas ficassem esperando por uma casa enquanto estávamos no hospital. Eu apenas balançava a cabeça enquanto ele andava de um lado para o outro, em meu quarto, com os punhos cerrados, e, assim que saiu, corri para o banheiro e vomitei todo o meu almoço.

Michael disse que ele iria tentar com todas as forças garantir que conseguíssemos uma casa igual àquela.

– Mas eu adorava *aquela* casa – disse a ele.

Ele respirou fundo e dobrou os joelhos para que nossos rostos ficassem no mesmo nível, e seus joelhos deram um grande estalo.

– Eu *sei* que você amava aquela casa, Alex – disse ele. – É que o conselho decidiu... – Ele cerrou o punho e pressionou-o na boca, e eu me perguntei se ele iria realmente se morder. – Há muitas casas sendo construídas, a toda hora, em Belfast. Muitas casas bonitas iguais àquela. – Então ele se inclinou para frente e pude ver seus olhos verdes, e eu me senti um pouco melhor porque eles me diziam que eu podia confiar nele.

– Eu prometo a você, Alex – disse ele. – Vou garantir que você se mude para um lugar melhor.

– Mas mamãe gostava daquela casa também – eu disse, e eu sabia que Michael já sabia disso, mas era muito mais importante do que eu gostar ou não. Senti por um instante que eu mal conseguia respirar, e estava com medo, porque eu sabia que mamãe iria ficar transtornada. Michael levantou-se e disse mais alguma coisa, porém eu não ouvi porque estava pensando em mamãe sentada no balanço ao meu lado no parque. Foi há muito tempo, e nós dois nos balançávamos cada vez mais alto, só o

que importava é que eu podia ouvi-la rindo.

Depois que Michael foi embora, saí do quarto e desci o longo corredor branco. Os outros meninos e meninas internados ali estavam todos na cantina, já que era hora do almoço. Era uma quinta-feira, o que significava que estavam servindo um almoço como nos domingos, com mais cebolas e torradas. Nem me importei. Meu estômago gorgolejava e eu vomitei, depois corri para o banheiro coletivo, tranquei a porta e sentei-me encostado nela.

Antes sequer de ver Ruen, vi o fio escuro de sombra no chão, o que me fez dar um salto, porque por um segundo pensei que fosse uma cobra. Eu o vi deslizar pelos ladrilhos brancos do chão e depois pareceu flutuar no ar e prender-se ao meu suéter.

– Onde você está? – perguntei, porque, apesar de ainda não poder vê-lo, eu sabia que estava por perto.

Ruen apareceu ao lado da lixeira como o Menino Fantasma. Estava me olhando de um modo engraçado, como se imaginasse como é que eu sabia que ele estava ali. Ele tinha sua raquete de tênis de mesa e a bola branca nas mãos, mas, em vez de ficar quicando a bola, ele apenas cruzou os braços e me olhou de cara feia.

– Onde está Braze? – perguntei, pois, da última vez em que o vi, havia esse outro demônio lá também, e Ruen disse que ele era um interno.

– Cale-se – disse ele, levantou a perna e chutou meu estômago, e eu caí de costas no chão.

– O que está fazendo? – gritei, e ele rapidamente enfiou a cara bem perto da minha e disse:

– Se não ficar sentado quieto, farei seu coração parar de bater e você morrerá.

Parei de me mover e fiquei sentado, imóvel como uma pedra, no chão.

– Ótimo – disse ele, sorrindo. Prendi a respiração porque eu queria arfar e meu coração martelava. Detestei que Ruen se parecesse tanto comigo naquele momento, já que ele era tão mau e eu nem sabia por quê.

– Vou lhe mostrar uma coisa – disse ele, olhando para mim. Tive medo, mas não de Ruen. Tive medo porque a sombra escura que ligava meu suéter a Ruen estava mais grossa do que o normal e se movia como uma cobra.

– OK – eu disse a Ruen. – Depois, por favor, vá embora.

Ele se inclinou e seu rosto parecia ter pena de mim.

– Quero que saiba que o que eu lhe mostrar agora não é uma projeção de sua mente – disse ele, e sua voz era diferente, como a de um homem. – Você não está tendo um episódio psicótico, Alex. Tudo isso é muito real, então preste atenção.

Assenti e desviei o olhar da sombra ao meu lado, depois envolvi o peito com os braços e belisquei minhas axilas para saber que eu ainda estava ali e que tudo estava acontecendo, porque ultimamente eu não tenho tido muita certeza. Sinto-me

tão zozzo quando tomo os comprimidos, especialmente com o estômago vazio, que às vezes tenho a impressão de estar em um navio e depois, às vezes, eu realmente me convenço de que *estou* em um navio e que estamos flutuando para o alto-mar, que as cortinas do meu quarto são icebergs, os campos lá fora são calotas polares e o céu na verdade é o oceano Ártico.

– Feche os olhos, Alex – sussurrou Ruen.

Balancei a cabeça. Eu tinha medo da sombra.

– Não confia em mim? – disse ele.

– Não confio mais – eu disse sem pensar, e nossos rostos se contraíram exatamente ao mesmo tempo, já que ambos percebemos que era verdade. Ruen amarrou a cara para mim.

– Quer que sua mãe continue a viver? – disse ele com uma voz maligna.

Prendi a respiração e fechei os olhos com força.

– Olhe – ouvi Ruen dizer, e imediatamente surgiu essa grande tela em minha cabeça tomada pela imagem de mamãe. E mais nítida do que um sonho acordado ou uma lembrança. Era até mais nítida do que um filme no cinema, porque era como se eu estivesse bem diante dela. Eu podia vê-la sentada na sala coletiva em uma cadeira vermelha na unidade de adultos e ela via TV. Usava uma camiseta branca, longa, os cabelos estavam presos para trás e seu rosto parecia sem expressão. Ela não parava de mudar de posição na cadeira, como se não conseguisse se sentir confortável.

– Isso é real? – perguntei a Ruen, abrindo os olhos.

– Claro que é – disse ele, e eu fechei os olhos outra vez e continuei observando.

Mamãe virou-se para uma senhora sentada em uma cadeira ao seu lado e disse: *Tem algum cigarro?* A senhora olhou para ela como se ela fosse idiota e balançou a cabeça. Mamãe disse *obrigada* com uma voz que parecia aborrecida e saiu da sala.

Então, a cena mudou para mamãe andando em seu quarto no hospital. Ela parecia contrariada, suas mãos estavam agitadas e ela andava de um lado para o outro, falando sozinha. Dizia coisas como: *Disse que eu não servia para nada; ele tinha razão*, e em seguida deitou-se na cama. Primeiro, achei que ela fosse dormir, mas depois vi que enfiava a mão embaixo do colchão buscando alguma coisa.

Abri os olhos.

– O que ela está fazendo? – perguntei a Ruen.

– Você verá – disse ele.

Parte de mim queria sair correndo dali e ir até mamãe, e a outra parte precisava ficar e ver o que acontecia.

Mas eu já sabia o que ia acontecer.

Mamãe enfiou a mão embaixo do colchão e bem devagar retirou um livro grosso.



Quando o abriu, pude ver que ela havia rasgado buracos nas folhas e escondido comprimidos brancos ali dentro, muitos deles. Ela sentou-se com o livro no colo, por um instante, olhou para a porta que estava aberta e depois de novo para o livro, e eu gritei: “*Mamãe, não faça isso!*”, porque eu sabia o que ela estava pensando. Abri os olhos, mas a imagem havia desaparecido e tudo que eu podia ver era a porta cor de laranja do banheiro com rabiscos pretos e uma maçaneta enferrujada. Assim, fechei os olhos e imediatamente vi mamãe outra vez, mas desta vez não havia nenhum comprimido branco no livro e ela bebia um copo de água e chorava. Ela passou a mão no rosto e deu um profundo suspiro.

*Eu o amo, Alex. Você será muito mais feliz sem mim.*

Eu gritei e gritei, depois abri os olhos, fiquei de pé atabalhoadamente, senti meus dedos lutando com a tranca da porta do toalete e saí correndo para o corredor, mas eu não chegaria a tempo. Eu precisava chegar até ela, precisava chegar até ela. Eu havia conseguido impedi-la todas as vezes, mas desta vez poderia ser tarde demais. Comecei a correr, mas parecia que minhas pernas se recusavam a se mover bastante rápido, como se fossem feitas de peças de Lego e eu precisasse arrastá-las.

Eu estava fora do toalete agora, no longo corredor branco, com as compridas luzes brancas no teto como sabres de luz. Não havia ninguém por perto, nem uma única pessoa.

– Socorro! – gritei, mas minha voz soou fraca e baixa. Olhei de uma ponta do corredor para a outra.

De repente, as luzes piscaram e apagaram, e tudo ficou escuro. Chovia lá fora, mas a chuva contra a vidraça soava como um assovio e eu tinha muito, muito medo. Não havia ninguém para me ajudar.

Fechei os olhos e vi mamãe adormecida em sua poltrona. Comecei a chorar.

Quando abri os olhos outra vez, vi uma sombra escura bem no final do corredor. Começou como um grande balão preto pairando no ar e depois foi crescendo, crescendo, até que desinflou e esparramou-se como uma poça de óleo negro que se espalhava pelo chão. Eu sentia que não conseguia me mover. Só ficava ali imóvel, paralisado no lugar. Ainda que o prédio tivesse explodido, eu provavelmente teria continuado ali parado. Eu só conseguia pensar em mamãe. Observei a poça enquanto se espalhava para os dois lados da parede e começava a subir por elas – compreendi do que se tratava.

O líquido negro subiu pelos dois lados e em seguida cada qual flutuou no ar, se uniram e se espalharam para o chão para formar uma pessoa. Era Ruen como o Monstro. Ele era quase da altura do teto e tão largo quanto o corredor, sua pele uma mistura de preto e roxo. Ele não tinha ouvidos, nariz, nem cabelos, e sua boca era grande, cheia de dentes afiados e amarelos.

Então, ouvi sua voz em minha cabeça, e ela era suave, gentil e bondosa:

– Alex – disse ele. – Sua mãe está muito, muito doente. O que vai fazer para ajudá-la?

Virei-me e tentei fugir correndo para a outra ponta do corredor, mas minhas pernas ainda se recusavam a funcionar. Consegui passar por umas quatro portas, mas Ruen estava lá de novo, bem diante de mim. Desta vez ele era o Velho, seus braços estavam nas costas e eu podia ver o fio negro pendurado de seu casaco e serpeando no chão.

– Alex – disse ele –, sua mãe vai morrer. – Ele disse isso como se *eu* estivesse fazendo isso acontecer, como se fosse minha culpa.

Comecei a chorar.

– Alguém me ajude! – gritei.

Ruen estendeu a mão para mim.

– *Eu* estou aqui, *eu* estou ajudando você – disse ele, mas eu só queria sair correndo. Senti-me preso em uma armadilha. Voltei-me para correr novamente, mas desta vez tropecei, caí com as mãos estendidas e bati com a cabeça no chão. Eu queria me levantar, mas não tinha forças. Coloquei o rosto no chão, que estava frio, e fiquei entorpecido.

Então, senti a presença de Ruen acima de mim.

– Ainda dá tempo, Alex, mas precisa agir depressa. Levante-se, levante-se.

Rolei sobre o corpo e olhei para ele. Achei que estava tudo acabado, como se não houvesse mais nada dentro de mim, como se eu estivesse vazio.

– Você é um demônio – eu lhe disse. – Os demônios na verdade fazem mal às pessoas, não as ajudam.

Ruen abriu um amplo sorriso.

– Parece que sou o único que o está ajudando agora, não é?

Olhei para o teto. Podia ver a luz piscando, tentando funcionar. Imaginei se haveria anjos lá. Ou Deus.

– Ajude-me – sussurrei.

– Eu *estou* ajudando você – disse Ruen, andando ao redor de mim, com os braços às costas. – Sua mãe sobreviverá. Você só precisa fazer uma coisa, Alex. Acha que consegue fazer uma única coisa?

Senti as lágrimas escorrendo pelos lados do meu rosto e entrando nos meus ouvidos. Pressionei as duas mãos sobre o peito e me senti respirando, para dentro e para fora, e desejei poder dar essa respiração à minha mãe. Não havia mais nada, nada nada nada que eu quisesse mais do que impedir que ela morresse.

Ruen abaixou-se, bem ao meu lado, tão perto que eu podia sentir seu cheiro. Em geral me fazia ter ânsias de vômito, mas não desta vez. Ele pressionou algo frio e

afiado em minha mão.

– Lembra-se de brincar de bafo com outros meninos em sua antiga escola, Alex?

Eu me ouvi dizer que sim.

– É como bater figurinhas. Para sua mãe viver, você precisa enviar outra pessoa no lugar dela.

Fechei os olhos. Eu sabia o que ele queria. Foi o que Ruen sempre quis e, apesar de não ter dito isso, eu sabia porque eu conhecia Ruen.

– Você quer que eu mate alguém.

Ruen parou de andar.

– Não quer que sua mãe viva, Alex?

Sentei-me devagar e olhei o que ele havia colocado em minha mão. No começo, pareceu uma faca feita de vidro. Eu a levei junto ao rosto e vi que se tratava da alça quebrada de uma jarra de água de vidro. A ponta era tão afiada que ao tocá-la de leve com meu dedo uma pequena linha vermelha de sangue apareceu acima de minha unha, alguns segundos depois. Ruen olhou para mim enquanto eu segurava a arma e me deu um largo sorriso.

– Não posso fazer isso – murmurei, mas uma nova imagem de mamãe surgiu em minha cabeça, apesar de eu estar de olhos abertos. Vi sua mão no braço da poltrona e, apesar de estar adormecida, eu vi sua mão cair, e compreendi que ela estava morrendo.

Ergui os olhos para Ruen. Minha boca e meus olhos estavam doloridos e eu sentia como se estivesse caindo. Pensei em meu pai, meu *verdadeiro* pai, e no que ele dissera a Ruen: *Meu filho pagará a minha dívida*. E pensei em mamãe, balançando-se ao meu lado, cada vez mais alto. Ela ria. Quando ela ria, eu sentia como se meu coração fosse voar do peito. Eu queria ouvi-la rir de novo.

Por fim, murmurei:

– Quem você quer que eu mate?

## A CHAMADA

### Anya

Trudy Messenger telefona quando estou em meu apartamento, os dois braços carregados de roupas e livros que eu não sabia se devia colocar de volta nas caixas ou nos armários que acabara de comprar. Ouço meu celular tocar e imagino que seja Michael.

Ela parece ao mesmo tempo com raiva e aliviada:

– Anya? Falei com as secretárias na Casa MacNeice e elas me disseram que você ia ficar afastada por algum tempo...

Respiro fundo, meu coração ainda pesaroso.

– Em que posso ajudá-la, Trudy?

Sua voz se suaviza:

– É a mãe de Alex Broccoli, Cindy. Ela está em tratamento intensivo.

– Na UTI?

Uma pausa.

– É tão raro isso acontecer, em geral a segurança é tão rígida... De algum modo, ela se apossou de barbitúricos e...

É como se o chão à minha volta tivesse cedido 3 metros. Posso ouvi-la disparar as palavras *tentativa de suicídio, coma e danos cerebrais*, depois horários e procedimentos em uma voz ligeiramente aguda, mas tudo a uma grande distância, como se um avião estivesse decolando ali perto. Por fim, há um silêncio do outro lado da linha e uma imagem terrível se desenrola em minha cabeça: Ursula batendo na porta do quarto de Alex, levando essa notícia na boca como uma arma escondida.

– Alguém já contou a Alex?

– Ainda não.

Deixo-me cair sentada na cama, a mente acelerada, pensando nas medidas necessárias.

– Vou até aí para vê-lo agora. Quando posso levá-lo para ver Cindy?

– Isso não será possível – diz Trudy. – Não no momento. Estão fazendo todo o possível, mas eu não sei... a irmã de Cindy está aqui. Ela está inconsolável. Seria realmente traumático para Alex estar aqui agora. Vamos esperar as coisas se

acalmarem e termos uma ideia melhor do estado de saúde de Cindy.

Balanço a cabeça ao telefone, pensando febrilmente como eu poderia conseguir ver Alex sem um confronto com Ursula. Muito provavelmente, contar-lhe sobre a tentativa de suicídio de Cindy iria aumentar seus esforços para me impedir de vê-lo. Neste momento é quando ele mais precisa de mim.

O Volvo verde de Michael entra no estacionamento da Casa MacNeice alguns segundos à minha frente. Ursula aparece no topo das escadas, os braços cruzados. Desço do carro e caminho rapidamente para a entrada com Michael atrás de mim, sentindo o olhar fixo de Ursula e pensando rapidamente em como me desvencilhar dela.

É Michael quem fala primeiro:

– Acho que é do interesse do menino que ele fale com Anya, não acha?

Estou ao pé das escadas, com os olhos erguidos para ela.

– O menino está chamando por você – diz ela, franzindo os lábios. – Ele está muito transtornado com o estado da mãe.

Sinto um soco na boca do estômago.

– Você *contou* a ele?

Ela hesita.

– De alguma forma ele já sabia. Ele até nos disse onde ela havia escondido os comprimidos.

Ignorei-a, subindo os degraus de dois em dois. Quando penso que ela vai me dizer para ir embora ou ser forçada a ir embora, ela se afasta para o lado para nos deixar passar.

– Não assinem o ponto – diz ela a Michael e a mim quando nós três atravessamos a porta da frente. Seguimos rapidamente atrás dela, pelo corredor. Michael para na máquina de vendas junto às portas que levam aos gabinetes dos médicos, enche dois copos de plástico, um de café expresso, outro de água, e me entrega um.

– Isto é para Alex – diz ele, indicando o copo de água com a cabeça. – Você parece cansada.

Alcançamos Ursula na sala de terapia. Ela se volta para nós quando chega à porta.

– Não vou registrar que esta entrevista ocorreu – diz ela com franqueza. – Não fica bem junto ao Serviço de Saúde que um membro da equipe em licença médica apareça inesperadamente.

Olho além dela e espiono Alex através da vidraça da porta. Ele está sentado na cadeira de braços, de frente para nós, com uma camiseta branca com o logo do Bart

Simpson na frente e calça jeans nova, e noto que seus cabelos foram aparados. Ele parece diferente em roupas de criança. Normal. Então, ele abaixa a cabeça entre as mãos, os dedos crispados no meio dos cabelos longos como se quisesse arrancar a cabeça. Ele começa a se balançar para frente e para trás. Faço um sinal com a cabeça para Ursula, depois observo enquanto ela gira a chave na fechadura e abre a porta. Gesticulo para que Michael entre primeiro.

– Não – diz Alex quando ergue a cabeça. – Você. – Ele aponta para mim.

Michael e eu trocamos um olhar. Volto-me novamente para Alex.

– Você quer falar apenas comigo, Alex?

Ele balança a cabeça. Michael dá de ombros e me entrega o copo de água.

– Vou esperar no corredor – diz-me ele, erguendo a mão para tocar meu ombro, mas logo a deixando cair. Espero até que ele tenha saído e esteja fora de vista, antes de fechar a porta e sentar-me na cadeira em frente a Alex. Ele me observa, o rosto pálido e abatido.

– O que é que você está tomando? – são suas primeiras palavras.

Coloco meu copo no chão, junto à minha cadeira.

– Um expresso. – Entrego-lhe o copo de água. Ele o segura, mas não bebe, nem diz “Obrigado”, o que chama a minha atenção como sendo incomum para Alex.

– Como você está hoje? – pergunto-lhe afavelmente.

– Apavorado – sussurra ele.

Apesar da aparência relativamente tranquila, sei que sua mente fervilha de perguntas e cenários. Quero aproximar-me dele, envolvê-lo em meus braços.

– Acho que não quero fazer isso – diz ele subitamente, levantando-se.

Observo-o andar de um lado para o outro, por alguns segundos.

– Não quer falar comigo?

– Não – diz ele, balançando a cabeça. Ele olha para o meu copo de expresso, depois para de andar. – Quando posso ver minha mãe?

– Assim que os médicos permitirem – digo calmamente. Permaneço sentada, esperando que ele agora volte a se sentar. – Eu prometo, assim que eu souber...

– Mas será tarde demais! – grita ele.

Nesse momento, uma batida na porta. Dou um salto de minha cadeira e encontro Michael, ligeiramente sem fôlego por ter vindo correndo. Coloca a mão em meu ombro e aproxima-se.

– Bev está vindo para cá agora – sussurra ele. – Ela acaba de deixar uma mensagem de voz no meu telefone.

Sinto meu coração ficar mais leve.

– Alguma notícia de Cindy? – pergunto em voz baixa. Ele balança a cabeça. No

entanto, sinto-me ligeiramente mais relaxada em saber que Bev está a caminho. Alex precisa de todo o apoio que puder obter nesta hora.

Quando fecho a porta outra vez, ouço Alex sentar-se novamente em sua cadeira.

– Você está bem, Alex?

Seus olhos saltam do canto da sala para mim, em seguida ele balança a cabeça nervosamente.

Há alguma coisa errada com ele. O que é de esperar, é claro, mas ele está anormalmente inquieto, nervoso, e, quando esvazia seu copo de água, noto que sua mão está tremendo. Enquanto o examino, reconheço uma energia familiar sob a aparência controlada, o tipo que passei a associar com as visitas de Ruen. Penso no meu encontro com Karen Holland. No filme no YouTube. Alex me olha intensamente e tomo o cuidado para não deixar que o sorriso desapareça do meu rosto. Quero perguntar a ele sobre seu pai e o tiroteio, mas já decidi que hoje não é o dia para tal discussão. Pego meu copo e acabo de tomar todo o expresso para mostrar-lhe que estou relaxada, à vontade. O gosto é bizarro. Faço uma anotação mental para nunca tomar expresso de uma máquina de vendas.

Alex senta-se na ponta de sua cadeira, torcendo as mãos.

– Lembrei-me de coisas a respeito de meu pai – ele diz.

– Lembrou?

Ele parece incerto agora, e eu noto que evita me olhar nos olhos. Consequentemente, puxo minha cadeira para o lado dele, em vez de me colocar diretamente à sua frente, para mostrar que estou do seu lado, não em confronto com ele.

– Quer dizer, não é nada importante.

– Acho que é importante. Pode me contar?

Seus olhos moveram-se novamente para o canto atrás de mim. Resisto a perguntar-lhe se ele pode ver Ruen.

– Foi em uma manhã de domingo – diz ele devagar, os olhos gradualmente se erguendo para o meu rosto. – Talvez uma manhã de domingo. Papai não falava com nenhum de nossos vizinhos. Na verdade, ele geralmente entrava pela porta dos fundos quando vinha nos visitar ou mantinha o boné de beisebol puxado sobre os olhos. Eu estava sentado no sofá, vendo alguma coisa na TV, e lembro-me de que papai estava olhando diretamente pela janela da frente e então ele se levantou e se dirigiu à porta da frente. Eu não ouvi ninguém bater. Quando fui atrás dele, vi que ele falava com a sra. Beaker, que morava a três casas de nós. Ela estava a caminho das compras, como sempre. Ela parecia ter 100 anos e caminhava tão curvada que ficava olhando para os pés. Chovia muito, mas ela não conseguia segurar um guarda-chuva aberto. Assim, meu pai perguntou-lhe: “Aonde você vai?”, e ela respondeu:

“Fazer umas compras.” Papai sacudiu a cabeça, sorriu e lhe disse para lhe dar sua lista de compras que *ele* ia fazer as compras para ela. A sra. Beaker voltou para dentro de casa e papai e eu saímos e fizemos todas as suas compras. Papai nem quis aceitar o dinheiro dela. Ela ficou tão feliz que o beijou nos dois lados do rosto.

Sua voz se eleva vários decibéis e ele senta-se empertigado na cadeira. Passam-se alguns segundos. De repente, seu rosto se contorce, seu sorriso transformando-se em um profundo esgar. Noto que ele segura alguma coisa na mão, escondendo-a entre as pernas. Ele deve ter pegado alguma coisa quando eu abri a porta para Michael.

– Está tudo bem, Alex – digo delicadamente. – É bom lembrar coisas boas sobre seu pai. Demonstra que você o está perdendo.

Ele se esforça para falar, os lábios trêmulos.

– Mas... mas o que ela teria feito... quero dizer, se ela tivesse sabido...

Ele não termina. Olho pelos vidros da porta tentando ver Michael, esperando que possamos ver Cindy logo. Quando me viro de novo para Alex, vejo que ele cobriu o rosto com as mãos e me inclino para ele.

– Alex – começo a dizer. Mas paro de repente, tomada por uma sensação de náusea tão forte que cubro a boca com receio de vomitar. Alex olha para mim.

– Você está bem? – diz ele, fungando.

Eu balanço a cabeça.

– Acho que sim. Você estava falando de seu pai.

– Está se sentindo sonolenta? – sussurra ele, e eu faço que não com a cabeça. Quando me recomponho, ele continua:

– Meu pai podia ser muito bom – diz ele, os dentes ainda batendo de nervosismo.

*Assim como você*, eu tento dizer, mas nesse momento sinto uma sensação de formigamento na boca, uma sensação desagradável nas gengivas. Instintivamente, seguro meu talismã, depois percebo com um horror perplexo que, pela primeira vez na vida, eu o deixei em casa.

– Mas e quando alguém também é um assassino? – pergunta Alex. – Como podem ser realmente bons se são cruéis? Como qualquer coisa que tenham feito de bom pode ser verdade? Foi tudo mentira, não foi?

Quando abro a boca para responder, minha garganta se fecha e sinto que estou sufocando. Inclino-me para frente tentando me recuperar e respiro fundo, mas, antes que eu me dê conta, caio sobre as mãos e os joelhos junto à mesa, com falta de ar.

Alex se levanta, o rosto congelado enquanto me observa. Ainda assim, eu o vejo levar a mão às costas, escondendo o que quer que esteja segurando. Agora eu sei o que está acontecendo, mas não consigo explicar *por que* está acontecendo. *Choque*



*anafilático, minha mente grita, choque anafilático. Mas como? Como isto está acontecendo?* Mantenho a mente concentrada em fazer respirações curtas, usando o pouco tempo que me resta para pensar uma forma de dizer a Alex o que ele precisa fazer.

– Você está com sono? – eu o ouço dizer.

*Por que ele está perguntando isso?*

Devagar, eu levanto a cabeça, observando-o enquanto ele recua até a casa de bonecas. Ele soluça alto agora, os olhos transbordando de lágrimas.

– Está tudo bem – sussurro, e imediatamente é como se a mão invisível de alguém estivesse em meu pescoço, apertando com força. Engasgo.

– Ajude-me – eu lhe digo. – Michael. Chame Michael.

Mas Alex vira-se de costas para mim, ficando de frente para a casa de bonecas. É então que vejo algo que não deveria me parecer estranho, mas que me faz usar o restante de minhas forças para erguer a cabeça e ver melhor. Um tubo plástico no chão, virado de lado, do tipo que se compra em uma máquina de vendas. Um tubo de jujubas, talvez. Ou... Há uma trilha de pó saindo dele, como areia. E entre a areia está uma pedrinha. Não, não uma pedrinha.

Um amendoim.

Rapidamente, forço os olhos para a minha esquerda, tentando ver meu copo de café, que rolou para perto da perna da mesa. Tenho que olhar duas vezes, mas está lá; na borda do copo há uma fina camada da mesma poeira bege.

Meu coração martela no peito, minha mente correndo em todas as direções:

*Fique calma, respire, respire...*

*Como ele fez isso? Um minuto atrás, eu não estava olhando...*

*Ele despejou farelo de amendoins no meu café? Ele deve...*

*Por que ele está fazendo isso? Será que ele sabe o que está fazendo?*

*Será que ele percebe que está me matando?*

Alex fala depressa e alto, despejando desculpas e explicações. Meus braços cedem e caio de cara no chão, o rosto no carpete, os braços estranhamente estendidos ao lado do corpo, os joelhos dobrados. É vital manter a respiração superficial, as batidas do coração o mais lentas possível. Posso sentir a saliva aumentando na garganta e começo a entrar em pânico. Parece que estou me afogando.

Esforço-me para abrir um dos olhos. Por fim, eles se reviram para trás o suficiente para eu ver Alex de pé acima de mim. Ele anda de um lado para o outro, o rosto contraído em uma mistura de terror e pesar. Eu o ouço murmurar “Ruen”, e compreendo. Ruen está obrigando-o a fazer isso, ou melhor, a crença que ele subconscientemente atribuiu à sua autoimagem como filho de um assassino – como

um inevitável assassino em formação. Penso novamente no filme do YouTube, em Alex aos 5 anos no canto da imagem, assistindo à cena. De repente, faz sentido para mim. Ele era pequeno demais para processar o significado do que presenciara. A cobertura da mídia posteriormente – jornais, TV – acendeu sentimentos negativos em relação a um homem que ele costumava admirar. Um homem que ele amava. Seu pai.

Quero gritar para ele a manchete de jornal que eu vi entre as pinturas que ele fez para a aula de Karen Holland. *Ruend Peepels vive*. Quero que ele faça a ligação. *Ruen* é a materialização de seu conflito, uma personificação do processamento do que significa ser filho de um assassino. Preciso que ele compreenda seus próprios sentimentos. Antes que seja tarde demais.

Minhas pálpebras caem, mergulhando-me na escuridão. Nada além do som da minha respiração curta e fraca. Ouço os pés de Alex se aproximarem, seus queixumes de medo. Um som abafado de algo sendo arrastado. Ele está empurrando a cadeira contra a porta, o topo do encosto firmemente encaixado sob a maçaneta.

– Desculpe, desculpe – ouço-o dizer. Ele está suplicando a alguém ou alguma coisa, arrastando os pés de um lado para o outro, à minha frente: – Não quero morrer. Não quero morrer.

Tento pensar em alguma coisa, mas a terrível sensação que se apoderou de mim, o espessamento da língua em minha boca, a sedutora necessidade de perder os sentidos. Não devo. Usando todas as minhas forças, levanto a cabeça e abro uma fenda nos meus olhos, o suficiente para ver Alex acima de mim. Finalmente, vejo o que ele estava escondendo antes: um grande estilhaço de vidro.

– Alex – murmuro, embora pareça mais um gargarejo, muco e saliva misturando-se em minha garganta. Ele se abaixa um pouco, soluçando. O movimento renova minhas forças e o tremor que se apoderara de mim começa a se acalmar. Sinto minha respiração tornar-se mais longa. Eu tento. Tento lhe dizer. É tudo que posso fazer para afastar a escuridão que tenta tomar minha consciência. Mas não consigo falar.

A última coisa que vejo é Alex erguendo o estilhaço de vidro bem alto acima de mim, a luz da iluminação contínua do corredor se refletindo na borda afiada.

## O POÇO

**Alex**

Querido Diário,

Eu olhava para Anya no chão e queria dizer a ela que eu sentia muito. Queria lhe dizer para não ter medo. Queria lhe contar mais a respeito de Ruen, sobre o que ele me pedira para fazer e por que eu estava fazendo. Na minha mente, eu podia ver mamãe na cama do hospital, o rosto da cor de sorvete de baunilha. Ruen estava ao meu lado no pequeno quarto. Eu não esperava que Anya fosse ficar tão doente. Minhas mãos tremiam e eu pensei: *Ela devia apenas adormecer, então por que ela parece estar sofrendo?* Eu fiquei muito confuso.

Quando Anya caiu no chão, eu tive muito medo. Olhei para Ruen e ele amarrou a cara para mim e disse:

– Você sabe o que tem que fazer, Alex.

Balancei a cabeça e senti vontade de vomitar.

Eu não compreendia. Eu havia dito a ele que eu faria isso. Que eu me mataria.

Eu faria isso para salvar mamãe, foi o que ele disse. Que eu tinha que fazer isso em público, para que todos vissem. Diante de Anya. *Por quê?*, perguntei, mas ele não dizia. Ele me disse para lhe dar os amendoins, se isso me fazia sentir melhor, de modo que ela adormecesse instantaneamente e não visse nada.

Senti-me aliviado com isso, mas com muito medo. Eu não queria morrer. No começo, eu peguei a alça de vidro para mostrar a Anya, mas a sombra negra arrastou-se pelo chão como uma cobra, de Ruen até mim, e se enrolou à minha volta. Ele apertou-a e eu sabia o que ele estava dizendo: se eu não fizesse, ele faria.

Olhei para Ruen no canto da sala, parado perto de onde Anya estava estendida no chão, seu corpo tremendo como se ela estivesse com muito frio. Ele era Cabeça de Chifre outra vez, um grande chifre vermelho projetando-se de sua testa sem rosto, o corpo coberto de pelos e arame farpado. Pensei: *Talvez fosse melhor se eu simplesmente fosse embora*, porque então Ruen iria comigo e a única pessoa a quem ele faria mal seria a mim. Mamãe, Anya, Michael, até mesmo Woof – todos eles seriam muito mais felizes se eu simplesmente fosse embora.

Escrevi um bilhete a Anya e Michael com antecedência, explicando tudo isso. Está no meu armário. Eu disse a eles que Ruen me mostrou um filme em minha cabeça de mamãe escondendo os comprimidos e depois os tirando do livro quando estava triste e engolindo-os. Conteí a eles que Ruen dissera que a única maneira de mamãe continuar vivendo seria se eu me matasse. E eu disse a eles por que eu achava que ele realmente quisesse me matar: ele disse que eu não era nada. Disse que eu era como um verme e não tinha nada além de uma vida miserável à minha frente, e que, ainda que eu crescesse e fosse adulto, eu iria acabar ferindo pessoas, como meu pai.

Pensei em mamãe outra vez e a imagem em minha cabeça era exatamente como a primeira vez em que a encontrei, quando ela tomara um monte de comprimidos. Aconteceu na manhã em que papai foi embora ou na manhã em que foi preso por atirar naqueles policiais. Mamãe sabia que ele ia ficar preso para sempre e perdeu toda a esperança. Quando a encontrei em sua cama, ela estava tão mole que eu pensei que já estivesse morta. Era o que eu mais temia, até mesmo que sua morte – vê-la novamente assim, *causando* sua própria morte. Eu não compreendia isso.

*Ande, faça!*, Ruen sussurrou, sua voz em minha cabeça. Mas não era sua voz normal. Era uma voz suave, não muito grave, nem muito velha, e seu sotaque não era mais inglês; era irlandês. Levei cerca de três segundos e meio para descobrir por que a voz me parecia tão familiar, e, quando compreendi de quem era a voz, um calafrio percorreu minha espinha. Era a voz de meu pai. E, quando olhei para o chifre vermelho, pensei no policial que meu pai matara com um tiro na testa, o sangue jorrando para o alto, e tive vontade de vomitar.

– Alex!

Virei-me e vi Michael batendo na porta com os punhos cerrados, os olhos arregalados e apavorados. Ele empurrava a vidraça, olhou para Anya no chão e depois levantou os olhos para mim. Parecia realmente zangado:

– Alex, abra esta porta!

Não me mexi, nem falei. Podia ver a cadeira que eu empurrara embaixo da maçaneta entortar-se para frente, toda vez que Michael tentava arrombar a porta, e achei que ele iria me matar quando entrasse.

E talvez isso fosse bom.

A voz de meu pai sussurrou na minha cabeça outra vez: *Ela está morrendo, Alex. Sua mãe está morrendo.*

– Por favor, faça minha mãe ficar boa – murmurei para Ruen, porque eu sabia que ele estava com raiva por Michael estar tentando entrar, e eu não estava fazendo nada para impedi-lo. Ele havia mudado de aparência e era o Menino Fantasma outra vez, parado diante de mim, com as mãos ao lado do corpo e os olhos pretos e

furiosos, e suas roupas eram exatamente como as minhas, como se eu estivesse me olhando em um espelho.

Michael continuava batendo no vidro, gritando, e havia um monte de pessoas atrás dele agora. Então, alguém bateu no vidro com um martelo e começou a tentar quebrá-lo. Uma grande rachadura se formou no vidro, na forma de um W.

Olhei para Anya e por um instante não era Anya deitada lá – era um policial deitado no chão, o braço direito dobrado e cobrindo o rosto, o braço esquerdo virado de um modo que não parecia certo. Eu quis me abaixar e endireitar o braço de Anya para que ela ficasse confortável. Mas, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, houve um estrondo gigantesco e eu gritei. A vidraça da porta se estilhaçou e se espalhou pelo chão.

– Alex! O que a Anya tem?

Michael enfiou a mão pelo vidro quebrado e se livrou de todos os cacos antes de afastar a cadeira da porta. Vi sangue em sua mão, mas ele não notou. Então, Ruen apertou o fio negro à minha volta e eu comecei a gritar porque doía muito.

*A única maneira de salvá-la é se matando*, ele disse. *Você não é ninguém. Não merece esta vida. Ninguém pode amá-lo.*

Abaixei-me e levantei a alça de vidro do chão. Minha mente passava a imagem de mamãe sem parar, sua mão na cama abrindo-se frouxamente como uma pétala.

*Você é tão parecido com seu pai, Alex. Você é tão parecido com seu pai.*

Eu sabia o que Ruen estava me dizendo.

Eu ia crescer e me tornar igual ao meu pai. E isso era ruim, porque meu pai era um assassino. Eu não queria ferir ninguém. Mas já estava ferindo. Estava ferindo a mim. Estava ferindo Anya. E eu nunca iria conseguir me livrar dele.

Mas Ruen mentira. Dissera que ninguém poderia me amar. Mas no outro dia tia Bev disse que me amava. E Anya também gostava de mim.

Então, lembrei-me de outra coisa. Ruen me dissera que se um demônio falhasse em sua tarefa era acorrentado em um poço a um milhão de quilômetros de profundidade embaixo do sol por cem anos. Ruen iria ficar tão chateado, eu pensara. Agora, eu achava que seria bem feito para ele.

– Não é verdade que não sou nada – disse a Ruen. – Sou Alex. Alexandre, o Grande. E posso ser o que eu quiser.

Ergui a alça de vidro ainda mais alto, mas, ao invés de me ferir, eu a finquei na espessa ligação negra que me unia a Ruen. Ruen rugiu enquanto a sombra se desfazia e parecia que todas as veias do meu corpo iam explodir.

Alguém me agarrou pelos braços, e Michael gritou:

– Ele está indo embora!

Então, não houve nada além de escuridão.

*Ninguém que, como eu, evoca os mais malignos desses demônios semidomesticados que habitam o peito humano, e procura lutar com eles, pode esperar sair incólume da refrega.*

Sigmund Freud

## AS RESPOSTAS

### Anyá

Acordei, dois dias depois, na unidade de terapia intensiva do Hospital Municipal de Belfast, um lugar em que eu nunca estivera durante os trinta anos que morei aqui, mas que agora era surpreendentemente familiar. Eu estava em uma enfermaria com duas outras mulheres, meu braço engatado no gotejador de soro. Um aparelho de monitoramento cardíaco emitia bipes regulares ao meu lado. Havia um buquê de rosas vermelhas em um jarro junto à cama. Permaneci imóvel por alguns minutos, em um aturdimento vazio, enquanto as engrenagens do pensamento se aqueciam, perguntando-me por quanto tempo eu teria ficado inconsciente e – no fundo das raízes das minhas suspeitas – se estava realmente viva. Gradualmente, uma série de dores e latejamentos se anunciou por todo o meu corpo – a garganta, o pescoço e os ombros, o estômago – e percebi com alívio que *estava* viva.

Uma jovem enfermeira de cabelos pretos passou e me lançou um sorriso, depois retrocedeu seus passos ao lhe ocorrer que eu havia recobrado a consciência. Ela verificou meus sinais vitais, leu os gráficos.

– Bem, bem – disse alegremente. – De volta à terra dos vivos. Como está se sentindo?

Tentei sentar-me direito, mas o esforço repentino fez o monitor cardíaco emitir um sinal de aviso. A enfermeira correu e colocou um travesseiro nas minhas costas, apoiando-me.

– Onde está Alex? – perguntei.

– Quem?

– Michael – eu me corriji, deduzindo que ela provavelmente estivesse alheia à situação. Michael sabia sobre Alex. – Michael Jones, deve ter sido ele quem me trouxe. Ele está por perto?

Ela refletiu, enquanto amarrava um medidor de pressão ao meu bíceps direito.

– Na verdade, acho que ele acabou de dar uma saída. Esse casaco é dele?

Segui seu olhar para a cadeira ao lado da cama, onde um casaco de lã marrom estava cuidadosamente pendurado no encosto.

– Acho que sim.

A enfermeira folheou meu registro e anotou uns números em uma coluna.

– Vou pedir um pouco de sopa para você.

Nesse instante, passos soaram em direção à minha cama. Ergui os olhos e vi Michael ali parado, o rosto uma mistura de surpresa e alívio ao me ver sentada. A enfermeira olhou para mim.

– É dele que estava falando?

Balancei a cabeça. Michael tinha a barba prateada por fazer, os olhos inchados com a falta de sono.

– Como vai? – perguntou ele.

Hesitei, minha mente uma névoa. Aos poucos, a lembrança do que acontecera veio se aproximando como uma maré lenta: o rosto de Alex, desfigurado de lágrimas e pesar. O tubo de plástico caído. Os vestígios do pó bege no meu copo de café. A sensação de afogamento.

– Onde está Alex? – sussurrei.

O sorriso de Michael se desfez. Passou os dedos pelos longos cabelos, visivelmente relutante em me contar. Senti o coração acelerar.

– Ele está morto, não está?

Ele engoliu em seco e desviou os olhos. Em seguida, puxou uma cadeira para perto de mim e segurou minha mão.

– Não se importa, não é? – disse ele.

Balancei a cabeça.

E ele me contou.

Quando Michael quebrou a vidraça da porta e conseguiu abri-la, Alex desabou no chão. Eu já estava inconsciente, deitada de rosto para baixo, junto à minha cadeira, sem sinais imediatos do que acontecera. Ursula e Howard socorriam Alex, também inconsciente, enquanto Michael tentava me aplicar ressuscitação boca a boca. Ele notara o inchaço em meu pescoço, uma pequena vermelhidão se formando sob a clavícula. Então, ele se lembrou do que eu dissera sobre um talismã. Ele me virou de lado e chamou uma ambulância pelo seu celular.

– Achei que você tivesse morrido – disse ele, a voz embargada. Os paramédicos deram-me uma injeção de epinefrina na coxa, o que, segundo ele, me fez abrir os olhos e fitá-lo por alguns instantes, antes de mergulhar de novo em um estado de profunda inconsciência. Ursula gritou alguma coisa sobre o torso de Alex. Ela estava inclinada sobre ele no chão, erguendo sua camisa branca. Ali, na pele clara de seu peito, havia várias marcas grandes de queimadura.

– Ele fez um exame médico hoje mesmo de manhã – dissera Ursula. – Essas marcas não estavam aí. – Com a ajuda de Howard, ela tentou reanimar Alex, mas em vão.



– O coração dele está batendo? – perguntara Michael.

Ursula balançou a cabeça.

– Muito debilmente.

A ambulância chegou logo depois. Com uma máscara de oxigênio presa no meu rosto, os paramédicos nos carregaram, Alex e eu, em macas e nos colocaram na ambulância, enquanto Michael e Ursula acompanhavam atrás. O secretário dela, Joshua, veio correndo do prédio. Ele relanceou o olhar para Michael antes de se inclinar sobre Ursula para lhe falar de um telefonema, e, apesar dos melhores esforços de Josh para ser discreto, Michael o ouviu com clareza. Cindy estava morta.

Permaneci em silêncio enquanto Michael me dava a notícia de sua morte. Observei as cortinas finas florais roçarem delicadamente o peitoril da janela do outro lado do aposento. Pensei na Cindy, em um momento em que eu a observara no seu encontro com Alex. Foi quando ela lhe mostrou sua criação na estufa, quando ela se sentiu orgulhosa. Alex a fizera rir e ela se voltara para mim, os cabelos louros presos para cima e dourados da luz do sol, o sorriso largo e franco, os olhos azuis jovens e brilhantes.

Pensei em algo que ela me perguntara quando nos encontramos pela primeira vez: *Acha que existe alguma chance para uma criança que começa na vida como Alex e eu começamos?* A vida de Cindy fora um longo tombo de um lar adotivo a outro. Estupro, negligência, violência –, até que ela foi adotada pela mãe de Beverly aos 15 anos. A essa altura, ela já estava grávida de Alex e suas chances de uma vida melhor haviam sido eliminadas.

Mas, com relação a Alex, eu não estava tão certa de que suas chances haviam acabado. Eu tinha certeza de que, apesar de tudo, Alex tinha todas as chances do mundo.

Não, não apesar de tudo. *Por causa* de Cindy. Porque ela o amou, e ele sabia disso.

Michael recomeçou a falar, contando-me sobre as peças do quebra-cabeça que ele conseguira juntar – um ato necessário, eu entendi, para ele se sentir capaz em uma situação desafiadora.

– Os amendoins eram *deste* hospital – disse ele com raiva, apontando para o chão, como se de alguma forma o pessoal responsável pelo serviço de *catering* do Hospital Municipal devesse ter tido alguma capacidade de detectar o potencial dos amendoins de serem usados como armas letais. – Alex os guardou em seu armário, depois os triturou – disse ele. Encolheu os ombros e balançou a cabeça, perplexo. – Quero dizer, como? *Por que* ele faria isso?

Eu sabia que Michael se sentia culpado. Ele acreditava que devia ter percebido que isso podia acontecer, que devia ter insistido em permanecer na sala de terapia comigo.

– Como ele ficou sabendo que você entraria em choque? – disse ele, remexendo-se em sua cadeira, irrequieto com as charadas não resolvidas. Notei traços de terra sob suas unhas. Suas mãos pareciam de alguém que havia passado as últimas 48 horas plantando ruibarbo.

– Não creio que Alex pretendesse me matar – eu disse, minha voz não mais do que um sussurro rouco. Michael ergueu os olhos abruptamente.

– Pois a mim certamente pareceu que sim.

Balancei a cabeça, colocando a mão na garganta.

– É mais complicado do que isso. Ele se lembrou do que havia reprimido tão violentamente, das coisas que não conseguia compreender a respeito de seu pai.

Lembrei que Michael não vira o filme do tiroteio – que, na realidade, ele não fazia a menor ideia de quem era o pai de Alex. Eu lhe explicaria, no devido tempo. Mas agora precisávamos nos concentrar nos fatos. Alex perdera a mãe. A casa. Ele havia testemunhado seu pai matar dois homens. Sua psicose sem dúvida fora deflagrada por esse evento, combinado às tentativas de suicídio da mãe. Era difícil para mim sentir raiva de Alex pelo que ele havia feito. Em vez disso, eu precisava construir um quadro claro do motivo para ter feito o que fez. O futuro de Alex dependia desse quadro.

– Leve-me até ele – disse a Michael depois de vários minutos terem se passado.

Ele olhou para a cadeira de rodas do outro lado da cama. Sem uma palavra, ele aproximou-se, pegou-me no colo, colocou-me gentilmente na cadeira de rodas e me levou à unidade pediátrica.

Alex fora transferido no começo da manhã da unidade de terapia intensiva para um quarto particular na unidade pediátrica. Outra assistente social que eu conhecera rapidamente – Joanna Close, uma inglesa de sessenta e poucos anos, baixa, cabelos pretos fofos e um terninho cinza – estava sentada do lado de fora. Ela se levantou quando Michael e eu nos aproximamos.

– Nenhum dano permanente – eu a ouvi dizer a Michael. – Os raios X de seu peito estão OK. O médico quer que Alex fique aqui pelo menos mais uma noite para observação.

Pedi a Michael que esperasse do lado de fora enquanto eu conversava com Alex, sozinha. Ele ameaçou segurar meu braço quando eu ia entrar, mas parou.

– Está tudo bem – eu lhe disse.

– Desculpe – disse ele, olhando para o quarto. – É que depois do que aconteceu da última vez...

– Ele acaba de ser transferido da UTI. Não acho que represente um risco, você acha?

Michael suspirou e olhou para dentro do quarto. Por fim, ele cedeu:

– Vou estar por aqui.

Alex estava sentado reto na cama, ligado a um aparelho gotejador, o torso coberto de ataduras. Assim que me viu, desfez-se em lágrimas sentidas, tremendo. Aproximei minha cadeira de rodas, notando imediatamente a fotografia ao lado da cama, dele com sua mãe, há alguns anos: um abraço apertado, os braços envolvendo um ao outro, ambos fazendo careta. Ele me viu olhar para a fotografia e limpou os olhos com a palma das mãos.

– Foi Bev quem trouxe – disse ele, quando se recobrou.

Hesitei.

– Sinto muito por sua mãe, Alex.

Ele balançou a cabeça e se esforçou para não sucumbir ao choro outra vez. Quando se virou novamente para mim, ele parecia, de algum modo, mais velho. Não era mais o menino nervoso, perturbado que eu conhecera na unidade psiquiátrica havia apenas dois meses.

– O enterro é na quinta-feira – disse ele, limpando as lágrimas das faces. – Você virá?

– Claro que sim.

Ele pareceu aliviado com isso, reanimado pelo meu apoio. Respirou fundo várias vezes, encolhendo-se a cada respiração. Olhei para as ataduras pelo seu peito e barriga.

– O que aconteceu aí, Alex?

Ele baixou os olhos.

– Foi Ruen.

– Ruen?

Ele ergueu os olhos devagar e balançou a cabeça.

– Pode me dizer *como* ele fez isso?

– Não – disse ele com firmeza. – Não de verdade. Acho que foi porque ele tinha tanto poder sobre mim. Ele não queria que você o fizesse desaparecer.

– Foi isso que ele lhe disse?

Ele baixou os olhos de novo, passando um dos braços ao redor do peito.

– Não. É só algo que eu sabia a respeito dele. Quando você é amigo de alguém, sabe coisas a respeito dele, sem que ele tenha que lhe dizer, sabe como é?

Balancei a cabeça. Após um instante, ele olhou para mim e disse:

– Nunca pretendi lhe causar mal. Sinto muito.

Pensei rapidamente no instante em que percebi o que estava acontecendo. O nó nas minhas entranhas. O aperto na garganta. Fechei os olhos, pensando o quanto eu chegara perto da morte.

Eu teria visto Poppy do outro lado?

– Você sabia o que estava fazendo quando colocou o amendoim no meu copo? – perguntei cautelosamente.

Ele pareceu profundamente envergonhado.

– Ruen disse para... – Ele começou a me contar sobre a revelação de Ruen de que Cindy estava à beira da morte e sua promessa de salvá-la, se Alex se matasse. As imagens de Cindy em sua mente. Esperei até seus ferimentos o forcarem a parar e respirar devagar. – Eu pensei que você só pegaria no sono – disse ele em voz baixa. – Não pretendia lhe fazer mal.

– Por que você queria me fazer adormecer? – perguntei com firmeza, minha voz repentinamente alta e clara. – O que Ruen queria que você fizesse, Alex?

Ele ergueu os olhos.

– Ele queria que eu me matasse. Disse que eu não era ninguém. Disse que eu não merecia viver.

Observei-o, compreendendo o quanto ele deve ter se sentido solitário todo esse tempo. Como essa solidão deve ter implodi do no momento em que soube de Cindy.

– Mas eu não conseguia – sussurrou ele. – Ruen queria que eu fizesse isso, mas eu não podia, eu simplesmente não conseguia.

Deixei-o chorar, ouvindo enquanto ele fazia revelações espaçadas – sobre as diferentes aparências de Ruen, que imediatamente compreendi que eram projeções de como ele percebera o crime do pai. Sobre a oferta de Ruen de tirar seu pai do Inferno, o que suspeitei que estivesse ligado à sua própria culpa, sua disposição de fazer tudo para ajudar sua família.

– Sei a respeito de seu pai – eu disse suavemente. – Sei o que ele fez, Alex. Os atos de seu pai, Alex, *não* seu pai, foram errados. Você não é seu pai.

Ele permaneceu em silêncio por um longo tempo, refletindo sobre as minhas palavras. Finalmente, ergueu os olhos, inclinando um pouco a cabeça para indicar que compreendia.

Restou muito a ser adequadamente explicado. Um dos médicos sugerira que as marcas de queimadura de Alex poderiam ter sido causadas por uma reação a substâncias químicas na piscina da Casa MacNeice, apesar de ainda serem necessários testes e, em minha opinião, a sugestão era improvável. No entanto, de que outra forma ele teria adquirido aquelas três listras grossas atravessadas no peito? Teriam sido autoinfligidas? Se assim fosse, como? O “filme” que ele alegava

que Ruen colocara em sua cabeça da tentativa de suicídio de Cindy assemelhava-se a uma de suas tentativas anteriores, mas a precisão do momento era uma coincidência inegavelmente extraordinária. E depois havia minhas próprias experiências: a peça musical de Alex, por exemplo. O homem na sala de música. A percepção de Alex de coisas muito além de sua compreensão, como a cicatriz em meu rosto. Poppy.

Quando Alex terminou de falar, identifiquei a última coisa que eu precisava saber.

– Você pode ver Ruen agora?

Ele me olhou fixamente. Muito devagar, balançou a cabeça.

– Ruen foi embora.

– Embora? Para onde?

– Para o fundo de um poço de um milhão de quilômetros embaixo do Sol – disse ele com um sorriso.

– Você disse que podia ver outros demônios também – perguntei hesitantemente.

– Pode ver algum agora?

Ele me fitou, olhando por cima de minha cabeça.

– Não – disse finalmente. – Não vejo nenhum. Não vejo mais. – Esboçou um leve sorriso, pela primeira vez desde que nos conhecemos, os olhos de um menino de 10 anos. Tranquilos.

Nessa noite, sentei-me em uma toalha estendida no frio assoalho de ladrilhos de meu apartamento. Eu ainda não adquirira um sofá. Mas eu tinha prioridades. O novo programa de tratamento de Alex envolvia trabalho com papelada. E envolvia uma nova abordagem. Eu teria que conduzi-lo de volta, até o momento em que ele soube que seu pai havia matado dois homens. Eu teria que guiá-lo através desse trauma, ajudando-o a compreender as emoções que estava sentindo, o conflito que havia dividido sua psique nas formas monstruosa, fantasmagórica, horrível e maligna que agora incluíam sua visão do pai que ele amara e idolatrara. E, para impedir que ele jamais viesse a ferir a si mesmo ou a outros, eu teria que ensiná-lo a superar o maior obstáculo de todos: seu medo de se tornar igual ao pai.

Abri meu laptop para escrever uma mensagem a Trudy Messenger sobre Alex. Na caixa de entrada, encontrei um e-mail de Ursula, curto e objetivo:

Para: A\_molokova@casamacneice.sns.uk

De: U\_hepworth@casamacneice.sns.uk

Data: 21/6/07 13:34

Cara Anya,

Espero que esteja se sentindo melhor. Por favor, aceite minhas desculpas pelo que aconteceu com A lex Broccoli; isso me fez ver que nossa segurança precisa ser drasticamente melhorada, e medidas já estão sendo tomadas para esse fim. Só posso esperar que aceite minha palavra quanto a isso, sem precisar mover uma ação legal.

Ri comigo mesma. Ela se sentia ameaçada agora, com medo – bem no momento de sua aposentadoria – de que eu derrubasse tudo pelo que ela tanto trabalhara para conseguir. Era possível, e ela estava certa – o ataque de Alex chamara atenção para as questões de segurança que eram parte de um problema mais amplo que permeava o sistema. Entretanto, eu tinha certeza de que ela falava a sério: o problema seria corrigido. Continuei a ler:

Você deve se lembrar do que eu lhe falei sobre a função que estou assumindo como assessora-chefe do governo. A prioridade dessa função é avaliar e tratar os danos que “Os Problemas” na Irlanda do Norte causaram à nossa população jovem. Reconheço agora que você tem uma paixão semelhante por melhorar nossa provisão de serviços de saúde mental para crianças e adolescentes. Se desejar fazer parte do conselho da Casa MacNeice, por favor me comunique.

Li esse trecho duas vezes. Ela estava me oferecendo uma posição nada desprezível – uma posição no conselho influenciaria a adoção de políticas. Isso me daria um grande microfone em uma arena muito barulhenta. Iria permitir que eu fizesse aquilo que me fizera retornar à Irlanda do Norte: fazer a diferença.

Passei os olhos pelo restante do e-mail, franzindo a testa ao chegar ao “PS”.

Espero que você agora tenha encontrado todas as suas respostas.

Lembrei-me de nosso primeiro encontro na minha entrevista para este cargo. Ela fizera essa pergunta na ocasião, e eu tinha convicção de que era possível resolver qualquer mistério apresentado pela mente humana por intermédio da medicina e da ciência. E, quando eu vi as semelhanças entre Alex e Poppy, uma parte profunda de mim acreditou que, ao solucionar o enigma dele, eu também poderia solucionar o de Poppy.

Mas Poppy não era um enigma. O que acontecera, *acontecera*, assim como cirurgias dão errado, assim como um motorista tira os olhos da pista por um instante longo demais. Não havia nada a ser solucionado. Eu tinha apenas que aceitar o que não podia mudar.

E eu sabia agora que perguntas eu precisava estar fazendo.

A campainha soou, enviando uma nota Si pelas superfícies duras do meu apartamento. Por um instante, pensei em Poppy outra vez, seu rosto quando desfaleci na sala de música. Sua voz dizendo-me que me amava. Afastei a imagem, e imediatamente me senti culpada. Levantei-me e atravessei a sala. Coloquei a mão na

fria maçaneta da porta. Eu sentira que, ao me recusar a abrir mão de qualquer coisa que me fizesse recordar dela, ao me apegar com tanta força à sua lembrança, eu poderia de algum modo impedir a sua queda. Eu poderia de algum modo voltar no tempo e me esticar mais ainda para fora da janela, para segurá-la. Eu poderia de algum modo salvá-la.

Abri a porta. Michael estava ali parado, os cabelos louros iluminados como um halo pela luz ofuscante do corredor. Ele levantou a mão: segurava um punhado de bulbos roxos de beterrabas na ponta de seus talos longos e vermelhos, recém-colhidos da terra.

– E isso, é claro – disse ele, erguendo uma garrafa de suco de laranja fresco na outra.

Hesitei. Ao deixar que ele atravessasse a soleira da porta, eu estaria na verdade quebrando minhas próprias regras. Eu também estava atravessando outro limiar, um que deixava minha antiga vida para trás.

– Entre – eu disse, após alguns instantes de hesitação. – Se não se importar de se sentar no chão.

Ele riu, um tremor de nervosismo atravessando seu rosto.

– Não, não me importo.

## UM AMIGO

**Alex**

Querido Diário,

Estou no carro da tia Bev no momento e é difícil escrever porque o carro é muito pequeno e ela dirige como se as ruas fossem de gelo. Estamos a caminho do presídio Magilligan, para ver meu pai. Ela passou a manhã inteira me contando piadas e tentando me fazer rir, e até comprou torradas com cebolas para mim em um restaurante chique, mas eu sei por quê. Ela está tentando afastar minha mente de mamãe e do funeral, e está preocupada em como vou me sentir quando me encontrar com meu pai. Estou tentando não pensar no caixão de mamãe e em como ele foi abaixado no solo. Não gostei dessa parte, fez minhas entranhas se contorcerem e meu coração se apertar. Assim, estou me lembrando dos narcisos que mandamos plantar em volta da lápide, o que me faz pensar no dia em que mamãe estava tão orgulhosa de si mesma. Eu queria colocar o vaso sanitário de mamãe no túmulo, mas tia Bev não deixou.

– Teve notícias de Roz? – perguntei quando nos afastávamos de minha antiga casa. Jojo me deixara guardar meu figurino de Horácio como souvenir.

– Quem é Roz? – quis ela saber, mas logo tirou os olhos da rua e olhou para mim como se realmente soubesse quem era Roz, então o carro derrapou e nós dois quase morremos.

– Roz é aquela diretora de elenco que veio me ver em *Hamlet* – eu disse. – Você disse que falou com ela.

Ela sorriu.

– Oh, sim, *essa* Roz. Tenho certeza de que ouviremos falar nela em breve.

A última vez em que vi Anya, ela me fez sentar e me contou algumas coisas sobre meu pai que ela disse que eu precisava saber. Ela disse que o nome de papai é Alex Murphy. Ele nasceu em 1972, o que quer dizer que tem 35 anos, o que é três vezes e meia a minha idade, apesar de que no mês que vem farei 11 anos e ele será apenas três e um oitavo vezes mais velho. Anya disse que ele está no presídio Magilligan, como mamãe me disse. Ela entrou em contato com ele e ele ficou muito feliz com o



fato de eu querer vê-lo.

– Feliz? – perguntei.

Ela sorriu.

– Ele ficou no sétimo céu, Alex. Vou lhe mostrar a carta dele, se quiser.

Eu balancei a cabeça e disse OK.

– Por que você acha que ele matou aqueles policiais? – perguntei.

Os olhos de Anya se entristeceram.

– Ele fazia parte de uma organização que acredita em matar pessoas, Alex.

Isso não me fez sentir nada melhor.

– Mas ele *tinha* que matá-los? Não podia ter dito que não queria?

– Acho que a única maneira de você saber é perguntando ao seu pai. Mas... – E ela fez uma longa pausa.

– O quê? – eu disse.

Ela pareceu estar pensando cuidadosamente no que queria dizer.

– Acho que você só vai conseguir as verdadeiras respostas depois de muito, muito tempo. Às vezes, uma resposta não vem de uma só vez. Às vezes, tem tantas camadas que é preciso tempo para a pessoa lhe dizer o que ela realmente quer dizer.

– Então, ela ficou pensativa por um longo tempo.

Depois, Anya olhou para tia Bev, que estava sentada ao meu lado, segurando minha mão.

– Acho que é importante não condenar abertamente o pai de Alex, apesar do que você pensa dele – eu a ouvi dizer a tia Bev, e tia Bev respirou fundo, parecendo aborrecida. Anya estendeu o braço e segurou a mão de tia Bev.

– Sei que o que ele fez foi... bem, foi o que foi – disse ela, o que não fazia nenhum sentido, mas tia Bev balançou a cabeça. – Uma grande parte da recuperação de Alex será visitar seu pai quando puder, talvez até mesmo escrever para ele.

Tia Bev enxugou os olhos e pensou nas palavras de Anya. Após alguns instantes, olhou para mim e esboçou um sorriso. Em seguida, disse:

– Sua mãe teria desejado que eu o levasse para visitar seu pai, Alex?

Fiz que sim com a cabeça.

– Certamente. Mamãe amava papai. Ele fazia pãezinhos dançarem. – E eu lhes contei sobre ele fazendo *bruschetta* e as armas no piano, e depois sobre o carro azul. E os policiais.

– OK – disse ela, após um longo tempo. – Mas primeiro há outro lugar aonde devemos ir.

– Onde? – eu disse, e nesse exato momento Anya levantou-se e foi à cozinha fazer um bule de chá, mas acho que ela só estava sendo educada para que tia Bev e

eu pudéssemos conversar em particular.

Tia Bev virou-se para mim e por um instante pareceu que ela não sabia o que dizer, ou como ia dizer o que queria. Ela remexeu em seus cabelos curtos e brancos, e sorriu.

– Eu comprei uma casa, Alex. Você vai morar comigo.

Pestanejei para ela.

– Uma casa? Não é esta?

– Está bem? Você gostaria?

Acho que meus olhos se arregalaram como dois pires.

– Não, eu ia *adorar*!

E comecei a perguntar sobre a casa – tinha um jardim e uma cozinha grande e um caminho de entrada para seu carro? E tia Bev disse que tinha tudo isso. Pensei que fosse explodir de alegria. Depois, pensei em outra coisa.

– Quer dizer, vou me mudar para Cork?

Ela balançou a cabeça.

– Não, *sou eu* que estou me mudando para o Norte – disse ela. – Quero que você fique perto de Anya, para que ela possa garantir sua recuperação. E será perto, caso você queira atuar no teatro outra vez, e talvez nem tenha que trocar de colégio.

Ela puxou um mapa da Irlanda do Norte que parece uma cabeça de bruxa e a casa nova de tia Bev fica bem no nariz da bruxa. Eu disse isso e ela riu.

– Chama-se península Ards – disse ela. – Você nunca esteve lá?

Balancei a cabeça.

– Podemos ir?

Tia Bev guardou o mapa e disse que podíamos, mas que ainda teríamos que voltar à antiga casa, minha e de mamãe, mais algumas vezes, para que pegássemos todas as minhas coisas.

Anya voltou à sala, apertou a mão de tia Bev e beijou seu rosto. Então, ela se abaixou e tomou minhas mãos.

– Lembre-se do que eu disse, Alex – sussurrou ela. – Você é *Alex*. Ninguém é como você e você não é igual a ninguém. – Fez uma pausa. – Na verdade, você pode ser quem você quiser ser.

Assenti e fiquei vermelho quando ela beijou meu rosto, e depois nós acenamos adeus para ela. Na verdade, não era realmente adeus, ela disse, porque ela iria me ver outra vez dentro de algumas semanas.

Tia Bev lançou seu carro por um monte de curvas fechadas até chegarmos a um distrito industrial não muito longe do centro da cidade. Quando ela parou, tive vontade de vomitar.

– É *aqui* que nós vamos morar?

Ela pareceu espantada.

– Não, Alex. Olhe.

Ela apontou para uma grande placa azul em uma cerca de arame à minha frente. Sociedade de Proteção aos Animais. Fiquei olhando a placa. Por que estávamos ali?

– Para pegar alguém – disse tia Bev, sorrindo. E então eu tive um estalo.

– Não é possível – eu disse, porque eu não ousava acreditar.

Ela riu.

– Aposto que ele sentiu sua falta.

Pulei para fora do carro e atravessei correndo o portão. Todos os canis estavam silenciosos e tia Bev disse-me que ia perguntar à senhora na recepção, porque tinha certeza que ele deveria estar lá ainda. E se alguém o tivesse levado?

E então eu ouvi. O latido de Woof, alto e frenético em sua correia, andando à frente de uma senhora que usava uma grande jaqueta de pesca, galochas pretas e uma argola no nariz. Assim que ele me viu, começou a puxá-la, as patas da frente sacudindo-se no ar, tentando vir em minha direção. Corri para ele e ele pulou em cima de mim, lambendo meu rosto e soltando ganidos agudos.

A mulher pareceu preocupada.

– Ele sentiu minha falta – expliquei a ela, deixando que ele lambesse meu rosto até começar a morder meu nariz, e, então, eu apenas o abracei e segurei com força.

– Olá, garoto – eu disse, e ele choramingou, girou sobre si mesmo e depois subiu em meu joelho e enfiou a cabeça embaixo do meu braço. Seu pelo estava menos branco do que de costume e eu podia sentir mais suas costelas do que antes, mas ainda era o mesmo Woof.

Tia Bev veio e assinou alguns papéis. Logo Woof estava sentado em meu colo no carro de tia Bev e íamos para nossa casa nova.

Levou algum tempo de viagem e, quando chegamos, Woof roncava em meu colo, com a cabeça entre meus joelhos, e o sol transformava o céu em ouro. A cidade fora substituída por muitos campos verdes e pelo oceano azul. Quando o carro começou a diminuir a marcha, compreendi que estávamos quase chegando, mas eu mal podia acreditar. Estávamos subindo um longo caminho de entrada de pedrinhas brancas que faziam um ruído crocante, em direção à casa que eu havia imaginado fazia muito, muito tempo. Era exatamente a mesma casa, literalmente como se quem a tivesse construído tivesse lido minha mente: uma grande casa branca com uma porta da frente enorme e vermelha, com duas arvorezinhas em vasos azuis, uma de cada lado. Eram oito janelas com cortinas e um cata-vento ao lado do topo da chaminé da lareira. Mesmo olhando pelo lado de fora, eu sabia que a cozinha seria enorme. A única diferença entre a casa em minha cabeça e aquela que estava à minha frente é

que havia um enorme salgueiro bem ao lado da casa, e seus galhos pareciam rios de prata.

– Quantos quartos tem? – sussurrei para tia Bev.

– Quatro – disse ela, e eu comecei a chorar. Chorei tanto que tia Bev pareceu ficar muito assustada e perguntou se eu tinha me ferido. Então, esfreguei o nariz na manga da camisa e lhe disse que não: eu apenas estava muito, muito feliz. Tia Bev parou o carro no caminho de cascalhos brancos e, assim que abri a porta dele, Woof pulou para fora e chafurdou nas poças deixadas pela chuva, depois correu para a porta da frente.

Tia Bev saiu do carro e se espreguiçou longamente.

– O que acha, Alex?

Desci do carro e olhei para a casa. Havia jardineiras penduradas do peitoril das janelas do térreo com flores que pareciam lencinhos coloridos.

– Todo o jardim é nosso? – perguntei, porque havia um na frente e ele continuava pelos lados da casa para os fundos, e, quando dei uns passos para a direita, pude ver um longo jardim nos fundos também. Tia Bev disse que tínhamos mil metros quadrados de jardins, o que aparentemente é bastante grande para um bom balanço e um canteiro de morangos.

– Olá – uma voz disse quando eu fitava os jardins. Girei nos calcanhares e vi um garoto parado no caminho de pedrinhas brancas. Tinha cabelos de uma cor de laranja berrante, espetados para cima, era um pouco mais alto do que eu e seus dentes eram cobertos por um aparelho de correção metálico. Ele segurava um aeromodelo verde que me fez pensar: *Nossa!*

– Você está morando aqui agora? – perguntou o garoto.

Balancei a cabeça.

– Você mora perto daqui?

Ele virou a cabeça e apontou para a casa numa colina próxima.

– Moro lá com minha mãe.

– Que avião legal – eu disse.

Ele olhou para os pés por um instante.

– Meu nome é Patrick.

– Alex.

Ele levantou o aeromodelo.

– É um caça. Meu pai que construiu. Ele às vezes me leva para pescar. É maçante.

Dei de ombros.

– Acha que eu poderia me vestir como se fosse você e ir em seu lugar?

Seus olhos se arregalaram.

– Devíamos tentar.

Por um instante, fiquei pensando em peixes e depois em tubarões, e me perguntei se eu caberia inteiro dentro de um deles. Então, percebi que Patrick me fitava.

– Quer ver meus outros aviões? – disse ele. – Tenho mais uma tonelada em casa.

Eu disse que sim e ele exclamou: “Sim!”, porém com muito mais empolgação, e saiu correndo. Cerca de um minuto depois, ele se virou e acenou para que eu o seguisse. Hesitei, porque de repente me senti triste. Eu sentia falta das piadas de Ruen, especialmente aquelas a respeito de sanduíches. Sentia falta de ouvi-lo me instruir sobre o que dizer às pessoas quando elas estivessem sendo sarcásticas. Sentia falta dele pavoneando-se pela casa com os braços às costas, me dando uma aula sobre os pensamentos de Lucrécio, línguas mortas e alguém chamado Nero.

Mas eu não sentia falta dele me dizendo que eu não era ninguém. E não sentia falta dele me contando mentiras.

– Com quem está falando, Alex? – disse tia Bev, fechando o porta-malas.

– Um amigo – eu disse. Vi Patrick acenando de sua casa ao longe. – Tenho um novo amigo agora.

Tia Bev ergueu os olhos e seu rosto parecia preocupado.

– Um *amigo*? Onde?

– Lá. – Apontei para Patrick na colina, subindo correndo para sua casa. Ele se virou e gritou:

– Você não vem?

Tia Bev deu um longo suspiro, como se estivesse realmente aliviada.

– Quer que eu a ajude com as malas? – eu disse.

Ela riu e balançou a cabeça.

– Vá brincar com seu novo amigo.

– OK.

Assim, virei-me e subi correndo a colina em direção a Patrick, onde gordas nuvens cinza pairavam acima de sua casa. Uma delas se parecia com Woof e a outra com um cheeseburger. Uma delas era igualzinha a Ruen como o Velho.

Parei no meio da subida da colina.

– Venha! – gritou Patrick da porta da frente. Ergui os olhos para a nuvem, nervoso porque eu podia jurar que tinha visto os horríveis olhos de Ruen lá em cima, e os senti também.

Mas um vento soprou e dispersou a nuvem, e não restou nada no céu além do primeiro brilho das estrelas.

# AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e acima de tudo, gostaria de agradecer a meu marido, Jared Jess-Cooke. Parceiros sofrem muito durante a elaboração de um livro, não menos em termos de terem que assistir a seus amados se tornarem cada vez mais como zumbis. Obrigada, meu amor, por sua paciência, pelas piadas de Alex, por de modo geral me aturar enquanto eu escrevia este livro, e por seu incansável encorajamento.

Considero-me extremamente afortunada por ter tanto uma agente quanto uma editora maravilhosas. Para minha fabulosa agente, Madeleine Buston, um cumprimento de kung-fu de respeito, amor e agradecimentos, por me lembrar de seguir meus instintos e por ver o lado bom, quando eu só podia ver o ruim – sou eternamente grata por ter você do meu lado. Obrigada também à equipe da Darley Anderson por tudo que fazem. À minha editora, a maravilhosa Emma Beswetherick, obrigada por sua contagiante paixão, olhar cuidadoso aos detalhes, por sua absoluta genialidade – e por muita, muita diversão. Você é simplesmente maravilhosa. A minha mais calorosa gratidão a Lucy Icke por excelentes sugestões. Obrigada a todos na Piatkus e na Little, Brown, por me encorajarem a seguir em frente.

As pesquisas que realizei para este livro me fizeram sentir muito respeito pelas pessoas envolvidas em saúde mental infantil no Reino Unido, em particular na Irlanda do Norte. Quanto a isso, sou grata ao dr. Marinos Kyriakopoulos, que ajudou imensamente com as questões de esquizofrenia de início precoce e que foi bastante generoso para fazer não uma, mas duas leituras muito meticulosas deste livro para verificação dos fatos. Agradeço também ao dr. Stephen Westgarth por sua ajuda e orientação em distúrbios psicóticos infantis, ao dr. Aditya Sharma por sua generosidade e discernimento, e a Helen Stew por informações sobre assistência social. Todos os erros – inclusive meus deliberados distanciamentos do fato em busca da boa ficção – são meus. Agradeço ao talentoso Peter Tickell pela ajuda com a transcrição de minha composição “Uma Canção de Amor para Anya”. Agradeço também a Sae Sae Norris por ser uma amiga leal.

Amor e gratidão à família, que me encorajou durante todo o processo, especialmente minha sogra, Evita Cooke, que como sempre estava lá para ajudar a cuidar das crianças a qualquer hora. Ter alguém disposto a alimentar, dar banho e colocar as crianças na cama enquanto eu estava grávida de nove meses e lutando para terminar a primeira versão deste livro foi um verdadeiro (e característico) ato de generosidade e bondade.

Agradeço calorosamente aos leitores cujos amáveis e-mails – em geral com a

frase “Não pare de escrever!” – por um feliz acaso chegaram à minha caixa de entrada naqueles dias em que eu mais precisava de encorajamento.

Finalmente, quero agradecer aos meus pequeninos – Melody, Phoenix e Summer. Não há inspiração maior em minha vida do que vocês três.

# NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Creio que devo explicar as origens da peça musical no começo deste livro.

Por volta do começo de 2002, eu brinquei com uma ideia que tivera para um roteiro de cinema sobre dois anjos da guarda. Por fim, eu nunca terminei a história (embora talvez o faça, algum dia), mas uma amiga havia me recomendado que lesse *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, de C. S. Lewis – que é sobre um demônio mais velho escrevendo a um noviço, dando-lhe conselhos sobre como tentar as pessoas – por sua opinião sobre anjos e demônios.

Eu li – e me apaixonei. Elaborei um projeto para uma versão para o cinema, que eu escreveria e dirigiria, e que construiria uma história em torno da ideia por trás de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Experimentalmente, comecei a enviar e-mails a companhias e indivíduos que detinham os direitos do livro de Lewis.

Na época, também fiz muita composição musical e, uma noite, acordei achando que o rádio tinha ficado ligado. Não era o rádio – apenas havia essa melodia em minha cabeça, estrondando.

Procurei papel e lápis à minha volta, e anotei a música apressadamente. Quando finalmente consegui decifrar as notas, a música foi desaparecendo, mas o que eu consegui registrar está agora nas páginas deste livro. Eu não sabia exatamente onde a música se encaixaria no filme que eu estava escrevendo, mas sabia que tinha algo a ver com um personagem demônio.

Finalmente, a resposta sobre os direitos do livro de C. S. Lewis chegou – eu jamais os conseguiria. Nem por amor, nem por dinheiro. Ainda assim, as ideias e personagens que eu desenvolvera nunca me deixaram.

Quando comecei a escrever *O menino que via demônios*, em maio de 2010, o personagem demônio do projeto que eu tivera que abandonar anos antes surgiu novamente na forma de Ruen. Deixei os personagens conduzirem a história, com cuidado para não planejar com muita antecedência. Assim, fiquei chocada e intrigada quando Ruen pediu a Alex para dar a peça musical a Anya. No capítulo em que Alex está transcrevendo a música segundo as instruções de Ruen, a peça musical por tanto tempo silenciosa que eu escrevera, à noite, havia muitos anos voltou como um dilúvio – como se um rádio tivesse sido deixado ligado.

Eu sabia que era a música de Ruen.



Título original  
THE BOY WHO COULD SEE DEMONS

Copyright © 2012 by Carolyn Jess-Cooke  
O direito moral da autora foi assegurado

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, que não sejam claramente domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

O poema de Ciaran Carson “Belfast Confetti”, de *Collected Poems* (2008), foi reproduzido com a gentil permissão do autor e de The Gallery Press. [www.gallerypress.com](http://www.gallerypress.com).

Direitos desta edição reservados à  
EDITORAROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)  
[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

preparação de originais:  
Mônica Martins Figueiredo

produção do arquivo ePub:  
Simplíssimo Livros

Edição digital: fevereiro 2013

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

J55m      Jess-Cooke, Carolyn, 1978-

O menino que via demônios [recurso eletrônico] / Carolyn Jess-Cooke; tradução de Geni Hirata. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.  
recurso digital

Tradução de: The boy who could see demons  
ISBN 978-85-8122-201-1 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni. II. Título.

13-0986.

CDD: 823

CDU: 821.111-3



# A Autora

Carolyn Jess-Cooke é autora de Diário do anjo da guarda, um bestseller internacional publicado pela Rocco e traduzido em mais de vinte idiomas.

Nascida em Belfast, na Irlanda do Norte, em 1978, a autora atualmente vive com o marido e três filhos em Gateshead.

Seu website é: [www.carolynjesscooke.com](http://www.carolynjesscooke.com)